

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS  
FACULDADE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - FAMECOS  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

RICARDO SONDERMANN

**O discurso como arma de guerra e persuasão**  
**Análise de discursos de Winston Churchill durante a Segunda Guerra**  
**Mundial**

Porto Alegre, Março de 2013

RICARDO SONDERMANN

**O discurso como arma de guerra e persuasão**  
**Análise de discursos de Winston Churchill durante a Segunda Guerra**  
**Mundial**

Dissertação apresentada como requisito  
para obtenção do título de Mestre pelo  
Programa de Pós-Graduação da  
Faculdade de Comunicação Social da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul

Orientador: Professor Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt

Porto Alegre

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S698d

Sondermann, Ricardo.

O discurso como arma de guerra e persuasão : análise de discursos de Winston Churchill durante a Segunda Guerra Mundial / Ricardo Sondermann. – Porto Alegre, 2013.

280 p. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt.

1. Análise do discurso. 2. Persuasão. 3. Retórica. 4. Guerra Mundial (1939-1945). 5. Churchill, Winston (1874-1965). I. Título. II. Hohlfeldt, Antonio Carlos.

CDU 81'42

Bibliotecária responsável: Ana Godoy – CRB 10/1224

RICARDO SONDERMANN

**O discurso como arma de guerra e persuasão**  
**Análise de discursos de Winston Churchill durante a Segunda Guerra**  
**Mundial**

Dissertação apresentada como requisito  
para obtenção do título de Mestre pelo  
Programa de Pós-Graduação da  
Faculdade de Comunicação Social da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul

Aprovada em 25 de Março de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt

---

Professor Dr. Roberto José Ramos

---

Professor Dr. Fábio Hansen

---

Dedico este trabalho a diversas pessoas que, no decorrer destes dois anos, me incentivaram a continuar perseverando a escrever e me aprofundar na biografia de Winston Churchill e na história da Segunda Guerra Mundial. À minha mãe, Alicia e a meu pai João (in memoriam), sobreviventes desta guerra e imigrantes que, desde pequeno, enriqueceram meu dia a dia com suas trajetórias de vida. Dedico à minha esposa Karen e minhas filhas, Julia e Joana, pelo apoio e carinho. Dedico também à meu orientador, querido amigo Antonio, que pacientemente me guiou por esta estrada, auxiliando meu caminho ao mestrado. E por último, dedico à minha irmã Susana, que com sua força de vontade e sede de viver, leu, releu, e comentou este trabalho.

## RESUMO

Esta dissertação analisa os discursos do Primeiro Ministro inglês Winston Churchill durante a Segunda Guerra Mundial, demonstrando que, a liderança e o exemplo podem ser exercidos por meio de discursos que mobilizem populações e exércitos em torno da luta pela liberdade. Através do método da Hermenêutica de Profundidade e da teoria da análise de discursos de Patrick Charaudeau, pode-se compreender a construção dos discursos para alcançar o melhor efeito possível, no sentido de manter o moral alto, a esperança na vitória, a aceitação das dificuldades e a persistência no objetivo final, que seria a rendição incondicional dos inimigos e o reestabelecimento da liberdade e da democracia.

Palavras chaves: análise de discurso; persuasão; retórica; guerra; Winston Churchill.

## **ABSTRACT**

This essay analyzes the speeches of the British Prime Minister Winston Churchill during World War II, showing that leadership and example can be carried out through speeches that mobilize entire populations and armies in behalf the fight for freedom. Through the method of Hermeneutics of Profundity and the theory of speeches analysis by Patrick Charaudeau, it is possible to understand the construction of those speeches to achieve the best possible effect, in order to keep high moral, the hopes of victory, accept hardships of the war and stand by the final objective of the unconditional surrender of the enemies and the reestablishment of freedom and democracy.

Key words: speech analysis, persuasion, rethoric, war, Winston Churchill.

## Lista de figuras e quadros

Figura 2.1. Análise retórica	42
Figura 2.1. Cânones retóricos	43
Figura 2.3. Argumentos quase-lógicos.	43
Figura 2.4. Argumentos baseados na estrutura do real	44
Figura 2.5. Argumentos que fundam o real	45
Figura 2.6. Desenvolvimento metodológico do enfoque tríplice	63
Figura 2.7. Paradigma de Laswell	64
Figura 2.8. Definições de Laswell	65
Figura 4.1. Grade de análise de discursos	121
Figura 4.2. Grade de descrição dos meios discursivos	122
Figura 4.3. Grade dos efeitos de sentido	123
Quadro 4.1. Enquadramento esquemático	125
Quadro 4.2. Enquadramento esquemático	131
Quadro 4.3. Enquadramento esquemático	144
Quadro 4.4. Enquadramento esquemático	154
Quadro 4.5. Enquadramento esquemático	168
Quadro 4.6. Enquadramento esquemático	175
Quadro 4.7. Enquadramento esquemático	186
Quadro 4.8. Enquadramento esquemático	191
Quadro 4.9. Enquadramento esquemático	195
Quadro 4.10. Enquadramento esquemático	199
Quadro 4.11. Enquadramento esquemático	204
Quadro 4.12. Enquadramento esquemático	206

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	12
1.1. O DISCURSO POLÍTICO	13
1.1.1. O discurso político na prática	13
1.1.2. O estudo da retórica	15
1.1.3. O emissor	17
1.2. LIDERANÇA	22
1.3. POLÍTICA	24
1.4. JUSTIFICATIVA	26
1.5. OBJETIVOS	28
1.5.1. Objetivos gerais	28
1.5.2. Objetivos específicos	29
1.5.3. Corpus	30
<b>2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS</b>	32
2.1. RETÓRICA	32
2.1.1. A origem da retórica	34
2.1.2. Entendimento e usos da retórica	35
2.1.3. Argumentação	39
2.1.4. A retórica das mídias	45
2.2. PERSUASÃO	48
2.3. A ESCOLHA DO MÉTODO	52
2.3.1. Hermenêutica de Profundidade	52
2.3.1.1 Introdução à Hermenêutica de Profundidade	52
2.3.1.2. Análise sócio-histórica	59
2.3.1.3. Análise formal ou discursiva	60
2.3.1.4. Interpretação ou reinterpretação	61
2.3.2. O processo da comunicação e a formação dos paradigmas	63
2.3.2.1. O paradigma de Laswell	64
2.3.2.2. O paradigma de Shannon	66
2.3.2.3. As teorias da comunicação	67

2.4. A ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO	70
2.4.1. Formação Discursiva	75
2.4.2. Imagem e mensagem	76
2.4.3. Efeitos de sentido	79
2.4.4. Efeitos do silêncio	81
2.5. SOBRE A ESCOLHA DO MÉTODO TEÓRICO	82
<b>3. CONTEXTO HISTÓRICO DOS DISCURSOS DE WINSTON SPENCER CHURCHILL</b>	84
3.1. ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA	84
3.2. PERFIL DE WINSTON SPENCER CHURCHILL	86
3.3. O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DOS DISCURSOS SELECIONADOS	93
3.3.1. O discurso “Guerra”	93
3.3.2. O discurso “Sangue, Trabalho, Lágrimas e Suor”	96
3.3.3. O discurso “O melhor momento”	99
3.3.4. O discurso “A guerra dos soldados desconhecidos”	102
3.3.5. O discurso “Os poucos”	105
3.3.6. O discurso “Jamais ceder!”	106
3.3.7. O discurso em uma sessão conjunta do Congresso	108
3.3.8. O discurso “O dia D”	111
3.3.9. O discurso “Palavras não podem expressar o horror”	113
3.3.10. O discurso “Vitória na Europa”	114
3.3.11. O discurso “Esta vitória é de vocês”	115
3.3.12. O discurso da renúncia	117
<b>4. ANÁLISE</b>	120
4.1. ANÁLISE DOS DISCURSOS	120
4.1.1. O discurso “Guerra”	123
4.1.1.1. Desmembramento do discurso	123
4.1.1.2. Enquadramento esquemático	125
4.1.1.3. Considerações específicas, causas e efeitos	127
4.1.2. O discurso “Sangue, Trabalho, Lágrimas e Suor”	128

4.1.2.1. Desmembramento do discurso	128
4.1.2.2. Enquadramento esquemático	131
4.1.2.3. Considerações específicas, causas e efeitos	133
4.1.3. O discurso “O melhor momento”	135
4.1.3.1. Desmembramento do discurso	135
4.1.3.2. Enquadramento esquemático	144
4.1.3.3. Considerações específicas, causas e efeitos	147
4.1.4. O discurso “A guerra dos soldados desconhecidos”	149
4.1.4.1. Desmembramento do discurso	149
4.1.4.2. Enquadramento esquemático	154
4.1.4.3. Considerações específicas, causas e efeitos	156
4.1.5. O discurso “Os poucos”	157
4.1.5.1. Desmembramento do discurso	157
4.1.5.2. Enquadramento esquemático	168
4.1.5.3. Considerações específicas, causas e efeitos	171
4.1.6. O discurso “Jamais ceder!”	172
4.1.6.1. Desmembramento do discurso	173
4.1.6.2. Enquadramento esquemático	175
4.1.6.3. Considerações específicas, causas e efeitos	177
4.1.7. O discurso em uma sessão conjunta do Congresso	178
4.1.7.1. Desmembramento do discurso	178
4.1.7.2. Enquadramento esquemático	186
4.1.7.3. Considerações específicas, causas e efeitos	188
4.1.8. O discurso “O dia D”	189
4.1.8.1. Desmembramento do discurso	190
4.1.8.2. Enquadramento esquemático	191
4.1.8.3. Considerações específicas, causas e efeitos	193

4.1.9. O discurso “Palavras não podem expressar o horror”	193
4.1.9.1. Desmembramento do discurso	194
4.1.9.2. Enquadramento esquemático	194
4.1.9.3. Considerações específicas, causas e efeitos	196
4.1.10. O discurso “Vitória na Europa”	196
4.1.10.1. Desmembramento do discurso	196
4.1.10.2. Enquadramento esquemático	199
4.1.10.3. Considerações específicas, causas e efeitos	200
4.1.11. O discurso “Esta vitória é de vocês”	201
4.1.11.1. Desmembramento do discurso	201
4.1.11.2. Enquadramento esquemático	203
4.1.11.3. Considerações específicas, causas e efeitos	205
4.1.12. O discurso da renúncia	205
4.1.12.1. Desmembramento do discurso	206
4.1.12.2. Enquadramento esquemático	206
4.1.12.3. Considerações específicas, causas e efeitos	207
<b>5. CONSIDERAÇÃO FINAIS</b>	<b>208</b>
5.1. TEORIA E O MÉTODO DE ANÁLISE APLICADOS	209
5.2. A CONSTRUÇÃO DA MENSAGEM DA VITÓRIA	212
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>222</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>228</b>

# 1 . INTRODUÇÃO

O jornal Boston Daily Record declarou: *Winston Churchill e suas palavras são, interminavelmente, citados e aprovados* (ROBERTS, 2003, p. 12). Em uma cerimônia emocionante, na formatura dos bombeiros que ocupariam o lugar daqueles que morreram no ataque às torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001, o então prefeito de Nova Iorque, Rudolph Giuliani, citou Churchill e foi louvado pelo periódico Washington Post, como *Churchill com um boné ianque* (ROBERTS, 2003, p. 12). Em fevereiro de 2002, Giuliani esteve em Londres e comentou para a jornalista Alice Thomson, do Daily Telegraph que:

Recorri a Churchill para que me ensinasse como revigorar o espírito de uma nação agonizante. Depois do ataque, costumava conversar com ele. Durante os piores dias da batalha da Inglaterra, Churchill nunca saiu de Downing Street<sup>1</sup> dizendo: *Não sei o que fazer* ou *Estou perdido*. Ele saía com uma direção e um propósito, mesmo que tivesse que forjá-los (ROBERTS, 2003, p. 12).

Churchill é um personagem inspirador, especialmente, por seus feitos como Primeiro Ministro da Inglaterra, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A construção desta trajetória deve-se à sua insuperável capacidade de produzir discursos que calaram fundo na alma de suas plateias, tanto na Inglaterra, quanto pelo mundo afora.

Este trabalho irá desenvolver um estudo baseado em 12 discursos específicos, pronunciados entre 3 de setembro de 1939, quando a Segunda Guerra Mundial eclode no leste europeu, e 26 de julho de 1945, quando, derrotado nas eleições para a renovação de seu mandato como Primeiro Ministro, Churchill renuncia oficialmente.

A análise dos discursos procura investigar a questão fundamental à qual se propõem: *um discurso pode ganhar uma guerra?* Ao longo desta dissertação, estudar-se-á a força da mensagem de Winston Churchill. Procurar-se-á verificar se o discurso do Primeiro

---

<sup>1</sup> Endereço da residência oficial dos Primeiros Ministros britânicos, entre a catedral de Westminster, o Parlamento e Whitehall (Grifo do autor).

Ministro inglês, no período destacado, foi suficiente para mobilizar os receptores.

A pergunta proposta irá ser respondida a partir da análise do discurso, da construção feita por Churchill de uma retórica elaborada e da difusão da mensagem e sua compreensão pelos ouvintes. Para tanto, será necessário contextualizar o personagem central, emissor dos discursos, no momento histórico apropriado. Winston Churchill será visto como um homem de um tempo vitoriano já ultrapassado, em um período moderno, inserido numa guerra onde se decidiria a própria sobrevivência da sociedade ocidental, tal qual hoje a conhecemos.

## 1.1. O DISCURSO POLÍTICO

O que se entende por *discurso político*? Para um linguista, convém tentar definir a problemática geral na qual será construído e estudado este objeto. Trata-se de tomar posição quanto às relações entre linguagem, ação, poder e verdade, a fim de determinar a problemática particular na qual será estudado o discurso político (CHARAUDEAU, 2006, p. 15-16).

Todo ato de linguagem emana de um sujeito que apenas pode definir-se em relação ao outro, segundo um *princípio de alteridade* (sem a existência do outro, não há consciência de si). Nessa relação, o sujeito não cessa de trazer o outro para si, segundo um *princípio de influência*, para que esse outro pense, diga ou aja segundo a intenção daquele. Entretanto, se esse outro puder ter seu próprio projeto de influência, os dois serão levados a gerenciar sua relação segundo um *princípio de regulação*. Princípios de alteridade, de influência e de regulação são fundadores do ato de linguagem que o inscrevem em um quadro de ação, em uma praxiologia do agir sobre o outro (CHARAUDEAU, 2006, p. 15-16).

### 1.1.1. O discurso na política na prática

O conceito de *poder político* será avaliado sob o ponto de vista do discurso. O governo da palavra não é tudo na política, mas a política não pode existir sem a palavra. Ela atravessa, e se mistura no espaço de discussão, para que sejam definidos os ideais e os meios da

ação política. A palavra é essencial, no espaço da ação, para que sejam organizadas, distribuídas e concretizadas as tarefas, leis e realizações. Por fim, ela intervém no espaço de persuasão, para que os entes políticos possam convencer os cidadãos de seus programas de governo, sobre as decisões que tomam e das consequências de seus atos.

Serão identificados os discursos de Churchill que se situam no espaço político, entre uma *verdade do dizer* e uma *verdade do fazer*. Uma ação que acontece por força de uma decisão e uma discussão que acontece pela persuasão, através da razão, ou da sedução, ou mesmo da paixão.

Por *representação do político*, deve-se designar aqui a cena de tantas entre as forças políticas construídas pelo discurso. É a cena onde os elementos que perpassam a sociedade são vistos como *forças* e, mais que isso, vistos como *forças políticas* (CORTEN, 1999, p. 37). O discurso político cria representações do político, imagens a respeito da realidade política, semelhantes ou não ao acontecimento e/ou à ação política, em que influenciam o próprio fazer político.

O campo de circulação discursiva excede o espaço fechado das representações das diferentes forças políticas. Esta movimentação opera sob duas formas: de um lado, são fórmulas que conferem plausibilidade a essas forças e, de outro lado, versões narrativas que vão permitir sua acessibilidade (CORTEN, 1999, p. 45).

O *efeito de relato* pode ser definido como a maneira como teriam sido relatados os eventos políticos, e suas implicações, que podem gerar uma *língua política* e atribuir novos lugares, a partir dos quais se configuram as forças políticas (CORTEN, 1999, p. 45 e 52). Esse efeito introduz uma mudança brusca no plano daquilo que faz sentido numa sociedade, com resultados mais ou menos duradouros, pois consiste em rearticular, em um novo contexto, os enunciados já em circulação. Essa orientação presta contas das mudanças de regime político.

O efeito de relato modifica o conjunto do sistema de articulações entre os enunciados e as posições dos enunciadores,

produzindo uma nova linguagem política. Há uma reordenação da topografia e da topologia. A *topografia* é o conjunto das posições a partir das quais se fala em cada formação discursiva e que define os afastamentos em relação à cena política, não sendo posições sociológicas, mas, sim, a maneira pela qual os enunciadores deixam transparecer os limites de seu enunciado. A *topologia* não somente subverte a combinação das formações discursivas, mas permite o esquecimento de algumas e o surgimento de outras. O efeito de relato que surge, leva tanto ao aparecimento de uma nova topografia, mas, sobretudo, de uma nova estrutura das formações discursivas, podendo modificar o lugar da própria cena de representação do político (CORTEN, 1999, p. 47-8).

Os discursos políticos, como seqüências de enunciados, são entendidos em um sentido mais restrito do que, de um lado, a língua política e, de outro, a topologia, inscrevendo-se, então, no campo da persuasão. Devem, portanto, movimentar a opinião pública, mas não podem deixar de tomar como referência a cena da representação.

Os discursos políticos se situam, pois, em uma margem entre a *vida política* e, de outro lado, a cena de representação das forças políticas. Eles provém de uma formação discursiva que atribui posições, não somente a locutores, mas a todos os enunciadores, inclusive àqueles pertencentes a outras formações políticas. Não há efeito de relato que, em nossa sociedade, não tenha sido assumido pelo discurso político (CORTEN, 1999, p. 50-51).

### 1.1.2. O estudo da retórica

Também fundamental será o entendimento da retórica usada por Churchill e como ela foi desenvolvida e construída. Ainda na infância, o pequeno Winston foi uma criança envolvente e, ao mesmo tempo, curiosa. Em sua longa vida, sua produção jornalística e literária, sua veia artística – explicitada, através da pintura - e, especialmente, sua impressionante atuação política e militar, forjaram uma

personalidade única, multifacetada e, por algumas vezes, incompreendida.

Será avaliada a força retórica de seus discursos. Na mitologia, afirmava-se que Júpiter teria enviado a Eloquência, guiada por Mercúrio, aos homens, ao se sensibilizar com a miséria humana. Enviou-a para que os homens pudessem resolver seus problemas e viver melhor. Inicialmente, a Eloquência teria apenas entrado em contato com os homens mais inteligentes, que, criadores da sociedade e das técnicas industriais, deram origem a todas as artes. Neste período original, a retórica se identificou com a poesia, e ambas situavam-se no plano da inspiração das musas. Orador era quem sabia falar bem e convencer os seus ouvintes (ROHDEN, 2010, p. 16). A retórica do orador pertencia, no processo de educação grega, ao aspecto técnico, junto com o manejo das armas, esportes e artes marciais.

Procurar-se-á compreender a persuasão e a arte retórica. Para Roland Barthes,

dá gosto ver que a arte da palavra está originalmente ligada a uma reivindicação de propriedade: começamos a refletir sobre a linguagem para defendermos nossos bens. Nasceu com uma conotação ética, ou seja, visando a assegurar o bem dos cidadãos (BARTHES, 1985, p. 24).

Com a guerra, Churchill pode mostrar o seu preparo para esse momento. Em suas memórias, **História da Segunda Guerra Mundial**, descreve a noite de 10 para 11 de maio de 1940, logo após assumir o gabinete:

Quando fui me deitar por volta das três da madrugada, estava consciente de um profundo sentimento de alívio. Finalmente eu tinha autoridade para dar instruções a respeito de toda a cena. Sentia como se estivesse caminhando como o Destino, e como se toda minha vida passada tivesse sido apenas uma preparação para essa hora e para essa provação (LUKACS, 2009, p. 28).

Churchill, que, por vezes não considerava a retórica como algo pertinente, fez uso constante desta, sabiamente. Alguns dias após o discurso *O melhor momento*, em 18 de Junho de 1940, satisfeito com os efeitos de suas palavras disse (e repetiu nas suas memórias da

guerra): *Retórica não era garantia de sobrevivência* (LUKACS, 2009, p. 94). Ele tinha a clara visão de que a retórica não lhe obliterava a visão do horizonte da guerra. Neste momento específico, Churchill estava empenhado em deixar claro para os governos do Canadá e, especialmente, dos Estados Unidos, que um pacto ou negociações com Hitler para uma paz na região jamais ocorreriam. Ações e palavras corriam paralelas, porém com ações mais à frente.

### 1.1.3. O emissor

Churchill experimentou uma longa trajetória política, tendo sido membro do Parlamento e participando efetivamente de diversos gabinetes, ao longo de mais de 50 anos. Ver-se-á que, no período antecedente à guerra, ele era voz dissonante da maioria, tratando de alertar os diversos gabinetes, sobre as reais intenções de Adolf Hitler e de seu partido nazista.

Sob a bravura de Churchill estava

sua compreensão de uma tragédia possível, ainda inimaginável para a maioria: de que era tarde, provavelmente tarde demais, e de que Hitler estava vencendo a guerra, estava prestes a vencer, estava quase vencendo a Segunda Guerra Mundial, a guerra de Churchill (LUKACS, 2008, p. 10).

Churchill tinha, para um inglês, uma excepcional visão, conhecimento e compreensão da Europa, da história e do caráter das nações. Sua percepção sobre a Alemanha fazia com que se sentisse, ao mesmo tempo, impressionado e alerta, especialmente pela rigidez militar prussiana. Frequentemente, ele generalizava estes atributos a toda a Alemanha. Mais incomum e duradouro foi o respeito que denotava ao que os alemães foram capazes de alcançar durante a Primeira Guerra Mundial.

Os dez anos que antecederam à sua efetivação como Primeiro Ministro, em maio de 1945, foram chamados por seus biógrafos como os *anos de ostracismo*, e seus erros passados

impediam um retorno mais efetivo ao cenário político inglês. Para muitos, Churchill estava acabado.

Sua trajetória política está intimamente ligada à sua capacidade de expressar as suas ideias, através de uma retórica elaborada e convincente. Churchill ditava os seus discursos, e depois, de posse da primeira cópia, produzia alterações e melhoramentos. (LUCKACS, 2009, p. 53). Até a hora final de pronunciar suas falas, introduzia palavras, expressões mais intensas e que mais perfeitamente traduzissem suas ideias. Churchill era um homem da linguagem escrita. Tinha uma memória prodigiosa e talento para a poesia. Como resultado disso, escolhia termos e expressões memoráveis. Em determinados momentos, ensaiava em voz alta, para testar o efeito de suas falas (LUCKACS, 2009, p. 54).

A competência de seu discurso é inequívoca, pois foi através de matérias para jornais, livros, biografias e artigos, que Winston Churchill garantiu seu sustento e de sua família. É importante ressaltar que os membros do Parlamento inglês, tanto na Câmara dos Comuns, como na Câmara dos Lordes, não recebiam salários. O sustento econômico dos parlamentares dependia de suas posses e de suas atividades comerciais e, deste modo, o exercício dos mandatos exigia que este homem tivesse recursos para exercer a atividade. Escrever, afinal, era o resultado de um impulso decidido de auto-expressão. Como disse T.S. Elliot, *é o desejo de vencer uma preocupação mental expressando-a de forma consciente e clara* (LUKACS, 2009, p. 34).

Uma virtude típica e importante de Churchill foi sua magnanimidade, algo maior e mais profundo que a generosidade. Um dos efeitos deste sentimento era a tendência a perdoar e esquecer coisas desagradáveis. Ao substituir Chamberlain, como Primeiro Ministro, declarou não haver necessidade dele se mudar de Downing Street (moradia oficial do Primeiro Ministro), pois continuaria na Casa do Almirantado, pelo menos por um mês. (LUKACS, 2008, p. 26). Churchill, também, na Casa dos Comuns, diz que assumiria total responsabilidade pelos erros e falhas cometidos na campanha da Noruega. Não emitiu

nenhuma palavra sugestiva de crítica a Chamberlain. Tudo isso teve consequências duradouras e benéficas, quando Churchill assumiu como Primeiro Ministro.

Havia, porém, forte resistência ao seu governo e desconfiança sobre sua capacidade de vencer a guerra. Em muitos diários e cartas daqueles dias, *inescrupuloso, irresponsável, ambicioso e desprovido de discernimento político* são algumas das descrições aplicadas a Churchill; *velhacos, selvagens e bandidos*, aplicam-se a alguns de seus partidários. Muitos pensavam que o governo de Churchill não iria durar, porque ele não poderia fazê-lo. Jack Colville, que viria a ser secretário particular do Primeiro Ministro, escreveu em seu diário, em 11 de maio, após a posse de Churchill: *Parece haver em Whitehall alguma inclinação a acreditar que Winston será um completo fracasso e que Neville (Chamberlain) retornará*. No mesmo dia, Lorde Davidson escreveu ao antigo primeiro-ministro Stanley Baldwin: *Os conservadores não confiam em Winston. ... Depois que o próximo embate da guerra terminar, é bem possível que um governo mais firme possa emergir* (LUKACS, 2009, p. 36).

C.M. Headlam, político conservador e defensor de Chamberlain, escreveu, em 10 de maio de 1940, sobre Churchill:

Assim finalmente aquele homem conquistou sua ambição: nunca pensei que iria; bem, esperemos que se saia bem. Nunca acreditei nele! Só espero que meu julgamento sobre o homem venha a se provar errado. Ele certamente possui coragem, imaginação, energia, ... a idade, a experiência e a responsabilidade podem lhe dar discernimento – então tudo estaria bem (LUKACS, 2009, p. 37).

O tenente-general, Henry Pownall, mais tarde um dos mais próximos colaboradores de Churchill, escreveu, ainda antes de 10 de maio:

por mais que sejam seus usos [de Churchill] ele é também um perigo, nunca verificando seus recursos para ver se o objetivo é atingível. E ele é azarado. Durante toda a última guerra ... foi um mau e perigoso fracasso (LUKACS, 2009, p. 37).

Ainda a título de comprovação da desconfiança em relação a Churchill, segue o comentário de Lord Hankey of the Chart para Sam Hoare, mais tarde nomeado embaixador britânico na Espanha:

Que Deus ajude o país ... que confia sua existência às mãos de um ditador cujas realizações passadas, ainda que inspiradas por uma certa dose de imaginação, nunca alcançaram sucesso! Um político não experimentado e inteiramente inexperiente. ... A única esperança reside no núcleo sólido de Churchill, Chamberlain e Halifax, mas eu duvido que os velhos e sábios elefantes sejam capazes de conter o Elefante Trapaceiro (LUCKACS, 2009, p. 37-38).

O trabalho de Churchill, nos primeiros meses, além de organizar a Grã-Bretanha para lutar contra a Alemanha, era estabelecer uma unidade política que lhe permitisse governar. Isto tudo passava por conquistar a confiança da Câmara, das forças armadas e do povo.

Ver-se-á, ainda, no decorrer desta dissertação, a presença de seu humor, bom e mau, que ajudaram a formar o exercício da liderança e a construção de sua personalidade como modelo inspirador. Várias citações de Churchill passaram a ser de uso comum por sua sagacidade, humor ou pertinência. No seu 75º aniversário, Churchill disse: *Estou preparado para o encontro com meu criador. Agora, se meu Criador está preparado para o suplício de me receber, isto é outra história* (ENRIGHT, 2009, p. 89). Em um jantar de família, Churchill reclama com o filho: *Randolph, pare de me interromper quando eu o interrompo* (ENRIGHT, 2009, p. 89).

Seu conceito sobre a democracia, datado de 1947, é repetido exaustivamente: *Ninguém acha que a democracia é perfeita e irretocável. Na realidade, já foi dito que a democracia é a pior forma de governo, salvo todas as outras já experimentadas de tempos em tempos* (ENRIGHT, 2009, p. 23). Sobre a disputa entre capitalismo e socialismo, Churchill declarou: *O defeito inerente ao capitalismo é a distribuição desigual das benesses; a virtude inerente ao socialismo é a distribuição equitativa das desgraças* (ENRIGHT, 2009, p. 30).

Como demonstração e exemplo de sua presença de espírito, pode-se citar o processo de escolha dos primeiros-ministros, que é finalizado, quando o monarca no exercício do poder convida o político escolhido, para formar um governo. Ao ser escolhido, a conversa entre Churchill e o rei Jorge VI foi muito, por assim dizer, inglesa. O monarca, para facilitar as coisas, pergunta num débil gesto de humor: *Suponho que não saiba por que mandei chamá-lo?* Churchill respondeu: *Senhor, não tenho a menor ideia.* O rei esclarece: *Quero que forme um governo.* Começa aqui o primeiro mandato de Winston Churchill.

No prefácio do livro **Jamais ceder! Os melhores discursos de Winston Churchill**, compilados por seu neto homônimo, o organizador conta uma história em que, convidado para ser orador, na cerimônia que lembrava os 50 anos do levante do Gueto de Varsóvia, foi abordado por uma senhora de impressionante beleza, que lhe disse:

Senhor Churchill, eu era um menina de apenas 12 anos, vivendo no Gueto [de Varsóvia], quando iniciou-se o levante, quando as tropas nazistas nos atacavam para nos levar aos campos de concentração. Quando seu avô falava na rádio, todos nós nos reuníamos em frente ao aparelho. Eu não entendia nada de inglês, mas sabia que, se eu e minha família tivéssemos alguma esperança de sairmos vivos daquela guerra, dependíamos inteiramente desta forte e invisível voz, da qual eu nada entendia. Nós fomos todos levados para Bergen-Belsen – fui a única sobrevivente. Fui liberada pelo exército inglês, na verdade, por este homem que está aqui a meu lado, que hoje é meu marido.

Winston Churchill não inspirou somente a nação britânica, suas palavras deram esperança às nações ocupadas na Europa continental. Com sua força de vontade, de lutar a boa luta, e seu incomum senso de humor, ele foi bem sucedido em persuadir seus compatriotas de que, mesmo que a Europa toda tivesse caído, a Inglaterra poderia lutar e lutaria sozinha. E, mais importante, poderia vencer (CHURCHILL, 2005, p. 20).

Churchill produziu textos por mais de cinquenta anos e suas **Memórias da Segunda Guerra Mundial** fizeram com que recebesse, em 1953, o Prêmio Nobel de Literatura da Real Academia

Sueca. O domínio da escrita foi, sem dúvida, um dos pilares da construção de discursos tão importantes, penetrantes e duradouros.

O conhecimento da língua inglesa faz de Churchill um escritor de mão cheia. Seu poder sobre as palavras permitiu-lhe que cunhasse expressões que se tornaram relevantes e motivadoras.

Churchill não era um grande aluno, nenhum primor em estudos e, pelo contrário, considerado até um mau estudante. Em seu livro *My early life / Minha mocidade* (CHURCHILL, 2000), ele descreve como aconteceu seu aprimoramento em língua inglesa, na Harrow School, uma vez que não tinha condições de se sair bem nos clássicos:

Eu continuei nessa situação despretensiosamente por quase um ano. Porém, por andar por tanto tempo nas turmas inferiores, eu ganhei uma vantagem imensa sobre os meninos mais inteligentes. Eles todos foram aprender latim e grego e outras coisas esplêndidas como estas. Mas eu tive que aprender inglês. Éramos considerados tão burros que a única coisa que poderíamos aprender era inglês. (CHURCHILL, 2000, p. 16)<sup>2</sup>.

Churchill explica o sistema todo próprio de educação de seu professor, Mr. Somerwell:

Ele pegava uma longa frase e a quebrava em componentes diferenciados por cores: preto, vermelho, azul e verde. Sujeito, verbo, objeto: oração subjetiva, oração condicional, conjuntiva e disjuntiva. Cada uma tinha sua cor e enquadramento. Eram espécies de exercícios, feitos diariamente. Por estes treinos, que fiz de forma constante, entronizei em meus ossos a essência da estrutura das sentenças britânicas – o que é uma coisa muito nobre de ter (CHURCHILL, 2000, p. 17)<sup>3</sup>.

## 1.2. LIDERANÇA

A Segunda Guerra Mundial trouxe consequências decisivas e mudanças drásticas da realidade mundial, e introduziu um conceito inovador de liderança. Líderes como o britânico Winston

---

<sup>2</sup> Tradução deste autor.

<sup>3</sup> Idem acima.

Churchill fizeram parte da análise positiva daquela guerra. Barbara Kellerman, professora de Harvard e autora do livro ***Bad leadership***, afirma, com convicção, a respeito dos líderes: *Eles são ambiciosos, sabem se comunicar e são determinados* (PORTAL ADMINISTRADORES, 2005). É por esta razão que, após seis décadas, o final do conflito, a personalidade e a forma de agir e tomar decisões de personagens como Churchill fascinam e servem de referência a empresários, executivos, políticos e pesquisadores sobre comunicação e liderança. Além disso, a atuação dessas personalidades sempre refletiu um contexto histórico que permeia a sociedade.

Churchill foi primeiro-ministro inglês de 1940 a 1945, período da Segunda Guerra Mundial. Logo que assumiu, conclamou o povo britânico à resistência, promovendo uma aproximação com o então presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, objetivando a entrada definitiva dos americanos na guerra, como aliados.

Lord Roy Jenkins, um dos mais importantes biógrafos de Churchill, conta que o ex-Primeiro Ministro britânico era filho de um lorde e de uma americana, e que era um imperialista convicto e britânico orgulhoso. Chegou a elogiar Benito Mussolini por levar a ordem de volta à Itália. Outrossim, quando viu a França cair nas mãos de Hitler, foi rápido em fazer a aliança com Josef Stalin, já que repudiava os comunistas mas, pragmático, contrapunha: *Se Hitler invadissem o inferno, eu faria, no mínimo, um elogio, ao Diabo* (JENKINS, 2002).

Churchill tinha o dom da oratória, o que contribuiu para aumentar a auto estima de um povo que era massacrado pela guerra. Em 1945, ele, que pertencia ao Partido Conservador, perdeu as eleições para os trabalhistas. Só voltou ao cargo em 1951, onde ficou até 1955.

Até hoje é considerado um dos maiores estadistas da História. Por seu livro, **Memórias de Segunda Guerra Mundial**, foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1953.

É possível que a maior lição deixada por Churchill seja a da liderança cooperativa, ou seja, valer-se de alianças e acordos

estratégicos para exercer uma liderança no ambiente de trabalho. John Adair, professor pioneiro nos estudos de liderança, expressa a importância do momento e do lugar no ato de liderar: *É difícil ser um grande líder em Luxemburgo em tempos de paz*. Para alcançarem o grau de grandeza que alcançaram, Napoleão precisou do terror, César das guerras contra os gauleses e Churchill dos nazistas (ROBERTS, 2004, p. 20).

Churchill não era um orador nato. Passava, por vezes, de dez a 14 horas preparando um único discurso, ocasionalmente ao som de uma marcha militar, até obter o ponto que julgava perfeito. Seu amigo Lorde Birkenhead disse certa vez: *Winston passou os melhores anos de sua vida escrevendo discursos de improviso* (ROBERTS, 2004, p. 54). Segundo Jenkins, era o próprio Churchill quem escrevia seus discursos, mas a correspondência com sua mulher pode ter contribuído para conter os repentes de mau humor que ele experimentava, com frequência, e que comprometiam o otimismo e a determinação dos seus textos (JENKINS, 2002).

Esta dissertação analisará os discursos de Winston Churchill sob o espectro de seu conteúdo, a forma com que foram transmitidos, as razões de cada um, a mobilização gerada e a construção da vitória aliada, através desta constante comunicação.

### 1.3. POLÍTICA

**Na Política**, Aristóteles expressa que,

agora é evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um animal social. Como costumamos dizer, a natureza nada faz sem um propósito, e o homem é o único entre os animais que tem o dom da fala. Na verdade, a simples voz pode indicar a dor e o prazer, e outros animais a possuem, mas a fala tem a finalidade de indicar o conveniente e o nocivo, e portanto também o justo e o injusto; a característica do homem em comparação com os outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade (ARISTÓTELES, 1997, p. 1253 a).

A destinação supremamente política do homem atesta-se por um indício: a posse do *logos*, ou seja, da palavra, que manifesta, enquanto a voz apenas indica. A palavra manifesta, para uma comunidade de sujeitos que a ouvem, indica o útil e o nocivo, o justo e o injusto. Ainda nesta linha, compreende-se que a justiça política não é apenas a ordem que mantém juntas as relações medidas entre os indivíduos e os bens. Ela é a ordem que determina a divisão do comum (RANCIÈRE, 1996, p. 18 e 20).

O conceito de liberdade encontra-se na origem da política. A liberdade vem colocar limites aos efeitos da simples lei do *dever* e do *haver*. Ela vem, em suma, separar a oligarquia dela mesma, impedi-la de governar pelo simples jogo matemático dos lucros e das dívidas (RANCIÈRE, 1996, p. 23).

A política é a arte da argumentação, e no âmago desta e de todo o litígio argumentativo, supõe-se a compreensão de um conteúdo de locução. Toda situação de interlocução e de argumentação está, de saída, fragmentada pela questão litigiosa – irresolvida e conflituosa – de saber o que se deduz do entendimento de uma linguagem (RANCIÈRE, 1996, p. 60).

A invenção política opera em atos que são, ao mesmo tempo, argumentativos e poéticos, golpes de força que abrem e reabrem, tantas vezes quanto for necessário, os mundos nos quais esses atos de comunidade são atos de comunidade. Eis porque o poético não se opõe ao argumentativo (RANCIÈRE, 1996, p. 70).

O poder é sempre um potencial de poder, não uma entidade imutável, mensurável ou confiável como a força. Enquanto a força é a qualidade natural de um indivíduo isolado, o poder passa a existir entre os homens quando eles agem juntos, e desaparece no instante em que eles se dispersam (ARENDRT, 1997, p. 212).

O indispensável fator material para a geração do poder é a convivência entre os homens e, portanto, a fundação das cidades, que se converteram em paradigmas para toda a organização política ocidental. O que mantém unidas as pessoas, depois que passa o momento da ação, é o poder. Todo aquele que, por algum motivo, se

isola e não participa dessa convivência, abdica do poder e se torna impotente, independentemente de sua força e de suas razões (ARENDR, 1997, p. 213). Segundo Arendt,

nas condições da vida humana, a única alternativa de poder não é a resistência, mas unicamente a força que um homem sozinho pode exercer contra seu semelhante e da qual vários homens podem ter o monopólio, ao se apoderarem dos meios de violência (ARENDR, 1997, p. 214).

A violência pode destruir o poder com mais facilidade do que destrói a força e, embora a tirania se caracterize pela impotência de um povo, privado da capacidade humana de agir e de falar com o conjunto, não é caracterizada pela fraqueza ou pela esterilidade. Ao contrário, pode florescer a arte, desde que o tirano seja, de certo ponto, benevolente. Porém, a força pode enfrentar a violência com maiores possibilidades de êxito do que enfrentar o poder (ARENDR, 1997, p. 215).

A arte política ensina os homens a produzir o que é grande e luminoso. Enquanto a *polis* existir, *irá inspirar os homens a ousarem o extraordinário e tudo estará seguro; se sucumbir, tudo estará perdido* (ARENDR, 1997, p. 218). Por mais puros ou grandiosos que sejam, as razões e os objetivos jamais são únicos, uma vez que as características individuais das pessoas sempre influenciam o processo de poder.

#### 1.4. JUSTIFICATIVA

A escassez de líderes eficientes hoje é perceptível em diversas áreas de atuação. De acordo com Souza (2009), no campo político, a expressiva maioria dos países se ressentem da falta de estatura e de competência de seus líderes. No mundo corporativo, grande número de empresas não conseguem formar líderes em quantidade e qualidade suficientes para se aproximarem de seus clientes, fornecedores e parceiros, ou para dominar o mercado. Nas

famílias, percebe-se que, em função do mundo competitivo e de reduzidas oportunidades, além da fragmentação da unidade familiar, pais e filhos se distanciam, preocupados com as reservas do futuro. A situação muitas vezes culmina com cenas de violência que diariamente estampam as manchetes de jornais. O mundo vive uma escassez de lideranças.

No entanto, a atual crise internacional não se dá apenas por razões econômicas. As guerras não são só fruto de conflitos religiosos, geográficos, étnicos ou um sem-fim de motivos, mas resultam, especialmente, da escassez de *líderes íntegros, capazes de agir para solucionar problemas e não apenas jogar para a plateia* (SOUZA, 2009).

Onde o líder inspirador atua, faz diferença. Ele constrói um código de conduta junto aos membros de seu grupo, em torno de valores que são explicitados, disseminados e praticados, tais como ética, integridade, confiança, respeito, transparência, paixão, humildade e inteligência emocional.

Em períodos extremos, por exemplo, como a ocorrência de catástrofes naturais ou durante guerras e, notadamente, durante a II Grande Guerra, de abrangência mundial, a comunicação do líder se mostra ainda mais fundamental. No caso de Churchill, ela levou à mobilização das tropas, do povo, daqueles que estavam nas fábricas, dos que combatiam o fogo, enfim, a manutenção do moral alto e do senso de esperança na vitória de um mundo livre *versus* um mundo de destruição e racismo. O posicionamento e a capacidade de comunicação do líder, neste caso, foi essencial. Talvez tão importante quanto as armas, aviões, tropas e balas, a comunicação dos líderes, para com os soldados e com a população, foi o que manteve a chama acesa pela luta e a vontade de vencer.

Assim, se revela como oportuno este estudo, uma vez que se poderá, através dele, rever conceitos em torno da liderança, da comunicação e do quanto ambos estão interligados. Talvez se possa, com a pesquisa, incentivar o aparecimento de novos e competentes líderes, não apenas nas empresas, mas na política, nas famílias e nas

comunidades que lutam pela melhoria da qualidade de vida, pela solução de conflitos e erradicação de crises.

Para exemplificar a condição de liderança e grandiosidade de Churchill, pode-se mencionar alguns atributos nele reconhecidos, quando de sua morte. Clement Attlee, o homem que o sucedeu após a perda da eleição, em 1945, socialista e opositor, afirmou: *Ele [Churchill] tinha simpatia, incrivelmente espalhada simpatia pelo povo comum, em todo o mundo. ... Nós perdemos o maior inglês de nosso tempo – eu penso que o maior cidadão do mundo de nosso tempo* (GILBERT, 1999. p. 364).

## 1.5. OBJETIVOS

Esta dissertação divide-se, na busca de resultados para as questões levantadas, numa objetivação geral e, posteriormente, em outra, específica. Em termos gerais, buscar-se-á a importância do discurso e, em termos específicos, a relação da teoria e do método escolhido com a realidade, causas e efeitos de sentido.

### 1.5.1 Objetivos gerais

Este trabalho pretende demonstrar a importância do discurso como elemento de motivação. Avaliar como o discurso pode ser a mais terrível das armas, na situação mais limítrofe da condição humana – a guerra total. Podem palavras e ideias, agrupadas em um texto, ser mais eficientes e mortais que a mais temível das armas? O discurso político permite reunir pessoas, grupos e países inteiros, produzir uma união capaz de ser tão coesa e forte, capaz que resistir tenazmente a derrotas, na constante esperança da vitória final?

Este discurso, porém, só contém esta força tão grande se for gerido por um grupo detentor de certo poder. Na verdade, é possível resumir esta força numa pessoa só. Um único homem, solitário e humano como qualquer um, porém dotado de visão e preparo único, pode servir de gerador para esta energia positiva. Winston Churchill foi

a pessoa certa, na hora certa, preparada para lidar com o que se vislumbrava como o fim da sociedade ocidental, tal como se conhece.

O objetivo deste trabalho é compreender a importância do discurso político como arma de persuasão, neste caso, para a busca da liberdade. O período compreende um dos momentos mais importantes da história moderna e do século XX. A vitória aliada resultou na derrota do fascismo naquele cenário político. Embora a vitória não tenha sido garantia de um mundo totalmente democrático, o episódio do nazi fascismo permite uma avaliação histórica do que seria um regime totalitário.

Entre 27 e 30 de outubro de 2011, este autor teve a oportunidade de participar da 28ª Conferência Internacional do Centro Churchill, em Londres, com o tema “As relações especiais de Churchill com os Estados Unidos e Canadá – Ontem, hoje e amanhã”. Após a palestra de Sir Martin Gilbert, biógrafo oficial de Churchill e da família, autor de seis livros publicados e editor de 12 volumes de discursos de Churchill, foi possível que se perguntasse diretamente a ele: *Sir Gilbert, se não fosse Churchill o Primeiro Ministro naquele momento e fosse qualquer outro, o que teria acontecido?* Sem hesitação, ele resume: *Estaríamos todos falando alemão!*

A resposta, de forma imediata e convicta, dá a dimensão do homem que pensou, escreveu e pronunciou os discursos mais importantes da primeira metade do século XX. E estes discursos continuam vivos, envolventes e aplicáveis ao cotidiano político e humano.

#### 1.5.2. Objetivos específicos

Como explicitado, através de referencial bibliográfico específico, pesquisas nos meios eletrônicos e da participação em um congresso temático, serão aqui analisados os discursos de Winston Churchill.

Sob a teoria da análise do discurso e da retórica, estabelecer-se-ão as estratégias do discurso como elemento motivador

dos receptores, promovendo a união em torno desse líder, fazendo com que toda uma nação e o mundo ocidental mantivessem a esperança e a certeza na vitória final.

Tratar-se-á de estudar as qualidades do líder em tempos de guerra e que permanecem válidas até os dias atuais, e como o exemplo de Churchill pode servir para ajudar a solucionar crises e confrontos.

Vai-se procurar evidenciar as estruturas retóricas e figurativas e as estruturas do conteúdo dos discursos com o efeito de sentido de mobilização da opinião, através do método da Hermenêutica de Profundidade, mostrando como foi possível agrupar e persuadir as pessoas para a necessidade de vencer a guerra.

Ao longo deste trabalho, procurar-se-á responder às seguintes questões:

Como se organizou aquele discurso?

De que elementos ele lança mão para alcançar objetivos pré-estabelecidos?

Qual sua relação com a realidade?

Qual efeito de sentido produziu?

### 1.5.3. Corpus

O *corpus* do trabalho representa o conjunto de documentos, dados e informações sobre determinada matéria. Trata-se de uma coletânea de textos, impressos ou em formato eletrônico, compilados segundo critérios específicos.

O tema do presente estudo limitar-se-á a seleção de doze discursos do então Primeiro Ministro britânico, Winston Churchill, desde sua posse, em 10 de maio de 1940, até sua saída do Governo, em 27 de julho de 1945.

Através deste *corpus*, busca-se estudar as condições de realização dos discursos, a importância do emissor e os efeitos de sentido sobre os receptores, à época.

A pesquisa foi realizada a partir da bibliografia existente, tendo como base um grande número de obras publicadas e disponíveis em português e em inglês. A leitura foi concretizada ao longo de um longo período, em muitos casos, anterior à formatação do próprio projeto de dissertação.

A participação em um evento internacional em Londres, em outubro de 2011, permitiu ao autor ideias e experiências com renomados biógrafos e estudiosos. Foi realizada uma visita a Chartwell, residência de Winston Churchill por grande parte de sua vida, bem como ao Churchill College, em Cambridge, para pesquisa a arquivos originais além de uma reunião com o diretor geral do Churchill Archives, Sr. Allen Packwood.

## 2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A investigação científica obedece a um ritual e a uma organização objetiva. Esta análise deve ser construída sobre uma ou mais hipóteses e desenvolvida, através de um método ou modelo teórico, que permita a construção dos questionamentos, a pesquisa dos dados e o alcance das informações que levem a uma interpretação e uma conclusão final.

Esta dissertação irá estudar os discursos de Winston Churchill durante o período da Segunda Guerra Mundial, avaliando se esta comunicação auxiliou no resultado da guerra. Analisar-se-á os efeitos de sentido sobre a audiência, a construção de um ambiente positivo para a vitória, a preocupação do líder em informar os passos da guerra e a manutenção da moral da população e dos soldados, apesar dos momentos de derrota e desânimo.

Trata-se de perguntas pertinentes ao objeto em questão, que podem ser respondidas apenas depois que adotado um método, que será o caminho a ser percorrido na busca de respostas. Ao longo deste capítulo, far-se-á a sustentação na base teórica adotada para a análise do objeto.

Neste capítulo, ver-se-á a teoria que servirá de base para avaliar a importância da retórica e da persuasão, seus desdobramentos conceituais e sua influência, através da análise dos discursos, objeto desta dissertação.

### 2.1. RETÓRICA

O surgimento dos estudos sobre a retórica iniciou em Siracusa, Sicília, no século V, por volta do ano 485 a.C. (KLÖCKNER, 2011, p. 31). Na linguagem mitológica, afirma-se que Júpiter teria enviado Eloquência, guiada por Mercúrio, para que os homens pudessem resolver seus problemas e viver melhor. Num primeiro momento, Eloquência teria entrado em contato apenas com os mortais

mais inteligentes, que criaram a sociedade e a indústria (ROHDEN, 2010, p. 16). Os oradores eram, então, os que melhor sabiam falar e convencer os ouvintes. Os gregos consideravam Pheitô (Persuasão) uma deusa poderosa e o discurso oratório seria o produto de uma inspiração divina, diante do qual o ser humano era sempre vencido (ROHDEN, 2010, p. 18).

Inicialmente, a retórica e a poesia possuíam uma relação, pois era pela linguagem retórica que os homens falavam e contestavam a força, a palavra das divindades e do destino. Ao tempo da formação da *pólis*<sup>4</sup> grega, organiza-se a linguagem retórica, separando-se da poesia, pela qual o *homem fala por si mesmo*, nascendo uma nova racionalidade, construtora de discursos (ROHDEN, 2010, p. 19). Ela surge *com uma conotação ética, ou seja, visando assegurar o bem dos cidadãos e foi no exercício da democracia que o vigor da palavra derrotou a espada e as riquezas* (ROHDEN, 2010, p. 23).

No Império Romano, o manual **Treinamento do orador** (*Institutio oratória*), de Quintiliano, era a base para a formação dos filhos de famílias poderosas. O livro de Quintiliano

serviu de base aos estudos de retórica até o século XIX, quando uma excessiva preocupação com o estilo, no falar e no escrever, deu origem a textos e falas cheios de pompas e rodeios, responsáveis, em parte, pela má fama que o termo *retórica* passou a carregar, desde o tempo dos sofistas, grupo de pensadores que se apresentavam como mestres em sabedoria na Grécia antiga (HALLIDAY, 1999, p. 64).

A prática da retórica estava associada ao exercício da democracia. Quando a democracia é restaurada, em 466 a.C., em Siracusa, os exilados voltam e, para provar os seus direitos de propriedade, dada a não existência de documentos escritos, passam a resolver suas disputas por meio de um novo sistema jurídico. Com a

---

<sup>4</sup> Pólis: a Pólis era o centro de cada um dos estados gregos, uma cidade rodeada de uma pequena comarca. Estados autônomos, o seu governo foi, inicialmente, uma monarquia, tendo passado por aristocratas e, às vezes, por tiranos (<http://ocanto.esenviseu.net/lexp.htm>).

finalidade de melhorar a capacidade de persuasão nos litígios, professores se especializam na arte da retórica.

Esses professores, conhecidos como *sofistas*, formaram um importante e influente grupo na sociedade grega. Eles eram atacados por Platão, que considerava as suas práticas distantes da verdade. A imagem negativa dos sofistas deu origem à palavra *sofisma*, que significa um argumento aparentemente válido, mas não conclusivo, e, possivelmente, de má fé. Reside, aí, a relação entre retórica e verdade, na disputa entre a retórica de Aristóteles e os sofistas. Aristóteles defende a existência de dois tipos de conhecimento: as verdades imutáveis da natureza, a *theoria*, e as verdades contingentes, *phronesis*. A *theoria* seria domínio da ciência e as outras seriam domínio da retórica, como as leis sociais, crenças, valores, a definição do justo e do injusto, do belo e do feio, útil ou inútil, de acordo com as idiossincrasias de cada povo. A retórica vai se ocupar do que é verossímil, não somente do que é verdadeiro, ou seja, relaciona-se com o que é passível de ser verdade. Reside aí a ligação da retórica com a persuasão (HALLIDAY, 1999, p. 66-7).

### 2.1.1. A origem da Retórica

A **Arte Retórica** é um texto do filósofo grego Aristóteles, integrado por três livros. Para Aristóteles,

a retórica é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular. O seu objeto é o *verossímil* ou o *provável*, diferenciando-se da demonstração ou analítica, que trata do *necessário* e do *verdadeiro*. De fato, as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra, pois todas tentam em certa maneira questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar (ARISTÓTELES, 1998, p. 1354a).

Em a **Arte Retórica** há elementos de gramática, lógica, filosofia da linguagem e estilística. No Livro I, Aristóteles analisa e determina os três gêneros retóricos: o *deliberativo* procura persuadir ou dissuadir, ocorrendo em assembleias ou conselhos; o *judicial* ou *forense*

ocorre no âmbito dos tribunais e busca a determinação sobre o que é justo e injusto; enfim, o *epidético* ou *epidético* elogia ou censura atos contemporâneos. A classificação de Aristóteles constitui um recorte de escolha na teoria retórica, mas não é limitante (KLÖCKNER, 2011, p. 29-30).

O Livro II examina o plano emocional em sua relação com a recepção do discurso retórico. Aqui, Aristóteles aborda as formas de argumentação. O Livro III trata do estilo e da composição da peça retórica, através da clareza, correção gramatical, ritmo, uso de metáforas e partes que compõem o discurso (KLÖCKNER, 2011, p.31).

No começo de sua obra, Aristóteles considera que a arte da persuasão, ou do falar político, é uma contrapartida da dialética, a arte do falar filosófico. *A principal distinção entre persuasão e dialética é que a primeira dirige-se a uma multidão e a segunda ocorre num diálogo a dois* (KLÖCKNER, 2011, p. 33).

### 2.1.2. Entendimento e usos da Retórica

A retórica pode ser entendida como o uso da comunicação, para definir as coisas da maneira com que um deseja que os outros as vejam. Quando se age assim, age-se retoricamente (HALLIDAY, 1999, p. 8). As pessoas podem assim agir para harmonizar seus interesses com os dos outros. Assim, a Retórica se torna uma disciplina, dentro dos estudos de comunicação, que se preocupa em examinar, descrever e avaliar *atos e eventos que visem influenciar percepções, sentimentos, atitudes e ações, com palavras e outros símbolos* (HALLIDAY, 1999). Ela está associada ao estudo do discurso, como prática de comunicação entre grupos ou indivíduos.

Devido à sua flexibilidade, enquanto disciplina, a Retórica se presta a diversas definições ao longo da história. Num ponto estas visões diferentes se aproximam, quando destacam que ela e seu estudo têm por objetivo a criação e a divulgação de discursos com o objetivo de persuadir. A Retórica é uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação com fins

persuasivos (KLÖCKNER, 2011, p. 32). O falar persuasivo está obrigatoriamente ligado à fala que se faz a uma multidão, enquanto que a fala para o outro é uma fala dialética.

A união entre os interesses do influenciador e do influenciado pode ser considerada como uma das dinâmicas da retórica. Em termos de administração pública, os governos se utilizam da retórica para dois fins específicos: o primeiro seria obter a cooperação do povo para exercer controles sociais necessários à ordem geral e, em segundo lugar, legitimar o exercício do poder. Um governo, para se manter no poder, precisa ser legal, eficaz e legítimo. E isso ocorre na medida em que mostre os seus feitos e se possa fazer com que os governados continuem acreditando nele. Sendo assim, a legitimidade depende, *em grande parte, de uma retórica governamental que leve os governados a acreditar na eficácia do governo e na sua identificação com os interesses dos vários grupos que formam a sociedade* (HALLIDAY, 1999). Continua o pesquisador:

A retórica é, pois, comunicação que propõe, não impõe, uma visão da realidade que corresponde a desejos ou necessidades do emissor e à sensibilidade e aos interesses de seu público. A retórica serve para influenciar situações. Essa é mais ou menos exercida na medida em que o público aceite a definição da realidade que lhe é proposta (HALLIDAY, 1999, p. 30).

A fim de fazer com que uma pessoa mude de opinião ou substitua uma crença por outra, um comunicador eficiente tentará, inicialmente, propor um panorama simbólico das experiências de sua argumentação. Num segundo momento, buscará transformar o modo com que seu público entende este assunto, ao mesmo tempo em que irá apresentar seu ponto de vista como verdadeiro.

As figuras de retórica são recursos importantes para prender a atenção da audiência, através de argumentos articulados no discurso. Estas figuras cumprem a função de redefinir um determinado campo de informação, criando efeitos, atraindo atenção, quebrando a significação própria e esperada das palavras (CITELLI, 2001, p. 20).

O uso de *metáforas* é um hábito constante da capacidade de falar e escrever. As metáforas são importantes na construção retórica da realidade, pois direcionam o pensamento e criam um campo comum de imagens entre o comunicador e o público. Pode-se exemplificar, ao considerar a vida em termos de uma *passagem*, a morte como *estação final*, o amor como *febre* e a desgraça como *abismo*. Metáforas futebolísticas são usadas para a ação política; termos militares para disputas comerciais, como *conquistar* mercados, ou *render-se* aos encantos, entre outras expressões (HALLIDAY, 1999, p. 49).

A metáfora é uma figura que se caracteriza por determinar representações para as quais não se encontra um designativo adequado. Elas podem ser elaboradas através de dois tipos de processos: *transferência* ou transposição e *associação*. O primeiro trata de uma operação de passagem da significação própria da palavra para o representativo ou figurativo. A associação ocorre na transposição enquanto associação subjetiva entre a significação própria e o efeito figurativo (CITELLI, 2001, p. 20).

Já a *metonímia* indica a utilização de um termo em lugar de outro, desde que haja uma relação anterior. Ela nasce de uma relação objetiva entre o plano de base e o plano simbólico do termo. As figuras também são utilizadas para criar efeitos ideológicos. A metonímia aparece, constantemente, em discursos políticos, como quando, por exemplo, um candidato se refere ao auditório, como *amigo eleitor* (CITELLI, 2001, p. 21).

Outro alicerce importante na construção da retórica são os *eufemismos*, redefinições da realidade sob uma ótica específica. Um eufemismo tenta suavizar ou acobertar as ocorrências passíveis de causar medo, vergonha, ofensa ou crítica. Um prejuízo, no mercado financeiro, passa a ser um *rendimento negativo*. Os pobres são *populações de baixa renda* e um negócio desinteressante torna-se *trocar seis por meia dúzia* (HALLIDAY, 1999, p. 51).

O escritor George Orwell, em **1984**, leva os eufemismos a uma nova esfera, quando o Ministério da Paz trata da Guerra e o

Ministério do Amor é operado com ódio. Orwell é um crítico da linguagem política, classificando-a como *feita para que mentiras soem como verdades, o assassino pareça respeitável e para dar uma aparência de solidez ao puro vento* (HALLIDAY, 1999, p. 53).

A retórica faz parte de um conjunto maior na busca dos gregos pelo conhecimento. A Paidéia, segundo Werner Jaeger, caracteriza a formação do homem grego; muito além do desenvolvimento do Estado, da sociedade, da literatura, da religião e da filosofia, busca compreender o processo espiritual, através do qual conseguiram elaborar seu ideal de humanidade (JAEGER, 1960, s.p.). Os gregos estavam convencidos *de que a educação e a cultura não constituem uma arte formal ou uma teoria abstrata, distinta da estrutura histórica objetiva da vida espiritual de uma nação* (JAEGER, 1960, s.p.).

Para a compreensão do processo de comunicação e convencimento, também é importante compreender o papel da comédia grega no desenvolvimento da cultura ocidental. A comédia, também, definida como *espelho da vida*, tinha como um de seus valores apresentar conjuntamente o Estado, as ideias filosóficas e as criações poéticas como circunstâncias de um mesmo tempo (JAEGER, 1960, p. 384). A comédia procura mostrar a realidade de seu tempo, mais do que qualquer outra arte, apresentando aspectos eternos do Homem que escapam à elevação poética da epopéia ou da tragédia (JAEGER, 1960, p.385).

O teatro comédia surge,

na medida em que os artistas por imitação representam as pessoas em ação, sendo elas necessariamente boas ou más (pois o caráter [humano] quase sempre se ajusta a esses [dois] tipos, porquanto é pelo vício e pela virtude que as pessoas se distinguem no caráter), eles estão capacitados a representar as pessoas acima de nosso próprio nível normal, abaixo dele, ou tal como somos (ARISTÓTELES, 2011, p. 41 [1448 a1]).

A comédia é a imitação de seres *mais inferiores, ainda que não completamente viciosos; mais propriamente, o ridículo constitui parte do disforme* (ARISTÓTELES, 2011, §1449 a30). O ridículo gera o riso que, por sua vez, está no mesmo plano da linguagem e do

pensamento, como expressão de liberdade espiritual (JAEGER, 1960, p. 385).

Mas a retórica só pode existir em um ambiente democrático. Tito Cardoso e Cunha escreve que

é sempre preciso uma situação de democracia, de reconhecimento da igualdade de situação dos interlocutores e, sobretudo, de reconhecimento do outro como capaz de receber os meus argumentos e ser convencido por eles. Só assim se pode ter um discurso retórico. Só uma situação democrática o permite (CARDOSO E CUNHA, 1997).

A inexistência da liberdade de expressão e da democracia inviabiliza a república e a retórica. Esta só tem sentido em uma sociedade de homens livres, onde o exercício da persuasão pelas ideias, e não pela força, prevaleça.

### 2.1.3. Argumentação

A retórica será o campo da disputa de argumentos. Toda argumentação tem por objetivo aumentar a adesão dos espíritos e, por isso, subentende a existência de um contato intelectual. Para que haja o embate intelectual, é necessário o apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental (KLÖCKNER, 2011, p. 36). Em outras palavras, são necessários o respeito e a compreensão dos envolvidos em relação às diferenças de opiniões, e a abertura para ouvir e aprender novas ideias.

Entre o orador e o auditório deve haver a compreensão do porquê alguém vai ouvir, o que demanda uma qualidade diferenciada para tomar a palavra e ser ouvido. O auditório pode ser compreendido como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar em sua argumentação.

Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), descrevem os pontos de base da argumentação, subdivididos em tipos de acordos, hierarquias e lugares, bem como os acordos próprios de argumentação. Os tipos de argumentação são os fatos, as verdades, as

presunções e os valores, abstratos e concretos. Também aqui se incluem as hierarquias e os lugares comuns, específicos, de quantidade e qualidade, entre outros. Os acordos próprios de certas argumentações enderram a apresentação de dados e a forma do discurso, a escolha das palavras, o tempo verbal, a expressão do pensamento, as figuras de retórica e as de argumentação (PERELMAN, 1999, p. 44).

Os objetos dos acordos dividem-se em duas categorias: uma *relativa ao real*, que inclui fatos, verdades e presunções, e outra *relativa ao preferível*, que pretende a adesão de grupos específicos e, para tanto, baseia-se nos valores, hierarquias e lugares do preferível (KLÖCKNER, 2011, p. 36). Entre os objetos de acordo, relativos ao real, distinguem-se, de um lado, *os fatos e as verdades* e, de outro, *as presunções*. Ambas visam à adesão do auditório universal, ou seja, algo onde reina um acordo geral a seu respeito. As verdades são os elos entre os fatos e devem suplantar a experiência. O valor está conectado à ideia de multiplicidade dos grupos, para se atingirem públicos particulares (PERELMAN, 2005, p. 76-78). Pode-se destacar que existem valores universais ou absolutos, que constituem o chamado bom senso geral. Neste sentido, as hierarquias se justificam em virtude dos valores, estando, muitas vezes, implícitas no discurso.

O movimento argumentativo consiste em, ultrapassada a etapa da obtenção da adesão inicial, que o auditório possa demonstrar para uma opinião que seja comum a ele, uma outra em que o orador quer convencer. Neste sentido, é fundamental o conhecimento que o orador tenha do auditório, de suas crenças, opiniões e certezas admitidas. Estas devem ser as premissas da argumentação: as teses sobre as quais há um acordo.

Como se disse, são definidos dois tipos de acordo, sendo um sobre o real, e outro sobre o preferível. O acordo sobre o real é expresso pelos juízos sobre o real conhecido ou presumido, onde tudo que é admitido pelo auditório é fato, verdade ou presunção. O acordo sobre o preferível leva em conta os juízos de preferência em termos de valor, hierarquia ou, ainda, lugares.

Os argumentos, por sua vez, podem ser divididos em três grupos principais: os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e os que fundam a estrutura do real. Os primeiros são construídos sobre a imagem de princípios lógicos. Os segundos, organizam-se a partir do que o auditório acredita que ele seja, ou melhor, aquilo que se toma por fatos, verdades ou presunções. Os argumentos que fundam a estrutura do real sustentam-se em um tipo de argumentação que atua como se fosse por indução, propondo modelos, exemplos e ilustrações, partindo de casos particulares (KLÖCKNER, 2011, p. 38-9).

Os argumentos quase-lógicos podem ser comparados a raciocínios formais, dos quais tiram sua força persuasiva. Estão dispostos em seis grupos: contradição e incompatibilidade; identidade e definição; reciprocidade; transitividade; inclusão e divisão e, por último, comparação. Para fins desta dissertação, interessa destacar o primeiro grupo, onde *contradição* e *incompatibilidade* referem-se, por exemplo, a quando um chefe de Estado se vê na necessidade de ter que escolher entre um interesse de estado e um pessoal ou particular. A escolha gera uma incompatibilidade, que pode ser solucionada por uma atitude lógica, prática, diplomática, ou mesmo hipócrita, com o uso do ridículo, da autofagia ou da ironia.

Os argumentos que fundam a estrutura do real estabelecem aquilo que se acredita ser uma estrutura do real, socialmente, construído. Ele pode ser construído a partir do *exemplo*, que pretende generalizar uma regra, partindo de um caso concreto; da *ilustração*, como argumento que quer reforçar a adesão a uma crença numa regra, já estabelecida, e do *modelo*, que propõe uma imitação.

Perelman e Olbrechts-Tyteca destacam as ligações que fundamentam o real, desempenhando funções distintas: *o exemplo permitirá uma generalização; uma ilustração sustentará uma regularidade já estabelecida e um modelo incentivará a imitação* (PERELMAN, 2005, p. 399). Quando se utilizam modelos, o comportamento de um grande homem é frequentemente tomado como modelo e *o valor da pessoa, previamente reconhecida, constitui a*

*premissa de onde se tirará uma conclusão preconizando um comportamento particular* (KLÖCKNER, 2011, p. 41).

Para esta análise, pode-se propor o uso da *analogia* e da *metáfora*. A analogia constrói uma relação de similitude entre relações que unem duas entidades. Não se trata de semelhança entre as entidades, mas semelhança nas relações que as ligam. A metáfora, por sua vez, é definida como um transporte de sentido de uma palavra para outra.

A retórica se consolida como a arte de pensar e de comunicar o pensamento. Ela está presente de forma interdisciplinar, em áreas como o direito, a filosofia, a oratória, a dialética, a literatura e, especialmente, nas mídias (KLÖCKNER, 2011, p. 44). Nas figuras abaixo (2.1 e 2.2) pode-se observar as fases da análise do discurso.

Figura 2.1. Análise retórica

(KLÖCKNER, 2011, p. 67)

<b>FASES DA ANÁLISE</b>	<b>SUBDIVISÕES</b>	<b>EXEMPLIFICAÇÃO</b>
<b>CONTEXTO DO DISCURSO</b> <b>Estabelecimento da situação retórica do discurso</b>	Premissas de argumentação	Teses sobre as quais há acordos, além do uso excepcionalmente da petição de princípio
<b>GÊNEROS PERSUASIVOS DO DISCURSO</b> <b>Identificar a qual gênero pertence o discurso</b>	1) Judicial ou Forense	Usado especialmente em tribunais (em frente a juízes e jurados), com o objetivo de acusar ou defender alguém de algo praticado, pleiteando o justo.
	2) Deliberativo	Da arena política, das assembleias, aconselhando o útil, o melhor.
	3) Epidíctico	Procura agradar, realçar, ornamentar os fatos. Trata do elogio e da censura, do belo e do feio. Apela para a ordem universal.

Na figura 2.2, nota-se como a estrutura do discurso retórico pode ser mais uma vez dividido e analisado. Basicamente, tem-se aqui o conteúdo da mensagem e a disposição do mesmo na estrutura do discurso.

Figura 2.2. Cânones retóricos.

CÂNONES RETÓRICOS	CATEGORIAS	OCORRÊNCIAS
ESTRUTURA DO DISCURSO RETÓRICO	1) Invenção	É a origem dos argumentos: <i>ethos</i> , a credibilidade do autor; <i>pathos</i> , o apelo à emoção e o <i>logos</i> , a lógica dos argumentos, a relevância ou pertinência.
	2) Disposição	Organização dos argumentos do discurso.
	3) Estilo/Elocução	Modo próprio de apresentar o discurso, adequando a linguagem própria à argumentação e considerando os critérios de adequação, aptidão; correção; clareza; adorno deliberado, metáfora e analogia; e metonímia.
	4) Memória	Acesso do locutor e/ou ouvinte ao conteúdo da fala, com firme compreensão e segurança do material a ser apresentado.
	5) Apresentação	Explora a relação entre a propagação de um trabalho e o seu conteúdo (controle da voz e do corpo na apresentação dos argumentos).

(KLÖCKNER, 2011, p. 67-68)

Nas próximas figuras (2.3, 2.4 e 2.5), apresentam-se as técnicas argumentativas divididas em argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e, por fim, argumentos que fundam a estrutura do real.

Na Figura 2.3, abaixo, observam-se os argumentos quase-lógicos, aqueles que se comparam a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos, de que tiram a sua força persuasiva.

Figura 2.3. Argumentos quase-lógicos

DIVISÕES	SUBDIVISÕES	EXEMPLIFICAÇÃO
1) Aqueles que apelam às estruturas lógicas  São comparáveis a raciocínios lógicos mas, por utilizarem uma linguagem informal, são capazes de gerar várias interpretações.	a) Contradição e incompatibilidade	Quando uma argumentação sustenta duas afirmações contrárias e o auditório deve escolher uma ou rejeitar as duas.
	b) Identidade e definição	A identificação de diversos elementos que são o objeto do discurso, sendo que o mais comum é o uso das definições.
	c) Reciprocidade	São aqueles que assimilam dois seres ou situações, mostrando que os termos correlativos numa relação devem ser tratados da mesma forma.
	d) Transitividade	Considerados uma relação entre mais de duas partes onde há uma relação entre as várias partes de forma direta ou indireta.
2) Os que apelam às relações matemáticas  Relação da parte com o todo, de menor ao maior, relação de frequência.	a) Inclusão, divisão	Pode mostrar a inclusão das partes num todo ou dividir o todo em suas partes e relacionar as partes daí resultantes.
	b) Comparação	É quando vários objetos são avaliados, um em relação ao outro.

(KLÖCKNER, 2011, p. 68-69)

Na figura 2.4, os argumentos baseados na estrutura do real constituem uma ligação entre opiniões estabelecidas acerca desta estrutura e outras, que procuram convencer o interlocutor.

Figura 2.4. Argumentos baseados na estrutura do real

SUBDIVISÕES	EXEMPLIFICAÇÃO
1) Argumentos que se aplicam a relações de sucessão	Ligam um acontecimento quer às suas causas, quer às suas conseqüências.
2) Argumentos que usam relações de coexistência entre uma essência e suas manifestações.	Relacionam pessoas a seus atos, por exemplo.

(KLÖCKNER, 2011, p. 69)

Por fim, na figura 2.5, detalham-se os argumentos que fundam a estrutura do real, ou seja, quando um caso particular é utilizado para estabelecer aquilo em que se acredita ser uma estrutura do real socialmente construído.

Figura 2.5. Argumentos que fundam o real

<b>DIVISÕES</b>	<b>SUBDIVISÕES</b>	<b>EXEMPLIFICAÇÃO</b>
1) O fundamento pelo caso particular	a) Exemplo	O que permite uma generalização.
	b) Ilustração	Serve para tornar um fato presente na consciência.
	c) Modelo	Permite a imitação.
1) Raciocínio por analogia	a) Analogia	Postula que a relação entre A e B é semelhante à relação entre C e D. Pode vir a fundar uma metáfora
	b) Metáfora	É um transporte de sentido de uma palavra para outra.

(KLÖCKNER, 2011, p. 69)

#### 2.1.4. A retórica das mídias

Os mecanismos de retórica estão presentes em todas as mídias, às vezes de forma clara, às vezes de forma disfarçada. Segundo Teun A. Van Dijk, a retórica deve ser entendida em um sentido mais amplo, como a disciplina que estuda todos os aspectos da fala ou da escrita persuasivas. Desta forma, o estudo do discurso é importante, para que se possa compreender, de forma mais ágil, os processos produtivos e os efeitos da comunicação (VAN DIJK, 1996, p. 50).

A retórica do discurso tem a ver com o modo com que decidimos as coisas. O uso de estruturas retóricas nas notícias depende dos objetivos e dos efeitos buscados pela comunicação. A escolha de um determinado estilo indicará o tipo de discurso adequado para uma situação particular e os antecedentes ideológicos propostos (VAN DIJK, 1996, p. 123). Discursos utilizados,

para as funções estéticas, podem organizar estruturas que mostrem rimas, entonações especiais, estruturas rítmicas, ou outros modelos

sonoros. O mesmo vale para usos específicos quando se utilizam operações semânticas como as comparações, a metáfora, a ironia ou os sub entendimentos (VAN DIJK, 1996, p.123).

Sendo assim, o jornalismo é retórico, pois faz o chamamento ao regime da discussão e da crítica e procura levar a uma avaliação plausível e de consenso, presente em toda a argumentação retórica (KLÖCKNER, 2011, p. 47). A retórica do jornalismo segue as linhas da retórica oratória, com a estrutura jurídica ou forense, que tem por objetivo desacreditar os argumentos opostos, impressionando o auditório e cooptando-o para suas próprias ideias.

Em um artigo, a estrutura da alocação está presente, sob a forma da retórica parlamentar e da oratória. Até concluir os seus pontos de vista, o orador se utiliza de argumentos, da estética, da emoção e da paixão. A retórica parlamentar, assim como a jornalística, não pretende apenas sensibilizar uma audiência, mas obter resultados práticos imediatos, fazendo com que ela tenha ânimo e predisposição para ir ao encontro de teses estabelecidas. O efeito poderá ser maior nos *media* eletrônicos – rádio, TV, internet – nos quais o emissor e o receptor estão ligados quase que de forma instantânea, podendo, inclusive, interagir (KLÖCKNER, 2011, p. 48-49).

A retórica da antiguidade tinha a sua ênfase no orador. Por isso, a importância de um treinamento elaborado para uma apresentação ou discussão pública. A ênfase da nova retórica está no receptor, no recebedor da mensagem, chamado de *público*, audiência, leitor, ouvinte ou telespectador. Nisso reside a importância de conhecê-lo bem, para empregar as linguagens corretas ou adequadas para a apresentação dos argumentos e o seu convencimento, para que aceite as razões do receptor (HALLIDAY, 1999, p. 68).

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e a complexidade da vida moderna, houve uma multiplicação dos tipos de discurso e dos públicos. O discurso, que antes se referia apenas a um pronunciamento público, ou peça de oratória, escrita ou falada, passou a representar o conjunto de características linguísticas,

semânticas e retóricas que um indivíduo ou grupo utiliza para defender, aconselhar, elogiar, enfim, exercer suas atividades negociais.

Nos últimos anos, uma verdadeira renovação nos estudos da retórica permitiu novas ligações, particularmente, com a poética. Uma reflexão mais arejada, desenvolvida por Jean Dubois e o grupo da Universidade de Liège, propôs um novo papel, vinculado a dois polos importantes: o do estudo das figuras de linguagem e o das técnicas de argumentação (CITELLI, 2001, p. 17). Reaparece, assim, o estudo da organização discursiva que permite ligar a adesão de um ponto de vista àquelas ideias que lhes são apresentadas.

Existem alguns raciocínios discursivos que merecem uma análise mais detalhada. A verdade inquestionável faz parte do *raciocínio apodítico*<sup>5</sup>, no qual se pode perceber o dirigismo das ideias. Nele, a argumentação é realizada com um grau tão grande de fechamento que não resta ao receptor qualquer dúvida quanto à verdade emitida pelo emissor. O verbo assume um caráter imperativo e indiscutível. O receptor fica impedido de esboçar qualquer questionamento, é um raciocínio fechado, que não dá margem à discussão (CITELLI, 2001, p. 18). Até certo ponto, pergunta-se como, se a retórica só possa existir na democracia, este raciocínio pode vir a prevalecer.

O *raciocínio dialético* busca quebrar a inflexibilidade do raciocínio apodítico. Trabalha-se com uma conclusão possível, porém o modo de formular as hipóteses pode vir a direcionar à conclusão mais plausível. Trata-se de um jogo de sutilezas em fazer parecer existir uma abertura no interior do discurso.

Já o *raciocínio retórico* é um mecanismo de condução de ideias. Parecido com o dialético, o raciocínio retórico não busca um convencimento racional, somente, mas igualmente emotivo, de forma a atuar junto a mentes e corações, num eficiente mecanismo de envolvimento do receptor (CITELLI, 2001, p. 19).

---

<sup>5</sup> A ciência apodítica é o conhecimento em que já sabemos a causa pela qual algo é uma causa que resulta em algo. Suas características são: conhecer a causa de um fato e; dadas certas premissas, decorre delas uma conclusão necessária (ROHDEN, 2010, p. 99-100).

## 2.2. PERSUASÃO

Surgem muitas dúvidas, quando se define a Retórica como a ciência que estuda a elaboração de discursos com fins persuasivos: desde qual ponto detectar a persuasão, e como ela se processa? Ela nasce com o autor ou com quem recebe a mensagem?

Na verdade, persuadir pressupõe um receptor que compreenda e saiba avaliar os argumentos de uma ou mais partes, o que implica em reconhecer seu valor como pessoas, com sua capacidade de poder de tomar suas decisões.

Um outro aspecto, de suma relevância, para que se construa uma situação propícia ao exercício retórico, é a necessidade da existência de um ambiente democrático, em que a liberdade de situação dos interlocutores seja respeitada e, sobretudo, em que haja o reconhecimento do outro como capaz de receber os argumentos de um, e ser convencido por eles (KLÖCKNER, 2011, p. 34). Antonio Fidalgo comenta que

o uso demagógico ou sofista da retórica não nega o caráter retórico da democracia e a íntima conexão entre liberdade política e discurso persuasivo. A má utilização que se pode fazer da retórica não significa de modo algum a negação da relação essencial entre retórica e democracia. (...) Só tem sentido falar em retórica numa sociedade de homens livres e a democracia é o regime político por excelência dessa sociedade. (...) A retórica era a técnica de, pelo pensamento e pela palavra, tanto pôr em causa e derrubar o estabelecido, como de erguer novas idéias e novos valores, que, no entanto, se mantinham sempre sujeitos à crítica (FIDALGO, 2008, p. 4).

Falar em persuasão implica em retomar a tradição do discurso clássico, que pode ser lido em muitas formas que marcaram os estudos de linguagem. Retomando a história, na Grécia antiga, o problema não era apenas o de falar, mas fazê-lo de modo elegante e convincente, unindo arte e espírito. Cabia à retórica mostrar o modo de constituir o discurso visando a convencer o receptor acerca de determinadas verdades (CITELLI, 2001, p.8).

Como afirmara Aristóteles, *assentemos que a retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de*

*gerar persuasão* (CITELLI, 2001, p. 10). Pode-se deduzir que a retórica não é a persuasão, mas um meio capaz de ajudar a alcançar a persuasão. A retórica pode ter lugar nos discursos da medicina, da matemática, da história, do judiciário ou da família. Ela é analítica, ou seja, permite descobrir o que é próprio para persuadir. Em suma, a retórica é uma espécie de *código dos códigos, está acima do compromisso estritamente persuasivo, pois abarca todas as formas discursivas* (CITELLI, 2001, p. 11).

Os discursos seguem uma formulação básica de montagem, com o *exórdio*, a *narração*, as *provas* e a *peroração*. O exórdio constitui o começo do discurso, podendo ser um conselho, uma indicação, um elogio, ou uma censura. É a introdução, que visa a assegurar a fidelidade do ouvinte ou leitor. A narração é o assunto, a argumentação, propriamente dita. Segundo Aristóteles, *o que fica bem aqui não é nem a rapidez, nem a concisão, mas a justa medida* (CITELLI, 2001, p. 12).

As provas se fazem necessárias, se o discurso é persuasivo, pois é preciso comprovar o que se está dizendo. A peroração representa o epílogo, a conclusão, ou seja, a última oportunidade para assegurar a fidelidade do auditório, que Aristóteles divide em quatro partes: a primeira, colocar o receptor de mal com o adversário; depois, amplificar ou atenuar o que se disse; excitar as paixões do ouvinte e, por fim, proceder a uma recapitulação (CITELLI, 2001, p. 12).

Segundo Citelli, Aristóteles,

não foi, como muitos insistem em dizer, o inventor da retórica. Ele apenas analisou os discursos de seu tempo, verificou a existência de certos elementos estruturais, comum a todos eles, e a partir de então indicou a função e o espaço a serem ocupados pelos estudos teóricos” (CITELLI, 2001, p. 13).

Persuadir, antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade leva o outro à aceitação de sua ideia. A etimologia da palavra: *per + saudere = aconselhar*, traduz uma certa ironia, pois o conselho não tem o peso da submissão, mas o

objetivo é este mesmo, convencer e fazer valer a ideia do orador. Possivelmente, o persuasor não esteja trabalhando com uma verdade, mas sim com algo que se aproxime ou simplesmente a esteja manuseando (CITELLI, 2001, p. 13).

Com o passar dos séculos, a retórica vincula-se à perspectiva de embelezamento do texto, ou seja, a retórica apenas forneceria elementos para tornar o texto mais bonito. Por esta razão, persiste, ainda hoje, a noção negativa da retórica, como sinônimo de um texto bem articulado, porém vazio de ideias.

O discurso persuasivo se vale de signos, marcados pela suposição. Ele se beneficia de recursos de linguagem, objetivando convencer ou alterar atitudes e comportamentos já estabelecidos. Isso leva à dedução de que o discurso persuasivo é sempre expressão de um discurso institucional. As instituições falam, através de signos próprios, fechados, nos discursos de convencimento, através de uma linguagem própria desenvolvida, como faz a Igreja, a Justiça ou o Exército.

Pode-se, na análise ou na compreensão da persuasão, levar em conta três grupos organizacionais do discurso. O *polêmico*, o *lúdico* e o autoritário. Estamos diante de categorias de dominância e não autônomas. Isto significa dizer que uma das formas estará sempre em situação de dominância, mais visível, mais caracterizadora (ORLANDI, 1996, p. 154).

O discurso lúdico seria a forma mais aberta e democrática de discurso. Aqui temos uma força menor da persuasão, uma quase ausência do imperativo, da verdade única. Seria um discurso marcado pelo jogo de interlocuções, onde há menos verdade de *um*, menor desejo de convencer. O discurso lúdico compreende boa parte da produção artística, como a música e a literatura. Há um prazer e um encantamento no jogo de palavras e no mistério dos sons (ORLANDI, 1996, p. 154).

Já no discurso polêmico, o grau de persuasão é significativamente maior. Os conceitos anunciados são dirigidos como num embate, pois há uma luta onde uma voz tenderá a derrotar a outra.

A polêmica pode existir numa discussão entre amigos, num confronto político, numa defesa de tese, num editorial ou numa sala de aula (ORLANDI, 1996, p. 154).

Por último, o discurso autoritário é, por natureza, persuasivo, porém, aqui, encontramos todas as condições, para o exercício da dominação da palavra. O processo de comunicação de interação *eu-tu-eu*, deixa de existir, visto que o *tu* se transforma em simples receptor, sem possibilidade alguma de interferir sobre o que está sendo dito. É um discurso exclusivista, não permitindo mediações ou ponderações. O discurso autoritário repete uma fala já sacramentada, em que o monólogo venceu a guerra contra o diálogo. Ele pode ser encontrado na família, na igreja, no quartel, na comunicação em massa e, inclusive, no discurso publicitário (ORLANDI, 1996, p. 154-155).

Exemplificados os diversos tipos discursivos e o grau de persuasão neles contidos, Citelli cita o esquema, para auxiliar a compreensão do interior das unidades textuais. A análise dos discursos deve ser considerada em função de quatro elementos: *distância*, *modalização*, *tensão* e *transparência*.

A distância subentende a atitude do sujeito orador face ao seu enunciado, ou seja, a voz do enunciador é mais forte do que os próprios elementos enunciados. A modalização descreve o modo como o sujeito constrói o enunciado. Na tensão, a relação que se estabelece entre o emissor e o receptor, busca fazer com que o emissor domine a fala do receptor, pois há uma imposição, uma voz que comanda. Por último, o elemento da transparência analisa a clareza da mensagem anunciada, através da compreensão do receptor (CITELLI, 2001, p. 40-41).

### 2.3. A ESCOLHA DO MÉTODO

Problemas teóricos gerais devem ser ligados a problemas de caráter mais concreto, desenvolvendo conexões entre teoria e metodologia, entre reflexão teórica e pesquisa metodológica

detalhada. O trabalho de John B. Thompson servirá de base metodológica, já que um de seus objetivos é, não só prescrever métodos específicos de pesquisa, mas especialmente propor um referencial metodológico amplo, dentro do qual métodos específicos possam ser relacionados uns com os outros, sendo seus valores e limites avaliados objetivamente (THOMPSON, 1995, p. 32).

### 2.3.1. Hermenêutica de Profundidade

A divisão entre discussão teórica e análise prática ultrapassa as ciências sociais, e é preciso desmontar essa ruptura, analisando os elos entre cultura, ideologia, política, comunicação de massa, de um lado, e a análise prática das formas simbólicas, de outro.

O método, para tal, é a Hermenêutica de Profundidade, que evidencia ser o objeto de análise, uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação. Por isso, ela assume papel central no processo de distinção entre o campo e o objeto. A Hermenêutica de Profundidade pode ser facilmente adaptada à análise da ideologia e da comunicação de massa.

#### 2.3.1.1. Introdução à Hermenêutica de Profundidade

Thompson pondera: *Por que a hermenêutica? O que essa antiga tradição de pensamento, proveniente da Grécia Clássica, tem a oferecer a um estudioso da cultura moderna?* (THOMPSON, 1995, p. 32). Este questionamento pode gerar dois caminhos, em dois níveis distintos. O primeiro seria o das condições hermenêuticas da pesquisa sócio-histórica. Elas se originam na construção do campo-objeto da pesquisa sócio-histórica, diferente dos campos-objeto das ciências naturais, uma vez que seu campo-objeto é um campo subjetivo, ou um campo-sujeito, construído parte pelos sujeitos interessados em compreender a si mesmos e aos outros, em produzir ações e expressões significativas, parte pela interpretação das mesmas ações, mas produzidas pelos outros. Em suma, o objeto-domínio da

pesquisa sócio-histórica é um *campo pré-interpretado*. Nele, os processos de interpretação e compreensão acontecem, como uma parte da rotina cotidiana da vida dos sujeitos, constituintes deste domínio. Na elaboração da pesquisa sócio-histórica procura-se compreender e explicar uma série de fenômenos que, em parte, já compreendidos por aqueles que fazem parte do mundo sócio-histórico, estarão reinterpretando um domínio pré-interpretado (THOMPSON, 1995, p. 32-33).

A hermenêutica permite algumas orientações metodológicas para a pesquisa. Thompson chama estas diretrizes como *referencial metodológico* da hermenêutica de profundidade, retirada do trabalho de Paul Ricoeur:

O propósito é explorar aqui as vias abertas à filosofia contemporânea por aquilo a que se pode chamar o *enxerto do problema hermenêutico no método fenomenológico*. Limita-se a uma breve evocação histórica, antes de empreender a investigação propriamente dita, a qual deveria, pelo menos no seu termo, dar um sentido aceitável à noção de *existência*, - um sentido onde se exprimiria com precisão e renovação da fenomenologia pela hermenêutica (RICOEUR, 1988, p. 5).

O valor dessa ideia é que ela possibilita desenvolver um referencial metodológico, que se orienta para a interpretação ou reinterpretação dos fenômenos pertinentes e de significância, mas em que diferentes tipos de análise podem desempenhar papéis sobrepostos e recíprocos (THOMPSON, 1995, p. 33).

A hermenêutica de profundidade é, portanto, um referencial metodológico geral, para a análise dos fenômenos culturais e para a análise das formas simbólicas em contextos estruturados. É um método que compreende, num primeiro momento, três fases.

É importante entender o que são *formas simbólicas*. Segundo Thompson, elas são ações, objetos e expressões significativas de diversos tipos. Por formas simbólicas,

eu entendo um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos. Falas linguísticas e expressões, sejam faladas ou escritas, são cruciais a esse respeito. Mas formas

simbólicas podem também ser não linguísticas ou quase-linguísticas em sua natureza (THOMPSON, 1995, p. 79).

O autor analisa, ainda, o caráter significativo das formas simbólicas em quatro aspectos típicos: o *intencional*, o *convencional*, o *estrutural* e o *referencial*. Um quinto aspecto pode ser considerado, que será o *contextual* (THOMPSON, 1995, p. 79). O uso de símbolos é um distintivo da vida humana. Os seres humanos, não apenas produzem e recebem expressões linguísticas significativas, *mas também dão sentido a construções não linguísticas como ações, obras de arte e objetos materiais* (THOMPSON, 1995, p. 174).

A primeira fase da teoria, a *análise sócio-histórica*, se interessa pelas condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Ela é basilar, pois as formas simbólicas não sobrevivem no vácuo, são ocorrências sociais que se situam em um contexto, circulam e são absorvidas dentro de condições sócio-históricas específicas, que podem ser reconstruídas com o apoio de subsídios empíricos, da observação e de documentos.

A segunda fase, a *análise formal ou discursiva*, estuda as formas simbólicas como construções simbólicas complexas, que apresentam uma estrutura articulada. Em virtude de suas características, os símbolos têm condições de afirmar, representar, significar e dizer algo sobre alguma coisa. As formas simbólicas exigem um tipo diferente de interpretação, que passa por uma fase analítica, com a organização interna, com suas características estruturais e seus padrões e relações.

A análise formal ou discursiva pode tornar-se um exercício abstrato, em separado das condições sócio-históricas, cuja estrutura, justamente, procura revelar. Porém, essa fase é essencial, porque as formas simbólicas são fenômenos sociais contextualizados e a análise das condições de produção, reconhecimento e constituição do discurso, das palavras e das expressões, associadas às condições de transmissão, às estratégias discursivas, à linguagem verbal e visual, irão produzir um efeito desejado e, ou, imprevisto. Da adequada

construção do discurso e do entendimento da plateia, resultará o sucesso ou não do discurso, seja político ou não.

Por último, a terceira fase da hermenêutica de profundidade tem o que pode ser chamado de *interpretação* ou *reinterpretação*. Aqui se analisa a construção criativa de um possível significado do que dizem ou expressam aquelas formas simbólicas. A interpretação se constrói a partir dos resultados das análises anteriores, a análise sócio-histórica e formal ou discursiva. A interpretação irá além, num processo de construção sintética.

Ela irá empregar as duas fases anteriores para dar luz às condições sociais e características estruturais da forma simbólica, procurando interpretá-la sob este aspecto, explicando e elaborando o que ela diz e representa. Na elaboração da interpretação já se está, também, reinterpretando, sendo que esta reinterpretação, de um objeto-domínio, já está compreendida pelos sujeitos que constituem o contexto sócio-histórico.

Ao oferecer uma interpretação das formas simbólicas, estamos reinterpretando um campo pré-interpretado e, assim, engajando-nos num processo que, por sua própria natureza, faz surgir um conflito de interpretações (THOMPSON, 1995, p. 34-35).

Ao se concentrar na análise das formas simbólicas, no contexto da comunicação de massa, alguns problemas metodológicos devem ser previstos, já que este capítulo da comunicação constitui um corte entre a produção e a recepção das formas simbólicas. Há três aspectos ou campos-objeto da comunicação de massa a serem investigados pela hermenêutica de profundidade e de diferentes maneiras. Primeiro, a produção, a transmissão e a difusão das formas simbólicas, através destes meios; em segundo lugar, a construção de mensagens comunicativas e, em terceiro, a recepção e o entendimento daquelas mensagens da mídia. A isso Thompson denomina de *ênfoque tríplice* dos meios de comunicação de massa. Todos estes aspectos devem ser analisados separadamente, e embora isso deva ser feito deste modo, persiste a necessidade de examiná-los pela forma em que

se relacionam entre si, na produção, na transmissão e na recepção das formas simbólicas que se transmitem pela mídia.

Portanto, a hermenêutica de profundidade

é um referencial metodológico geral, dentro do qual algumas destas análises podem ser situadas e ligadas entre si. Ela nos possibilitará perceber o valor de certos métodos de análise, realçando, ao mesmo tempo, seus limites. Ela nos possibilitará mostrar como diferentes enfoques da análise da cultura, ideologia e comunicação de massa podem ser inter-relacionados de uma maneira sistemática, combinados dentro de um movimento de pensamento, coerente, que iluminará diferentes aspectos desses fenômenos multifacetados (THOMPSON, 1995, p. 356).

Ainda consoante, Thompson lembra que em primeiro lugar o estudo das formas simbólicas é, fundamental e inevitavelmente, um problema de compreensão e interpretação (THOMPSON, 1995, p. 357). As formas simbólicas são construções significativas que exigem uma interpretação: elas são ações, falas e textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas.

A hermenêutica de profundidade, na visão de Thompson, embora vários tipos de análises formais, estatísticas e objetivas sejam apropriadas e, até certo ponto, essenciais na análise social e na análise das formas simbólicas, constitui-se num enfoque parcial para estes estudos. Os processos de compreensão e de interpretação devem ser observados como uma dimensão que é, ao mesmo tempo, complementar e indispensável para o estudo.

A tradição da hermenêutica lembra que, na investigação social, o objeto de nossa investigação é ele mesmo, um território pré-interpretado. O mundo sócio-histórico não é apenas um campo-objeto que está ali para ser observado; ele é, também, um campo-sujeito construído. Desta forma, os sujeitos que constituem o campo sujeito-objeto, como os próprios analistas sociais, são sujeitos capazes de compreender, refletir e de agir fundamentados nessa compreensão e reflexão.

Quando o pesquisador propõe teorias ou interpretações sob o enfoque social, esses resultados podem ser descritos como uma *relação de apropriação potencial* pelos sujeitos que compõem o mundo

social. Em outras palavras, os resultados são colocados numa situação de *retroalimentação potencial para com o próprio campo sujeito-objeto* (THOMPSON, 1995, p. 359). Sobre este processo são avaliados os resultados, sem paralelo com as ciências naturais.

Alguns exemplos deste processo de retroalimentação podem ser percebidos quando os resultados sobre uma pesquisa de opinião podem afetar as intenções dos eleitores. Um trabalho ou reportagem sobre desigualdades pode desencadear manifestações para diminuir ou eliminarem as mesmas.

A hermenêutica de profundidade recorda que os sujeitos estão sempre inseridos em tradições históricas. Os seres humanos são parte da história e não apenas observadores ou espectadores dela. As tradições plenas de significados e de valores são passadas de geração em geração e constituem, portanto, parte da evolução do ser humano. Thompson lembra o estabelecimento do que se pode chamar de *historicidade da experiência humana*, onde a experiência humana é sempre histórica, ou seja, uma nova experiência é sempre assimilada e, ao procurar compreender o que é novo, sempre se constrói sobre o que já está presente. A compreensão de uma nova experiência como sendo *nova* é uma indicação do fato de que se está relacionando algo com o que veio antes e, devido a isto, é percebida como uma novidade (THOMPSON, 1995, p. 360).

O que é passado pode servir para esconder ou obscurecer o presente. Por vezes, em tempos de rápidas e constantes mudanças sociais e conflitos de interesses, as pessoas se inclinam a buscar, no passado, figuras simbólicas referenciais, a fim de mascarar o presente e assegurar, através de uma ligação com o passado, um futuro melhor. Durante a Segunda Guerra, a Alemanha de Hitler busca referências na mitologia clássica, alemã e hindu, para desenvolver uma simbologia própria. Muitas tradições atuais são inventadas<sup>6</sup>, mesmo que

---

<sup>6</sup> O termo *tradição inventada*, segundo Eric Hobsbawn, é utilizado num sentido amplo, ... inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgem de maneira mais difícil de localizar num período ... e se estabeleceram com enorme rapidez. A *tradição inventada* compreende um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica e visam introduzir valores e

estejam instaladas no imaginário popular como sendo mais antigas do que realmente são. Para entender esta situação, enquanto a hermenêutica busca fortalecer a noção de que os seres humanos estão inseridos em tradições históricas, é importante reconhecer que os resíduos simbólicos que incluem essas tradições também devem ser analisados.

Segundo os pensadores da hermenêutica, ela pode oferecer uma reflexão filosófica sobre o ser e a compreensão, como uma reflexão metodológica sobre a natureza e as tarefas da interpretação na pesquisa social. Na pesquisa social, o processo de interpretação pode ser mediado por uma gama de métodos explanatórios ou objetivantes (THOMPSON, 1995, p. 362). A *explanação* e *interpretação* devem ser vistas, não como termos exclusivos, mas como momentos complementares dentro de uma teoria compreensiva e interpretativa, como elementos que se apoiam mutuamente num *arco hermenêutico*.

Retomando o conceito básico, a hermenêutica de profundidade é o *estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas* (THOMPSON, 1995, p. 363). Ela levanta questões relativas aos usos das formas simbólicas e às relações entre interpretação, auto reflexão e crítica, sendo um referencial metodológico amplo, que compreende três fases ou procedimentos principais: a análise sócio-histórica, a análise formal ou discursiva e a interpretação ou reinterpretação.

### 2.3.1.2. Análise sócio-histórica

As formas simbólicas, como já se disse, não existem em um vácuo, *elas são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas específicas* (THOMPSON, 1995, p. 366). O objetivo

---

normas de comportamento através de repetição, em relação a um passado histórico apropriado. O objetivo e a característica das tradições, inventadas ou não, é a invariabilidade, através da imposição de práticas fixas e repetitivas (HOBBSAWN, 2002, p. 9).

desta primeira análise é reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas produzidas, ou seja, faladas, narradas ou inscritas, e recebidas, vistas, ouvidas e lidas por pessoas, em lugares específicos, agindo e reagindo a tempos particulares e a locais especiais. A reconstrução desses ambientes é uma parte da análise sócio-histórica. As formas simbólicas são produzidas e recebidas em situações espaço-temporais a serem identificadas e descritas.

As formas simbólicas estão situadas, também, dentro de certos campos de interação. Pode-se analisar um campo como um espaço de posições e um conjunto de trajetórias, que combinadas, determinam relações entre as pessoas e oportunidades de acesso a elas. Outro nível de análise se refere às instituições sociais, que podem ser vistas como o conjunto de regras e recursos, juntamente com as relações sociais estabelecidas por elas. Analisar instituições sociais é *reconstruir os conjuntos de regras e relações que as constituem, é traçar seu desenvolvimento através do tempo e examinar as práticas e atitudes das pessoas que agem a seu favor e dentro dela* (THOMPSON, 1995, p. 367).

Pode-se separar a análise das instituições sociais das estruturas sociais. Analisar a estrutura social é identificar as assimetrias, as diferenças e as divisões. Envolve a tentativa de estabelecimento de critérios, categorias e princípios subordinados a estas diferenças, que garantem seu caráter sistemático e durável. Faz-se necessário que o pesquisador proponha critérios, formule categorias e faça diferenciações que ajudem a organizar a evidência das assimetrias constantes na vida social.

Para uma efetiva análise das condições sócio-históricas, pode-se ainda, por último, analisar os meios técnicos de construção de mensagens e sua transmissão. As formas simbólicas são trocadas entre as pessoas e necessariamente o são por um meio de transmissão, seja entre duas pessoas frente a frente, seja por meio de tecnologias eletrônicas, como o rádio ou a televisão, no caso de maior número de

pessoas. O meio técnico é um substrato material através do qual, e em meio ao qual, as formas simbólicas são produzidas e transmitidas.

A análise sócio-histórica tem como enfoque, assim,

reconstruir as condições e contextos sócio-históricos de produção, circulação e recepção das formas simbólicas, examinando as regras e convenções, as relações sociais e instituições, e a distribuição do poder, recursos e oportunidades em virtude das quais esses contextos constroem campos diferenciados e socialmente estruturados (THOMPSON, 1995, p. 369).

### 2.3.1.3. Análise formal ou discursiva

Existem várias maneiras de conduzir a análise formal ou discursiva do contexto, sendo o mais empregado a análise semiótica, que é o *estudo das relações entre os elementos que compõem a forma simbólica, ou o signo, e das relações entre esses elementos e os do sistema mais amplo, da qual o signo faz parte* (THOMPSON, 1995, p. 370). A análise semiótica pode ajudar a identificar os elementos constitutivos e suas relações, para os quais o sentido de uma mensagem é construído e transmitido.

A análise discursiva é a análise estrutural e das relações do discurso, sendo discurso entendido como a instância de comunicação presente. Vários métodos podem ser utilizados para a análise discursiva, entre eles a análise da conversação, onde o foco está no estudo das propriedades sistemáticas das várias formas de interação linguística e, nas situações concretas onde ocorrem, prestando atenção às maneiras como são organizadas (THOMPSON, 1995, p. 372).

Outro método é a análise sintática, que se preocupa com a sintaxe prática ou a gramática prática. Através dela se examinam algumas das maneiras como as formas gramaticais operam no discurso cotidiano, combinando, resumindo e apagando elementos através de processos de transformação (THOMPSON, 1995, p. 373).

Um terceiro tipo de método é a análise da estrutura narrativa desenvolvido no estudo do discurso político, sendo um

enfoque adotado para analisar como um discurso pode ir *contando uma história*, ou narrando uma sequência de acontecimentos. Ao estudar a estrutura narrativa, podemos identificar os efeitos narrativos específicos dentro de uma narrativa particular, ou descobrir seu papel na narração da história (THOMPSON, 1995, p. 373).

Por último, a análise argumentativa, apresenta

formas de discurso, como construções linguísticas supra proposicionais, [que] podem abranger cadeias de raciocínio que podem ser reconstruídas de várias maneiras. Essas cadeias de raciocínio geralmente não chegam a ser argumentos válidos, no sentido tradicional da lógica formal ou silogística; elas são, antes, construídas como padrões de inferência que conduzem de um tema, ou tópico, a outro, de uma maneira que seja mais ou menos convincente, mais ou menos implícita (THOMPSON, 1995, p. 374).

O objetivo primordial da análise argumentativa é reconstruir e tornar explícitos os padrões de dedução ou indução do discurso. Alguns métodos permitem ao analista romper o corpo do discurso em conjuntos de afirmativas, organizadas ao redor de temas e, partindo daí, mapear suas relações internas. A crítica argumentativa é especialmente útil no estudo do discurso de essência política, uma vez que este tipo de fala é apresentado na forma de argumento, proposições, asserções, tópicos ou temas, encadeados de maneira supostamente coerente e procurando, com a ajuda de adornos retóricos, persuadir uma audiência.

#### 2.3.1.4. Interpretação ou reinterpretação

A terceira e última fase da hermenêutica de profundidade é a interpretação ou reinterpretação, facilitada pelos métodos de análise formal ou discursiva. Na análise, procura-se desconstruir, fragmentar, dividir e tentar descobrir os padrões e efeitos que operam dentro das formas simbólicas ou discursivas. A explicação é construída sobre esta análise, bem como, também, sobre a análise sócio-histórica. A interpretação procede por síntese, buscando a construção de possíveis significados.

Por mais rigorosos e sistemáticos que os métodos da análise formal ou discursiva possam ser, eles não podem abolir a necessidade de uma construção criativa do significado, isto é, de uma explicação interpretativa do que está representado ou do que é dito (THOMPSON, 1995, p. 375).

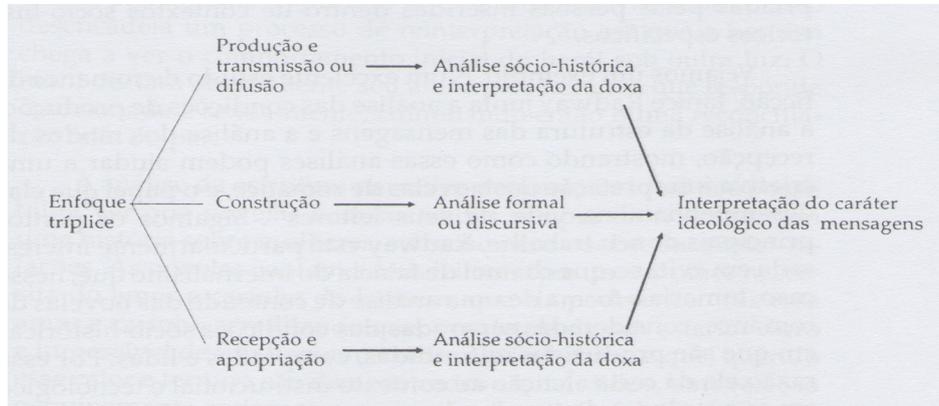
O processo de interpretação, apesar de utilizar os métodos de análise sócio-histórica e de análise formal ou discursiva, transcende a contextualização das formas simbólicas tratadas como produtos socialmente situados e o fechamento destas, como construções de uma estrutura articulada. As formas simbólicas representam algo, e é esse caráter transcendente que o processo de interpretação deve apreender. Thompson reflete que, quando a interpretação é realizada, há a oportunidade de se mostrar como as formas simbólicas servem, em circunstâncias específicas, para estabelecer relações de dominação.

A possibilidade de um conflito de interpretação é intrínseco ao próprio processo de interpretação. O referencial metodológico da hermenêutica de profundidade possibilita que se avaliem os méritos dos métodos específicos de análise, quaisquer que sejam eles, social-históricos ou formais ou discursivos. A metodologia da hermenêutica de profundidade permite, ainda, o uso de métodos particulares de análise e, ao mesmo tempo, alerta sobre seus limites e possíveis falácias.

A análise das formas simbólicas, mediadas pelos meios de comunicação de massa, pode ser feita mediante a identificação de três aspectos, que Thompson define como *enfoque tríplice*. O primeiro aspecto é o da produção e da transmissão ou difusão das formas simbólicas, ou seja, o processo de criação e propagação das formas. O segundo aspecto é a construção da mensagem pelos meios de comunicação, sendo que estas mensagens, transmitidas, são produtos estruturados, construções simbólicas complexas, com uma estrutura articulada. Por último, temos a recepção e a apropriação das mensagens dos meios. As mensagens são recebidas por pessoas, em diversos locais e situações, em condições sócio-históricas definidas, detentoras de recursos próprios e disponíveis para compreender o que

estão recebendo, capazes de incorporar tais mensagens, dentro de suas possibilidades à seus cotidianos (THOMPSON, 1995, p. 392). Pode-se avaliar esta situação na figura abaixo (2.6):

Figura 2.6. Desenvolvimento metodológico do enfoque tríplice



(THOMPSON, 1995, p. 395)

### 2.3.2. O processo da comunicação e a formação dos paradigmas

Os paradigmas permitem refletir de maneira simples sobre as diversas manifestações da informação e da comunicação em todos os âmbitos de sua realização. Os paradigmas de Harold Laswell e Claude Shannon alcançaram notoriedade por sua incidência na compreensão da investigação comunicativa, especialmente, informativa com focos diferenciados. Se o paradigma de Laswell tenta compreender a comunicação como um ato de estimulação de um receptor por parte de um emissor, através de estímulos comunicativos ou mensagens, o paradigma de Shannon abandona este aspecto social e se orienta para uma compreensão dos mecanismos de transmissão da informação, no marco de uma comunicação entre máquinas. Entende-se que *um paradigma é um modelo ou padrão aceito e obtem seu status como tal, dependendo do êxito que tem para resolver problemas que um grupo reconhece por serem agudos* (SAPERAS, 1992, p. 73).

Os paradigmas de Laswell e Shannon permitiram um primeiro esboço dos elementos permanentes a todo o tipo de processo de comunicação, podendo impulsionar a ampliação do conhecimento

dos elementos incorporados em cada paradigma. Os paradigmas informativos se fundamentam no estabelecimento de modelos de caráter gráfico e conceitual. Pode-se encontrar em Aristóteles um precedente na definição do que seja um discurso, no capítulo III de **Retórica**. Ali se define o discurso *como o resultado da ação do indivíduo que fala, o indivíduo a quem se fala e por último, aquilo que se fala* (SAPERAS, 1992, p. 75). Modernamente, diríamos o emissor, o receptor e a mensagem.

### 2.3.2.1. O paradigma de Laswell

Segundo Saperas, o paradigma de Harold Laswell, pioneiro na investigação informacional, publicado em sua versão definitiva, em 1948, ***The structure and function of communication in society*** (A estrutura e a função da comunicação na sociedade), destaca que qualquer ato de comunicação pode ser convenientemente descrito mediante a resposta às perguntas *quem, disse o quê, em que canal, para quem e com que efeito?* (SAPERAS, 1992, p. 75).

Figura 2.7. Paradigma de Laswell



Na definição oferecida por Laswell, ele se refere ao ato da informação e não ao processo de comunicação, onde o uso da expressão *ato* resulta decisiva para a compreensão do paradigma e sua posterior influência na investigação norte-americana. Laswell fundamenta sua análise na psicologia condutivista e nas experiências dos estímulos sobre os seres humanos. Ele pressupõe uma ideia estática dos componentes da comunicação, quando qualquer variável pode ser estudada isoladamente, de forma segmentada e parcial (SAPERAS, 1992, p. 76). Partindo da identificação dos componentes do

ato de informação, Laswell procede a um planejamento da investigação, atribuindo a cada componente um tipo de análise específica. O desenvolvimento destes cinco tipos de análises será multidisciplinar, relacionando sociologia, psicologia social, filosofia, antropologia, teoria matemática da informação, ciência política e semiótica.

Figura 2.8. Definições de Laswell



O paradigma de Laswell foi produto de sua época e de um ambiente acadêmico dominante do século passado, nos anos 1930, nos Estados Unidos, respondendo a determinadas condutas da psicologia daquele momento. O paradigma sofre algumas críticas, como o fato de haver insistido na necessidade de considerar a comunicação como um processo, e não no como um ato que permita o desenvolvimento de diversas relações. Além disto, há uma predisposição em assegurar que o emissor sempre gera um efeito sobre a audiência, desconsiderando um conhecimento prévio desta mesma plateia. O paradigma provoca uma segmentação excessiva dos componentes da comunicação e acaba pressupondo uma direção única da comunicação, sem incorporar nenhum elemento de resposta ou *feed-back* (SAPERAS, 1992, p. 79).

Um paradigma não requer, necessariamente, que haja homogeneidade das regras metodológicas ou da própria atividade de investigação, e acaba por estabelecer um marco geral para a compreensão do problema mais significativo. Laswell ofereceu um modelo global para o desenvolvimento da investigação sobre a comunicação.

#### 2.3.2.2. O paradigma de Shannon

A pesquisa sobre a comunicação esteve, também, sob a influência da física e da matemática, através da teoria desenvolvida nos anos 1940, por Claude Shannon e Warren Weaver, que buscaram uma descrição absolutamente científica do processo de comunicação. Sua influência deve ser considerada, tanto por sua natureza científica, como por seu impacto na investigação comunicativa, orientada para o processo de caráter social e político. O tema da comunicação foi amplamente estudado por físicos, no início da década de 1940, quando a inovação tecnológica permitiu a produção de máquinas capazes de processar um número crescente de informações. Acabou sendo um reflexo da terceira revolução industrial, concentrada nos meios eletrônicos destinados a recolher, processar, transmitir e armazenar todo o tipo de informação (SAPERAS, 1992, p. 80-81).

Estes investigadores pretendiam estudar quais seriam as condições gerais, que permitem a transmissão das mensagens, independentemente de quais sejam as mensagens emitidas. Desta forma, poder-se-ia estudar temas como a quantidade de informação, como emitir a máxima quantidade delas no menor tempo possível, com a máxima clareza e a menor redundância possível. A esta teoria foi dada o nome de *teoria matemática da informação*.

O paradigma de Shannon pode ser compreendido, através de seis componentes: a fonte da informação, o transmissor, o canal, a fonte de ruído, o receptor e o destinatário. A fonte da informação é aquele componente do processo de informação que determina o grau de complexidade da mensagem a ser transmitida. Sua tarefa se caracteriza pela intenção comunicativa ou por uma programação prévia que atua segundo condições pré-determinadas. O transmissor é o meio técnico, que transforma a mensagem em sinais emitidos. O canal é o meio físico pelos quais os sinais emitidos podem ser transportados a uma distância, grande ou pequena, e apresenta uma determinada capacidade de transporte dos sinais, por unidades de tempo. A fonte de ruído é o caso em que se produzam deficiências no sinal. O receptor é aquele engenho mecânico que, uma vez recebidos os sinais, transforma-os em mensagens originais. Por último, o

destinatário, componente terminal da comunicação, que recebe a mensagem original da fonte da informação, sendo o elemento crucial para avaliar a fidelidade da transmissão da informação. O destinatário pode interpretar e receber a mensagem mediante a capacidade de decodificação exercida pelo receptor (SAPERAS, 1992, p. 82-83).

### 2.3.2.3. As teorias da comunicação

Tanto os paradigmas de Laswell quanto os de Shannon investigam a comunicação, porém de forma mais completa que o campo da informação. É importante diferenciar *informação* de *comunicação*. Segundo Dominique Wolton, a comunicação é mais complexa por três motivos: primeiro, porque, se não existe comunicação sem informação, a comunicação é sempre mais difícil; em segundo lugar, há uma contradição entre a legitimidade da informação e o descrédito da comunicação; e, por último, não há informação sem um projeto de comunicação (WOLTON, 2010, p. 12).

É falso pensar que basta proporcionar sempre mais informações para informar, uma vez que a onipresença da informação torna a comunicação ainda mais difícil. *A informação é a mensagem, enquanto a comunicação é a relação, que é muito mais complexa* (WOLTON, 2010, p. 12).

O aumento da circulação de informações, que se tornou abundante, não aumenta a comunicação, já que sua concretização é que passou a ser raridade. A informação pode ser dividida em três categorias principais: a *oral*, a *imagética* e a *textual*. Por sua vez, a comunicação ocorre por três motivos principais: *compartilhar*, pois viver é comunicar se e realizar trocas com os outros, de modo frequente e autêntico; *seduzir*, que é inerente às relações humanas; e *convencer*, ligada a todas as lógicas de argumentação. Comunicar está ligado ao compartilhamento, aos sentimentos e ao amor (WOLTON, 2010, p. 17).

Partindo do pressuposto de que a comunicação é a troca de mensagens, entende-se que o processo é, antes de tudo, uma atividade objetiva. Ela ocorre através da linguagem, capacidade

pertencente apenas ao ser humano. Como o ser humano é um ser social, a comunicação é um fenômeno eminentemente social. Ela pode se dar na relação intrapessoal, dentro de um grupo ou de forma massiva, através da mídia, ou veículos de massa (HOHLFELDT, 2001, p. 61).

A definição mais imediata para a questão do que é comunicação é que se trata de *um objeto que está à nossa frente, disponível a nossos sentidos, materializado em objetos e práticas que podemos ouvir, ver e tocar* (FRANÇA, 2001, p. 39). A comunicação pertence ao domínio do real, tem uma existência sensível, tratando-se de um fato concreto e cotidiano.

A comunicação, como processo *social básico de produção e partilhamento do sentido, através da materialização de formas simbólicas* (FRANÇA, 2001, p. 41), sempre existiu e não foi inventada pelos meios de comunicação de massa. A modernidade apenas deu abrangência e velocidade no compartilhamento das informações, disponibilizando globalmente um volume crescente de informações.

O processo evolutivo da comunicação se acelera no século XX, através da tecnologia. O telégrafo, a radiodifusão, o telefone, o fonógrafo e o cinema mudaram a forma de se comunicar, imprimindo velocidade e quantidade de fontes de informação. Ela deixa de ser um elemento elitista e passa a divertir e informar as massas, num processo contínuo e constante. A comunicação começa já nos primeiros dias de nossas vidas, e ao longo do tempo, aprendemos as formas comunicativas de nossa cultura, reconhecendo os modelos com que defrontamos. A constante exposição aos meios de propagação fazem deles práticas comuns e familiares, presentes em todos os aspectos da vida humana. Todo esse processo se amplia ainda mais no século XXI.

Diversas correntes teóricas podem ser consideradas para a construção do entendimento sobre a matéria. Nos Estados Unidos, no início do século XX, pesquisadores como Robert Park e outros da Escola de Chicago promoviam estudos, tendo a *cidade* como local de observação. No mesmo período, o estudo da *Semiótica*, por

Charles Pierce, introduz o estudo dos processos de formação dos significados a partir de uma perspectiva pragmática. Nos anos 1930, novamente em Chicago, inaugura-se o termo *interacionismo simbólico*. Nos anos 1940, surge a proposta, por vários pesquisadores, de uma abordagem para a comunicação como um processo social permanente (ARAÚJO, 2001, p. 119).

O desenvolvimento de teorias sobre a comunicação se acelera na mesma velocidade que o avanço tecnológico permite o avanço da própria comunicação. A busca de uma ou de várias explicações sobre o fenômeno se dá com os pesquisadores envolvidos plenamente no próprio processo.

Pode-se, ainda, citar a *teoria hipodérmica* ou a *teoria da bala mágica* de Harold Laswell, pela qual os meios de comunicação são vistos como onipresentes, causa única e suficiente dos efeitos causados pela comunicação (ARAÚJO, 2001, p. 125).

Ainda, se pode acrescentar os estudos da Escola de Frankfurt, formada por pensadores como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Erich Fromm, Herbert Marcuse e, numa segunda geração, Jürgen Habermas. Pensadores independentes, tinham interesses diversos e foram agrupados pelo projeto de construção de uma ampla teoria crítica sobre a sociedade. Eles trataram dos processos civilizatórios modernos, o destino do ser humano na era da técnica e da política, as artes em geral e a crescente importância dos fenômenos da mídia e da cultura de mercado na formação da vida cotidiana. Para eles, as comunicações somente poderiam ser estudadas à luz do processo histórico global da sociedade (RÜDIGER, 2001, p. 132).

Outra corrente importante no estudo da comunicação é a escola do pensamento francês. Vários autores se destacam, entre eles Pierre Bourdieu, Edgar Morin, Michel Maffesoli, Jean Baudrillard, Dominique Wolton, Roland Barthes e Michel Foucault. Sem se aprofundar nestes nomes, estudar-se-á, no próximo ítem, a teoria de Patrick Charaudeau sobre o discurso político e o discurso das mídias, utilizada prioritariamente nesta dissertação.

Entre os anos de 1920 e 1970, um sem-número de teorias foram desenvolvidas, podendo ser agrupadas em vários blocos, como: teoria hipodérmica ou de manipulação, teorias empíricas de campo ou experimentais (também denominadas de persuasão), teoria funcionalista, teoria estruturalista, teoria crítica ou teoria da Escola de Frankfurt, teorias comunicativas, entre outras tantas. Diferenças entre os paradigmas norte-americanos, descritivistas e burocráticos e europeus, sociológicos e ideológicos, separavam os campos de estudo. Foi então, a partir dos anos 1970, que surgiram o que se chama de *communication research* (pesquisa de comunicação), pela qual diversos pesquisadores propunham trabalhos em equipes, cruzando teorias e disciplinas, a fim de melhor compreender o processo comunicacional (HOHLFELDT, 2001, p. 187-188).

Desta evolução de pensamento surge, com o norte-americano Maxwell McCombs, outra teoria a ser considerada: a *agenda setting* ou teoria dos efeitos a longo prazo. Trata-se de uma

construção teórica que pensa a ação dos meios não como formadores de opinião, causadores de efeitos diretos, mas como alteradores da estrutura cognitiva das pessoas. É o modo de cada indivíduo conhecer o mundo que é modificado a partir da ação dos meios de comunicação de massa – ação esta que passa a ser compreendida como um *agendamento*, isto é, a colocação de temas e assuntos na sociedade (ARAÚJO, 2001, p. 129).

Contemporaneamente, diferentes teorias estão disponíveis para a análise e o entendimento sobre a comunicação. Essa liberdade de pensamento reflete um ambiente proposto há mais de dois milênios por Aristóteles. Cada vez mais atual, a retórica auxilia a construção de uma sociedade democrática, aberta ao discurso e à persuasão.

#### 2.4. A ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO

O entendimento do que seja um discurso político é desenvolvido por diferentes disciplinas, sem que haja um ponto de vista único. A filosofia, a sociologia, a psicologia social, a antropologia, as

ciências políticas e as ciências da linguagem, se interessam pelo tema e propõem estudos próprios. Para um linguista do discurso, trata-se de tomar posição quanto às relações entre linguagem, ação, poder e verdade, para que se possa determinar a problemática específica na qual será estudado o discurso político.

Para que o discurso político exista, ele deverá ocorrer num campo político, onde as questões da *ação política*, de sua finalidade e de sua organização, as *instâncias* que são partes interessadas e os *valores* em nome das quais as ações são realizadas e interagem simultaneamente.

Todo o ato de linguagem emana de uma pessoa em relação a outra, segundo um princípio de *alteridade* quando, sem a existência do outro, não existe consciência de si. Dessa relação nasce o princípio de *influência*, para que esse outro pense e atue segundo a intenção do primeiro. Para equilibrar os interesses das partes, a relação é regida por um princípio de *regulação*. Estes três princípios são os fundadores do ato de linguagem, que os inscrevem em um cenário de ação (CHARAUDEAU, 2006, p. 16). Este ato de linguagem está ligado às relações de força que os sujeitos mantêm entre si, que acabam construindo, num mesmo tempo, o vínculo social.

É a ação política que, idealmente, determina a vida social ao organizá-la, tendo em vista a obtenção do bem comum. Concomitantemente, é ela que permite que uma comunidade tome decisões coletivas, pois se entende que as pessoas desejam viver em comunidade (CHARAUDEAU, 2006, p. 17). A instância política, que é de decisão, deve, portanto, agir em função do *possível*, sendo que a instância cidadã a elegeu para realizar o *desejável*. Por fim, os valores correspondem às ideias que defendemos neste espaço de discussão (CHARAUDEAU, 2006, p. 19-20).

O estudo do discurso político *trata de definir uma forma de organização da linguagem em seu uso e em seus efeitos psicológicos e sociais, no interior de determinado campo de práticas* (CHARAUDEAU, 2006, p. 32). A análise do discurso político partilha de pontos de vista da *filosofia política* e das *ciências políticas*. A filosofia política discute que

tipo de relação deve existir entre um poder governante e o restante da sociedade, ou seja, entre o Estado e a cidadania, tendo por objeto as diferentes formas possíveis de racionalidade política.

Já a ciência política procura *tornar evidentes as normas que se instauram como princípios de governança, revelar as razões que as instituem e medir seus efeitos sobre o estado das sociedades* (CHARAUDEAU, 2006, p. 34). Desta forma, são estudados os comportamentos dos atores políticos, os processos que conduzem a reações e as escolhas diante dos acontecimentos sociais. Estes estudos têm por perspectiva não só tirar lições, mas antever o futuro.

Na análise do discurso, portanto, questiona-se sobre os discursos que tornam possíveis o surgimento de uma racionalidade política e a regulação dos fatos políticos. Surgida na França, a análise do discurso desenvolveu-se a partir de um *corpus*, eminentemente, político. Nos dias atuais, os estudos procuram combinar vários modelos: uma análise *lexicométrica*, que busca determinar os usos semânticos e os posicionamentos dos locutores implicados no campo político; uma análise *enunciativa*, que observa os hábitos locucionais, além das posições ideológicas; e uma análise *argumentativa*, que procura evidenciar as lógicas de raciocínio sob os posicionamentos apresentados (CHARAUDEAU, 2006, p. 37-38).

A questão da metodologia utilizada para a análise do discurso político varia significativamente. Alguns trabalham, estatisticamente, com as palavras; outros aplicam técnicas de análise de conteúdo; certos pesquisadores utilizam um *corpus* aberto, enquanto outros se valem de um *corpus* fechado. Enfim, a questão mais abrangente da finalidade de uma análise dos discursos políticos é revelar o que é a realidade do poder, evidenciar que não poderia haver ação política se não houvesse discurso que lhe conferisse sentido ou conteúdo. Para Charaudeau,

o discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discurso (...). Qualquer enunciado, por mais inocente que seja, pode ter um sentido político a partir do momento em que a situação o autorizar. Mas é igualmente verdade

que um enunciado aparentemente político pode, segundo a situação, servir apenas de pretexto para dizer outra coisa que não é política a ponto mesmo de neutralizar seu sentido. Não é, portanto, o discurso que é político, mas a situação de comunicação que assim o torna (CHARAUDEAU, 2006, p. 39 e 40).

As estratégias do discurso político trabalham para que haja um sentido na direção de gerar adeptos. O comportamento das massas depende de discursos simples, carregados de mitos e símbolos, que encontrem eco em suas crenças, suscetíveis de provocar uma adesão instantânea. O sujeito político procura se mostrar crível e persuadir o maior número de pessoas que compartilhem valores semelhantes. Ele deve, *portanto, fazer prova da persuasão para desempenhar este duplo papel de representante e fiador do bem-estar social* (CHARAUDEAU, 2006, p. 79).

Volta-se, aqui, à relevância da retórica e da persuasão. As estratégias discursivas, empregadas pelo agente político para atrair a atenção e a simpatia do público, dependem de sua própria identidade social, da maneira com que se relacionam com a opinião pública e da posição dos concorrentes ou parceiros políticos. Para o político, o sucesso de seu discurso se dá quando, definida sua imagem como confiável, parte, através da sedução e da palavra com fins de persuasão, para apresentar e conquistar adesão ao seu projeto político (CHARAUDEAU, 2006, p. 84).

No caso do discurso político em período de guerra, o líder deve buscar a motivação de suas tropas e das populações locais pela união para a destruição do inimigo, ou para a resistência, em luta pela liberdade. A forma do discurso, também, é adaptada à condição da luta e à situação do momento. Durante a Segunda Grande Guerra, Winston Churchill notabilizou-se por uma retórica envolvente, que visava manter alta a moral do povo e das tropas inglesas, contra uma quase invencível máquina de guerra nazista. Do outro lado, Adolf Hitler atraía multidões para a causa nazista, espalhando o ódio a todos aqueles que não fossem arianos puros, especialmente contra os judeus. O discurso político, em tempos de guerra, tem outro enfoque, não menos importante, a ser considerado, quando numa pesquisa.

Em **Discurso das mídias**, (2009), Charaudeau defende que o discurso resulta da combinação de circunstâncias em que se fala ou escreve, com a maneira pela qual se fala. O objetivo do homem, ao se expressar, é colocar-se em relação com o outro, pois disso depende sua própria existência. É falando com os outros que se comenta, descreve e estrutura o mundo. Assim,

todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação. E isso também é verdade para o discurso da informação. O sujeito informador, capturado no processo de transação, só pode construir sua informação em função dos dados específicos da situação de troca. É, pois, inútil colocar o problema da informação em termos de fidelidade aos fatos ou a uma fonte de informação. Nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe e da coincidência ou não coincidência deste com o tipo de receptor que interpretará a informação dada. A interpretação se processará segundo os parâmetros que são próprios ao receptor, e que não foram necessariamente postulados pelo sujeito informador. Toda informação depende do tratamento que lhe é imposto neste quadro de transação (CHARAUDEAU, 2009, p. 42).

Não se pode confundir o que seja *valor de verdade* e *efeito de verdade*. É uma questão de verdade, mas, também, uma questão de crença. Verdade e crença estão, intrinsecamente, ligados no imaginário, mesmo que sem uma definição universal. O valor de verdade, na sociedade ocidental judaico-cristã, depende da crença que ela já existe e sua manifestação se encontra no estado de pureza e inocência. A verdade seria exterior ao homem, mas este apenas poderia alcançá-la através de seu sistema de crenças.

O valor de verdade não é empírico. Charaudeau comenta que *ele se realiza através da construção explicativa elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica que se quer exterior ao homem*. (CHARAUDEAU, 2009, p. 49).

A verdade é objetiva e pode ser definida como um conjunto de técnicas que permite a construção de um *ser verdadeiro*, erudito, baseado em textos pertinentes (CHARAUDEAU, 2009, p. 49).

O efeito de verdade está mais ligado a uma sensação de *acreditar ser verdadeiro*. Surge da objetividade do sujeito em sua

relação com o mundo. Ao contrário do valor de verdade, baseado em evidências, o efeito baseia-se na convicção. O que está em jogo, aqui, é a busca da credibilidade, aquilo que determina um direito à palavra de quem comunica e às condições de validade da informação emitida.

#### 2.4.1. Formação Discursiva

A noção de *formação discursiva*, ainda que polêmica, é básica para a análise do discurso, pois permite compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e o estabelecimento de regularidades no desenvolvimento do discurso. Pode-se definir como formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, inserida numa conjuntura sócio-histórica, determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2007, p. 43).

Pode-se afirmar que o sentido de um discurso é determinado pelas posições ideológicas colocadas em balanço no processo social e histórico em que as palavras são produzidas (ORLANDI, 2007, p. 42). As palavras ganham sentido segundo aqueles que as empregam, em relação às formações ideológicas nas quais estas posições se inserem.

As palavras não tem sentido nelas mesmas, mas derivam das formações em que se inscrevem, fazendo com que estes sentidos sejam determinados ideologicamente. Toda palavra é sempre parte de um discurso e umas falam com as outras. Todo discurso se compara na relação com outro, presente ou passado (ORLANDI, 2007, p. 43).

Os sentidos não estão pré-determinados pelas propriedades da língua, mas dependem das relações constituídas pelas formações discursivas. Não são blocos homogêneos, e suas fronteiras são fluídas, alterando-se continuamente, conforme suas relações. Estas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente nas suas relações (ORLANDI, 2007, p. 44).

Logo, a noção de *metáfora* é obrigatória na análise do discurso. A metáfora é aqui definida como a tomada de uma palavra por outra e não, como na retórica, como figura de linguagem (ORLANDI, 2007, p. 44).

É através da formação discursiva que podemos compreender os diferentes sentidos em que palavras, aparentemente iguais, podem ter significados diferentes, porque se inscrevem em formações discursivas de maneira diversa.

#### 2.4.2. Imagem e mensagem

A mensagem, distribuída através dos discursos de Winston Churchill, ganha força e eficiência através da credibilidade do emissor. A construção da mensagem é paralela à credibilidade do orador, uma fortalece e retroalimenta a outra. Neste tópico, analisa-se a efetividade da mensagem através da coerência do emissor, e da coerência dos elementos teóricos de que lança mão.

Aristóteles propôs dividir os meios discursivos em três categorias: o *logos*, de um lado, que pertence ao mundo da razão e permite convencer; o *ethos* e o *pathos*, de outro lado, que pertencem ao domínio da emoção e, portanto, tornam possível emocionar. O *pathos* está voltado para o auditório e o *ethos*, para o orador (CHARAUDEAU, 2006, p. 113). Os analistas do discurso inscrevem o *ethos* no ato da enunciação, no próprio dizer do sujeito que fala, situando-o na aparência do ato de linguagem, naquilo que o sujeito falante dá a ver e a entender.

De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; é a imagem na qual se traveste o enunciador, a partir daquilo que diz. Para construir uma mensagem emitida através da imagem do sujeito que fala, o receptor se apoia, ao mesmo tempo, nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe antes sobre o assunto, e o locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2006, p. 115). A mensagem é dirigida à uma plateia, como observa-se na figura 2.8, à página 56

deste trabalho. O locutor transmite seu conteúdo através de um canal para uma audiência com o intuito de gerar um efeito.

Embora cada pessoa seja um indivíduo, forja-se essa individualidade mediante as relações com os outros. Seres são, ao mesmo tempo, coletivos e individuais. Duas componentes que, ao dialogarem entre si, se enriquecem mutuamente e se determinam reciprocamente (CHARAUDEAU, 2006, p. 51).

Em sua construção de imagem, o orador precisa construir antes sua identidade. Em princípio, o sujeito mostra-se com sua identidade social de locutor e esta lhe dá o direito à palavra e funda sua legitimidade de um ser comunicante, em função do papel que lhe fornece a comunicação. Após isto, o sujeito constrói para si uma figura daquele que enuncia, uma identidade discursiva de enunciador, resultado das estratégias escolhidas para serem seguidas. O sujeito aparece, então, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é reconhecida e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si (CHARAUDEAU, 2006, p. 115). O sentido veiculado por nossas palavras depende daquilo que somos e do que dizemos.

Na medida em que o *ethos* está relacionado à percepção das representações sociais que tendem a consolidar esta visão, ele pode dizer respeito tanto aos indivíduos como os grupos. Os grupos acabam por julgar outros grupos com base em um traço de sua identidade (CHARAUDEAU, 2006, p. 117).

O *ethos* pode ser distinguido em duas categorias e depois subdividido novamente: primeiro, a *credibilidade*, definida por sua *seriedade*, *virtude* e *competência*; e depois, a identificação em *potência*, *caráter*, *inteligência*, *humanidade*, *liderança* ou *chefia* e *solidariedade*.

A *credibilidade*, assim como a *legitimidade*, é o resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, de modo que os outros possam julgá-lo como *uma pessoa digna de crédito*. Alguém pode ser assim julgado se existirem condições de verificar que aquilo que ele diz efetivamente corresponde à realidade, se

ele tem os meios de por em prática o que promete e se o que anuncia é aplicado de forma eficiente (CHARAUDEAU, 2006, p. 119).

O *ethos* da virtude constroí-se quando o orador é quem dá o exemplo. Exige que o político demonstre sinceridade, fidelidade, transparência e honestidade pessoal, mas isso só se edifica através do tempo. O *ethos* da *competência* exige de seu possuidor saber e habilidade, conhecimento profundo de sua atividade. Ele deve provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para alcançar os objetivos propostos (CHARAUDEAU, 2006, p. 119-136).

Toda a construção da imagem e da mensagem se faz em uma relação triangular entre *si*, o *outro* e um *terceiro* ausente, portador de uma imagem ideal de referência: o *si* procura endossar essa imagem ideal e o *outro* se deixa levar por um comportamento de adesão. No discurso político, as figuras estão, ao mesmo tempo, voltadas para si, para o cidadão e para os valores de referência (CHARAUDEAU, 2006, p. 137). Alguns tipos de imagem que se podem destacar, recorrentes no discurso político, são aquelas mais voltadas para si mesmas, como o *ethos* de potência, caráter, inteligência e humanidade. O *ethos* de chefia ou de liderança está orientado para o cidadão.

De forma sucinta, o *ethos* de *potência* é visto como a energia física do emissor. O *ethos* de *caráter* refere-se mais à força do espírito do que do corpo e transparece nas variantes da polêmica ou da provocação. O *ethos* da *inteligência* pode produzir a admiração. Trata-se de considerá-la como um imaginário coletivo que testemunha a maneira como os membros de um grupo concebem e valorizam determinada personagem. Essa imagem depende do capital cultural que o político herdou de sua origem social e de sua formação, mas ganha peso somente se confirmada em suas ações recentes. O *ethos* da *humanidade* compõe um imaginário onde o ser humano é mensurado por sua capacidade de demonstrar emoções, sentimentos, ou compaixão mas, ao mesmo tempo, a capacidade de confessar suas fraquezas (CHARAUDEAU, 2006, p. 138-152).

O *ethos* da *chefia* se direciona ao cidadão para o qual o político deve sua posição e a quem precisa prestar contas. Ele se

manifesta através das figuras do *guia*, *soberano* e/ou *comandante*. No caso do *guia*, é como se, consciente de sua incapacidade, o grupo precisasse de um ser superior para guiá-lo, frequentemente, um ser considerado fora do comum, um herói. A figura do *comandante* participa de forma mais autoritária e agressiva, capaz de transformar-se em um senhor da guerra.

Por fim, o *ethos* da *solidariedade* faz do político um homem atento às necessidades dos outros, possuidor da vontade de estar junto aos outros e de unir-se a eles a partir do momento em que estiverem sendo ameaçados (CHARAUDEAU, 2006, p. 153-163).

#### 2.4.3. Efeitos de sentido

Os *efeitos de sentido* são as situações geradas no espaço, através do qual enunciador e destinatário são construídos pelo locutor. Os efeitos de um texto não dependem somente da intenção daquele que o produz pois são portadores tanto de efeitos visados pelo locutor, como de efeitos produzidos pelo interpretante. Tais efeitos decorrem dessa soma de efeitos de sentido que são os *efeitos possíveis*. Do ponto de vista de seu conteúdo, um texto possui sentidos múltiplos, plurais, trazendo em si um conjunto de sentidos possíveis, como resultado de diversos encontros que deram lugar, cada um, a uma co-construção específica ([www.patrick-charadeau.com](http://www.patrick-charadeau.com)).

Os meios discursivos resultam de uma intenção e de uma ação voluntária da parte do sujeito que fala. Ele os utiliza de forma às vezes consciente, mas muitas vezes inconscientemente, que podem ser mais ou menos intensamente percebidos pelo interlocutor ou pelo público. Os procedimentos discursivos que contribuem para a fabricação do entendimento são diversos, podendo resultar numa imagem positiva ou negativa, do orador ou do adversário (CHARAUDEAU, 2006, p. 167).

Os efeitos de sentido são atingidos, inicialmente, através de procedimentos expressivos, ou seja, a enunciação da palavra em sua forma oral. Cada locutor tem uma maneira de falar que lhe é

própria, que depende de seus comportamentos ou de papéis sociais definidos. Constituem-se através de julgamentos intuitivos e representações fundadas em diversos fatores, como o caráter vocal das produções verbais, sua *vocalidade* (CHARAUDEAU, 2006, p. 169). Pode-se caracterizá-la como o *bem falar*, *falar forte*, *falar tranquilo* ou o *falar regional*.

O *bem falar* resulta do conceito de expressar-se de forma elegante, culta ou com estilo, e acaba por designar as qualidades do orador como sendo de uma posição social hierárquica elevada. Pode-se efetivar através de procedimentos semiológicos, como uma dicção lenta, um ritmo cadenciado, articulação estudada ou uma pronúncia bem cuidada. O orador deve ter o cuidado a não parecer demasiado professoral, parecer estar apenas declamando um texto e evitar excessos. O *falar forte* evoca um imaginário de potência, gestualidade ampla e uma certa encenação do desempenho retórico.

O *falar tranquilo* evoca caráter, inteligência e liderança. Caracteriza-se pelo desenvolvimento de uma conversação familiar, em tom de confiança. Transcorre de forma incisiva, controlada, para parecer natural, demonstrando uma figura paternal e soberana, remetendo à ideia de uma pessoa capaz de controlar, uma vez que transparece ser possuidor, em seu íntimo, de uma força fora do comum (CHARAUDEAU, 2006, p. 172).

Por último, os procedimentos enunciativos permitem àquele que fala colocar-se em cena, implicar seu interlocutor no mesmo ato de linguagem, ou apresentar o que é dito como se ninguém estivesse implicado (CHARAUDEAU, 2006, p. 174). A *enunciação elocutiva* revela-se com a ajuda de *pronomes pessoais de primeira pessoa através de verbos modais, de advérbios e de qualitativos que revelam a implicação do orador e descrevem seu ponto de vista pessoal*. A *elocução* pode ser representada pelas modalidades do *compromisso* (o *ethos* do guia supremo), da *convicção* (o *ethos* da virtude), e a da *confissão* (o *ethos* da humanidade).

A *enunciação elocutiva* expressa, com a ajuda do *nós*, a presença de um *ethos* de solidariedade, na convicção, no dever ou na ação.

A *enunciação alocutiva* expressa-se através de *pronomes pessoais de segunda pessoa, acompanhados de verbos modais, de qualificativos e de diversas denominações que revelam a implicação do interlocutor*, assim como o lugar que designa o locutor e a relação que se estabelece entre eles. Essa maneira de implicar o interlocutor tem o efeito de fabricar uma imagem determinada do locutor (CHARAUDEAU, 2006, p. 176). Utilizam-se modalidades de tratamento, obrigatórios de toda declaração política e de solicitação, sob a forma de interpelação retórica.

Por fim, a *enunciação delocutiva* apresenta o que é dito como se a palavra dada não fosse responsabilidade de nenhum dos interlocutores e dependesse apenas de um ponto de vista externo, de terceiros, uma *voz da verdade*. Este modo é utilizado para a construção de uma figura de grandeza, acima das massas, ainda que possa produzir certa distância, frieza ou arrogância (CHARAUDEAU, 2006, p. 178-9).

#### 2.4.4. Efeitos do silêncio

Os *efeitos do silêncio* são resultantes do que pode ser considerado, tanto como parte da retórica da dominação e da opressão, como de sua contrapartida, a retórica do oprimido e da resistência. O silêncio é matéria significativa e pode expressar a realidade do discurso (ORLANDI, 1992, p.35).

É necessário entendê-lo, não como ausência de palavra, mas como condição de existência da própria palavra. O que existe é a constituição simultânea de ideias, silêncios e palavras; é o intervalo entre as palavras que dá sentido à linguagem. Em síntese, a palavra não é aquilo que existe para suprimir o silêncio, que existe apesar do silêncio, mas existe graças a ele (NOVAES, 1999, P. 13).

A consideração do silêncio pode auxiliar na compreensão das questões relativas ao contato entre culturas distintas, a relação entre sistemas simbólicos ou práticas discursivas e diferentes formas de autoria (ORLANDI, 1992, p. 159). Isto permite afirmar que não se pode compreender o funcionamento da linguagem sem entender o efeito do silêncio nos processos de comunicação e de significação.

O estudo do silêncio leva a bem perceber a construção de uma relação entre a dimensão do dito e do não-dito e o elo que existe entre o dito e a exterioridade que o determina. O silêncio coloca-se, na análise do discurso, frente à natureza histórica da significação (ORLANDI, 1992, p. 160). Assim, ele tem uma função nas ilusões construtivas da linguagem, enquanto condição para o movimento e um lugar possível para o sujeito e os sentidos, passando a ser uma possibilidade de o dizer vir a ser outro. Orlandi afirma que

o silêncio fundamenta o movimento da interpretação. Ele é o ponto de apoio do giro interpretativo. Que produz o efeito de sustentação da ilusão do sujeito como origem de si e dos sentidos: o sujeito não se vê como interpretando, mas como dando sentido. Porque pode estar em silêncio, porque pode significar em silêncio (ORLANDI, 1992, p. 164).

Pode-se compreender o silêncio para além da divisão entre explícito e implícito ou entre pressuposto e subentendido, para ver que a relação com o não-dizer abre espaço de recorrência nos processos de significação. Através dele, ocorre um efeito produzido pela sua relação com o não-dito, cujo resultado é o que está implícito. Ser literal ou implícito é um efeito. Com o silêncio, ultrapassa-se o sentido do não-dito como aquilo que pode-se dizer, mas não é necessário ou preciso.

## 2.5. SOBRE A ESCOLHA DO MODELO TEÓRICO

Esta dissertação tratará de evidenciar, através do modelo teórico da Hermenêutica de Profundidade, de John Thompson, e da

teoria da análise dos discursos, de Patrick Charaudeau, os efeitos de discurso buscados por Winston Churchill.

Avaliando os discursos de Winston Churchill durante a Segunda Guerra Mundial, procurar-se-á verificar a importância e a força dos argumentos, sob a ótica de um poderoso emissor que se dirige a receptores ávidos por encontrar um líder que os conduzisse à vitória e à liberdade. Os efeitos desses discursos poderão ser interpretados através da pesquisa histórica, na bibliografia existente e nos arquivos disponíveis, em instituições e organizações ligadas à manutenção das informações sobre Winston Churchill, mas, sobretudo, tendo como base seus diferentes elementos retóricos.

### **3. CONTEXTO HISTÓRICO DOS DISCURSOS DE WINSTON CHURCHILL**

Sob o enfoque da Hermenêutica de Profundidade, a análise sócio-histórica é a reconstrução das condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Estas são produzidas (faladas, narradas, inscritas) e recebidas (vistas, ouvidas, lidas) por pessoas, em locais específicos, agindo e reagindo em tempos particulares e em locais específicos; a reconstrução desses ambientes é uma parte importante da análise (THOMPSON, 1995, p. 366).

#### **3.1. ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA**

A análise sócio-histórica visa a contextualizar o fato analisado, os discursos em meio à situação em que ocorrem ou ocorreram. Aqui, far-se-á a análise das situações espaço-temporais, dos campos de interação entre os fatos, o meio e as pessoas, as instituições sociais atuantes no período de análise, a estrutura social e os meios técnicos de transmissão da mensagem (THOMPSON, 1995, p. 366).

Segundo o mesmo autor, a primeira fase do enfoque da Hermenêutica de Profundidade é a análise sócio-histórica. Formas simbólicas não subsistem no vácuo. Elas são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas específicas (THOMPSON, 1995, p. 366).

O uso de símbolos é um traço distintivo da humanidade. Os seres humanos não apenas produzem, mas recebem expressões linguísticas significativas, como também conferem sentido a expressões não-linguísticas – ações, obras de arte, objetos e matérias de diversos tipos.

A segunda fase seria a análise das formas simbólicas dentro de campos de interação. Podemos visualizar um campo como espaço de posições e conjunto de trajetórias que, conjuntamente,

determinam algumas das relações entre pessoas e oportunidades que se tornam acessíveis a elas. Dentro destes campos de interação, as pessoas empregam uma quantidade própria de recursos, regras e convenções. Estes esquemas não são regras muito explícitas e claramente formuladas, porém estão implícitas e são, de alguma forma, tácitas. Existem na forma de conhecimento prático, não calculável, mas continuamente produzido nas atividades do dia-a-dia.

O terceiro nível da análise histórico-social se refere às instituições sociais. Estas podem ser vistas como conjuntos relativamente estáveis de regras e recursos, juntamente com relações sociais que são estabelecidas por eles. Analisar instituições sociais é reconstruir o conjunto de regras, recursos e relações que as constituem, é traçar seu desenvolvimento através do tempo e examinar as práticas e atitudes das pessoas que agem a seu favor e dentro delas. Podemos distinguir a análise destas instituições do estudo do que se poderia chamar de *estrutura social*, que se refere às assimetrias e diferenças estáveis que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação (THOMPSON, 1995, p. 367).

Finalmente, a tarefa primeira da Hermenêutica de Profundidade é reconstruir as condições e os contextos histórico-sociais de produção, bem como a distribuição de poder, recursos e oportunidades em virtude das quais esses contextos constroem campos diferenciados e socialmente identificáveis.

As características estruturais das expressões linguísticas podem ser analisadas formalmente. Em tais casos, podemos falar de *análise discursiva*, isto é, a análise das características estruturais e das relações do discurso. Por *discurso*, aqui, entende-se o termo com o qual Thompson se refere às *instituições de comunicação corretamente presentes* (THOMPSON, 1995, p. 371). Por conseguinte, o objeto de análise se dá através de casos concretos da comunicação do dia-a-dia, como uma conversa, um editorial, um discurso.

### 3.2. PERFIL DE WINSTON SPENCER CHURCHILL

Winston Spencer Churchill nasceu em 30 de novembro de 1874, no Palácio de Blenheim, dois meses antes do previsto. Sua mãe era norte-americana, Miss Jennie Jerome, e seu pai, Lord Randolph Churchill, político e membro da Câmara. Filho de um nobre inglês e de uma detentora de recursos financeiros, Churchill, desde cedo, vive entre o ocaso de um império e o surgimento de outro.

Segundo um de seus mais conceituados biógrafos, Lord Roy Jenkins, a ascendência de Churchill era aristocrática, e muitos viram nisso a chave mais importante de sua carreira. Porém Churchill foi demasiadamente facetado, idiossincrático e imprevisível para deixar-se enquadrar somente na circunstância de seu nascimento.

Churchill estudou na Harrow School<sup>7</sup> e, depois, na Real Academia Militar de Sandhurst<sup>8</sup>. Serviu ao exército em diversas posições, entre 1895 a 1924, participando de campanhas, missões ou batalhas em Cuba, na Índia, no Sudão e na África do Sul.

Além de militar, trabalhou como correspondente para jornais da Inglaterra. No jornalismo e na literatura encontrou os meios de ganhar a vida e manter a sua família, por muitos anos, uma vez que a atividade parlamentar não era remunerada, até depois da Segunda Grande Guerra. Sua produção literária engloba 15 títulos, em 32 volumes. Por **Memórias da Segunda Guerra Mundial - 1948-54**, Churchill recebeu, em 1953, o Prêmio Nobel de Literatura.

Outro grande título, que se pode destacar, é **A história dos povos de língua inglesa - 1956-8**, obra que traça um histórico da Inglaterra desde os tempos dos celtas, vikings e romanos, até a

---

<sup>7</sup> Harrow School – A escola foi fundada em 1572 por uma concessão dada pela rainha Elizabeth I à John Lyon, um fazendeiro em Middlesex. Em 1615 novas edificações foram agregadas. Churchill entrou na escola aos 12 anos, em abril de 1888, ali permanecendo até dezembro de 1892 (BALL, 2006).

<sup>8</sup> Real Academia Militar em Sandhurst – A Academia de Sandhurst, em Surrey, é onde todos os oficiais das forças armadas britânicas são formados e treinados para assumir as responsabilidades de liderança de tropas. Foi fundada em 1741, em Woolwich, para formar os cadetes da Real artilharia e o Corpo de Engenheiros. Churchill, após três tentativas, ingressou em Sandhurst, em 1893, formando-se com louvor, em dezembro de 1894 (BALL, 2006).

modernidade. O estadista desenvolveu, ainda, a pintura e trabalhou, constantemente, neste sentido. Em sua residência, em Chartwell, existe hoje um museu dedicado à sua memória, onde pode-se encontrar uma enorme quantidade de pinturas de sua autoria.

Sua vida política começa cedo, e é de uma grandiosa produtividade. Eleito membro do Parlamento pela primeira vez, em 1900, lá permaneceu até 1964, ausente somente por dois anos, entre 1922 e 1924. Participou de diversos gabinetes, como o de Secretário para Assuntos Internos, Ministro das Finanças (Lord of the Exchequer), Lorde do Almirantado (o equivalente a Ministro da Marinha), Secretário da Guerra, Ministro de Munições, Secretário da Aeronáutica e Primeiro Ministro, por duas vezes.

Político, membro do Parlamento, escritor, historiador, soldado, jornalista e pintor, Winston Churchill se destaca como personagem de ponta do século XX, participando de forma muito intensa, justamente pela paixão e pela atividade em todos os eventos importantes da primeira metade do século passado.

*Um grande homem se caracteriza pelo poder de deixar impressão duradoura nas pessoas que conhece*, disse Churchill, certa vez. Pensaria em si mesmo? Indubitavelmente, ele tinha consciência da força de sua presença. Sua existência não foi apenas longa, mas diversificada e repleta – repleta de amigos e de inimigos, plena de ação e de criatividade, polêmica e implacável. Houve muitos que o amaram, muitos que o odiaram e muitos que o amaram e odiaram ao mesmo tempo. Exuberante e mimado, infantil e inocente, gentil e cruel, curioso, mas teimoso, trabalhador incansável e generoso, porém, presunçoso e disposto a ocupar o centro das atenções, Churchill foi tudo isso (ENRIGHT, 2009, p. 13).

Nascido no auge do Período Vitoriano, nobre e ator de um império, ele soube transcender e liderar no momento em que foi exigido. O homem certo, na hora certa, Churchill certa vez comentou que esteve se preparando, por toda a vida, para o que viria a ocorrer na Segunda Guerra.

*Ele mobilizou a língua inglesa e a desdobrou para o combate*, disse John F. Kennedy, em 1963, então presidente dos EUA, quando outorgou a Churchill a cidadania norte-americana. Há os que acreditam que, durante a Segunda Guerra Mundial, foi o poder inspirador de seus discursos que sustentou o moral e, em última análise, conduziu os Aliados à vitória (ENRIGHT, 2009, p. 14).

Churchill não era um homem fácil, tinha vários defeitos e cometeu grandes erros, como na batalha de Gallipoli, nos Dardanelos, na Primeira Guerra Mundial, e na avaliação estratégica da batalha da Noruega, em 1939-40. Entretanto, uma frase proferida pelo marechal de campo, Sir Alanbrooke, chefe do Estado-Maior, durante a Segunda Guerra, ressalta o fascínio exercido por Churchill: *É a pessoa mais difícil com quem já servi, mas agradeço a Deus por ter-me dado tal oportunidade* (ENRIGHT, 2009, p. 62).

Churchill, contudo, não gozou de aceitação irrestrita constante em sua carreira. Foi alvo de críticas e de desconfiança. Um longo período de sua vida esteve sob *o sol fraco da tarde* (JENKINS, 2002, p. 313) ou *sozinho* (BALL, 2006).

Depois da derrota nos Dardanelos, em 1916, foi forçado a deixar o cargo de Primeiro Lorde do Almirantado. Descrevendo-se como um *bode expiatório em fuga*, ele imaginava ter terminado ali sua carreira política (CHURCHILL, 2005, p. 73). No mesmo ano, abriu mão de sua cadeira na Câmara dos Comuns e foi lutar nas trincheiras da França, em Flandres. Retornou, em 1917, ao governo do novo Primeiro Ministro Lloyd George, como Ministro das Munições. Em 1924, no novo governo de Stanley Baldwin, ocupou a cadeira de Lord of the Exchequer, ou Chanceler do Tesouro. Reinstalou o padrão ouro na economia, fato que se mostrou ser uma péssima decisão quando estourou a Crise de 1929 e a Grande Depressão.

Antes disso, em 1920, tomou partido contra a independência da Irlanda, quando conflitos entre os irlandeses liderados pelo Sinn Fein (Partido Republicano Irlandês) e tropas do governo britânico se agravaram (JENKINS, 2002, p. 330). Sua posição contra os

irlandeses gerou críticas inclusive em casa, como nesta carta de sua esposa Clementine:

Use sua influência, meu querido, agora, em favor de alguma moderação, de qualquer forma de justiça, na Irlanda – Ponha-se no lugar dos irlandeses – e se você fosse o líder deles, não se acovardaria com a severidade e certamente com represálias que caem como chuva dos céus sobre justos e injustos. ... Fico infeliz e decepcionada toda vez que vejo você tendencioso a achar que vai prevalecer a moda dura, dos hunos, da mão de ferro (JENKINS, 2002, p. 331).

No período que vai de 1929 até 1939, Churchill volta a escrever com grande frequência. Quando assume funções junto ao Tesouro, em 1924, já havia publicado o primeiro volume de ***The world crisis (A crise mundial)***. Em 1927, concluíra o segundo e terceiro volumes, editados naquele mesmo ano. Ainda ministro, publicou, em separado de ***The world crisis***, uma obra intitulada ***The aftermath (Consequências)***. Em 1930, publica ***My early life (Minha mocidade)*** (JENKINS, 2002, p.384).

Além de escrever, Churchill realiza palestras nos Estados Unidos e no Canadá. Em uma de suas viagens, em 1933, vai à Califórnia, a convite do magnata das comunicações, William Randolph Hearst, onde visita os estúdios de cinema em Los Angeles e inicia relações de amizade que se tornaram intermitentes, com Charles Chaplin. Esta atividade toda era, na verdade, sua fonte de renda e os negócios, neste sentido, iam muito bem.

A partir de maio de 1929, os liberais voltam ao poder em uma coalizão com o governo trabalhista, mas Churchill fica fora do governo por dez anos. Neste período, ele observa à distância, os acontecimentos na Índia e a política de apaziguamento com a Alemanha. Com visão e clareza, identifica que o mundo caminha para a catástrofe. Fez de tudo para alertar sobre os perigos da Alemanha nazista, mas ninguém o ouviu. Deixado de lado e ofendido como ***fomentador da guerra***, durante este período, Churchill foi posto à prova.

Sobre a situação da Índia, Churchill previu que a remoção do poder britânico não só levaria à queda do Império, como fomentaria a rivalidade e a disputa entre muçulmanos e hindus. Porém

sua posição sobre o tema fez com que perdesse apoio no Partido Conservador (CHURCHILL, 2005, p. 99).

Na Europa, a situação caminhava a passos difusos para a guerra. Em 1933, Adolf Hitler elege-se chanceler da Alemanha. Logo que assume, inicia a implementação de um governo ditatorial. A política de apaziguamento foi permitindo que a Alemanha nazista, de forma deliberada, rasgasse as cláusulas do Tratado de Versailles. A Itália, em 1935, avança sobre a Abissínia, na África oriental (CHURCHILL, 2005, p. 112).

Em 7 de março de 1936, as tropas de Hitler marcham sobre a Renânia<sup>9</sup>, em claro desafio ao Tratado de Versailles, e de Locarno, não enfrentando resistência efetiva dos governos de Londres e de Paris. Para Churchill, é a confirmação dos alertas que vem fazendo sobre a agressividade de Hitler (CHURCHILL, 2005, p.118).

Em 11 de março de 1938, a Alemanha invade e anexa a Áustria, no que seria conhecido como o Anschluss (anexação). Churchill adverte, em 14 de março, na Câmara dos Comuns, para a importância do momento.

A gravidade do evento de 11 de março não pode ser exagerada. A Europa se confronta com um programa de agressão, calculado e determinado no tempo, desvelando-se estágio por estágio. Só há uma escolha visível, não só para nós, mas para os outros países que estão infelizmente preocupados: ou nos submetemos, como a Áustria, ou então devemos tomar medidas efetivas, enquanto resta tempo para evitar o perigo e, se não puder ser impedido, para lidar com ele (CHURCHILL, 2005, p. 132).

Ao longo de setembro e outubro de 1938, ocorre a crise dos Sudetos<sup>10</sup>, na Tchecoslováquia. O Primeiro Ministro Neville Chamberlain faz três viagens, em duas semanas, à Alemanha, numa tentativa de apaziguar Hitler e gerar um acordo duradouro de paz. Em 1º de outubro, Chamberlain volta de um encontro com Hitler em Munique e, na saída do avião, balança euforicamente um papel onde constava o acordo que dizia que Alemanha e Inglaterra jamais se

---

<sup>9</sup> Trata-se da região em torno de ambas as margens do Rio Reno, que o Tratado de Versailles transformara em zona desmilitarizada.

<sup>10</sup> Províncias da Tchecoslováquia, onde se falava alemão, região montanhosa entre a Alemanha, Polônia e República Tcheca.

encontrariam em uma guerra novamente. Churchill, de forma dissonante à euforia que tomava conta do Parlamento e da imprensa faz um duro discurso em 5 de outubro. Finaliza declarando:

E não pensem que este é o fim. Este é apenas o começo do ajuste de contas. Este é apenas o primeiro trago, a primeira antecipação de uma amarga taça que será oferecida a nós ano a ano, a não ser que, por uma suprema recuperação de nossa saúde mental e nosso vigor militar, levantemo-nos de novo e mantenhamos nossa postura pela liberdade, como nos velhos tempos (CHURCHILL, 2005, p. 150).

É necessário retroceder um pouco para entender o cenário anterior à guerra. Após a derrota da Alemanha, na Primeira Grande Guerra, os aliados assinaram um tratado para definir a paz. Os interesses variados, entre eles, acabaram criando o cenário para disputas futuras. A França, através do Primeiro Ministro Georges Clemenceau, queria uma *Alemanha menor, desarmada, esmagada por reparações tão pesadas, que jamais voltaria a se erguer contra a França*. Já o presidente norte-americano, Woodrow Wilson, queria uma *paz sem vencedores ou vencidos*. Como escreveu o historiador americano Thomas Bailey: *O vitorioso pode ter vingança, ou pode ter a paz, mas não pode ter ambos* (BUCHANAN, 2009, p. 95).

O Tratado de Versailles anunciava 24 pontos que, entre outros, devolviam parte do Tirol austríaco à Itália e criava um estado polonês, absorvendo grandes extensões de terra da Alemanha Oriental. Na África e no Pacífico, as colônias alemãs foram distribuídas entre os aliados. A Alsácia e a Lorena<sup>11</sup> foram incorporadas pela França; a Renânia foi desmilitarizada e à Alemanha foi imposta uma severa conta a pagar aos aliados, a título de reparações de guerra (BUCHANAN, 2009, p. 95).

O ressentimento alemão constituía o instrumento que Hitler, vindo da obscuridade, utilizou para edificar um movimento de massa, valendo-se de um país desmoralizado. Hitler inicialmente despertou a atenção do público, depois atraiu multidões com um

---

<sup>11</sup> Alsácia e Lorena estão localizadas no sul da Alemanha e ao norte da Suíça. Suas cidades mais importantes são Strasbourg, Metz, Mulhouse e Nancy.

discurso constante e repetitivo sobre o Tratado de Versailles. Os homens que redigiram os termos do tratado levaram para casa uma paz com vingança, a estrutura que o povo queria. A Segunda Grande Guerra nasceu ali, na Galeria dos Espelhos do Palácio de Versailles (BUCHANAN, 2009, p.96). O cenário da Segunda Guerra estava construído sobre a amarga vitória de 1918.

*Churchill foi o homem indispensável que salvou a civilização ocidental* (BUCHANAN, 2009, p. 305). Sem Churchill, teria sido possível um acordo de paz entre a Inglaterra e a Alemanha, em 1940. Hitler poderia ter atacado a Rússia e vencido a guerra. Sem a recusa heroica e obstinada de Churchill em aceitar a paz ou algum tipo de armistício, Hitler teria vencido e o mundo ocidental teria desaparecido. *Churchill foi o homem do destino, que inspirou a Inglaterra a lutar até que o Novo Mundo viesse em socorro ao Velho* (BUCHANAN, 2009, p. 305).

Em **Memórias da Segunda Guerra Mundial**, Churchill descreve a moral de sua obra em quatro linhas:

Na Guerra: Determinação

Na Derrota: Insurgência

Na Vitória: Magnanimidade

Na Paz: Boa Vontade.

Trata-se de uma síntese poderosa de sua personalidade e caráter. Um resumo de sua forma de pensar e de agir. Churchill tinha a noção perfeita de que fazer as pazes com a Alemanha nazista seria abdicar da própria honra e de seu país, como expressou em certa ocasião:

Que valor tem tudo isso [o esforço e a determinação pela guerra] ? O único guia de um homem é sua consciência, o único escudo de sua lembrança é a retidão e a sinceridade de suas ações. É muito imprudente caminhar pela vida sem esse escudo, porque somos a todo instante desiludidos pelo fracasso de nossas esperanças e os obstáculos às nossas previsões; com esse escudo, porém, o que quer que as fadas tramem, marchamos sempre nas fileiras da honra (ROBERTS, 2004, p. 185).

Sua determinação, na luta em defesa do modo de vida ocidental, pela liberdade e pela democracia, pode bem ser entendida nesta frase, enunciada em 25 de junho de 1941, na Câmara dos Comuns: *Se ganharmos, ninguém se importará. Se perdermos, não haverá ninguém para se importar* (ROBERTS, 2004, p. 162).

### 3.3. O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DOS DISCURSOS SELECIONADOS

Os doze discursos deste trabalho se distribuem pelo período compreendido entre 3 de setembro de 1939, na Câmara dos Comuns, em Londres, e 26 de julho de 1945, em Downing Street, 10<sup>12</sup>, Londres. O intervalo engloba o início da Segunda Guerra Mundial, logo após a invasão da Polônia pelas tropas nazistas, até a renúncia de Winston Churchill ao cargo de Primeiro Ministro, derrotado nas eleições gerais de julho de 1945.

Cada um dos discursos foi realizado em um momento de substancial importância, e a contextualização que será desenvolvida busca descrever o momento, o local e as circunstâncias da ação.

Desta forma, percebe-se a razão e os objetivos da fala específica e busca-se analisar os resultados, para que se possa, ao longo deste trabalho, desenvolver uma conclusão à pergunta deste estudo.

#### 3.3.1. O discurso “Guerra”

3 de setembro de 1939, Londres

Neste discurso, ainda como membro do parlamento, Winston Churchill professa sua convicção em lutar, constantemente, contra o nazismo, sustentando a tese de que a derrota de Hitler deveria ser incondicional. O Primeiro Ministro, Neville Chamberlain, convida

---

<sup>12</sup> 10 Downing Street é o endereço oficial do escritório, residência e local de recepções onde os Primeiros Ministros ingleses atuam desde 1735 (Tradução do autor deste trabalho, retirado de <http://www.number10.gov.uk/history-and-tour>).

Churchill para ocupar o cargo de Primeiro Lorde do Almirantado, o equivalente, entre nós, a Ministro da Marinha. Após quase dez anos de ostracismo, Churchill volta à cena e à linha de frente. A mensagem enviada às tropas é : *He is back (Ele está de volta)* (CHURCHILL, 2005, p. 163).

Com quase 65 anos, Churchill já experimentava o seu ocaso. Vivia a queda do briguento e, por vezes arrogante, irrequieto e errático velho. Ele sempre tinha uma briga para comprar e, segundo vários que o conheceram, era apenas uma forma de manter-se vivo e atuante. No entanto, Hitler vem, passo a passo, confirmando os temores de Churchill. Cada vez mais, os comentários de Churchill se tornam verdades inconvenientes.

Chamberlain sabia que quase nada mudaria o curso da história. Provavelmente, ele já pressentia ou sofria o impacto do câncer que viria a matá-lo, em novembro de 1940. A estratégia de apaziguamento (CHURCHILL, 2005, p. 143) falhara e Hitler avançava em suas conquistas, voraz e continuamente. As regiões desmilitarizadas da Alsácia e Lorena, o Anschluss (anexação) da Áustria, a tomada dos sudetos da Boêmia e, depois, de toda a Tchecoslováquia, e da Polônia, em 1º de setembro de 1939, significou que elas foram anexadas ao manto nazista, sem que nada fosse feito em contrário. Churchill vinha alertando para as reais intenções nazistas desde a ascensão de Hitler, em 1933.

O momento da profecia se aproximara e se concretizava. A guerra, mais uma vez, estava aberta na Europa. A *guerra desnecessária*<sup>13</sup> prosseguia. Todas as tentativas anteriores de fazer com que não houvessem mais guerras na Europa falharam, e, mais uma vez uma lição não aprendida estava por começar.

O decorrer dos eventos produz uma corrente crescente de agressões e desenvolvimentos militares, até 1º de setembro de 1939 (CHURCHILL, 1941, p. 146). Em 10 de agosto, Herr Albert Foerster

---

<sup>13</sup> Patrick J. Buchanan, em **Churchill, Hitler e a guerra desnecessária** cita uma frase de Churchill em suas **Memórias da Segunda Guerra Mundial: Certo dia, o presidente Roosevelt perguntou-me como deveria chamar esta guerra. Retruquei: a guerra desnecessária** (2009, p. XVII).

(depois Governador de Danzig e da Prússia do Oeste) discursa para manifestantes anti-poloneses, ameaçando que a Polônia pretendia anexar toda a Prússia Oriental e *esmagar a Alemanha, numa guerra sangrenta*. Em 13 de agosto, o Sr. Burkhardt, comissário de Danzig (hoje o porto de Gdansk) junto à Liga das Nações, é convidado por Hitler para uma conferência em Berchtesgarden. Neste mesmo dia, Churchill está visitando a Linha Maginot, a convite do Estado Maior francês (CHURCHILL, 1941, p. 146).

Em 22 de Agosto, o Ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Joachim Von Ribbentrop prepara, em Moscou, um pacto de não-agressão entre a Alemanha e a Rússia Soviética, conhecido como o Pacto Ribbentrop-Molotov, assinado em 24 de agosto. No dia 23, o Rei Leopoldo da Bélgica irradia um apelo de paz. Em 24 de agosto, o Parlamento inglês aprova a Lei dos Poderes de Emergência. O Papa transmite uma *mensagem paternal de paz* e o Presidente Roosevelt apela ao Rei da Itália, para que ele ajude a manter a paz.

No dia 25 de agosto, é assinado, em Londres, o Tratado de Assistência Mútua Anglo-Polonês. Roosevelt envia a Hitler dois apelos pela paz. Dois dias depois, Hitler recusa o pedido do Primeiro Ministro francês, Edouard Deladier, para que se faça mais uma tentativa de negociação entre a Alemanha e a Polônia, e afirma que Danzig e o corredor polonês devem voltar ao Reich. Em 28 de agosto, Sir Neville Henderson retorna a Berlim com a resposta britânica a um possível ataque à Polônia. A França fecha a fronteira com a Alemanha.

No dia seguinte, a Rainha Guilhermina, da Holanda, e o Rei Leopoldo, da Bélgica, oferecem-se como mediadores. A Alemanha ocupa a Eslováquia. No dia 30, o governo britânico responde em termos duros à nova rota de Hitler. No dia 31, a Alemanha propõe um plano de 16 cláusulas para resolver as questões com a Polônia. O Papa apela por uma trégua.

O dia 1º de setembro marca o início da guerra, quando a Alemanha invade a Polônia, sem declaração de guerra. Foerster declara o retorno de Danzig à Alemanha. Os embaixadores da França e da Inglaterra, em Berlim, recebem instruções, para notificar o governo

alemão de que se as tropas não forem retiradas imediatamente da Polônia, ambos cumprirão as obrigações de seu tratado. No mesmo dia, o Parlamento inglês aprova um crédito de emergência de 500 milhões de libras.

Dois dias depois, a Inglaterra apresenta um ultimato de duas horas à Alemanha, o qual expira às 11 horas da manhã. Às 11h15, a Grã-Bretanha declara guerra à Alemanha. A França faz o mesmo, às 17h. É nomeado o Gabinete de Guerra, com Winston Churchill como primeiro Lorde do Almirantado.

Convidado para fazer parte do governo Chamberlain, Churchill anos depois escreve, em suas memórias:

Assim foi que voltei à sala que deixara com dor e tristeza há quase um quarto de século...Mais uma vez, deveremos lutar pela vida e pela honra contra todo o poderio e fúria da valente, disciplinada e cruel raça germânica. Mais uma vez! Que seja assim! (CHURCHILL, 2005, p. 163).

A guerra veio, como anteviu Churchill. Durante os anos que se passaram, entre o surgimento de Hitler, sua eleição como Chanceler e a implementação das leis arianas, o desenho do conflito foi sendo traçado. Quando Hitler, reiterada e continuamente ignorou e descumpriu as cláusulas do Tratado de Versailles, com a ocupação da Renânia, a anexação da Áustria e depois da Boêmia, além do acordo da Tchecoslováquia em Munique, entre outras agressões, pavimentava-se a estrada para a invasão da Polônia e o início da guerra.

Como seguiu sendo a voz dissonante na Câmara dos Comuns, alertando sobre o avanço de Hitler, não havia para Chamberlain muita escolha, a não ser convidar Churchill a fazer parte do governo.

### 3.3.2. O Discurso “Sangue, trabalho, lágrimas e suor”

13 de maio de 1940, Câmara dos Comuns, Londres

Em 10 de maio, Winston Churchill é convidado pelo rei Jorge VI para compor um novo governo, em substituição a Neville

Chamberlain, que havia renunciado, com base em sua débil liderança na condução da guerra. Churchill, então com 65 anos, aceita o convite. Naquele mesmo dia, Hitler inicia sua *blitzkrieg* contra a Bélgica, a Holanda e a França, atacando esta última por trás de suas linhas de defesa – a fortificada linha Maginot. A Alemanha invade a Holanda e a Bélgica, fazendo com que o Exército Britânico atenda ao apelo do Rei Leopoldo e encaminhe tropas para o norte da Bélgica. Três dias depois, a Família Real da Holanda chega a Londres.

Este discurso eletriza a nação. Sua mensagem não foi outra, senão: *A Grã-Bretanha lutar até a morte!* Seu autor é aplaudido de pé (CHURCHILL, 2005, p. 167). John Lukacs em um pequeno e importante livro, destaca esse discurso como *um súbito golpe de luz sob – sob, não além – o timbre sonoro da retórica de Churchill. Ele ilumina algo* (LUCKAS, 2008, p. 9). Sob a bravura de Churchill, estava seu entendimento de uma tragédia iminente, ainda inimaginável para a maioria: era tarde, provavelmente tarde demais, pois Hitler estava vencendo, quase vencendo a Guerra.

Maio de 1940 evoca lembranças sombrias. As notícias eram ruins. A situação na Europa se deteriorava rapidamente e Hitler impusera um novo tipo de guerra, rápida e arrasadora, atacando cidades e populações civis de forma deliberada. Porém Churchill tornara-se Primeiro Ministro e os ingleses estavam inspirados por sua determinação.

Hitler acreditava que o povo alemão tinha, agora, uma qualidade que superava de longe os seus inimigos. Era uma qualidade mental, não material, de natureza espiritual, não biológica. Resultava da aceitação do nacional-socialismo. Seus soldados eram melhores, não por terem sido bem treinados, mas por sua determinação, coragem e espírito superior. Robert Boothby (LUCKACS, 2008, p. 13) escreve que os nazistas *representavam a incrível concepção de um movimento – jovem, viril, dinâmico e violento – que avançava irresistivelmente para derrubar um mundo velho e decadente.*

A política do apaziguamento, anterior a setembro de 1939, falhara. Chamberlain era um bom homem, sentiam os ingleses,

mas não um líder de guerra; não tinha entusiasmo para isso. Churchill, ao contrário, era um guerreiro. No crescente e trágico desenrolar dos primeiros dias de maio, a situação se complicara. Hitler avançava sobre a Holanda, Luxemburgo e Bélgica. A França situava-se no final desta escalada.

Churchill não era o preferido para assumir o cargo, mas Lorde Halifax, que tinha o apoio do Partido Conservador, percebeu que, como membro da Câmara dos Lordes, sua aceitação geraria enormes dificuldades práticas e constitucionais. Lorde Halifax considerava que, estando fora da Câmara dos Comuns, poderia ser responsabilizado por tudo, sem a contrapartida de ter poder suficiente para guiar o plenário, de cuja confiança dependeria a vida do governo (CHURCHILL, 1995, p. 254).

Seguindo a tradição britânica, o Rei chama o futuro Primeiro Ministro e o incumbe do trabalho. Jorge VI não estava feliz, pois gostava de Chamberlain e, mais ainda, de Halifax. O monarca, ao receber Churchill, para facilitar as coisas, disse com certa dose de humor: *Suponho que não saiba por que mandei chamá-lo?* Churchill respondeu: *Senhor, não tenho a menor ideia.* O rei então manifestou-se: *Quero que forme um governo* (LUCKACS, 2008, p. 25).

Em suas memórias, Churchill lembrou do que pensou ao deitar-se naquela noite: *Senti como se estivesse caminhando com o destino e que toda a minha vida passada não tinha sido senão uma preparação para esta hora e para esta experiência* (CHURCHILL, 1995, p. 258).

No país, as pessoas se sentiam confusas e alarmadas. Mesmo dentro de seu Partido Conservador, Churchill era visto com antipatia e desconfiança. Neste discurso, ele pediu à Câmara dos Comuns apoio para confirmar a nova administração e a formação de um governo de coalizão.

Ao entrar na Câmara dos Comuns, Churchill foi recebido com aplausos breves e fracos. Momentos antes, Chamberlain havia sido ovacionado por pelo menos dois longos minutos. Winston usava paletó escuro, calças com listras escuras, uma corrente de ouro presa

ao colete, gravata borboleta pontilhada e uma cartola preta – uma visão eduardiana, imponente e sólida.

Foi um de seus mais breves discursos. Ao final, Trabalhistas e Liberais o aplaudiram. Churchill redigia seus próprios discursos e o interessante é que, no texto datilografado, ele colocara aspas em *sangue, trabalho, lágrimas e suor* (LUKACS, 2008, p. 42).

Esta ideia básica do pronunciamento era uma referência ao italiano Giuseppe Garibaldi que, em 30 de junho de 1849, dissera a um grupo de seguidores: *Não ofereço nem paga, nem alojamento, nem provisões. Ofereço fome, sede, marchas forçadas, batalhas e morte* (LUKACS, 2008, p. 43).

Churchill quis incutir nas pessoas – no povo e no Parlamento – a noção de que à frente não vinha uma Boa Guerra, de triunfos próximos ou distantes, mas a perspectiva de sofrimentos e desastres iminentes: à frente deles encontravam-se não promessas, mas ameaças. Naquele dia particular, os alemães cruzaram o Rio Meuse, enquanto o nono exército francês era derrotado. Esse evento foi decisivo para a conquista da Europa Ocidental e da França, pela Alemanha.

O que importava, para Churchill, era sua visão sobre aquilo que a Grã-Bretanha e a civilização ocidental teriam pela frente, envolvendo sua convicção profunda de que, se as democracias ocidentais desistissem de lutar ou se buscassem algum tipo de acordo com Hitler, isso seria o fim, não só de sua independência, mas da civilização ocidental como um todo, e para sempre.

### 3.3.3. O discurso “O melhor momento”

18 de junho de 1940, Câmara dos Comuns

Naquele momento, Holanda, Bélgica, Noruega e a França, no *front* ocidental, já haviam caído frente à tirania de Hitler. A Inglaterra estava sozinha, lutando contra um inimigo motivado, que conquistara praticamente toda a Europa Continental em apenas dez meses. Neste longo discurso, diante de uma Câmara lotada, Churchill

expõe a convicção de que, se fossem derrotados, toda a sociedade ocidental, assim como era conhecida, seria coberta por uma nova era de trevas. Ao final, conclui de forma entusiasmada: *E saber que, se o Império Britânico e a Comunidade dos Estados Britânicos (Commonwealth) durarem mil anos, os homens ainda dirão: este foi seu melhor momento* (LUKACS, 2008, p. 88).

A Inglaterra recuperava-se da perda da França e de um dos momentos mais críticos de toda a guerra, que foi a retirada de mais de 330 mil soldados ingleses e aliados da Bélgica, encurralados no porto de Dunquerque. Aquela que foi conhecida como a maior retirada de tropas de todas as guerras, acabou mostrando-se, no futuro, como um exemplo de tática, esforço e sorte na guerra. As tropas aliadas perderam enormes quantidades de armamentos, porém, salvaram a maior parte de seus soldados. Todos os tipos de embarcações disponíveis foram utilizadas para retirar os soldados das praias belgas. Churchill anotou, em suas memórias:

Nós perdemos todo o equipamento do exército, que foram os primeiros frutos da produção que nossas fábricas nos deram:  
7.000 toneladas de munição;  
90.000 rifles;  
2.300 canhões;  
82.000 veículos;  
8.000 metralhadoras;  
400 canhões anti tanques (CHURCHILL, 1952, p. 126).

O desenrolar do mês é dinâmico. Em 5 de junho, os alemães haviam atacado o Somme e o Aisne. O Primeiro Ministro francês, Edouard Deladier, deixa o gabinete, no dia 6. No dia 10, a Itália declara guerra à França e à Inglaterra. Vinte e quatro horas depois a Royal Air Force ataca a Líbia e a Somália. Dia 12, Rouen e Reims caem. No dia 13 de junho, o governo inglês promete à França o maior auxílio possível. No dia seguinte, 14 de junho, Paris cai e os nazistas progridem rapidamente através da região da Champagne. No dia 16, o Primeiro Ministro francês Paul Reynaud demite-se e o Marechal Henri Pétain forma um novo governo. As tropas alemãs chegam a Dijon. No dia 17, o Marechal Pétain pede a paz.

A Inglaterra estava sozinha. A Europa ocidental pertencia a Hitler. Os Estados Unidos mantinham-se à distância do conflito, que queriam a todo custo evitar. Churchill iria manifestar-se, em 4 de junho, da seguinte forma, já demonstrando sua determinação e como iria propor o caminho de resistência:

Muito embora grandes faixas da Europa e muitas nações antigas e famosas tenham caído ou venham a cair sob o jugo da Gestapo e de todo o odioso aparato de dominação nazista, não esmoreceremos nem fracassaremos. Iremos até o fim. Combateremos na França, combateremos nos mares e oceanos, combateremos com confiança crescente e força crescente no ar. Defenderemos nossa ilha, seja a que custo for. Lutaremos nas praias, lutaremos nas pistas de aterrissagem, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nas montanhas; e ainda que, coisa em que não creio por um só momento, esta ilha ou grande parte dela fique subjugada e faminta, então, nosso Império, além dos mares, armado e protegido pela frota britânica, prosseguirá na luta, até que, quando Deus quiser, o Novo Mundo, com toda sua força e poder, avance para resgatar e libertar o Velho Mundo (CHURCHILL, 1995, p. 322).

A situação se deteriorava rapidamente. A França caíra. Um governo fantoche, liderado pelo Marechal Pétain, assumia uma nação colaboracionista e submissa aos nazistas. Churchill, de forma humorada e espirituosa comenta:

Quando alertei [os franceses] de que a Inglaterra lutaria sozinha, independente do que eles fizessem, os generais (Gal. Weygand e Marechal Pétain) afirmaram para esse Primeiro Ministro e para o Gabinete dividido: “Em três semanas, a Inglaterra terá o pescoço torcido tal qual uma galinha”. E eu digo: “Tremenda galinha! E que pescoço!” (*Some chicken, Some neck*) (ENRIGHT, 2009, p. 56).

Em um crescente de fatos e desdobramentos, Churchill faz a seguinte declaração pelo rádio, como era desejo do Gabinete, em 17 de junho de 1940:

As notícias vindas da França são muito ruins e lamento pelo valente povo francês, atingido por esta terrível desgraça. Mas nada irá alterar nossos sentimentos em relação a ele ou nossa confiança em que o espírito da França voltará a se erguer. O que aconteceu na França não faz nenhuma diferença no que toca aos nossos atos e nosso propósito. Tornamo-nos os únicos paladinos atualmente em guerra em defesa da causa mundial. Faremos o melhor possível para sermos dignos dessa grande honra. Defenderemos nossa ilha em casa e, junto com o Império Britânico, prosseguiremos na luta, sem nos deixarmos conquistar, até que a maldição de Hitler seja retirada

dos ombros da humanidade. Temos certeza de que, no fim, tudo sairá bem (CHURCHILL, 1995, p. 366).

Naquele mesmo dia, 17 de junho, os ingleses trazem, em segurança, o General De Gaulle para a Inglaterra. No dia seguinte, e sob estas condições, Churchill faz o célebre discurso *A melhor hora*.

#### 3.3.4. O discurso “A guerra dos soldados desconhecidos”

14 de julho de 1940, Transmissão de rádio

Uma série de discursos, entre maio e julho de 1940, abrange um período histórico de grande apreensão e risco de derrota. A França caíra e a máquina de guerra alemã preparava a invasão da Inglaterra. Cabia ao Primeiro Ministro inglês a árdua missão de manter a moral alta e preparar a população para o pior.

No transcorrer do mês, em 5 de julho, o governo colaboracionista do Marechal Pétain rompe relações diplomáticas com a Grã-Bretanha. No dia 8, a Marinha inglesa coloca fora de combate o novo encouraçado francês “Richelieu”, em Dakar, Senegal. No dia 11 de julho, a Alemanha se apodera de todo o ouro e de todos os títulos financeiros franceses. No dia seguinte, a Grã-Bretanha concorda em fechar, por três meses, a rota de Burma ao tráfego de armamentos (CHURCHILL, 1941, p.275).

Churchill, por diversas vezes, manifesta o seu descontentamento com a forma com que, antes os militares belgas e, depois, os militares franceses, haviam se rendido e abdicado da luta. Em seu discurso de 4 de junho de 1940, sobre a retirada de Dunquerque, isto foi assim manifestado:

Entretanto, no último momento, quando a Bélgica já havia sido invadida, o rei Leopoldo apelou para nosso auxílio, e mesmo no último momento nós acorremos. Ele e seu bravo e eficiente exército, quase meio milhão de homens, protegiam o nosso flanco esquerdo e assim mantinham aberta nossa única linha de retirada para o mar. Subitamente, sem consulta prévia, sem o menor aviso, sem ouvir os seus ministros sobre uma resolução que tomou individualmente, o rei da Bélgica mandou ao Comando Germânico um plenipotenciário com a capitulação de seu exército, deixando assim exposto o nosso

flanco esquerdo e cortada qualquer possibilidade de retirada (CHURCHILL, 1941, p. 243).

Sobre a desistência dos franceses em lutar, os sentimentos são mesclados pelo respeito e apoio à população francesa e na preocupação com as decisões militares futuras. No episódio conhecido como a Batalha de Oran, a marinha inglesa ataca a marinha francesa para evitar que todo aquele poderio militar se transferisse para o controle alemão. Churchill, em 4 de julho de 1940, descreve para os deputados, na Câmara dos Comuns, o que o representante inglês, Comandante Hollander, dissera aos militares franceses aquartelados:

Torna-se impossível para nós, que até agora fomos vossos leais companheiros, permitir que vossos excelentes navios caiam em poder do inimigo alemão ou italiano. Estamos determinados a prosseguir na luta até o fim e, se vencermos, como temos a convicção de que acontecerá, nunca esquecemos que a França foi nossa aliada, que os nossos interesses são os mesmos e que nosso inimigo comum é a Alemanha ... Para atingir este objetivo, precisamos garantias de que os melhores navios da frota francesa não serão utilizados contra nós pelo inimigo comum (CHURCHILL, 1941, p. 271).

Prossegue o comandante inglês com as opções para que os franceses, cujos navios estavam ancorados em Mers-El-Kebir e Oran, pudessem decidir:

Nessas condições, o governo de Sua Majestade permite que adotem uma das seguintes alternativas:

- a) Incorporem-se a nossa esquadra, para continuar a luta contra os alemães e os italianos;
- b) Dirijam-se, com tripulações reduzidas e sob nosso controle, para um porto britânico. Os tripulantes serão repatriados no menor prazo possível. Se uma destas alternativas for adotada, restituiremos vossos navios à França, assim que termine a guerra, ou pagaremos uma indenização correspondente ao seu valor, caso sejam danificados no curso das hostilidades;
- c) Ainda outra hipótese ... podereis transportar vossos navios, com tripulações reduzidas, para um porto francês nas Índias Ocidentais - Martinica, por exemplo – onde possam ser desarmados ...;
- d) No caso de serem recusadas essas propostas leais, tenho o profundo pesar de solicitar-vos que afundeis vossos navios dentro do prazo de seis horas.

Finalmente, se nenhuma destas alternativas for aceita, tenho ordens expressas do governo de Sua Majestade para fazer o uso da força que se tornar necessária, afim de impedir que os vossos navios caiam em poder da Alemanha ou da Itália (CHURCHILL, 1941, p. 271).

O Almirante Gensoul, da Marinha francesa, recusou-se a aceitar as propostas inglesas e, numa intensa e rápida batalha, os ingleses afundaram um cruzador, um encouraçado, dois destroyers e um porta-aviões, além de provocarem avarias em diversos outros navios. O sentimento de Churchill sobre a França fica claro, como revela seu discurso, abaixo, de 20 de agosto. Embora a citação seja longa, entende-se que seja elucidativa:

Embora a França metropolitana estivesse temporariamente dominada, não havia razão para que a Marinha francesa, uma boa parte do Exército francês, a Força Aérea e o Império Francês de além-mar não prosseguissem na luta ao nosso lado. ...

Protegida por esmagadora superioridade naval, possuidora de bases estratégicas de inestimável valor e de amplos recursos financeiros, a França poderia ter continuado como um dos grandes combatentes desta luta. Assim fazendo, teria preservado a continuidade de sua vida histórica, enquanto o Império Francês, lado a lado com a Grã-Bretanha, avançaria para salvar a independência e a integridade da Pátria Mãe. ... A maioria dos outros países vencidos até agora pela Alemanha resistiram brava e lealmente. Os checos, os poloneses, os holandeses, os noruegueses, os belgas ainda estão no campo de batalha, armas na mão, reconhecidos pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos como as únicas autoridades representativas e os únicos governos legais de seus respectivos países. ...

O grande crime, não da França, não de uma grande e nobre nação, mas dos chamados *homens de Vichy*, foi permitir que só a França se deixasse prostrar sem resistir até o fim. Temos enorme simpatia pelo povo francês. A nossa antiga camaradagem com a França não morreu e continua concretizada na solidariedade do General De Gaulle e de seus bravos partidários. Esses franceses livres foram condenados à morte pelo Governo de Vichy, mas há de chegar o dia, tão seguramente como o sol há de surgir amanhã, em que os seus nomes serão glorificados e gravados em pedra, nas ruas e nas aldeias de uma França restaurada, numa Europa que tenha reconquistado a sua liberdade e o seu antigo prestígio (CHURCHILL, 1941, p. 281-292).

Para preparar o lançamento da Operação *Leão-Marinho* (Operation Sea Lion) - código para a planejada invasão da Grã-Bretanha - Hitler ordenou um bombardeio aéreo pesado contra o país, com o propósito de destruir a Força Aérea Britânica. Em 10 de julho, começou o que viria a ser conhecida como a *Batalha da Grã-Bretanha* (CHURCHILL, 2005, p. 183).

### 3.3.5. O discurso “Os poucos”

20 de agosto de 1940, Câmara dos Comuns

Este discurso foi proferido no auge da batalha da Inglaterra. Nos ares, a luta era travada entre uma poderosa força aérea alemã, a Luftwaffe, contra uma força aérea inglesa menos numerosa, porém proprietária de aviões de última geração – os Hurricanes e Spitfires. Em menor número, os pilotos ingleses realizaram uma façanha incomparável, ao reduzir drasticamente a força aérea alemã. A vitória nos ares permitiu a sobrevivência inglesa e o domínio do espaço aéreo impediu Hitler de concretizar a invasão da ilha. Neste discurso, Churchill agradece a estes poucos e tenazes pilotos, dizendo: *Nunca, no campo do conflito humano, tanto foi devido por tantos a tão poucos*. Esta frase ficou registrada para sempre na história humana.

Em 2 de agosto, Lord Beaverbrook, fiel companheiro de Churchill, ocupa, além do cargo de Ministro da Produção Aérea, um assento no Gabinete de Guerra. No dia 4, Churchill alerta a população sobre os riscos de uma iminente invasão alemã. Nos dias 12, 14 e 16, a Real Força Aérea repele violentos ataques aéreos alemães, derrubando 217 aviões.

Em suas **Memórias da Segunda Guerra Mundial**, Churchill lembra (CHURCHILL, 1995, p. 393) que, pelo trabalho de seus espíões, os ingleses já sabiam que os alemães haviam desenhado planos para a invasão da ilha. O projeto previa que os alemães iriam cruzar o canal da Mancha e entrar por Dover, no ponto mais curto de cruzamento do mar. A Inglaterra, que tinha a vantagem de ter uma marinha maior e tropas na defensiva, em terra, deveria ser destruída pelo ar e o domínio do espaço aéreo pela Luftwaffe era fundamental (CHURCHILL, 1995, p. 395). O destino da Inglaterra, naquele momento, dependia da vitória no ar.

Por diversas vezes, Churchill lamenta a indefinição francesa e os prejuízos que isto causava à defesa da Inglaterra. A rendição francesa e os termos do armistício com a Alemanha deixaram grande parte de sua frota naval disponível para as forças nazistas. O

estrageo só não fora maior pela iniciativa inglesa de destruir grande parte desta frota, na batalha do porto de Oran, em 3 de julho (CHURCHILL, 1941, p. 267).

Churchill descreve que, em uma conversa, Hitler disse ao almirante Raeder, em 31 de julho: *Se, depois de oito dias de guerra intensiva, a Luftwaffe não houver conseguido uma destruição considerável da Força Aérea, dos portos e das esquadras navais inimigas, a operação terá de ser adiada até maio de 1941* (CHURCHILL, 1995, p. 405). Em agosto, a Luftwaffe havia reunido 2.669 aeronaves operacionais, que abrangiam 1.015 bombardeiros, 346 caças de mergulho, 933 caças e 375 caças com armamento pesado (CHURCHILL, 1995, p. 407). Os primeiros ataques maciços começaram a 10 de julho. Duas outras datas merecem ser evocadas por serem de suprema importância: 15 de agosto e 15 de setembro, que definiram fases distintas de ataques. Ao final da batalha, em setembro, os ingleses haviam batido a Luftwaffe na razão de dois para um. A RAF – Royal Air Force – longe de ser destruída, saiu triunfante. A famosa frase de Churchill, pinçada deste discurso, e que demonstra toda a gratidão da nação à bravura dos pilotos, evidencia a energia e a perseverança destes homens, indomáveis e supremos.

### 3.3.6. O discurso “Jamais ceder!”

29 de outubro de 1941, Harrow School, Londres

O discurso *Jamais ceder!* foi pronunciado em 29 de outubro de 1941. A Inglaterra estava sozinha. Lutava contra o Eixo formado por Alemanha, Itália e Japão, na Europa, na África, na Ásia e no Extremo Oriente. Londres e a região industrial inglesa ainda sofriam bombardeios diários.

O mapa mundi, em junho de 1941, mostrava uma Europa Nazista – Alemanha, Áustria, Itália, Polônia, França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Noruega, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Romênia, Bulgária, Hungria, Grécia e parte da URSS. Portugal, Espanha, Suécia, Suíça e Turquia mantinham-se neutras. No norte da África, Marrocos, Argélia e

Tunísia eram pró-Eixo; e a Líbia estava ocupada. A Inglaterra tinha apenas o Egito, o Chipre e a Palestina como áreas aliadas. No extremo Oriente, o Japão controlava parte da China e toda a Manchúria, Coréia, Filipinas, Indonésia, Malásia, Singapura, Hong Kong, Taiwan, toda a Indochina (Vietnam, Laos e Cambodia), Burma, Birmânia (Myamar) e um gigantesco cinturão de ilhas isoladas, em todo o Pacífico, que lhe permitiam uma linha de defesa importante. A Tailândia revelava uma questionável neutralidade. A Inglaterra tinha o apoio da Índia, Austrália e Nova Zelândia, que cederam tropas e lutaram juntas nesta guerra, com enorme disparidade de recursos. Nos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico, submarinos alemães e japoneses corroíam as linhas de suprimentos. Os Estados Unidos estavam fora da guerra, embora apoiassem a Inglaterra, com seu imenso poderio industrial (os EUA só entraram na guerra em 7 de dezembro de 1941, após o ataque japonês a Pearl Harbour, no Havai). O cenário era o pior possível.

Em 29 de outubro de 1941, Churchill compareceu à sua antiga escola Harrow, em Londres, onde uma plateia de estudantes e professores esperava para ouvi-lo. O discurso foi gravado e depois retransmitido. Churchill mencionou a solidão em que se encontravam, mas a comparou com outros momentos que ele considerava ainda mais difíceis. Fez referência aos ataques aéreos, lembrando, a cada um dos ouvintes, que a escola onde estavam também havia sido alvo de tal violência.

Em outubro de 1941, a situação da guerra era desalentadora. A Inglaterra era bombardeada constantemente. A Europa continental, sob jugo nazista, e a União Soviética, lutavam desesperadamente por sua sobrevivência. No discurso, realizado em sua antiga escola, Churchill profere outra de suas frases históricas, em que, com veemência incomum, transmite a mensagem de que o mundo livre não poderia jamais render-se. Repete a palavra *jamaís* inúmeras vezes.

Pela segunda vez como Primeiro Ministro, Churchill visitou a escola onde estudou. À canção tradicional da instituição (*Stet Fortuna Domun*), foi adicionado um verso em sua homenagem:

*Louvamos nos dias mais sombrios  
o líder de nossa nação  
e o nome de Churchill vai ser aclamado  
por cada nova geração.  
Por que você tem força, na hora do perigo,  
para defender nossa liberdade, Senhor!  
Mesmo sendo longa a luta, sabemos que o certo  
No fim triunfará, Senhor!*

Churchill, passados quase 18 meses desde sua posse no Gabinete, já conta com um suporte político mais forte do que no início de seu mandato. É necessário manter a fé na vitória e a mobilização de todos. Harrow é uma tradicional escola inglesa, por onde passaram homens que seriam primeiro ministros, presidentes ou reis, como Peel, Palmerston, Pandit Nehru (primeiro ministro hindu entre 15 de agosto de 1947 e 27 de maio de 1964, pai de Indira Gandhi) e o rei Hussein, da Jordânia ([www.harrowschool.org.uk](http://www.harrowschool.org.uk)).

A Inglaterra precisa resistir e prosseguir na guerra, mobilizada apesar dos reveses. Neste momento histórico específico, cabe ao líder ocupar a frente dos acontecimentos. Sua presença no campo de batalha, junto aos soldados, visitando as regiões devastadas pelos bombardeios, em Londres e em outras cidades, amplamente divulgada pelos jornais, procura transmitir ao povo ânimo e esperança.

### 3.3.7. O discurso em uma sessão conjunta do Congresso 26 de dezembro de 1941, Washington D.C., EUA

Em 7 de dezembro de 1941, os japoneses, naquilo que foi considerada a *maior batalha já vencida, e a maior guerra perdida*, ataca o porto americano de Pearl Harbour, no Havaí. Os Estados Unidos entram, desta forma, definitivamente no conflito, ao lado dos aliados. Franklin Roosevelt, mestre de frases curtas e memoráveis, num discurso, em 8 de dezembro de 1941, no Congresso Americano diz que: *Este é um dia que viverá na infâmia* (JENKINS, 2005, p. 150). Churchill

não perde tempo e viaja para os EUA, a fim de arquitetar a estratégia conjunta da guerra. Ele próprio, filho de uma americana, declara seu orgulho pela nação americana. Neste discurso, Churchill vai buscar e consegue o apoio do Congresso e do povo americano para que, juntos, derrotem, de forma incondicional, o eixo fascista.

Churchill estava plenamente consciente de que a guerra só poderia ser vencida com a adesão dos americanos à luta aliada. O Japão ganhava a guerra no Oriente. No dia 9 de dezembro, os encouraçados “Prince of Wales” e “Repulse” foram afundados em Singapura. Com exceção dos mares em torno da Austrália e da Nova Zelândia, o Oceano Pacífico era domínio japonês. Hong Kong estava sendo atacada no mesmo momento em que Pearl Harbour, e cairia nas mãos da Guarda Imperial, à época do Natal. Os japoneses desembarcavam na Malásia e Churchill não tinha ilusões sobre o poderio e a vantagem militar japonesa.

A entrada dos americanos na guerra seria a única possibilidade real de vitória para o ocidente. Com seu poderio militar, industrial e de recursos materiais e humanos, protegidos dos bombardeios, a milhares de quilômetros de distância dos *fronts* de batalha, haveria a garantia de uma constante reposição de armas, aviões, navios e munições. A relação entre Roosevelt e Churchill foi sendo construída pouco a pouco. O respeito entre os dois líderes cresceu consideravelmente depois da derrota da França, quando o Primeiro Ministro tomara a decisão de atacar a frota francesa estacionada no litoral norte da África. Ao afundar os navios franceses em Oran, o presidente norte-americano sentiu firmeza em Churchill (JENKINS, 2005, p. 132).

O relacionamento entre eles começa a se estreitar durante a concepção do Lend-Lease Act, a lei de empréstimos e arrendamentos que permitiu aos ingleses manter suas linhas de suprimentos ao longo do Atlântico Norte. O corte destas linhas de comunicação constituiria a mais imediata ameaça à integridade da Inglaterra. Em 8 de dezembro de 1940, um ano antes do ataque de

Pearl Harbour, Churchill enviou uma carta a Roosevelt, discutindo os termos do acordo, e antecipou:

Se, como acredito, o senhor está convencido, Sr. Presidente, de que a derrota da tirania nazista e fascista é questão de alta consequência para o povo dos Estados Unidos e para o hemisfério ocidental, o senhor olhará esta carta não como uma súplica por ajuda, mas como a definição da ação mínima indispensável para que alcancemos nosso objetivo comum (JENKINS, 2005, p. 137).

Roosevelt vai se empenhar decisivamente para ajudar Churchill. A política externa americana estava voltada para manter o país longe da guerra, ao menos de forma efetiva, como se percebe nesta mensagem:

A experiência dos dois últimos anos provou, sem sombra de dúvida, que nenhuma nação pode apaziguar os nazistas. Ninguém pode transformar um tigre em gatinho, acariciando-o. Nossa política nacional não está voltada à guerra. Seu único objetivo é manter a guerra longe de nosso país e de nosso povo. Devemos ser o grande arsenal da democracia (JENKINS, 2005, p. 139).

O Lend-Lease Act passa pelo Congresso americano com relativa facilidade. Os Estados Unidos resolveram assumir a responsabilidade pela metade ocidental do Atlântico, conseguindo o direito de estabelecer bases na Groenlândia e estendendo a área patrulhada até o meio do caminho, entre a África e o norte do Brasil. O Lend-Lease não faria sentido, se o material, mesmo que sendo pago pelos ingleses, só chegasse ao destino com perdas substanciais na travessia (JENKINS, 2005, p. 142). Os americanos, que relutavam em entrar na guerra, acabaram debitando aos japoneses a tomada desta decisão. Harry Hopkins, um dos mais importantes assessores de Roosevelt, registrou, em 7 de dezembro de 1941, à medida que se interavam das notícias, que o presidente

(...) falou demoradamente sobre seus esforços para manter o país fora da guerra e sobre seu sincero desejo de completar seu governo sem guerra, de modo que, se fosse verdadeiro este ataque do Japão, o assunto fugia inteiramente a seu controle, já que os japoneses tinham decidido por ele (JENKINS, 2005, p. 152).

Churchill parte, então, para os Estados Unidos. Inicialmente, ambos os mandatários declaram oficialmente guerra contra as forças do Eixo – Japão, Alemanha e Itália. O trabalho mediado foi a organização do cenário da guerra, produção e distribuição de armamentos, planejamento das ações de guerra, no curto e no médio prazos, incluindo o terceiro grande aliado – a Rússia de Stalin. Churchill permanece nos Estados Unidos, de 21 de dezembro de 1941 até 14 de janeiro de 1942. Este período foi de vital importância substancial para a definição de rumos e para o fortalecimento das relações entre as duas nações. Mais que nada, Churchill via, agora, que a vitória seria possível.

Numa das primeiras conversas entre Churchill e Roosevelt, o presidente sugere que fosse redigida uma declaração conjunta de princípios, estabelecendo linhas gerais que norteassem uma política conjunta. Esta construção conjunta resultou em um chamamento às populações do mundo livre para um novo momento da guerra, quando a esperança de vitória se tornava uma realidade (CHURCHILL, 1995, p. 564).

A entrada dos Estados Unidos na guerra foi decisiva para a vitória da coalizão aliada. Em 10 de novembro de 1942, após a vitória inglesa sobre o exército alemão do general Rommel, em El Alamein, no Egito, Churchill expressou sua preocupação e sua esperança: *Agora, isto não é o final. Não é nem o início do fim. Mas, talvez, seja o fim do início* (PENBERTHY, 2011, p. 105).

### 3.3.8. O discurso “O dia D”

6 de junho de 1944, Câmara dos Comuns

Em 4 de junho de 1944, Roma é libertada. A Itália está quase toda livre. Dois dias depois, é dada a largada para a maior operação de guerra até então já vista. Mais de cinco mil navios de guerra e onze mil aviões atacam as praias francesas da Normandia, começando um desembarque maciço de tropas pelo mar e pelo ar. Sob o comando do general Eisenhower, na França, prepara-se para o processo de libertação e a guerra toma o rumo de sua finalização.

Agora, é questão de tempo a tomada da Alemanha. Na frente oriental, a Rússia começa a expulsão do exército nazista, impondo-lhe grandes perdas em termos humanos e materiais. Em junho de 1944, estavam libertados toda a Criméia, Odessa, Kiev, Leningrado e as terríveis batalhas por Moscou e, especialmente por Stalingrado, já haviam terminado. As fronteiras da Romênia e da Polônia haviam sido cruzadas (CHURCHILL, 1995, p. 962).

O desembarque na França vinha sendo postergado já há dois anos, gerando enormes tensões entre ingleses e americanos, de um lado, e russos, do outro. Stalin pedia um segundo *front* desde o verão de 1941, pois entendia que estava sozinho e aguentava todo o forte exército alemão. Esta tensão foi uma constante nos encontros entre as posições dos três grandes – Roosevelt, Stalin e Churchill - nas conferências de Casablanca, em janeiro de 1943 e de Teerã, em novembro de 1943 (CHURCHILL, 1995).

A enorme operação, código Overlord, mantida sob enorme sigilo, envolveu, em uma noite e um dia, 175 mil combatentes, 50 mil veículos de todos os tipos, conduzidos ou apoiados por 5.333 navios e embarcações e quase 11 mil aviões (AMBROSE, 1994, p. 25-6). De comum acordo, coordenados pelo general norte-americano Dwight Eisenhower, tropas americanas, inglesas e canadenses desembarcaram na França ocupada, iniciando o processo de sua libertação.

A abertura de um segundo *front* na França, que era motivo de grande questionamento e apreensão foi assim descrita, nas memórias por Churchill:

A reflexão nascida da experiência factual pode ser um freio ou uma espora. O leitor há de estar ciente de que, embora eu sempre me houvesse disposto a me aliar aos Estados Unidos num ataque direto pelo [canal da] Mancha à frente marítima alemã na França, não estava convencido de que essa fosse a única maneira de vencer a guerra. Sabia que seria uma aventura muito pesada e arriscada. O preço assustador que tivéramos que pagar pelas grandes ofensivas da Primeira Guerra Mundial, em vidas e em sangue humanos, estava gravado em minha mente (...). A superioridade do bombardeio, por mais aterradora que pudesse ser, não constituía uma resposta definitiva (CHURCHILL, 1995, p. 916).

Apesar das dúvidas, não havia outro caminho a tomar. Determinado o tamanho da expedição, procedeu-se ao treinamento das tropas, assim como o agrupamento dos equipamentos necessários. As forças britânicas e norte-americanas foram divididas entre a Inglaterra toda, dadas as dimensões superlativas da ação que estava sendo organizada. Toda essa atividade não passou despercebida ao inimigo, porém os Aliados montaram a sua expedição como se fossem desembarcar no porto de Calais, a passagem mais estreita entre a Inglaterra e o continente europeu.

A invasão iniciou na madrugada de 6 de junho de 1944 nas praias da Normandia. Às 12 horas do Dia D, Churchill informa ao Parlamento sobre a tomada de Roma e o desembarque na França (CHURCHILL, 1995, p. 926). Em seu discurso, Churchill foi sucinto, indo direto ao ponto, sem entrar em detalhes, talvez pela impossibilidade estratégica de poder fornecer maiores informações, talvez por estar demasiadamente atarefado. De qualquer forma, este momento de inflexão da guerra foi anunciado, diretamente, ao mundo.

### 3.3.9. O discurso “Palavras não podem expressar o horror”

19 de abril de 1945, Câmara do Comuns

Os aliados, à medida em que avançam contra Berlim, vão descobrindo a real extensão da barbárie do Holocausto, ao liberarem os campos de concentração. As fábricas de morte nazistas são desvendadas e Churchill ordena que nenhum destes locais seja destruído. Pelo contrário, pede que sejam preservados, todos os arquivos encontrados guardados. Os responsáveis deverão ser levados a julgamento. Churchill acaba sendo o homem por trás da condenação legal dos nazistas, por seus atos desumanos. Uma comissão do Parlamento é montada às pressas, para que viaje aos campos de concentração e extermínio e documente, de forma ampla, o que encontrar.

Eisenhower ordena que as populações das cidades vizinhas aos campos sejam levadas para lá, para que vejam com seus próprios olhos a dimensão da tragédia. Ninguém, presente ou futuramente poderia afirmar que a morte de milhões de pessoas nos campos de concentração nunca existira.

O horror nazista é, constantemente, lembrado, embora ocorram, aqui ou ali, insinuações de que não tenha ocorrido ou de que não tenha massacrado tantas pessoas. As histórias dos sobreviventes, que hoje têm em média 90 anos de vida, estão registradas em livros, museus, artigos e filmes, em todo o mundo.

De uma população total de 8,7 milhões de judeus, em 1941, em toda a Europa, aproximadamente 5,2 milhões foram mortos e cerca de um milhão sucumbiria à fome e doenças. Outras seis milhões de pessoas não-júdas foram mortas em bombardeios, campos de concentração, represálias ou trabalhos forçados (GILBERT, 1978, p.96). Churchill foi um dos que, pela preservação desta história, desempenha papel fundamental, para que ela não seja esquecida e, talvez, não venha a se repetir.

### 3.3.10. O discurso “Vitória na Europa”

8 de maio de 1945, Câmara do Comuns e transmissão de rádio, Londres

Quase cinco anos após sua posse como Primeiro-Ministro, Winston Churchill declara a guerra na Europa terminada. A alegria é enorme, embora a guerra no Oriente, contra o Japão, ainda esteja longe de acabar. O momento é de alegria e de reconstrução.

Em suas memórias, Churchill relata que a rendição incondicional dos inimigos foi o sinal para a maior explosão de alegria da história da humanidade.

A Segunda Guerra Mundial fora travada na Europa até seu amargo fim. Tanto vencidos como vencedores sentiram um alívio inexprimível. Mas para nós, da Grã-Bretanha e do Império Britânico, que fomos os únicos a participar da batalha do primeiro ao último

dia e que havíamos apostado a vida em seu desfecho, isso tinha um sentido que ultrapassava até mesmo o que os nossos mais poderosos e valentes Aliados poderiam sentir. Exaustos e abatidos, empobrecidos mas inquebrantáveis, e nesse momento triunfantes, tivemos um momento sublime. Demos graças a Deus pela mais nobre de suas bênçãos – o sentimento de haveremos cumprido nosso dever (CHURCHILL, 1995, p. 1092).

A paz na Europa chegara finalmente, e a barbárie de Hitler era lentamente revelada ao mundo. Vivia-se um tempo de renovação e de reconstrução. O desenho da Europa estava, novamente, sendo refeito.

Porém, Churchill sabia que a guerra havia custado caro à Inglaterra. Ele sabia que a Grã-Bretanha sairia do episódio dilacerada, ferida e falida. Nas conferências de Yalta, e, depois, em Potsdam, os Estados Unidos e a União Soviética assumiram o papel de principais protagonistas do novo cenário mundial. O Império Britânico não existia mais na mesma proporção de antes da guerra. Em fevereiro de 1945, em Yalta, os Três Grandes assinaram a “Declaração da Europa Livre”, que colocou sob domínio de Stalin metade da Europa, sobre a qual descia o manto do comunismo. Mais tarde, em 5 de março de 1946, o ex-Primeiro Ministro Churchill declarou, em Fulton, Missouri: *De Stettin, no Báltico, até Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro caiu sobre o continente* (BUCHANAN, 2009, p. 315-321).

### 3.3.11. O discurso “Esta vitória é de vocês”

8 de maio de 1945, Sacada do Ministério da Saúde, Londres

Com as celebrações espontâneas em toda Londres, Churchill e seus principais assessores aparecem na sacada do Ministério da Saúde. Churchill diz ao povo: *Esta vitória é sua!* A multidão grita de volta: *Não, é sua!* Como comentou o historiador Robert Rhodes James, *foi um momento inesquecível de amor e gratidão* (CHURCHILL, 2005, p. 268). Churchill, em contato e diálogo direto com o povo, diz:

Assim ficamos, sozinhos. Alguém queria ceder?  
A multidão gritou:

Não!  
Ficamos abatidos?  
Não!

As luzes se apagaram e as bombas caíram. Mas nenhum homem, mulher ou criança no país tinha a intenção de desistir da luta. Londres pode aguentar. Voltamos das garras da morte, após longos meses, saídos da boca do inferno, enquanto o mundo inteiro se maravilhava. Quando a reputação e a fé desta geração de homens e mulheres ingleses poderá falhar? (CHURCHILL, 2005, p. 268).

Em suas memórias, Churchill diz que *a rendição incondicional de nossos inimigos foi o sinal para a maior explosão de alegria da história da humanidade* (CHURCHILL, 1995, p. 1092). O momento de alívio pelo fim da guerra, ao menos no cenário da Europa, trouxe imensas alegrias, mas Churchill encontrava-se angustiado com o resultado final da guerra. Em novembro de 1942, ele havia prometido que *não me tornei primeiro ministro do Rei para presidir a liquidação do Império Britânico* (BALL, 2006, p. 202), mas havia pouco que pudesse fazer para evitá-lo. A debilidade econômica, a perda de prestígio após as derrotas para os japoneses e a vontade de independência das antigas colônias já prenunciavam o final do Império. Churchill declara, em um de seus diversos discursos, no que ele chamou de *tumultuados dias de júbilo*:

Eu gostaria de poder dizer-lhes esta noite que toda a labuta e nossos problemas estão terminados. Se assim fosse, eu realmente poderia encerrar com alegria meus cinco anos de serviços e, se vocês achassem que já haviam me aguentado o bastante e que me deviam mandar passear, eu aceitaria isso de bom grado. Mas, ao contrário, devo adverti-los, como fiz ao iniciar esta missão de cinco anos – e ninguém sabia, na época, que ela duraria tanto –, de que ainda há muito por fazer, e vocês devem estar preparados para novos esforços da mente e do corpo e para novos sacrifícios em nome de causas grandiosas (CHURCHILL, 2005, p. 1092).

Ele prossegue:

No continente europeu, ainda temos que nos certificar que os propósitos simples e honrados pelos quais entramos em guerra não sejam descartados ou tripudiados nos meses subsequentes ao nosso sucesso, e de que as palavras *liberdade, democracia e libertação* não sejam deturpadas em seu verdadeiro sentido, tal como as entendemos. ... Eu lhes disse coisas duras no começo destes últimos cinco anos; vocês não se acovardaram, e eu seria indigno de sua confiança e generosidade se não continuasse a bradar: Avante, firmes, inabaláveis e indômitos, até que toda a

missão esteja cumprida e que o mundo inteiro esteja seguro e limpo (CHURCHILL, 2005, p. 1093).

Churchill, apesar do clima de festa, tinha apreensão quanto ao futuro. O Japão ainda não fora dominado, a bomba atômica ainda não havia sido utilizada e o mundo vivia em conflitos e conturbações. Em sua visão, a ameaça soviética já havia substituído o inimigo nazista, mas não havia nenhum grande acordo contra ela, como o que havia reunido o mundo livre contra os nazistas. Em suas memórias da guerra, ele escreve que *não conseguia afastar do pensamento o medo de que os exércitos vitoriosos da democracia logo se dispersassem e de que a prova real e mais dura ainda estivesse por vir* (CHURCHILL, 1995, p. 1094).

É evidente a alegria pela vitória nas condições estabelecidas de uma derrota incondicional, porém a angústia e a apreensão pelo futuro da Europa e do Império Britânico são constantes e evidentes.

### 3.3.12. O discurso da renúncia

26 de julho de 1945, Downing Street, 10, Londres

De forma imprevisível, Churchill ganha a guerra mas perde a eleição. Os ingleses, cansados da dramática luta, mostram, através das urnas, que querem uma nova dinâmica. Churchill, através de um discurso composto apenas de dois pequenos parágrafos, entende e agradece ao povo inglês. Ele começa a receber os primeiros resultados da eleição, na manhã do dia 26 de julho de 1945. Ao meio dia, durante o almoço, sua esposa, Lady Clementine, ameniza o sentimento: *É bem possível que seja uma benção disfarçada*, ao que Churchill, responde: *No momento, parece bem disfarçada mesmo* (CHURCHILL, 2005, p.269).

No início de 1945, Churchill saudou o ano de forma melancólica, como (...) *este ano novo repulsivo*. Em 8 de janeiro, escreve a Roosevelt, receando que *o fim desta guerra possa vir a ser*

*mais decepcionante que o fim da última.* Churchill começa também a perder apoio de seus colegas ministeriais seniores, porque raramente *lia para as reuniões papéis que não fossem os seus.* Decisões militares equivocadas também contribuíram para a mudança de ambiente, como a autorização para o bombardeio e a destruição da cidade de Dresden (JENKINS, 2002, p. 711 e 714).

Na política interna, desenhava-se uma quebra na coalizão do governo e uma conseqüente disputa partidária. Essa perspectiva provocou ambigüidade nos sentimentos de Churchill, pois ele se orgulhava da coalizão dos últimos cinco anos (JENKINS, 2002, p. 724). A eleição de 1945 foi, em grande parte, uma batalha travada no rádio, uma peça doméstica quase universal, na medida em que os partidos apresentaram seus programas valendo-se desta mídia.

O partido conservador de Churchill, assim como os trabalhistas, fizeram dez programas no rádio. Churchill fez quatro dos dez programas e sua linguagem, por vezes ofensiva, *ia diretamente contra sua posição duramente conquistada de líder da nação inteira* (JENKINS, 2002, p. 727), seu grande trunfo eleitoral. O trecho que gerou maiores críticas dizia:

Nenhum governo socialista, ao conduzir a vida e a atividade inteira do país, pode dar-se ao luxo de emitir expressões de descontentamento popular feitas em linguagem livre, áspera ou violenta. Teria que apelar para alguma espécie de Gestapo<sup>14</sup>, claro que de início dirigida de forma muito humana. E isso cortaria a opinião pública ainda em botão; cortaria as críticas assim que surgissem, e reuniria todo o poder para os supremos líderes do partido, despontando como pináculos monumentais por sobre suas vastas burocracias de funcionários públicos, já não mais funcionários, e muito menos públicos ... Meus amigos, devo dizer-vos que uma política socialista é inteiramente contrária às ideias inglesas de liberdade. ... Um Parlamento livre – atentai bem – um Parlamento livre é coisa odiosa para o doutrinário socialista (JENKINS, 2002, p. 727).

Os Conservadores foram especialmente mal sucedidos na comparação com os Trabalhistas e Liberais. Churchill não deu a

---

<sup>14</sup> Gestapo (*Geheime Staatspolizei*): polícia secreta da Alemanha Nazista, foi a principal ferramenta de opressão e destruição, perseguiu alemães oponentes ao regime e os judeus. <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/Gestapo.html>

atenção devida à campanha, talvez por que estivesse demasiadamente ocupado com o pós-guerra e a conferência de Potsdam<sup>15</sup>. Numa carta de Vita Sackville-West a seu marido, Harold Nicolson, ela captou bem o momento:

Você sabe que tenho por Winston uma admiração que chega à idolatria, por isso estou terrivelmente perturbada pela ruindade de seus discursos eleitorais pelo rádio. Que aconteceu com ele? São confusos, rudes, nada construtivos, e o palavreado é tamanho que torna impossível ter deles uma impressão concreta. Se eu fosse uma indecisa, eles me empurrariam para o outro lado. Archie Sinclair e Stafford Cripps foram infinitamente melhores (JENKINS, 2002, p. 728).

Naquele momento, Churchill concordava, em particular, com estas observações. *Ele está muito caído, coitadinho*, mencionou a esposa Clementine para a filha Mary, em 20 de junho. [Ele] *Acha que perdeu o velho toque e se lamenta por isso* (JENKINS, 2002, p. 728).

Depois de seis anos de governo, Churchill se retira do comando da política inglesa, sendo substituído por Clement Attlee. Irá dedicar-se a escrever suas memórias, pintar e proferir palestras, embora sem afastar-se da vida partidária.

Churchill ganharia outra eleição e seria Primeiro-Ministro novamente, entre outubro de 1951 e abril de 1955.

---

<sup>15</sup> Conferência de Potsdam: Reunião entre os três grandes líderes aliados em Potsdam, ao leste de Berlim, entre 17 de julho e 2 de agosto de 1945, onde Josef Stalin pela URSS, Harry Truman pelos Estados Unidos e Winston Churchill pela Grã-Bretanha, definiram as condições da paz na Europa pós-guerra.

## 4. ANÁLISE

Neste capítulo buscar-se-á, através da teoria da análise dos discursos de Patrick Charaudeau, o entendimento das lógicas de construção das mensagens de Winston Churchill. A análise se baseia na desconstrução dos discursos e na busca dos sentidos das palavras e das frases ao longo do desenvolvimento de cada um dos discursos escolhidos.

### 4.1. ANÁLISE DOS DISCURSOS

Com base no método da Hermenêutica de Profundidade, desenvolvido por John Thompson, este trabalho irá analisar a importância de alguns discursos de Winston Churchill ao longo da Segunda Guerra Mundial. Utilizar-se-ão os princípios de análise do discurso de Patrick Charaudeau, relacionando a motivação e as condições de produção com as causas e os efeitos buscados em cada um deles.

A análise proposta passa, primeiro, pela desconstrução de cada discurso, relacionando frases e palavras com intenções contextualizadas nas condições sócio-históricas em torno de cada referência. Destacam-se, aqui, as palavras-chave que, combinadas entre si, constroem a mensagem principal que o emissor propõe. Num segundo momento, através da pesquisa histórica e de relatos bibliográficos, buscar-se-á idealizar possíveis resultados e o entendimento dos receptores.

Por último, cada discurso é novamente desmembrado, em frases ou palavras, e enquadrado numa grade que procura caracterizar as mensagens como positivas ou negativas e a quem são endereçadas: se aos políticos, à população, aos inimigos, aos aliados na guerra ou a todos eles. A grade pode ser observada abaixo, de forma esquemática:

Figura 4.1. Grade de análise de discursos

	POSITIVO	NEGATIVO
POLÍTICOS		
POVO		
INIMIGOS		
ALIADOS		
TODOS		

Partindo-se do que esteja exposto nas grades, poder-se-á novamente avaliar a intenção, o direcionamento e os possíveis efeitos procurados em cada um dos discursos. Isto será realizado, inicialmente, na forma individual dos discursos e, ao final, reunindo todos eles, demonstrar como Winston Churchill utilizou suas palavras como arma de divulgação, propaganda, persuasão ou mobilização.

Esta dissertação parte da premissa de que a guerra foi ganha pelos aliados, tanto pela força das armas, quanto pela determinação dos exércitos, mas, acima de tudo, pela resistência dos povos subjugados e sob ameaça. A liderança de Churchill ao longo da guerra foi essencial para que o esforço de guerra produzisse certa unidade mental e emocional das populações inglesa e européia, mantendo, assim, a esperança na libertação e no retorno da democracia.

Na figura 4.2, abaixo, demonstra-se como os meios discursivos estão divididos entre o *logos*, a razão, e o *pathos*, a emoção, e o *ethos*, a tradição. Pode-se observar toda a gama de influências que circunda o orador, os meios que utiliza e o que é nele observado. Através desta tabela, poder-se-á analisar fatos relevantes presentes nos discursos de Winston Churchill.

Figura 4.2. Grade de divisão dos meios discursivos

R A Z Ã O	<b>Logos</b>			
	<b>Pathos</b> (Auditório)			
E M O Ç Ã O	<b>Ethos</b> (Orador)	Credibilidade	A Seriiedade	Índices corporais/ mímicos Índices comportamentais Índices verbais: tom, escolha das palavras, elocução, austeridade
			Virtude	Sinceridade Fidelidade Transparência Honestidade pessoal
			Competência	Saber e habilidade Conhecimento profundo Provas de que sabe fazer Poder e experiência
		Identificação	Potência	Energia física Virilidade
			Caráter	Força de espírito Atitude provocadora ou polêmica
			Inteligência	Admiração Malícia Astúcia Habilidade
			Humanidade	Emoções Sentimentos de confissão e intimidade Compaixão Mostra de fraquezas
Chefia	Guia – pastor, profeta e soberano Comandante			
Solidariedade	Estar ao lado Ouvir			

A figura 4.3. exemplifica a divisão frente aos efeitos de sentido, sendo que os procedimentos expressivos permitem a análise

da forma de falar do orador. Os procedimentos enunciativos descrevem as possibilidades de diferenciação daqueles que realizam os atos de linguagem.

Figura 4.3. Grade dos efeitos de sentido

<b>Procedimentos Expressivos</b>	Falar bem	Tom Dicção Ritmo Articulação Pronúncia
	Falar forte	Potência Gestualidade Velocidade Articulação
	Falar tranquilo	Caráter Inteligência Chefia/Liderança
	Falar regional	Sotaque regional
<b>Procedimentos Enunciativos</b>	Elocutivos	Pronomes pessoais Verbos modais Advérbios Qualitativos
	Elocução	Compromisso Convicção Confissão
	Delocutiva	Voz de terceiros Voz da verdade

#### 4.1.1. O discurso “Guerra”

Pronunciado em 3 de setembro de 1939, em Londres, na Câmara dos Comuns, este discurso ocorreu imediatamente após a invasão da Polônia pelas tropas alemãs.

##### 4.1.1.1. Desmembramento do discurso

Nesta fase da análise, bem como nos discursos subsequentes, parágrafos, frases e sentenças serão desmembradas e comentadas, assim como palavras e declarações, consideradas importantes, grifadas. Este trabalho visa ao desenvolvimento do

enquadramento esquemático do próximo passo e às considerações específicas, na busca de causas e efeitos de sentido.

Neste hora solene, **é um consolo lembrar e pensar sobre nossos repetidos esforços pela paz.** Todos foram mal-afortunados, mas foram também sinceros e dedicados. **Isso é de grande valor moral no momento;**

*[Há uma busca por salientar um momento diferenciado, a necessidade da formação de um novo contrato entre governo, políticos e nação, dado o senso de urgência da guerra recém declarada. Um momento grave que vai exigir o resgate da dignidade, da estatura moral, dos valores individuais, da nobreza das atitudes e de novos compromissos. A Inglaterra está em guerra contra um inimigo que, embora todos os esforços prévios de apaziguamento, rompeu com todos os acordos].*

... **esta convicção moral permite o ânimo** sempre novo que restabelece a força e a energia do povo **em dias negros, longos e difíceis.**

Lá fora, as **tempestades de guerra** podem soprar e as terras podem ser fustigadas com a fúria das ventanias, **mas há paz em nossos corações** nesta manhã de domingo. **Nossas mãos podem estar em ação, mas a nossa consciência está em paz.**

*[Churchill está preparando a audiência para a realidade da guerra, que vai exigir fortaleza moral. Será necessário fazer com que as pessoas compreendam o que está em jogo. O contraste entre a guerra e a paz está sendo definido: a guerra é contra um inimigo que se revela terrível e vingativo, e a paz, inicialmente, é um estado de espírito individual e, numa instância maior, um universo de tolerância e compreensão entre os povos. O contraste entre paz e guerra corresponde à oposição dentro e fora].*

**Não devemos subestimar a gravidade...** . Devemos, sim, **esperar desapontamentos** e muitas **surpresas desagradáveis.**

*[Novamente estão sendo se preparados os espíritos para as dificuldades da guerra e a carga emocional de sofrimento que está por vir: morte, destruição e solidão].*

... há aqui uma geração de bretões pronta para **se mostrar digna dos dias de outrora e digna daqueles grandes homens**, pais de nossa terra, que prepararam os fundamentos de nossas leis e moldaram a grandeza de nosso país. ... **Estamos lutando para salvar o mundo** da epidemia da tirania nazista e em defesa de tudo aquilo que é mais sagrado para o homem. **Esta não é nenhuma guerra de dominação, engrandecimento imperial ou ganho material**. Não é uma guerra para tirar de qualquer país a luz do sol ou os seus meios de progresso. **É uma guerra, percebida em suas características, com o objetivo de estabelecer em rochas inexpugnáveis os direitos do indivíduo – é uma guerra para consolidar e reviver a grandeza do homem.**

*[Ao mesmo tempo em que se procura valorizar a tradição guerreira da Inglaterra, há um rompimento com a tradição das guerras colonialistas anteriores. A preocupação é com uma nova perspectiva de enfrentamento, uma disputa ideológica onde lutam, de um lado, uma ideia baseada na pureza e na supremacia de uma raça sobre as outras e, de outro, o humanismo representado pela democracia, muitas vezes imperfeita, mas sobre a qual uma sociedade justa pode prosperar. O sagrado, para o homem, é a liberdade de escolha, e é isto que Churchill quer defender e propor como objetivo da luta].*

#### 4.1.1.2. Enquadramento esquemático

De acordo com o quadro 4.1., demonstra-se, aqui, a construção esquemática do discurso, pelo sentido das frases selecionadas para a construção de uma mensagem:

Quadro 4.1.

	POSITIVO	NEGATIVO
POLÍTICOS	- Neste hora solene, é um consolo lembrar e pensar sobre nossos repetidos esforços pela paz	Todos foram mal-afortunados, mas foram também sinceros e dedicados
POVO	- Isso é de grande valor moral no momento - ... a sincera cooperação de milhões de homens e mulheres – cuja camaradagem e irmandade são indispensáveis - ... convicção moral permite o ânimo sempre novo que restabelece a força e a energia do povo	- Não devemos subestimar a gravidade da tarefa - ... em dias negros, longos e difíceis

<p>TODOS</p>	<p>- ... há paz em nossos corações nesta manhã de domingo  - estamos lutando para salvar o mundo ... e em defesa de tudo aquilo que é mais sagrado para o homem  - Esta não é nenhuma guerra de dominação, engrandecimento imperial ou ganho material  - É uma guerra, ..., com o objetivo de estabelecer em rochas inexpugnáveis os direitos do indivíduo – é uma guerra para consolidar e reviver a grandeza do homem</p>	<p>- Devemos sim esperar desapontamentos e muitas surpresas desagradáveis</p>
--------------	---	---

Churchill ainda não faz parte do governo e sua fala pretende despertar a nação, através do Parlamento. Apesar de ter sido um crítico da política de apaziguamento, ele entende a gravidade do momento e a força do inimigo. Percebe que a vitória só poderá vir através da união de todas as forças políticas inglesas.

Quando dirige palavras ao povo, chama a atenção para os ideais que fizeram da Grã-Bretanha um grande Império – coragem, união, dignidade e liberdade. Fala da convicção moral como arma de luta e lembra do papel que terão de desempenhar – a luta para *salvar o mundo ... em defesa de tudo aquilo que é mais sagrado para o homem*. É um discurso conciliatório no que toca ao panorama interno, que propõe estabelecer uma base comum para que a Inglaterra tenha chance concreta de vencer a guerra lá fora.

Existe a necessidade de evidenciar a diferença desta guerra com relação às anteriores. A Inglaterra formou seu império em lutas coloniais, agregando territórios e defendendo-os de outras nações ou em movimentos internos de independência. O que ocorre, neste momento, é a luta pela defesa da liberdade no mundo ocidental, a defesa do modo de vida no qual foi construída a sociedade judaico-cristã. Defender-se-á a humanidade contra uma força opressora, uma ditadura racial que, para Churchill, desde o princípio e de forma clara, demonstrou intenções destruidoras. O que está em jogo são as formas de governo e todas as nações europeias modernas.

#### 4.1.1.3. Considerações finais, causas e efeitos

O discurso “Guerra” procura diferenciar o momento presente do passado, estabelecendo um novo contrato de comunicação e um senso de urgência, lembrando a grandeza e a altivez moral, presentes no jeito de ser inglês. Os valores de nobreza individual e coletiva são recordados, e a fala pretende preparar todos para os momentos de dificuldades ainda desconhecidas e mais graves.

As razões da luta são demonstradas de forma objetiva e um cenário realista é apresentado. Há também uma explicação para a perda de certas liberdades constitucionais e a esperança da recuperação e ampliação destas, no futuro.

Tomando-se por base a figura 2.1., pode-se estabelecer a situação retórica do discurso através das premissas da argumentação. Aqui, Churchill procura, a todo o momento, confortar a audiência, apelando para o passado histórico do Império Britânico - o gênero persuasivo é deliberativo. Agora, a Inglaterra retoma a liderança, não para dominar, mas para sustentar a liberdade.

Os cânones retóricos dividem-se nas categorias dispostas na figura 2.2. A invenção reflete-se na credibilidade do autor, embora, neste período, ela seja menor do que no decorrer dos próximos seis anos, mas sua argumentação alterna o apelo à emoção e à lógica. O discurso é organizado de forma a criar uma atmosfera de motivação crescente, através de frases de efeito. O estilo é formal, porém não rebuscado ou repleto de adornos, que o tornaria artificial.

Na análise dos argumentos quase-lógicos, definidos na figura 2.3., este discurso se encaixa na subdivisão de identidade e definição, quando a identificação de diversos elementos são o objeto do discurso. Churchill expressa, através das palavras *dignidade*, *honra*, *grandeza* e *convicção moral*, a motivação para a união. Ao mencionar a *salvação do que é mais sagrado* define o objetivo do discurso.

Ao analisar-se o discurso com base na tabela 4.2, pode-se observar as características do orador e os elementos de retórica que utilizou. A construção de sua credibilidade é dividida na seriedade,

virtude e competência da narração. Através da seleção de palavras e de uma locução austera determina a seriedade do assunto. A virtude do orador transparece na forma sincera com que aborda os temas da guerra, na honestidade sobre as dificuldades e na clareza sobre os objetivos do discurso. A credibilidade ainda é alcançada pelo profundo conhecimento que Churchill tem da história da vida inglesa e da experiência sobre os momentos das guerras.

Identifica-se o narrador, ainda na figura 4.2, através de seu caráter, por sua força de espírito. Destaca-se, ainda, sua inteligência na admiração que pode gerar, na humanidade, através das emoções e nos sentimentos de intimidade que apresenta. Churchill mostra, mesmo ainda não sendo membro do governo, sua aptidão para a liderança como um guia profeta que, lembrando do passado projeta o futuro, num duplo movimento de evocação e diferenciação.

A partir da figura 4.3, podem-se analisar os procedimentos expressivos e enunciativos da narração. Embora não haja, muitas vezes, o registro de áudio de todos os discursos, e nem eles estejam anexados a este trabalho, pode-se avaliar a expressão de Churchill com o *falar tranquilo*, onde expõe seu caráter, inteligência e espírito de liderança. Os procedimentos enunciativos podem ser considerados como elocutivos, pois qualificam e adjetivam situações a serem vividas e elocutivo, por promoverem um novo compromisso, com convicção, chamando para a ação.

#### 4.1.2. Discurso “Sangue, trabalho, lágrimas e suor”

Este discurso foi pronunciado em 13 de maio de 1940, na Câmara dos Comuns, em Londres, depois de aceito o convite para ser Primeiro Ministro, realizado pelo Rei George VI, três dias antes.

##### 4.1.2.1. Desmembramento do discurso

Na noite da última sexta feira, recebi **a delegação de Sua Majestade para formar um novo governo**. Foram evidentes os desejos e a vontade do Parlamento e da nação para que isso fosse

concebido na **base mais ampla possível e que incluísse todos os partidos**, tanto aqueles que apoiaram o último governo quanto os da oposição. **Completei a parte mais importante desta tarefa.** Um Gabinete de Guerra foi formado com cinco membros, representando, com os liberais da oposição, a unidade da nação.

*[Falando em 1ª. pessoa, Churchill traz para si, direta e imediatamente, a responsabilidade pela ação na guerra e na administração da nação. De forma humilde, e respeitando a hierarquia constitucional e a democracia, parte para a construção de um governo de união nacional, fundamental para enfrentar a Alemanha. Desde o princípio, ele coloca em prática suas crenças, especialmente a de que a guerra só poderá ser vencida se houver uma efetiva união de esforços de todos os ingleses para o objetivo da vitória. Um governo de coalizão é a decisão coerente e fundamental para que, quaisquer que sejam as divergências internas, elas possam ser resolvidas rápida e internamente no ambiente do governo. Por isso, valoriza, de um lado, o Parlamento e, de outro, a nação].*

Formar um **governo desta escala e complexidade** é em si mesmo uma tarefa séria, mas devemos lembrar que estamos no **estágio preliminar de uma das mais duras batalhas da história**, que estamos em ação em muitos outros pontos na Noruega e na Holanda, que devemos nos preparar no Mediterrâneo, que a batalha aérea é contínua e que muitas providências têm de ser tomadas aqui. **Em meio a esta crise, espero ser perdoado se não me dirijo à Casa com detalhes** no dia de hoje.

*[O governo está sob enorme pressão, pois precisa tomar decisões urgentes. Churchill demonstra humildade e um certo embaraço pela dureza e extrema firmeza na tomada de decisões que podem estar ferindo sentimentos políticos. Ele é obrigado a formar um novo governo e não há tempo para formalidades políticas ou manobras neste sentido. Ele precisa convocar as melhores pessoas para preencher os cargos de seu gabinete. É interessante a ressalva, no parágrafo anterior, de que o gabinete de guerra é composto apenas por cinco membros. Ao lembrar a importância e a complexidade de entrar em guerra, Churchill busca a aproximação com o povo para ratificar e determinar sua forma de agir].*

Eu diria à Casa, como disse àqueles que se juntaram a este governo: **Nada tenho a oferecer exceto sangue, trabalho, lágrimas e suor.**

*[O anti-clímax do discurso está no meio. A frase que mobilizou a opinião pública inglesa, no momento de entrada deste governo, é dita de forma, até certo ponto, despretensiosa, mas com forte determinação, alertando para os sacrifícios pessoais. A frase correria o mundo e se tornaria como que a imagem de Churchill ao longo dos tempos. O líder assume seu compromisso pessoal para que todos assumam seus próprios compromissos pessoais com a vitória, quando por todos entende-se o povo, as forças armadas e as forças políticas. A declaração de seu compromisso pessoal de trabalho e dedicação é o que ele espera de cada um dos membros do governo e do povo].*

Temos diante de nós um desafio dos mais graves. Temos diante de nós **muitos, muitos e longos meses de luta e sofrimento.** Vocês perguntam: **qual é nosso plano de ação?** Posso dizer: **é travar a guerra pelo mar, pela terra e pelo ar com todo nosso poder e com toda a força que Deus nos possa dar,** travar a guerra contra uma monstruosa tirania jamais suplantada nos registros sombrios e lamentáveis do crime humano. **Esse é o nosso plano de ação.**

Vocês perguntam: **qual é o nosso objetivo?** Posso responder em uma palavra: **é a vitória, a vitória a todo custo, a vitória a despeito de todo o terror,** a vitória mesmo que a estrada seja longa e penosa – **pois sem vitória não há sobrevivência.**

*[É feita uma convocação para a unidade de todas as forças contra a tirania, pela liberdade. Churchill alerta para uma dura e nova realidade, para uma guerra de duração desconhecida, mas que se sabe será longa. Modela-se um novo contrato, entre o líder e o povo, e uma nova realidade é apresentada. Não há alternativa para a Inglaterra senão a vitória e serão necessários determinação, sacrifício e mobilização para alcançá-la. Isto deve ficar claro e será repetido inúmeras vezes, ao longo da guerra, em diversos discursos].*

Que isto seja entendido: **sem vitória não há sobrevivência para o Império Britânico,** não há sobrevivência para tudo aquilo que o Império Britânico tem representado, **não há sobrevivência para os ímpetos e para os estímulos daquelas épocas em que a humanidade se move para a frente,** em direção aos seus objetivos. **Assumo minha tarefa com ânimo e esperança.**

Estou seguro que **nossa causa não irá fracassar** entre os homens. Neste momento, sinto-me autorizado a pedir a ajuda de todos, e digo: **Venham, vamos em frente juntos, com a força de nossa união.**

*[Na 1ª pessoa, Churchill traz para si a responsabilidade através da liderança e do posicionamento de comando pelo exemplo. Reitera sua determinação, esperança, confiança e compromisso dele com o povo e desta forma, entre o coletivo e a nação. Fica clara a relação entre a vitória e a sobrevivência da Inglaterra e da humanidade. Novamente, o líder cumpre seu dever para motivar a todos pela união e a importância que ela tem neste novo contexto: a política, o exército, o povo e a religiosidade compõem aqui um só corpo].*

#### 4.1.2.2. Enquadramento esquemático

De acordo com o quadro 4.2., demonstra-se, aqui, a construção esquemática do discurso, pelo sentido das frases selecionadas para a montagem da mensagem:

Quadro 4.2

	POSITIVO	NEGATIVO
POLÍTICOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ... recebi a delegação de Sua Majestade para formar um novo governo</li> <li>- ... para que isso fosse concebido na base mais ampla possível e que incluísse todos os partidos</li> <li>- Completei a parte mais importante desta tarefa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ... espero que qualquer um dos meus amigos e colegas, ... influenciados pela estruturação política, ... desconsiderem qualquer falta de cerimônia</li> <li>- Em meio a esta crise, espero ser perdoado se não me dirijo à Casa com detalhes</li> </ul>
POVO		<ul style="list-style-type: none"> <li>- ... estamos no estágio preliminar de uma das mais duras batalhas da história</li> </ul>
INIMIGOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ... travar a guerra contra uma monstruosa tirania jamais suplantada nos registros sombrios e lamentáveis do crime humano. Esse é nosso plano de ação</li> </ul>	
TODOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vocês perguntam: qual é o nosso plano de ação? ... é travar a guerra pelo mar, pela terra e pelo ar, com toda o nosso poder e com toda a força que Deus nos possa dar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Temos diante de nós um desafio dos mais graves. Temos diante de nós muitos, muitos e longos meses de luta e sofrimento</li> <li>- ... pois sem a vitória não há</li> </ul>

	<p>- Vocês nos perguntam qual é o nosso objetivo? Posso responder em uma palavra: é a vitória, a vitória a todo custo, a vitória a despeito de todo o terror</p> <p>- Assumo minha tarefa com ânimo e esperança. Estou seguro que nossa causa não irá fracassar entre os homens</p> <p>- “Venham, vamos em frente juntos, com a força de nossa união”</p>	<p>sobrevivência. Que isso seja entendido: sem vitória não há sobrevivência para o Império Britânico</p> <p>- Eu diria à Casa, como disse àqueles que se juntaram a este governo: <i>Nada tenho a oferecer exceto sangue, trabalho, lágrimas e suor</i></p>
--	---	---

Churchill assume o governo e as rédeas da guerra, o ápice de sua carreira coincide com o momento mais terrível da história inglesa. O desafio é enorme e só a vitória pode salvar-lhes, porém esta só será possível com a união de todos, do Parlamento, do governo, das forças armadas e da população. Para o povo, ele condiciona a solução a travar uma guerra total, *pelo mar, pela terra e pelo ar, com toda o nosso poder e com toda a força que Deus nos possa dar.*

Este discurso passou para a história como um dos grandes momentos de Churchill, quando faz uma declaração pessoal de dedicação extrema e consegue sintetizar, em quatro palavras, o que deverá ser exigido de todos: *sangue, trabalho, lágrimas e suor*. Sangue - pois a guerra traz morte, desilusão e sofrimento. Trabalho - pois todos deverão debruçar-se pelo esforço de guerra, como soldados, operários nas indústrias, guarda civil, entre tantas atividades cotidianas da sociedade, com mais empenho e suor. Lágrimas serão novamente derramadas pelas perdas de vidas, de bens, do bem-estar e das rotinas cotidianas de cada um. Não há caminho simples para se vencer esta guerra e Churchill, desde o princípio, estabelece um novo acordo social, a começar por ele.

Com uma nova e terrível realidade, consolida-se um objetivo claro, que não deixa dúvidas sobre o que deve ser alcançado: *é a vitória, a vitória a todo custo, a vitória a despeito de todo o terror,...* que será obtida *com a força de nossa união.*

#### 4.1.2.3. Considerações específicas, causas e efeitos

No discurso “Sangue, trabalho, lágrimas e suor”, Churchill chama para si a responsabilidade pelas decisões que serão tomadas. Através de um governo de unidade nacional, em torno dos valores ingleses e humanos, sua liderança vai, pouco a pouco, sendo construída. É um discurso feito, em grande parte, na 1ª. pessoa, onde ele procura, através de seu compromisso pessoal, incentivar, convocar e motivar o compromisso de toda a nação para a luta contra o nazismo.

De forma clara, direta e objetiva, Churchill relembra os objetivos da guerra e as dificuldades enfrentadas e que persistirão até o final. Sua dedicação e promessa - *sangue, trabalho, lágrimas e suor*, - são as palavras que resumem o esforço de seu governo e o que ele, de forma aberta, espera dos ingleses. A vitória apenas será viável com a união de todos e isto significa objetivos e motivações comuns.

Com base na figura 2.1., pode-se destacar que, dado o contexto histórico nas quais se produziu esta fala, a premissa da argumentação é a necessidade de união. O acordo que Churchill procura, desde o princípio, é a união em torno de seu governo e da luta contra a Alemanha, na *terra, no ar e no mar*. O gênero de persuasão é deliberativo, sendo este discurso inicialmente feito na Câmara dos Comuns, em Londres, mas ele será reproduzido nos jornais e retransmitido pelo rádio, dias depois.

A estrutura do discurso (figura 2.2) é construída a partir da credibilidade do autor. Churchill assume a tarefa por ser o melhor homem, no momento, porém precisa construir alianças para poder governar e liderar, ampliando sua credibilidade. Há um apelo à razão, quando demonstra a realidade dos fatos, e à emoção, quando refere Deus.

A organização do discurso procura gerar três momentos épicos. Quando menciona *sangue, trabalho, lágrimas e suor*, chama a atenção para o meio do discurso e pode-se considerar este momento como o anti-clímax, sua declaração pessoal de envolvimento. Posteriormente, quando repete *vitória* seguidas vezes reforça o objetivo

em mente. Ao final, quando conclama à *união*, encerra sua fala com um chamamento à forma de se alcançar os objetivos. É um discurso curto, intenso e pessoal, em que se constrói o compromisso e a forma de alcançar o objetivo final e único: mobilização para a vitória.

A estrutura lógica do discurso, conforme pode-se interpretar a partir da figura 2.3, subdivide-se na identificação e na definição de diversos elementos – compromisso, objetivo e forma. Churchill é taxativo, demonstra de maneira clara o que quer do povo, das forças armadas, dos agentes políticos e da opinião pública.

Através da figura 4.2 pode-se considerar este discurso como de grande apelo emocional, quando Churchill inicia a construção de sua credibilidade, por suas virtudes de sinceridade e transparência, e sua competência, pela demonstração de que o líder sabe o que fazer, tem poder e experiência e prova, através da agilidade da montagem deste governo, que sabe o que deve ser feito. Procura identificar-se com humanidade, ao mostrar suas emoções e intimidade, e como chefe, ao colocar-se como um comandante em ação, com as rédeas da situação às mãos.

Os procedimentos expressivos são de uma fala forte, quando demonstra articulação e potência e, uma fala tranquila, quando, apesar da grave situação, imprime sua liderança segura. A elocução é convincente e totalmente compromissada com o momento. Diz o que precisa ser feito, e não deixa dúvidas disso ao longo de toda a sua expressão.

O texto “Sangue, trabalho, lágrimas e suor” passou para a história como um dos mais poderosos e emocionantes pronunciamentos políticos do Ocidente. O discurso eletriza a nação e a mensagem não é outra senão: *A Grã-Bretanha lutaria até a morte!* Churchill é aplaudido de pé (LUKACS, 2008, p. 8). John Lukacs destaca este discurso como *um súbito golpe de luz sob – sob, não além – o timbre sonoro da retórica de Churchill. Elas iluminam algo* (LUKACS, 2008, p. 9).

Churchill sabia que em breve a guerra poderia estar perdida e terminada. Ele tentava, porém, ver além da derrota e sua

coragem estava sendo demonstrada. Churchill não temia por si, mas sim por seu país, seu povo e pela civilização ocidental (LUKACS, 2008, p. 72). Entretanto, estava confiante e precisava preparar a população para os próximos atos da guerra. Sabia que se Hitler falhasse na invasão à Inglaterra, haveria uma chance de resistir, fazer o tempo passar e organizar-se para vencer (LUKACS, 2008, p. 92).

#### 4.1.3. Discurso “O melhor momento”

Realizado em 18 de junho de 1940, na Câmara dos Comuns, em Londres, este longo discurso procura dar um panorama da situação da guerra e dos riscos que se corriam naquele momento. Os Aliados haviam se retirado, com sucesso, do continente, após a batalha de Dunquerque. Embora nenhuma derrota pudesse ser comemorada, a sobrevivência de mais de 350 mil soldados era algo a ser visto com grande alegria e alívio. No geral, a situação era desfavorável e os ataques à Inglaterra, iminentes. Era preciso construir novas esperanças e manter a união.

##### 4.1.3.1. Desmembramento do discurso

Falei outro dia sobre o **colossal desastre militar** que aconteceu quando o alto comando francês **deixou de retirar da Bélgica** as tropas do norte, no momento em que souberam que a **frente francesa estava decididamente esmagada** no Sedan e no Mosela<sup>16</sup>.

*[Falando na 1ª. pessoa, Churchill relata a derrota da França e a situação naquele momento. Critica as decisões dos altos comandos francês e belga, bem como os prejuízos assim gerados, por permitirem a transferência de armamentos ao inimigo. Estabelece o contraste entre a coragem dos soldados e os erros dos líderes].*

---

<sup>16</sup> Sedan: cidade francesa, uma subprefeitura do departamento de Ardennes. Mosela (em francês, Meuse): departamento do noroeste da França.

Eu lhes relato [a retirada de Dunquerque]<sup>17</sup> a fim de explicar porque não tivemos, como poderíamos ter tido, entre 12 e 14 divisões britânicas lutando nesta grande batalha, em vez de três. **Agora deixo tudo isso tudo de lado. Deixo na prateleira onde os historiadores**, quando tiverem tempo, irão selecionar os documentos para contar suas histórias. **Temos de pensar no futuro, e não no passado**, e isso também se aplica, de alguma forma, aos nosso próprios assuntos domésticos.

Há muitos que fariam um **inquérito na Câmara dos Comuns sobre a conduta dos governos** – e dos Parlamentos, pois eles também estão nisso – **ao longo dos anos que levaram a esta catástrofe**. Buscariam indicar aqueles que foram responsáveis pelo comando de nossos assuntos. Isso também seria um processo tolo e pernicioso. Há muita gente nisso. **Vamos deixar que cada homem examine sua consciência e os seus discursos. Eu examino os meus, com frequência. Tenho certeza de que, se abirmos uma disputa entre o passado e o presente, descobriremos que perderemos o futuro.**

*[Até aquele momento, Churchill já percorrera uma longa trajetória política, ainda que com altos e baixos. Há o entendimento de que a dolorosa derrota e a retirada de Dunquerque seriam examinadas no futuro, à luz dos desdobramentos do presente. Indo diretamente ao ponto, Churchill, expressando-se na 1ª pessoa, desafia, contorna e propõe seguirem o caminho em frente, pois era imperioso se resolver os dilemas imediatos da guerra. Como líder, em uma guerra mortal, as decisões eram urgentes e haveria espaço, no futuro, em outra situação, para se discutirem os caminhos tomados antes. Sugere deixar de lado as culpas do passado e do presente e optar por acertos no futuro. A guerra está chegando à Inglaterra e são necessários preparativos da população, de ordem prática, para os próximos acontecimentos. Churchill aposta no futuro, mas não deixa de registrar sua discordância em relação ao passado e ao presente].*

Portanto, não posso aceitar qualquer distinção entre os membros do governo atual. Este **foi formado num momento de crise, a fim de unir todos os partidos e todos os segmentos de opinião**. Recebeu o apoio quase unânime de ambas as Casas do Parlamento. Os membros do governo vão permanecer unidos e, com base na autoridade da Câmara dos Comuns, **vamos governar o país e lutar na Guerra**.

**É absolutamente necessário**, num momento como este, que seja **respeitado todo ministro que procure fazer o seu dever** - e ... **são homens cujas orientações devem ser obedecidas** no momento certo e de forma fiel.

---

<sup>17</sup> Nota do autor

*[Churchill apela à unidade que originou o governo, numa tentativa de desestimular a dissensão política. Lembra que a responsabilidade é compartilhada entre todos e que precisam construir uma nova organização, após a retirada de Dunquerque. Deixa claro que sabe o que aconteceu, mas valoriza a todos, de forma magnânima, ao mesmo tempo em que passa por cima dos críticos. Segue a ordem, o tom e o posicionamento firme pela unidade e pelo respeito à hierarquia do governo, por quem está dentro ou fora do mesmo. Exerce a política, não enquanto algo provisório, mas de forma equilibrada, racional e firme. De maneira prática, encaminha as decisões de governo para que sejam respeitadas e criticadas no futuro, à luz dos desdobramentos e dos resultados. Churchill precisa alterar o ambiente político e deixar claro que todos estão juntos na mesma situação e que somente a sincera união de forças permitirá a sobrevivência de todos].*

Vamos ter uma sessão secreta na quinta e penso que esta seria uma **oportunidade melhor para as muitas e respeitadas considerações que os representantes desejam fazer** e para a Casa discutir assuntos vitais sem que os nossos perigosos inimigos leiam tudo nos jornais da manhã seguinte.

Os **desastrosos fatos militares** que ocorreram nos últimos 15 dias não chegaram a mim como surpresa. Na verdade, **apontei à Casa, há duas semanas, tão claramente como podia, que as piores possibilidades estavam abertas** – e falei perfeitamente claro naquele momento que qualquer fato que ocorresse na França não faria nenhuma diferença na **determinação da Grã-Bretanha e do Império Britânico em lutar, se necessário por anos, se necessário sozinhos**. Durante os últimos dias, fomos bem sucedidos em trazer a maior parte de nossas tropas que tínhamos na França; e 7/8 das tropas que mandamos à França desde o início da Guerra – ou seja, **em torno de 350 mil de um total de 400 mil homens – estão seguros de volta a este país**.

*[Era essencial administrar a crise rapidamente e focar-se nas necessidades futuras, bem como manter a governabilidade. De forma alguma Churchill iria minimizar os acontecimentos - ele dá ciência de sua gravidade - mas precisava da compreensão e da paciência dos membros do Parlamento. Ele faz o convite para uma sessão secreta, o fórum pertinente para uma discussão aberta e democrática, em tempos de guerra. Churchill compreende a realidade, conhece a situação e precisa manter a determinação na perseguição da vitória e na valorização da Inglaterra, por seu acervo histórico e moral. Há uma*

*busca dos pontos positivos, enfatizando-os acima de uma situação geral negativa. O discurso dá destaque para a organização das Forças Armadas britânicas que, mesmo num movimento de retirada, transformou uma derrota em vitória. A retirada bem sucedida das tropas de Dunquerque permitiu que a Inglaterra mantivesse as perspectivas de vitória e isso precisava ser lembrado e comemorado].*

**Temos, portanto, nesta ilha, hoje em dia, uma força militar grande e poderosa. Esta força compreende todas as nossas mais bem treinadas tropas**, incluindo dezenas de milhares daqueles que já mediram forças com os alemães e não ficaram em nenhuma desvantagem. Temos, hoje, nesta ilha, 1.250.000 homens nas forças armadas, aproximadamente. **Por trás deles, temos os voluntários da defesa local**, em número de 500 mil, dos quais, **no entanto, apenas uma porção já está armada** com rifles ou outras armas de fogo.

... Temos também por aqui os **exércitos dos domínios britânicos**. Os canadenses, de fato, desembarcaram na França, mas já foram retirados com segurança, muito desapontados, mas em perfeita ordem, com artilharia e equipamento. **E estas forças de alta qualidade, provenientes dos [antigos] domínios [britânicos], irão agora tomar parte da defesa da pátria-mãe.**

*[Churchill faz um balanço de suas forças para o público, ressaltando o grau de competência de suas tropas. Com isso, contrasta a derrota e a retomada para a luta. Este esclarecimento público enfatiza a busca de pontos positivos, destacando as possibilidades de lutar em iguais condições contra o inimigo. Desta forma, está se motivando o público interno para os próximos enfrentamentos, através do Parlamento. O narrador faz uma descrição da disponibilidade militar da Grã-Bretanha, com realidade e sinceridade. Há um senso de união e valorização dos territórios além-oceano do antigo Império Britânico].*

Tudo o que direi é que **um incansável estado de vigilância e de exercício da mente deve ser dedicado** sempre a este assunto, **porque o inimigo é astuto, perspicaz e cheio de artimanhas e estratégias. A Casa pode ficar segura que estamos trabalhando com o máximo de engenhosidade.**

A **imaginação** está sendo estimulada em um grande número de oficiais competentes, bem treinados em táticas e perfeitamente atualizados, para medir e contraproduzir novas possibilidades. Um incansável **estado de vigilância e de exercício da mente** está sendo, e deve ser, dedicado ao assunto porque, **é bom lembrar, o inimigo é esperto e não há jogo sujo que não seja capaz de fazer.**

*[Após um longo relato sobre a situação do Exército, Marinha e Aeronáutica e da produção de armas e estoques em geral, Churchill reforça a compreensão que os ingleses devem ter sobre o inimigo e a atenção a movimentos estranhos, dentro do país. Este alerta é necessário, pois o controle de informações, o risco de sabotagens e a espionagem são armas de guerra em uso. O conhecimento sobre as forças inimigas reafirma a qualidade inglesa, a dedicação à inovação e a capacidade intelectual próprias, bem como a potencialidade de um novo exército, de uma nova motivação por parte de um crescente número de soldados e o apoio das antigas colônias].*

No Canal [da Mancha] e no Mar do Norte, por outro lado, nossas superiores forças navais de superfície, ajudadas por nossos submarinos, irão operar com ajuda aérea próxima e efetiva.

Isto me traz naturalmente à **importante questão da invasão pelo ar e da iminente luta entre as forças aéreas da Grã-Bretanha e da Alemanha**. Parece claro **que nenhuma invasão, em escala acima da capacidade de nossas forças terrestres e capaz de esmagarem-nas com rapidez**, possa acontecer pelo ar até que a nossa força aérea tenha sido definitivamente dominada.

**Mas a grande pergunta é: podemos destruir o poder aéreo de Hitler?**

*[Há um importante alerta para a realidade e uma antecipação de fatos, demonstrando o conhecimento das táticas de guerra. Churchill usa ironia, humor, realismo e obstinação, fazendo o chamamento à luta, comparando suas táticas com o inimigo. Para que Hitler possa invadir a Inglaterra é necessário, inicialmente, que ele destrua as defesas aéreas inglesas. O segundo passo seria a supremacia naval para que as tropas alemãs pudessem cruzar o Canal da Mancha e desembarcar com segurança, ao mesmo tempo em que tivessem lançado os paraquedistas em solo britânico, com a menor resistência em terra possível. Estas variáveis passavam pela obrigatória destruição da RAF. Churchill precisa deixar a nação e as tropas em estado máximo de alerta, mas também de confiança em suas forças].*

**Mas temos uma força aérea muito poderosa, que se mostrou muito superior em qualidade – seja em homens ou em**

**máquinas** - à que encontramos até agora nas numerosas e ferozes batalhas aéreas que foram lutadas contra os alemães.

Na luta em Dunquerque, que era uma espécie de terra de ninguém, **batemos indubitavelmente a força aérea alemã** e ganhamos o domínio local dos céus, **impondo dia após dia uma perda de três ou quatro para cada uma.**

**Na defesa desta ilha, as vantagens para os defensores serão muito maiores** do que na luta em torno de Dunquerque. **Esperamos melhorar a taxa** de três ou quatro perdas para cada uma nossa que foi conseguida em Dunquerque.

*[Churchill reafirma a competência inglesa, em seus pilotos e em suas armas. Promove sua crença na própria força e confia que, na batalha que se aproxima, os resultados podem ser ainda melhores].*

Assim como está, **estou contente de informar à Casa que o nosso poder de combate aéreo é mais forte**, no presente, em comparação ao dos alemães, que sofreram perdas terríveis, mais do que jamais tiveram.

Consequentemente, **acreditamos sermos detentores da capacidade de continuar a guerra nos céus sob melhores condições** das que experimentamos antes.

**Aguardo com confiança pelas proezas de nossos pilotos – estes homens esplêndidos, essa juventude brilhante –**, que terão a glória de salvar a terra natal, a ilha onde moram e tudo o que amam, no mais mortal de todos os combates.

*[A batalha na Inglaterra está por começar. Para que se consolide um espírito vencedor é necessário um ambiente de otimismo e de confiança. Churchill precisa gerar uma atitude positiva entre todos, o que faz através da certeza que tem na qualidade e na quantidade de suas armas e no estímulo aos pilotos. Sabendo antecipadamente da grande tarefa que estes desempenharão neste primeiro momento da batalha, expressa sua gratidão e apoio. Coloca sobre os pilotos a esperança de todo o país, não como um fardo a ser carregado, mas como uma missão honrosa e nobre].*

**Muita coisa está em jogo. Todos os homens e mulheres terão a chance de exibir as melhores qualidades** de suas raças e **prestar os mais altos serviços às suas causas.** Para todos nós, nesta hora, qualquer que seja nossa situação social, nossa posição, nossa ocupação, nossos deveres, será uma ajuda lembrar os famosos versos:

*Ele não fez nem quis dizer nada comum,*

*Diante daquela cena memorável.*<sup>18</sup>

*[Churchill alerta para a importância do que está por vir imediatamente. Será um momento de superação individual e coletiva. Cria uma atmosfera mítica e épica, construindo a união em torno da grandiosidade individual, da honra e do senso comum. Nos versos que cita, deixa claro que, dada a relevância do momento, todos os feitos serão igualmente decisivos].*

Achei que está certo, nesta ocasião, **dar à Casa e ao país alguma indicação** a respeito dos fundamentos sólidos e práticos **sobre os quais baseamos nossa inflexível determinação para continuar a guerra.**

Há gente muito boa que diz: *Não interessa. Vencer ou perder, afundar ou nadar, é melhor morrer do que se submeter à tirania – e que tirania.* Não me dissocio deles. Mas, **posso assegurar-lhes que profissionais das três forças armadas recomendaram em conjunto que devemos continuar a guerra e que há, no fim, esperanças boas e razoáveis de vitória.**

*[Falando na 1ª. pessoa, Churchill dá conhecimento ao Parlamento dos objetivos do governo e das Forças Armadas. Ele acredita que a luta pode ser vencida através da união dos ingleses. De forma coerente com relação às falas anteriores, Churchill segue convencido e confiante nas possibilidades de vitória e persiste na construção deste ambiente. Em resumo, para vencer precisa-se de união. Logo, necessita-se de esperança e, para que haja esperança, deve haver confiança de que existem elementos concretos e reais para a vitória. Esta segurança é dada pelas Forças Armadas].*

**Temos informado e consultado todos os governos autônomos dos domínios britânicos**, estas grandes comunidades, bem além dos oceanos, que foram construídas a partir de nossas leis e de nossa civilização. **Eles estão completamente livres para escolher o seu caminho, mas estão completamente devotados também à antiga terra-mãe** e se sentem inspirados pelas mesmas emoções que me fazem apostar tudo no dever e na honra.

**Nós os consultamos plenamente e, recebi** de todos estes homens iminentes – ... e que estão lá porque representam a vontade de seus povos, **mensagens formuladas em termos comoventes**, nas quais endossam a nossa decisão de lutar e **se declaram**

---

<sup>18</sup> Do original: “*He nothing common did or mean, Upon that memorable scene*”. citação do texto **An horation ode upon Cromwell’s return from Ireland**, do poeta metafísico britânico Andrew Marvell (1621-1678).

**prontos a partilhar o nosso destino e perseverar até o fim**, e é isso o que vamos fazer.

*[A motivação da guerra é a luta pela liberdade e pelos valores humanistas. Churchill precisa do apoio material, de tropas e de todos aqueles dispostos a lutar pelos mesmos ideais. A convocação dos países que compõem o império é a forma pela qual pretende aumentar seu poder de fogo. A adesão de outros países irá fortalecer a união interna, mas precisa ser obtida de forma livre, pois de outro modo, não seria coerente com o que se está defendendo. Canadá, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul, entre outros, colocam-se à disposição. A Irlanda, contudo, declara-se neutra e não participará da guerra].*

Por outro lado [falando da possível invasão alemã à Inglaterra], não ocorrerá imediatamente, **e nós estamos, neste momento, seguros do apoio intenso, contínuo e crescente dos Estados Unidos – com suprimentos e todo o tipo de munição –** e, especialmente, com aviões e pilotos dos domínios britânicos, que cruzam os oceanos provenientes de regiões fora do alcance dos bombardeiros inimigos.

*[Há muita confiança nos acordos firmados com os Estados Unidos, que conferem segurança na capacidade aliada de manter uma guerra de longo prazo. Há otimismo de que, num horizonte de curto prazo, muito possa ser organizado antes do ataque alemão. Este momento de tensão serve para que a Inglaterra se organize e mobilize suas tropas e a população].*

**Ainda não sabemos o que vai acontecer na França**, ou se a resistência será prolongada, tanto na França quanto no Império Francês além-mar. ... **Como quer que os assuntos caminhem na França** ou com o governo francês, ou com outros governos franceses, nesta ilha e no Império Britânico **nunca perderemos nosso senso de camaradagem para com o povo francês.**

*[Existe uma sensação de frustração pela forma com que os franceses se conduziram na guerra e descontentamento pelos equívocos cometidos. Churchill reafirma, nesta passagem, sua preocupação com os caminhos que os governantes franceses tomaram e estão tomando. Ele separa claramente sua decepção com os líderes franceses de sua admiração pelo povo francês. Ao longo de toda a*

*guerra este sentimento de frustração, raiva e admiração é explicitado e dirigido, respectivamente aos governantes e ao povo. Por isso, à decepção se segue a reiteração da Inglaterra à França].*

**Aquilo que o general Weygand chamou de *a batalha da França* acabou. *A batalha da Grã-Bretanha* está para começar. Desta batalha depende a sobrevivência da civilização cristã. Dela depende a própria vida britânica e a continuidade de nossas instituições e de nosso império.**

**Toda a fúria e o poder do inimigo devem muito em breve se virar contra nós. Hitler sabe que terá de nos fazer sucumbir nesta ilha ou perder a guerra. Se nós pudermos enfrentá-lo, toda a Europa poderá ser livre e a vida do mundo poderá continuar na direção de campos amplos e ensolarados. Mas, se nós falharmos, o mundo inteiro – inclusive os Estados Unidos, inclusive todos os que conhecemos e com quem nos importamos – irá afundar no abismo de uma nova era de trevas, tornada mais sinistra e talvez mais prolongada, pelas luzes da ciência pervertida.**

**Vamos, portanto, nos unir em torno de nossos deveres. E saber que, se o Império Britânico e a Comunidade dos Estados Britânicos (Commonwealth) durarem mil anos, os homens ainda dirão: *Este foi o seu melhor momento.***

*[Ao final do discurso, Churchill resume seus pensamentos e enfatiza a importância da luta, alertando para as dificuldades, a dura realidade e o que realmente está em jogo. Novamente, destaca a sobrevivência do modo de vida ocidental. Com uma mensagem de esperança, otimismo e motivação, lembra a união de forças e o apoio vital dos Estados Unidos para o fornecimento de armas e tudo o mais de que a Inglaterra necessitar. A sociedade ocidental corre o grave risco de desaparecer e é necessária a demonização do inimigo, um adversário que precisa ser derrotado. O discurso chama para a grandiosidade, a glória e a unidade da civilização ocidental livre, seu sentimento de dever e de honra contra uma ameaça real e mortal. O melhor momento da história da Inglaterra ocorreria quando pudesse mostrar ao mundo que defendeu a liberdade e a democracia, num contexto histórico que estava sendo destruído e escravizado. Que momento poderia ser melhor que este?].*

#### 4.1.3.2. Enquadramento esquemático

No quadro esquemático 4.3., abaixo, demonstra-se, a construção do discurso pelo sentido das frases seleccionadas, para a transmissão de uma mensagem específica:

Quadro 4.3

	POSITIVO	NEGATIVO
POLÍTICOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agora deixo tudo isso tudo de lado. Deixo na prateleira onde os historiadores, quando tiverem tempo, irão seleccionar os documentos para contar suas histórias. Temos de pensar no futuro, e não no passado</li> <li>- Tenho certeza de que, se abirmos uma disputa entre o passado e o presente, descobriremos que vamos perder o futuro</li> <li>- Os membros do governo vão permanecer unidos e,..., vamos governar o país e lutar na Guerra</li> <li>- É absolutamente necessário, num momento como este, que seja respeitado todo ministro que procure fazer o seu dever - e ... são homens cujas orientações devem ser obedecidas</li> <li>- ...um incansável estado de vigilância e de exercício da mente deve ser dedicado ...., porque o inimigo é astuto, perspicaz e cheio de artimanhas e estratagemas. A Casa pode ficar segura que estamos trabalhando com o máximo de engenhosidade</li> <li>- Mas temos uma força aérea muito poderosa, que se mostrou muito superior em qualidade – seja em homens ou em máquinas</li> <li>- ...dar à Casa e ao país alguma indicação a respeito dos fundamentos sólidos e práticos sobre os quais baseamos nossa inflexível determinação para continuar a guerra</li> <li>- Posso assegurá-los de que profissionais das três forças armadas, ... recomendaram em conjunto que devemos continuar a guerra e que há esperanças boas e razoáveis de vitória</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falei outro dia sobre o colossal desastre militar</li> <li>- Há muitos que fariam um inquérito na Câmara dos Comuns ... Vamos deixar que cada homem examine seus discursos e sua consciência. Eu examino os meus com frequência</li> <li>- aponte à Casa, há duas semanas, tão claramente como podia, que as piores possibilidades estavam abertas</li> <li>- Durante aquela guerra (1<sup>a</sup>. Guerra), nós nos perguntávamos: como vamos vencer? ... nosso terrível inimigo desmoronou à nossa frente, e ficamos tão saturados com a vitória que, em nossa estupidez, a jogamos fora</li> </ul>

<p>POVO</p>	<p>- ...determinação da Grã-Bretanha e do Império Britânico em lutar, se necessário por anos, se necessário sozinhos</p> <p>- Muita coisa está em jogo. Todos os homens e mulheres terão a chance de exibir as melhores qualidades de suas raças e prestar os mais altos serviços às suas causas</p> <p>- ... “Não interessa. Vencer ou perder, afundar ou nadar, é melhor morrer do que se submeter à tirania – e que tirania”</p> <p>- Se nós pudermos enfrentá-lo (os nazistas), toda a Europa poderá ser livre e a vida no mundo poderá continuar na direção de campos amplos e ensolarados</p>	<p>Aquilo que o general Weygand chamou de <i>a batalha da França</i> acabou. <i>A batalha da Grã-Bretanha</i> está para começar. Desta batalha depende a sobrevivência da civilização cristã. Dela depende a própria vida britânica e a continuidade de nossas instituições e de nosso império</p> <p>- Toda a fúria e o poder do inimigo devem muito em breve se virar contra nós</p> <p>- Mas a grande pergunta é: podemos destruir o poder aéreo de Hitler?</p>
<p>INIMIGOS</p>	<p>- Temos, portanto, nesta ilha, hoje em dia, uma força militar grande e poderosa. Esta força compreende todas as nossas mais bem treinadas tropas,... Por trás deles, temos os voluntários da defesa local</p> <p>- Haveria amplas possibilidades (de saber os planos inimigos), ... de que esta frota armada fosse interceptada bem antes de atingir a costa</p>	<p>- Nós devemos ser capazes de dar a esta turma (os para quedistas alemães) uma recepção calorosa, tanto no ar, como no solo</p> <p>- Hitler sabe que terá de nos fazer sucumbir nesta ilha ou perder a guerra</p>
<p>ALIADOS</p>	<p>- Aguardo com confiança pelas proezas de nossos pilotos – estes homens esplêndidos, esta juventude brilhante -, que terão a glória de salvar a terra natal, a ilha onde moram e tudo o que amam, do mais mortal de todos os ataques</p> <p>- Temos consultado e informado todos os governos autônomos dos domínios britânicos. ... Eles estão completamente livres para escolher o seu caminho, mas estão totalmente devotados à terra-mãe e inspirados</p> <p>- ... e nós estamos, neste momento, seguros do apoio intenso, contínuo e crescente do Estados Unidos – com suprimentos e todo o tipo de munição</p> <p>- Ainda não sabemos o que vai acontecer na França, ... Como quer que os assuntos caminhem na França ... nunca perderemos nosso senso de camaradagem para como o povo francês</p>	<p>- ... ficaremos encantados em oferecer ao <i>Signor</i> Mussolini uma passagem livre e protegida pelo estreito de Gibraltar. Há uma curiosidade em descobrir se os italianos se mantiveram no mesmo nível em que estavam na última guerra</p>

<p>TODOS</p>	<p>- fomos bem sucedidos em trazer a maior parte de nossas tropas ... ou seja, em torno de 350 mil de um total de 400 mil homens – estão seguros de volta a este país  - Vamos, portanto, nos unir em torno de nossos deveres. E saber que, se o Império Britânico e a Comunidade dos Estados Britânicos durarem mil anos, os homens ainda dirão: “Este foi o seu melhor momento”</p>	<p>- Mas, se falharmos, o mundo inteiro – inclusive os Estados Unidos, ... irá afundar no abismo de uma nova era de trevas, tornada mais sinistra e talvez mais prolongada, pelas luzes da ciência pervertida</p>
--------------	---	---

O “melhor momento” foi escrito numa passagem de profunda tensão. A guerra estava sendo perdida. O direcionamento das palavras é geral: políticos, povo, inimigos, aliados e a reunião de todos são foco de comentários positivos e negativos. Por vezes, notícias ruins são comunicadas para, justamente, causarem um efeito de coesão, e não de desalento. Um cenário real e drástico é construído para que fosse entendida a real necessidade de se manter a coesão.

Para os políticos, Churchill explica o verdadeiro cenário da guerra e propõe uma trégua nas discussões sobre as decisões tomadas. Quando diz que *se abirmos uma disputa entre o passado e o presente, descobriremos que vamos perder o futuro*, pede claramente ao Parlamento para postergar a crítica imediatista ou politiqueira. É preciso praticar uma política maior, sem partidarismos, contribuindo para o esforço de guerra. Ele relaciona os erros da paz, após a 1ª Guerra, e avalia as possibilidades de vitória das forças inglesas.

Quando se dirige ao povo, é claro sobre o futuro. Diz que *toda a fúria e o poder do inimigo devem muito em breve se virar contra nós* e fala do fim da *batalha da França*. A vitória deve ser o objetivo principal e a luta pela liberdade é a causa pela qual vale a pena morrer. Isto fica claro quando impõe que *é melhor morrer do que se submeter à tirania – e que tirania!*

Embora respeite a força militar alemã, Churchill despreza tudo o que os nazistas representam. Sem misericórdia, ele declara que *Hitler sabe que terá de nos fazer sucumbir nesta ilha ou perder a guerra*, mobilizando a população a defender a ilha.

Churchill sabe que precisa contar com o apoio de tropas das nações da Commonwealth, bem como com o apoio, em equipamentos, dos americanos. A construção desta aliança é feita respeitando a liberdade de escolha e de decisão destas nações, mas esta decisão precisa ser feita rapidamente e em apoio à Inglaterra. A crítica aos generais franceses e belgas é direta, porém Churchill separa-os da nação francesa e belga. Generais podem ser substituídos, não o apoio popular.

Ao final, chama a atenção para a altivez da cultura e das tradições britânicas, lembrando a história de conquistas, inovações e de relevância dos ingleses no contexto mundial moderno. A vitória será possível, desde que os Estados Unidos se engajem de alguma forma. A guerra dos ingleses não é só pelos seus interesses, mas pela liberdade. Fala diretamente aos americanos quando diz que, *se falharmos, o mundo inteiro – inclusive os Estados Unidos ... – irá afundar no abismo de uma nova era de trevas*. A guerra é um sacrifício, mas também é nobre. Ao final, busca o clímax ao dizer que, *se o Império Britânico e a Comunidade dos Estados Britânicos durarem mil anos, os homens ainda dirão: “Este foi o seu melhor momento”*.

#### 4.1.3.3. Considerações específicas, causas e efeitos

O contexto em que foi pronunciado o discurso “O melhor momento” foi um dos mais críticos de toda a guerra. A Europa continental havia caído em mãos alemãs em menos de dez meses, inclusive a, até então, poderosa França. As perspectivas agora eram um ataque direto da Alemanha à Inglaterra e sua invasão pelo mar.

É um discurso, ao mesmo tempo, deliberativo e epidíctico. Realizado inicialmente na Câmara dos Comuns, traduz a intenção de chamar a atenção de todos os partidos para as responsabilidades de cada um na guerra. Porém, sabedor que sua fala atingiria a opinião pública e os aliados além mar, Churchill lembra da honra e do orgulho de ser inglês, do que isto representa e do que está

sendo defendido. Ele apela para a ordem universal, construindo a imagem do mal sobre os nazistas.

A estrutura do discurso é claramente dividida. Inicialmente, os argumentos são apresentados na narração dos fatos e dos acontecimentos pretéritos mais recentes. Churchill utiliza sua credibilidade para entrelaçar fatos, a emoção e a lógica dos argumentos para justificar suas decisões. No prosseguimento, sua argumentação é clara, direta e sincera; sem a união de todos – políticos, militares, povo e aliados – não será possível suportar os momentos graves vislumbrados à frente. Sem força de vontade e sem o perfeito entendimento do cenário futuro não se encontrará energias para vencer o inimigo.

Por fim, a fala de Churchill é construída num crescente de razão e emoção, procurado manter a atenção e o entendimento de todas plateias.

Em termos de argumentos quase-lógicos, conforme a figura 2.3., quando Churchill contrapõe a liberdade e a tirania identifica e define conceitos. Ao falar, reiteradamente, da França, separando seus governantes de seu povo, estabelece relações de reciprocidade, mostrando situações distintas, tratadas da mesma forma.

O discurso utiliza argumentos que fundam o real (figura 2.5) valendo-se de exemplos, de ilustrações e de analogias. Ao encerrar seu raciocínio de que *se o Império Britânico e sua Commonwealth durarem mil anos, os homens ainda dirão: “Este foi o seu melhor momento”*, Churchill incentiva a guerra nobre e a luta pela liberdade. Pela honra inglesa, é melhor morrer do que ser escravo. Se acaso tudo der errado, este momento terá sido o ápice do povo inglês. Ao mesmo tempo, indica que se vencer terá sido participante também deste melhor momento.

Ao se relacionar o discurso com a figura 4.2, sua fala é construída no crescente de sua credibilidade. A atitude provocadora, porém firme, de propor a análise de fatos polêmicos, num segundo momento e em outro foro (a sessão secreta), só é possível porque Churchill pode tomar este risco político. Ele mostra competência, sabe o

que deve ser feito e dá provas de seu conhecimento, de forma honesta e direta. Ele se identifica com as diversas audiências ao demonstrar sua humanidade, suas emoções, confissões e intimidade para com elas. Exerce o comando e assume, pessoalmente, as responsabilidades, apresentando-se como líder-pastor e guia-profeta.

O período é de evidente tensão na política interna inglesa e no *front* de batalha. Churchill precisa restringir a crítica interna e mobilizar o Parlamento, as Forças Armadas, a população e seus aliados para a defesa da Inglaterra. Não há tempo a perder e seu empenho, coragem e capacidade para liderar ficam claros no discurso. O *melhor momento* não poderia ser outro, ou seja, uma grande crise que decidirá o futuro da Grã-Bretanha e exigirá de todos seu melhor.

#### 4.1.4. O discurso: “A guerra dos soldados desconhecidos”

Transmitida pelo rádio, em 14 de julho de 1940, esta fala abrange um período histórico de grande apreensão e de eminente risco de derrota. A França caíra e a Alemanha iniciava os preparativos para a invasão da Inglaterra. A Churchill cabia manter a moral geral elevada e preparar a população para o pior.

##### 4.1.4.1. Desmembramento do discurso

**Hoje é 14 de julho, Dia Nacional da França.** Há um ano, em Paris, eu assistia à parada suntuosa, pelos Champs Elysées, do Exército e do Império Francês. **Quem pode prever o que os outros anos podem trazer? ... Proclamo minha fé** de que alguns de nós viverão para ver um 14 de julho quando **uma França libertada irá de novo se alegrar na grandeza e na glória**, e uma vez mais se afirmar como defensora da liberdade e dos direitos do homem.

*[A França caíra em mãos nazistas e Churchill faz um relato melancólico da realidade, das perspectivas e incertezas do futuro. Procura dar esperanças, evocando a grandeza de sentimentos, a fé no amanhã, apoiando e respeitando a história francesa. Apesar das ressalvas à falta de empenho das forças armadas francesas e sua rápida capitulação, Churchill é um admirador da cultura francesa e*

*entende que a ação do governo e dos políticos franceses não traduz as aspirações da maioria de sua população. Os ideais da Revolução de 1789 e sua simbologia são referências do povo francês].*

**Agora, cabe a nós ficar sozinhos diante do que se rompeu e enfrentar o pior** que o poderio e a inimizade do tirano podem fazer. Posicionando-nos diante de Deus, conscientes de que serviremos a um propósito revelador, **estamos prontos para defender a nossa terra natal contra a invasão** da qual está ameaçada. **Estamos lutando sozinhos por nós mesmos, mas não estamos lutando sozinhos para nós mesmos**<sup>19</sup>.

*[A Inglaterra está sozinha, mas Churchill não se sente só ou desesperado. Ao contrário, a luta ganha novos contornos, quando joga com as palavras e dá o real sentido da luta britânica. É uma luta pela liberdade de todos, em que a Inglaterra seguirá sozinha. Ela não luta por si, mas pela liberdade de todos. A dura realidade da situação é trazida sem meias palavras. Churchill reitera a necessidade de que todos estejam engajados e preparados. Este discurso liga-se com o anterior no sentido de que se estabelece uma luta épica, cada vez mais difícil, mas que para os ingleses será cada vez mais nobre].*

**Aqui, nesta forte cidade do refúgio**, que santifica os títulos do progresso humano e que é de profunda importância à civilização cristã; **aqui, cercados por mares e oceanos por onde reina a Marinha e protegidos lá em cima pela valentia e devoção de nossos aviadores – esperamos sem medo o ataque iminente. Talvez seja hoje à noite, talvez seja na semana que vem. Talvez não aconteça nunca.** Devemos nos mostrar igualmente capazes de enfrentar um repentino choque violento ou – o que talvez seja um teste mais difícil – uma vigília prolongada.

*[Trata-se uma declaração de resistência e de valentia, em tom de oração, que refaz os votos e a necessidade da unidade em defesa de valores universais. A defesa de Londres e da Inglaterra depende de uma nova motivação, a partir de ações individuais e coletivas. Um novo e eficiente exército está de prontidão e é importante que todos saibam disso].*

---

<sup>19</sup> Nota do autor: A frase em inglês diz: *we are fighting by ourselves alone, but we are not fighting for ourselves alone*. Se faz necessário dar o entendimento de que a luta estava sendo feita pelos ingleses sozinhos, não para eles somente, mas por eles sozinhos, para outros, além deles.

**Posso facilmente entender como alguns observadores simpatizantes do outro lado do Atlântico, ou como amigos ansiosos nos países ainda não violados da Europa – que não podem medir nossos recursos e nossa determinação – possam temer pela nossa sobrevivência, já que viram tantos Estados e Reinos serem despedaçados em poucas semanas, ou mesmo em dias, pela monstruosa força da máquina de guerra nazista. Hitler, no entanto, ainda não se impôs a uma grande nação que possua uma determinação semelhante à sua. Muitos destes países foram envenenados pela intriga, antes de serem destruídos pela violência. Foram apodrecidos por dentro, antes de serem golpeados de fora.**

*[Muitas pessoas, fora da Inglaterra, não tinham confiança na determinação inglesa de lutar e vencer e entendiam que em breve, haveria uma nova ordem mundial. Porém Churchill rebate os que duvidam, com certa ironia e uma mensagem de força, confiança e esperança reitera sua postura desafiadora, fazendo uma comparação com outros países derrotados. Cada derrota teve uma causa, sobretudo interna - e esta mensagem estava direcionada ao caso francês, que carecia do sentimento de unidade impregnado na cultura do Império Britânico. Se a Inglaterra mantivesse a coerência interna, seria capaz de vencer].*

**Temos um milhão e meio de homens armados no Exército Britânico hoje à noite – e a cada semana de junho e julho a organização, as defesas e o próprio poder de ataque foram avançando a passos largos. Nenhum elogio é demais para os oficiais e os homens – sim, e os civis – que proporcionaram esta imensa transformação num período tão curto. ... por trás do exército regular há mais de um milhão de voluntários da Defesa Local ou, como são melhor chamados, a Guarda Interna. Estes oficiais e homens – dos quais uma grande proporção lutou na última guerra – têm o intenso desejo de atacar e estar perto do inimigo, onde quer que ele possa aparecer.**

*[Churchill evidencia a organização de seu governo e o estado de prontidão da nação. Há um claro entendimento da realidade da guerra e um alerta é feito à população para que observe os movimentos do inimigo em terras inglesas. A mobilização do cidadão comum no esforço de guerra se mostra vital para a defesa da ilha, o pensamento vitorioso encerra uma virtude inglesa, e este espírito de glórias dos britânicos é lembrado ao exército formal e aos voluntários da*

*Guarda Civil. Churchill não cansa de elogiar, quando há razões para fazê-lo].*

Se o invasor chegar à Grã-Bretanha, **não haverá a acomodação plácida do povo em submissão, como vimos, sim, em outros países.** Vamos **defender cada aldeia, cada vila, cada cidade.** A grande população de Londres, **lutando rua a rua,** poderia facilmente destruir um exército hostil inteiro – e **nós preferiríamos ver Londres em ruínas e cinzas a ser mansa e abjetamente escravizada.**

*[Novamente, a lembrança do que aconteceu com outros povos da Europa é evocada. A memória do que ocorreu na França e a capitulação de Paris sem luta, é uma imagem que Churchill usa como lição de como os ingleses não deveriam agir. O sentimento de dever para com os franceses perdurará por toda a guerra, mas a crítica ao governo e ao exército da França é também uma referência negativa permanente. Preferir ver Londres em ruínas ...a ser ... escravizada é a ordem para que se conduzam de forma diversa dos franceses. Haverá luta e a defesa da Inglaterra será total, em que pesem as consequências da destruição].*

**Sou obrigado a declarar estes fatos porque é necessário informar o povo sobre as nossas intenções e, assim, renovar a confiança deles.** Estou na liderança de um governo que possui representantes de todos os partidos no Estado – todos os credos, todas as causas, cada segmento reconhecido de opinião. Estamos situados logo abaixo da Coroa, na nossa antiga monarquia. **Apoiamo-nos em um Parlamento e em uma imprensa livre.**

*[Churchill reafirma a importância do 2º e 4º poderes, o legislativo e a imprensa. Para tanto, deve prestar, com clareza, informações sobre a guerra. Uma comunicação franca e direta entre o líder e o povo ajuda na construção de uma relação de confiança e de união. Falando na 1ª pessoa, Churchill assume a responsabilidade para o exercício pleno da democracia, de forma humildade e submissa à hierarquia dos poderes nela representados].*

**... estamos preparados para agir como um todo, ... este é o elo de união em torno do Governo de Sua Majestade. Somente assim, em tempos como estes, nações podem preservar a liberdade e, somente assim, podem sustentar a causa confiada aos seus cuidados.**

*[Churchill tem claro que a única forma de vencer a guerra é através da união de todos – governo, políticos, Forças Armadas, o povo e os aliados. Esta necessidade está presente em todas as suas falas e pronunciamentos].*

**Mas tudo depende agora da força de viver** da raça britânica em todas as partes do mundo e de nossos povos amigos e simpatizantes em todo lugar, **fazendo o máximo, noite e dia, dando tudo, ousando tudo, suportando tudo – ao máximo – até o fim. Esta não é uma guerra de líderes ou de príncipes, de dinastias ou de ambição nacional, é uma guerra de povos e de causas.** Há um grande número de pessoas, não só nesta ilha, como em outras terras, que irão prestar um serviço dedicado nesta guerra, **mas cujos nomes jamais serão conhecidos**, cujas ações jamais serão registradas.

*[Churchill apela ao livre arbítrio, para que os ingleses lutem com convicção pelos objetivos já apresentados. Tudo foi explicado e as decisões são radicais. Ele procura influenciar a decisão dos indivíduos e tornar cada um responsável diretamente pelos resultados do que irá acontecer. Ao destacar o indivíduo da massa, torna cada um, independente do que fizer, responsável. Esse deverá, para vencer, acreditar e entregar-se à luta, por um bem coletivo maior. Transfere-se, assim, a glória e a luta, o ônus e o bônus, ao cidadão comum. As guerras até então haviam ocorrido por objetivos coloniais ou pessoais de reis e governos. Esta guerra, agora, é travada pela sobrevivência do modo de vida ocidental e por tudo em que acreditam os ingleses].*

**Esta é uma guerra de guerreiros desconhecidos: vamos todos nos esforçar, sem falhar na fé ou no dever,** e a maldição das trevas de Hitler desaparecerá de nossa época.

*[Em tom melodramático, carismático, porém objetivo e claro, o orador encerra sua mensagem de fé na vitória, com o exorcismo do mal. No final do discurso, Churchill procura engrandecer o espírito da população, dando a importância devida aos guerreiros desconhecidos, não minimizando o fato de que sejam desconhecidos, mas ressaltando que todos são importantes, pois são todos guerreiros numa luta vital. Novamente, ele expressa a essencialidade da união de todos para uma*

*guerra contra o mal. Pode ser que estejam lutando sozinhos, porém, não estão despreparados].*

#### 4.1.4.2. Enquadramento esquemático

No quadro 4.4., abaixo, pode-se observar a construção do discurso, através das frases selecionadas, para a definição da mensagem principal:

Quadro 4.4

	POSITIVO	NEGATIVO
POVO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proclamo minha fé de que alguns de nós viverão para ver um 14 de julho quando uma França libertada irá de novo se alegrar na grandeza e na glória</li> <li>- Temos um milhão e meio de homens armados no Exército britânico hoje à noite</li> <li>- Nenhum elogio é demais para os oficiais e os homens – sim, e os civis – que proporcionaram esta imensa transformação num período tão curto</li> <li>- Sou obrigado a declarar estes fatos porque é necessário informar o povo sobre as nossas intenções e, assim, renovar a confiança deles</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Hoje é 14 de julho, Dia Nacional da França. Há um ano, em Paris, eu assistia à parada ... no Champs Elysées. Quem pode prever o que outros anos podem trazer?</li> <li>- Agora, cabe a nós ficar sozinhos diante do que se rompeu e enfrentar o pior que o poderio e a inimizade do tirano podem fazer</li> </ul>
ALIADOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muitos destes países foram envenenados pela intriga, antes de serem destruídos pela violência</li> <li>- De que outra forma se pode explicar o que aconteceu com a França?</li> <li>- Apoiamo-nos em um Parlamento e em uma imprensa livre</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Posso facilmente entender como alguns observadores simpatizantes ... possam temer pela nossa sobrevivência, já que viram tantos Estados e reinos desaparecerem em semanas</li> <li>- Muitos destes países foram envenenados pela intriga, antes de serem destruídos pela violência. Foram apodrecidos por dentro antes de serem golpeados de fora</li> <li>- ... não haverá a acomodação plácida do povo em submissão, como vimos, sim, em outros países</li> </ul>

<p>TODOS</p>	<p>- ...estamos prontos para defender a nossa terra natal contra a invasão da qual está ameaçada. Estamos lutando sozinhos <i>por</i> nós mesmos, mas não estamos lutando sozinhos <i>para</i> nós mesmos</p> <p>- Mas seja o desafio rápido ou longo, ou ambos, não vamos buscar acordos, não vamos tolerar negociação. Podemos mostrar misericórdia – não pediremos nenhuma</p> <p>- Vamos defender cada aldeia, vila e cidade ... e nós preferiríamos ver Londres em ruínas e cinzas a ser mansa e abjetamente escravizada</p> <p>- Esta não é uma guerra de líderes ou príncipes, de dinastias ou ambição nacional, é uma guerra de povos e causas</p> <p>- Esta é uma guerra de guerreiros desconhecidos: vamos todos nos esforçar ... e a maldição das trevas de Hitler desaparecerá de nossa época</p>	<p>- Aqui, nesta cidade do refúgio, ... esperamos sem medo o ataque iminente. Talvez seja hoje a noite, talvez seja na semana que vem. Talvez não aconteça nunca</p> <p>- fazendo o máximo, noite e dia, dando tudo, ousando tudo, suportando tudo – ao máximo – até o fim</p>
--------------	---	--

Dado o contexto histórico, eis um discurso voltado ao povo. A situação da guerra ainda é crítica e os ataques a Londres já se iniciaram. O risco da invasão alemã é real e Churchill precisa manter a mobilização e o estado de alerta. Contudo, a queda das nações europeias se deve ao fato, como explica Churchill, de que *muitos destes países foram envenenados pela intriga, antes de serem destruídos pela violência*. Isto, na visão dele, explica a tomada da França e lembra aos ingleses da necessidade de absoluta união contra o invasor.

Se os ingleses se dividirem, a derrota será facilitada. Logo, o empenho do líder reside em valorizar o esforço de cada um dos ingleses e chamá-los para o combate. Quando se diz que *esta é uma guerra de guerreiros desconhecidos: vamos todos nos esforçar ... e a maldição das trevas de Hitler desaparecerá de nossa época*, retira a vitória de uma pessoa ou grupo e a coloca nas mãos de todos. O

objetivo é ultrapassar a vaidade individual em benefício da glória coletiva.

Toda a fala traduz as dificuldades extremas, o fato de estarem lutando sozinhos, a garra que lhes será demandada se tiverem que lutar em Londres e defender a cidade. Enfim, a intenção é a construção de um cenário épico, que exigirá qualidades excepcionais.

#### 4.1.4.3. Considerações específicas, causas e efeitos

Este foi um discurso transmitido pelo rádio. Logo, seu foco é a persuasão dos ouvintes e a conquista de sua aprovação. O gênero é epidíctico, pois procura agradar, conquistar a audiência e apelar para a ordem universal.

Em relação aos cânones retóricos e à estrutura do discurso (figura 2.2), as categorias que ele abrange são a invenção, a disposição, o estilo e a memória. A credibilidade de Churchill é colocada como peso principal, pois é o líder que, com uma argumentação organizada e seu modo próprio de falar expressa-se com segurança e firmeza, diretamente para o povo inglês. Não há intermediários nesta conversa, momento de intimidade e de emoção.

Churchill trabalha com sua credibilidade, adquirida até aquele momento, mas vai ampliá-la através do contato direto com o povo. A virtude de suas palavras parte de um interlocutor que fala com grande honestidade pessoal. A forma com que se apresenta a situação e os argumentos de porque devem lutar, e pelo que estão lutando, são claros. Ao longo dos discursos anteriores, ele vem mantendo a coerência de seus pedidos e, agora, precisa trazer a população para a luta real.

Seu conhecimento profundo, as provas de que sabe o que deve se feito, o poder e a experiência mostram sua competência. Churchill identifica-se com a energia de suas palavras ao procurar tocar a individualidade de cada um dos ouvintes, como só o próprio rádio permite. Demonstra sua liderança, como guia soberano, e sua

humanidade, através da grandeza de espírito, intimidade e emoções abertas, tudo isso de acordo com a figura 4.2.

Churchill se expressa bem, fala tranquilo, demonstra liderança e inteligência. Ainda segundo a figura 4.3, utiliza-se de procedimentos elocutivos ao qualificar os atos ocorridos e a ocorrerem e de elocução, por seu compromisso e convicção na narração dos fatos.

“A guerra dos soldados desconhecidos” é um clamor à participação popular, num evento dramático. É preciso manter a motivação, a união e a moral elevada das pessoas frente a uma série de eventos drásticos e terríveis que irão acontecer. Em resumo, a Inglaterra será atacada diretamente e uma tentativa de invasão poderá ocorrer. A única forma de ultrapassar este momento é lutar bravamente, o que só irá ocorrer se toda a população estiver totalmente envolvida neste esforço individual e coletivo.

#### 4.1.5. O discurso “Os poucos”

Em 20 de agosto de 1940, na Câmara dos Comuns, em Londres, Churchill faz um pronunciamento em meio à chamada *Batalha da Inglaterra*, quando Hitler havia iniciado sua campanha para invadir a ilha. A guerra travada nos ares, entre a RAF<sup>20</sup> e a Luftwaffe<sup>21</sup>, foi um dos momentos épicos da Segunda Guerra. A vitória da força aérea inglesa mostrou que a, até então, invencível Alemanha, poderia ser derrotada.

##### 4.1.5.1. Desmembramento do discurso

**Quase um ano já se passou desde que a guerra começou.** É natural dar uma pausa em nossa jornada neste marco histórico e avaliar o contexto, amplo e sombrio. É também útil comparar o primeiro ano desta segunda guerra contra a agressão alemã com o seu equivalente de um quarto de século atrás.

**Embora esta guerra seja uma continuação da última, há amplas diferenças aparentes na sua natureza.** Na última guerra milhões de homens lutaram arremessando enormes quantidades de

---

<sup>20</sup> Royal Air Force – Real Força Aérea (tradução do autor).

<sup>21</sup> Luftwaffe – Força Aérea Alemã (tradução do autor).

aço uns contra os outros. *Homens e balas* era o lema – e a consequência foi um prodigioso massacre. **Nesta guerra**, nada semelhante ocorreu até agora. **É um conflito de estratégia, organização, aparato técnico, ciência, mecânica e moral.**

*[Churchill produz o agendamento do tema, em tom solene e num enquadramento temporal. Há uma contagem do tempo para que um desenvolvimento histórico seja constituído, preparando uma análise mais aprofundada da situação. O entendimento de que esta guerra era a continuação da iniciada em 1914 é uma forma particular de visão. A análise histórica é utilizada para a construção do cenário da narração. A diferenciação entre as guerras sugere uma avaliação importante, pois mede os riscos e orienta as decisões. Quando se fala de uma guerra de estratégia, do aparato técnico e da ciência, entende-se que, no longo prazo, a vitória será possível, uma vez que o suprimento de armas está garantido pelos americanos, cujas fabricas não serão bombardeadas. Quando se fala da moral, propõe-se uma guerra por uma ideologia, acima de vaidades ou conquistas pessoais].*

**Vimos grande países, com poderosos exércitos, deixando de ter uma existência coerente em poucas semanas. Vimos a República Francesa e o renomado Exército Francês abatidos, em completa e total submissão**, com um volume muito menor de baixas do que as sofridas em qualquer uma de meia dúzia de batalhas entre 1914 e 1918.

**O corpo inteiro – quase a alma – da França sucumbiu a** efeitos físicos incomparavelmente menos terríveis do que aqueles que foram suportados com heroísmo e destemida força de vontade há 25 anos atrás.

*[Havia uma flagrante desilusão e ressentimento pela forma com que a França havia caído e Churchill, apesar de ser um apreciador da cultura francesa, não deixa de criticar aberta ou veladamente a falta de empenho francês, traduzindo a rivalidade histórica entre Grã-Bretanha e França. Este aspecto era frequentemente lembrado por Churchill, para que ficasse claro o papel da Inglaterra como libertadora da sociedade ocidental. Registre-se, de certo modo, um esforço de Churchill em fazer da França uma devedora da Inglaterra].*

Há uma outra diferença óbvia em relação a 1914. **Tudo das nações em guerra está envolvido, não apenas soldados, mas a população inteira, homens, mulheres e crianças. ... A linha de frente passa pelas fábricas.** Os trabalhadores são soldados com armas diferentes, mas a mesma coragem.

Ao que parece, tudo leva a crer que este novo tipo de guerra é bastante apropriada para a genialidade e os recursos da nação britânica e do Império Britânico. **Uma vez que estamos adequadamente equipados e prontos, uma guerra deste tipo será mais favorável para nós** do que os tristes massacres do Somme e de Passendale<sup>22</sup>.

*[Churchill desenha um novo horizonte de guerra, em comparação com a Primeira, de que também foi protagonista. Ele insiste no tema do envolvimento da população, da manutenção de um ânimo e moral elevados, fazendo com que todos se sintam importantes e responsáveis pelo esforço de guerra. Churchill sabe da capacidade inventiva e de resistência de seu povo, pois fala para uma audiência forjada num grande império, com relevantes conquistas tecnológicas e territoriais. Implicitamente, e talvez em seu íntimo, ele se sinta seguro pois tem o apoio industrial-militar dos Estados Unidos. Ele evoca a tradição da revolução industrial, que fez da Inglaterra líder do mundo moderno até o início do século XX. Por isso, o contraste entre a luta corpo a corpo da Primeira Guerra é tão valorizada em relação ao aspecto tecnológico deste segundo conflito].*

Se é o caso de termos toda uma nação lutando e sofrendo em conjunto, isso deve ser apropriado para nós – porque **somos a mais unida de todas as nações**, porque entramos na guerra pela vontade nacional e com os nossos olhos abertos e **porque fomos criados na liberdade e na responsabilidade individual e somos os produtos, não da uniformidade totalitária, mas da tolerância e da diferença.** Se as qualidades se voltam, como está ocorrendo, para as artes da guerra, podemos mostrar coisas ao inimigo sobre as quais eles ainda não pensaram.

**Como os alemães expulsaram os judeus e assim baixaram seus padrões técnicos, nossa ciência está definitivamente à frente.**

*[Como no parágrafo anterior, porém com um linguagem ainda mais épica, Churchill expressa enfaticamente as razões da luta –*

---

<sup>22</sup> A batalha do Somme (1916) foi uma das mais longas da Primeira Guerra Mundial e fez mais de um milhão de mortos. Somente num dia, 1º de Julho de 1916, 57 mil soldados britânicos foram mortos. Na batalha de Passendale (1917), pelo menos 250 mil britânicos morreram no confronto.

*a liberdade e a democracia, a diferença entre eles e o inimigo. Registra o ganho competitivo que Inglaterra e Estados Unidos tiveram ao receberem cientistas judeus expulsos da Alemanha. Ao final da guerra, a Sociedade para a Proteção da Ciência e da Cultura, em Londres, registrou 2.541 acadêmicos de origem judaica refugiados. Nesta sociedade, não estavam relacionados músicos, artistas e escritores, entre outras atividades criativas ou eruditas (MEDAWAR et PAINE, 2003, p. 13)].*

E, quando estamos fazendo o que há de mais extraordinário no mundo, e **temos a honra de ser o único defensor das liberdades em toda a Europa**, não devemos nos ressentir destes anos ou nos cansar enquanto trabalhamos e lutamos.

**A estrada para a vitória pode não ser tão longa como se espera.** Não temos, no entanto, nenhum direito de contar com isso. **Seja longa ou curta, áspera ou suave, pretendemos chegar até o fim.**

**É nossa intenção manter e impor um cerco rígido** não só à Alemanha mas à Itália, França e todos os outros países que caíram sob o poder germânico.

*[Churchill traduz o senso de grandeza e união da nação e o papel da Grã-Bretanha como defensora do mundo ocidental. Há um compartilhamento das estratégias com a população e a preparação dos espíritos para o futuro, de forma direta e honesta. Não é uma guerra diplomática, como se acreditava. Pouco a pouco, Churchill começa a vislumbrar um possível cenário de vitória].*

**Vamos deixar que Hitler assuma suas responsabilidades por completo.** Vamos deixar que os povos da Europa, que gemem debaixo de sua opressão, colaborem da forma que for para a chegada dos dias em que esta opressão será rompida.

**Enquanto isso, nós podemos e vamos nos organizar** para uma entrada rápida de alimentos em qualquer área escravizada, no momento em que esta área estiver livre das forças germânicas e tiver recuperado novamente sua liberdade.

*[É feita uma longa explicação sobre o suprimento dos alimentos às populações subjugadas pela Alemanha e porque a Inglaterra não desempenha um papel de maior preponderância neste aspecto. Churchill entende que isto não seria militarmente possível e aposta na construção da imagem negativa do inimigo e num futuro*

*papel salvador dos ingleses. Há um reforço dos ideais pelos quais se está lutando, o humanismo inglês contra a tirania nazista].*

Pouco mais de um trimestre se passou desde que o novo governo chegou ao poder neste país. **Que cascata de desastres desabou sobre nós deste então!** ... Bem, senhores, se tivéssemos sido confrontados no começo de maio com tal perspectiva, teria parecido incrível que – ao fim do período de horror e desastre, ou neste momento, em um período de horror e desastre – **puvéssemos permanecer erguidos, seguros de nós mesmos, senhores de nosso destino e com a convicção da vitória final** queimando de forma insaciável em nossos corações.

**Poucos teriam acreditado que poderíamos sobreviver.** Ninguém teria acreditado que nos sentiríamos não só mais fortes hoje como mais fortes do que éramos anteriormente.

*[Começam a se dissipar os horizontes sombrios do início da guerra. A forma com que os alemães conquistaram a Europa, rápida e violentamente, já havia sido assimilada e um horizonte mais claro se anunciava. Na visão de Churchill, o pior havia passado e a hora era de organizar-se para enfrentar o inimigo em termos de igualdade. No planejamento de longo prazo de Churchill, o suprimento de armas e de gêneros de primeira necessidade estavam garantidos pelos comboios norte-americanos. As tropas estariam asseguradas com o apoio das nações da Commonwealth e dos exércitos livres das nações ocupadas. Sua confiança se baseia no desenrolar positivo dos acontecimentos, fruto da união que tanto apregoava e do desempenho das forças armadas aliadas. Os erros da administração anterior iam sendo gradualmente corrigidos e ultrapassados].*

Vejamos o que aconteceu do outro lado da moeda. **A nação britânica e o Império Britânico, ao se descobrirem sozinhos, se mantiveram sem medo do desastre. Ninguém se acovardou ou tremeu.** Ao contrário, alguns que anteriormente pensavam na paz, agora só pensam na guerra. **Nosso povo está unido e determinado como nunca esteve antes. A morte e a ruína se tornaram coisas pequenas, comparadas com a vergonha da derrota e do fracasso no dever.**

**Não podemos dizer o que vem pela frente. Pode ser que até mesmo experiências ainda piores estejam à nossa frente. Vamos enfrentar o que quer que venha até nós.** Estamos seguros de nós mesmos e de nossa causa, e este é o fato supremo que surgiu nestes meses de provação. **Nesse interim, fortalecemos os nossos corações e a nossa ilha.** Rearmamos e reconstruímos nossos exércitos em um grau que seria considerado impossível há alguns meses.

*[O momento ainda é de extrema gravidade, mas a lembrança do espírito vencedor da nação inglesa é uma mensagem para aqueles que defendiam o apaziguamento com os nazistas que, de certa forma, foi o estímulo para que a Alemanha iniciasse a guerra. União e determinação é a mensagem que Churchill apresenta reiteradamente. Vencer Hitler é o único caminho proposto. Compreendendo que o futuro é incerto, o soldado se empenhará mais, a população entenderá os problemas e a construção da união será possível. Sabedora da realidade, será possível para a população aceitar a dureza e lutar até a vitória. Suas palavras fortalecem a coragem e a esperança dos ingleses].*

**A totalidade do exército britânico está em casa. ... Nunca antes, em nossa ilha, tivemos exércitos como estes em tempos de guerra. A ilha inteira se enfurece contra invasores do mar ou do ar. ... Nossa Marinha está muito mais forte do que estava no começo da guerra. ... O grande fluxo de novas construções iniciadas na deflagração da guerra começa a dar resultado. Os mares e os oceanos estão abertos. Os submarinos alemães estão contidos.**

*[A lembrança da retirada exitosa de Dunquerque, poucas semanas antes deste discurso, é uma constante força motivacional. Os ataques aéreos e a invasão nazista por mar são temores reais. É preciso manter mobilizadas as tropas e a população para o que está por vir, mas Churchill desenha um cenário positivo das linhas de defesa].*

Por que digo tudo isso? Não é, seguramente, para ostentar. Não é, seguramente, para dar o mínimo de apoio à complacência. **Os perigos que enfrentamos ainda são enormes, mas assim também são as nossas vantagens e os nossos recursos.**

Eu relato isso porque **o povo tem o direito de saber que há fundamentos sólidos para a confiança** que sentimos e que **temos boas razões para acreditarmos que somos capazes**, como eu disse, há dois meses, em um momento sombrio, de **continuar a guerra, se necessário, sozinhos, se necessário, durante anos.**

Digo também porque o fato do Império Britânico permanecer invencível – e de que ainda há resistência contra o reino nazista – irá reacender a centelha de esperança no peito de centenas de milhões de homens e mulheres, humilhados ou desesperados por toda a Europa e além de seus limites. **Destas centelhas, surgirá a chama que limpa e consome.**

*[Nesta passagem, Churchill, mais uma vez, evoca a realidade, mas desta vez com melhores expectativas futuras. Ressalta*

*que a liberdade de expressão possibilita que todos tenham, senão a mais perfeita noção da realidade, ao menos uma ideia nítida do que está acontecendo. Destaca a capacidade inglesa de lutar, ao dizer que poderiam continuar lutando durante anos. Churchill sabe que, além dos ingleses, precisa manter a esperança de libertação nos países subjugados, e esta mensagem, transmitida pelo rádio, chegará até eles. As transmissões dos discursos eram feitas para todo o planeta, através da tecnologia já disponível, demonstrando a responsabilidade assumida pela Grã-Bretanha].*

**A grande batalha aérea que vem sendo travada sobre esta ilha nas últimas semanas, tornou se recentemente mais intensa. É muito cedo para tentar prever, seja sua escala, seja sua duração. Devemos esperar que o inimigo faça novos esforços acima de qualquer um que tenha feito até agora.** Aeroportos hostis estão sendo construídos na França e nos Países Baixos e a movimentação de esquadrões e de aparato para nos atacar prossegue. **É óbvio que Herr Hitler não admitiria uma derrota,** no seu ataque aéreo à Grã-Bretanha, sem incorrer num prejuízo muito sério.

*[A Batalha da Inglaterra já está acontecendo e os bombardeios nazistas atingem fábricas, cidades e a população, causando destruição e morte. Precisa-se estar preparado para esta sequência de eventos ruins, antes que algo possa melhorar, sobretudo porque Hitler utiliza os países invadidos para os ataques à Inglaterra].*

Por outro lado, as **condições e a evolução da ilha têm sido até agora favoráveis a nós.** ... Isso certamente se tornou verdade. Deve-se lembrar que todas as máquinas e pilotos do inimigo, derrubados na ilha ou nos mares que a circundam, ou são destruídos ou são capturados – enquanto **uma proporção considerável de nossas máquinas, e também de nossos pilotos, é poupada e em muitos casos volta a agir.**

**Um vasto e admirável sistema de recuperação,** dirigido pelo ministério da Produção Aérea, **garante o mais rápido retorno das máquinas danificadas à linha de combate** – e o mais cauteloso e rápido uso de todas as peças e materiais sobressalentes.

Ao mesmo tempo, o espantoso – mais, o esplêndido – aumento na produção e no reparo de aviões e motores britânicos, conseguido por lorde Beavenbrook com talento de organização e iniciativa - parecendo mágica -, nos tem dado **superabundantes reservas de todos os tipos de avião e um fluxo sempre crescente de produção, tanto em quantidade como em qualidade.** O inimigo é, naturalmente, bem mais numeroso. Mas,

nossa nova produção, como me informam, já é maior do que a deles – e a produção americana está apenas começando a chegar.

*[É essencial a construção de um ambiente otimista e realista das possibilidades de defesa. Sentimentos como otimismo, realismo, expectativa de vitória, eficiência, liderança, organização e gestão reforçam a eficiência do governo e sua liderança. A cada vez mais indispensável ajuda americana é usada como artifício de conforto e segurança. Existe um aspecto logístico em favor dos ingleses, que repousa no fato de lutarem em seu solo. Em que pese a destruição das cidades e indústrias, as perdas ingleses em número de pilotos e de aviões é menor de que a do inimigo, não só pela destreza e motivação dos mesmos, mas pelo fato de que, quando abatidos, serem resgatados pela população local. Quando os alemães são abatidos, imediatamente são transformados em prisioneiros de guerra].*

**A gratidão de cada casa em nossa ilha**, em nosso império, e certamente de todo o mundo, exceto nas moradias dos culpados, **vai para os pilotos britânicos** que, sem temer as chances e incansáveis no desafio constante e no perigo mortal, **estão mudando o curso dos acontecimentos da guerra, com valentia e devoção.**

**Nunca, no campo do conflito humano, tanto foi devido por tantos a tão poucos.**

**Todo o nosso afeto vai para os pilotos**, cujas ações brilhantes vemos com os nossos próprios olhos, dia após dia. Mas não devemos nunca esquecer que o tempo todo, noite após noite, mês após mês, os nossos esquadrões de bombardeiros viajam para dentro da Alemanha, acham os seus alvos na escuridão, com a mais elevada habilidade de navegação, miram os seus ataques com deliberado cuidado discriminatório – frequentemente, sob fogo pesado, frequentemente, com sérias perdas – **e impõem golpes destrutivos sobre toda a estrutura técnica de guerra do poder nazista.**

*[A vitória no espaço aéreo era fundamental para a sobrevivência da Inglaterra e necessária dar apoio aos pilotos e incentivar o alistamento na RAF. Churchill explicita este apoio, o agradecimento, o incentivo e o reconhecimento aos pilotos, em nome de toda a nação. A frase: nunca tanto foi devido por tantos a tão poucos, ficou inscrita na história, por seu efeito multiplicador, pela humildade, sinceridade e força das palavras ao lembrar a dedicação de quem está na linha de frente, defendendo a nação. Toda a Inglaterra estava em*

*dívida para com estes pilotos, de cuja vitória dependia a defesa aérea da Inglaterra, e em última instância, a sobrevivência da nação. Sem defesas aéreas eficientes, a marinha alemã poderia cruzar o Canal da Mancha, com suas tropas, e a Luftwaffe poderia lançar paraquedistas. Graças ao desempenho destes pilotos, a Inglaterra partia da defesa para o ataque, adotando não mais uma atitude passiva, mas agressiva e pró ativa, ainda que, como Churchill destaca, procurando evitar vitimizar as populações civis, Com isso, novo contraste se estabelece entre a Alemanha e a Inglaterra, já que os nazistas não se preocupavam com tal fato].*

**A derrota da França tem sido, é claro, profundamente danosa para a nossa posição** no que é chamado, de um modo estranho, de Oriente Médio. ... **Contávamos com o uso das bases aéreas e navais dos franceses** no Mediterrâneo, particularmente na costa do norte da África. **Contávamos com a frota francesa.** Muito embora a França metropolitana tenha sido temporariamente invadida, **não havia razão para que** a Marinha Francesa, partes substanciais Exército Francês, a Força Aérea Francesa e o Império Francês no além-mar **não continuassem a lutar do nosso lado.**

Protegida por um esmagador poderio marítimo, possuidora de inestimáveis bases estratégicas e de amplos recursos, **a França poderia ter permanecido como um dos grandes combatentes do conflito.** Ao fazer isso, a França teria continuado viva e o Império Francês teria avançado com o Império Britânico, para o resgate da independência e da integridade da terra-mãe francesa.

**Muitos dos outros países que foram invadidos pela Alemanha perseveraram, valente e fielmente.** Os tchecos, os poloneses, os noruegueses, os holandeses, os belgas ainda estão no campo, espada na mão, reconhecidos pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos como as únicas autoridades representativas e os governos legítimos de seus respectivos Estados.

**Que a França esteja prostrada, neste momento, é um crime,** não de uma grande e nobre nação, mas dos que são chamados os *homens de Vichy*. **Temos profunda simpatia pelos povo francês. Nossa velha camaradagem com a França não está morta.**

**Com o General De Gaulle e sua corajosa equipe, esta camaradagem toma uma forma efetiva.** Estes franceses livres foram condenados à morte por Vichy, mas **o dia virá,** tão certo como o sol nascerá amanhã, em que **seus nomes serão honrados** e gravados em pedra nas ruas e aldeias da **França restaurada, numa Europa liberada, em plena liberdade e em paz com a sua imagem histórica.**

*[A decisão dos militares franceses, nas colônias de além mar, de não lutar ao lado dos Aliados, tem sido tema de discussão constante entre os historiadores da 2ª Guerra. Churchill mostra, mais uma vez, seu desapontamento. Esta crítica é frequente, pois, para*

*Churchill, o centro da defesa da Europa era a aliança entre Inglaterra e França. Pode-se entender o medo dos franceses em entrar numa nova guerra total, pois as memórias da destruição causadas pela Primeira Guerra ainda estavam presentes. Ao fim, a crítica é clara, uma vez que tropas livres de todos os países conquistados lutavam ao lado dos ingleses contra a Alemanha. Churchill procura uma explicação e direciona as críticas às autoridades colaboracionistas francesas, excetuando o povo francês. Ele expressa claro apoio à Resistência, diferenciando-a dos homens de Vichy. Churchill não era particularmente simpático a De Gaulle e certa vez declarou: parece uma lhama fêmea surpreendida em pleno banho. Também o descreveu como uma criatura inverossímil, tal e qual uma girafa humana, farejando com suas imensas narinas todos os mortais postados abaixo de seu olhar altivo (ENRIGHT, 2009, p. 72-3)].*

**Não acho que seja prudente** no momento, enquanto a batalha é intensa e a guerra ainda está lá, talvez, somente no estágio inicial, **embarcar em especulações sobre a forma futura que deve ser dada à Europa** ou sobre as novas garantias que devem ser concebidas **para que a humanidade seja poupada das misérias de uma Terceira Guerra Mundial**. O terreno não é novo, tem sido freqüentemente analisado e explorado – e muitas ideias são tidas em comum por todos os homens bons e livres. Contudo, antes que possamos levar adiante a tarefa da reconstrução, temos não só de estar nós mesmos convencidos mas também de convencer todos os outros países de que a tirania nazista será no fim derrotada.

**O direito de orientar o curso da história do mundo é o preço mais nobre da vitória. Ainda estamos na subida da montanha. Ainda não atingimos o topo.** Ainda não podemos estudar a paisagem ou mesmo imaginar qual será a sua situação quando aquela tão esperada manhã chegar.

**A tarefa que há imediatamente à frente é mais prática, mais simples e mais severa.** Espero – de fato, rezo – para que não sejamos indignos da vitória se, depois de todo este trabalho e atribulação, esta nos for concedida. **O que resta é que temos que vencer. Esta é nossa tarefa.**

*[Do ponto de vista político, fundamental era manter a esperança, em que pesem dúvidas sobre o futuro, e enaltecer a convicção no objetivo da guerra, até a destruição do nazismo, constatação pertinente, vindo de um homem criado e forjado num grande império, uma verdade dita de forma surpreendentemente franca. Mas o mais interessante desta passagem é a franqueza com que*

*antecipa o papel do vencedor, já que, uma vez finda a guerra, caberá a ele formatar novos rumos para o mundo. Isso foi uma verdade incontestável: após a guerra, de um lado a União Soviética coloca os países do leste europeu em sua esfera de influência e, do outro lado, americanos e ingleses tratam de influenciar outras nações a manterem economias capitalistas. A frase vislumbra a dura e crua realidade que o mundo viverá no pós-guerra. O discurso, evidentemente, mostra uma mudança de ênfase: não é mais só a esperança de vitória, é a questão prática do que fazer após a vitória].*

**Há, porém, um caminho no qual é possível ver à frente de forma um pouco mais clara.** Temos de pensar, não só por nós mesmos, mas pela **duradoura segurança da causa e do princípio pelo qual estamos lutando** e pelo futuro no longo prazo da Comunidade dos Estados Britânicos.

No momento, **uma certa ansiedade é sentida nos Estados Unidos com relação à defesa aérea e naval de sua costa Atlântica** – e o presidente Roosevelt recentemente deixou bem claro que gostaria de discutir conosco, com o domínio do Canadá e de Newfoundland o desenvolvimento de instalações navais e aéreas americanas em Newfoundland e na Antilhas.

**Estas são medidas importantes.** Sem dúvida alguma, este processo significa que estas duas **grandes organizações democráticas de língua inglesa**, o Império Britânico e os Estados Unidos, **terão de estar interligadas em muitos de seus assuntos para benefício geral e mútuo.** De minha parte, olhando para o futuro, não vejo este processo com nenhum temor.

*[Na luta pela manutenção do Império Britânico, Churchill cede áreas, no Canadá, para a instalação de bases americanas, o que exige uma série de explicações sobre os acordos a que se sujeitou para continuar recebendo apoio norte-americano. Churchill precisa do suporte interno do Parlamento e do povo para concretizar os acordos com os EUA. Não há muito o que possa fazer, além de convencer os políticos e a opinião pública inglesa sobre estas decisões. Os Estados Unidos, muitas vezes, colocaram os ingleses em situações adversas de negociação. O próprio acordo Lend-lease<sup>23</sup> foi duramente criticado em função dos termos financeiros impostos aos ingleses, resultado disso é*

---

<sup>23</sup> Lend-lease – acordo pelo qual os ingleses, e depois outros povos, receberam empréstimos para a compra de armamentos e bens de consumo necessários ao esforço de guerra. O acordo foi assinado em 11 de março de 1941.

que ao final da guerra a Inglaterra estava financeiramente arruinada e os EUA se transformaram em credores do mundo].

#### 4.1.5.2. Enquadramento esquemático

A construção do discurso pode ser entendida através do quadro 4.5, quando uma seleção de frases auxilia no entendimento da construção do discurso:

Quadro 4.5

	POSITIVO	NEGATIVO
POLÍTICOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As baixas britânicas nos primeiro 12 meses foram ... de para cada homem morto ou ferido agora, cinco foram mortos ou feridos entre 1914-15</li> <li>- Poucos teriam acreditado que poderíamos sobreviver</li> <li>- ... condições e a evolução da ilha têm sido ate agora favoráveis a nós</li> <li>- ... nossa produção já é maior do que a deles (Alemanha) ... e a produção americana está apenas começando a chegar</li> <li>- O direito de orientar o curso da história do mundo é o preço mais nobre da vitória</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Hitler está espalhado por toda a Europa. Nossas investidas ofensivas estão sendo lentamente reduzidas</li> <li>- Há muitas propostas ... de que deveria ser permitido aos alimentos passar pelo bloqueio (de alimentos para as nações ocupadas) ... Lamento termos que recusar esta solicitação</li> </ul>
POVO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Embora esta guerra seja uma continuação da última, há amplas diferenças aparentes na sua natureza. ... é um conflito de estratégia, organização, aparato técnico, ciência, mecânica e moral</li> <li>- Poucos teriam acreditado que poderíamos sobreviver</li> <li>- ... por que fomos criados na liberdade e na responsabilidade e somos os produtos, não da uniformidade totalitária, mas da tolerância e da diferença</li> <li>- Nunca antes, em nossa ilha, tivemos exércitos como estes em tempos de guerra</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vimos grande países, com poderosos exércitos, deixando de ter uma existência coerente em poucas semanas. Vimos a República Francesa e o renomado Exército Francês abatidos, em completa e total submissão, ...</li> <li>O corpo inteiro – quase a alma – da França sucumbiu</li> <li>- Devemos esperar que o inimigo faça novos esforços acima de qualquer um que tenha feito até agora</li> <li>- Pouco mais de um trimestre se passou desde que o novo governo chegou ao poder deste país. Que cascata de desastres desabou sobre nós</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ... há fundamentos sólidos para a confiança de que podemos seguir a guerra ...”se necessário sozinhos, se necessário durante anos”</li> <li>- O que resta é que temos de vencer. Esta é a nossa tarefa</li> <li>- A nação britânica... ao se descobrirem sozinhas, se mantiveram sem medo do desastre. Ninguém se acovardou ou tremeu</li> </ul>	<p>desde então</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Pode ser que até mesmo experiências ainda piores estejam à nossa frente</li> </ul>
INIMIGOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A totalidade do exército britânico está em casa. ... A ilha inteira se enfurece contra invasores do mar ou do ar. ... Os mares e os oceanos estão abertos. Os submarinos alemães estão contidos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Se as qualidades se voltam... para as artes da guerra, podemos mostrar coisas ao inimigo sobre as quais eles ainda não pensaram</li> </ul>
ALIADOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como os alemães expulsaram os judeus e assim baixaram seus padrões técnicos, nossa ciência está definitivamente à frente</li> <li>- O direito de orientar o curso da história do mundo é o preço mais nobre da vitória</li> <li>- ...Mas de nossa parte, o governo... está inteiramente de acordo em ceder instalações de defesa aos Estados Unidos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ainda estamos na subida da montanha. Ainda não atingimos o topo</li> <li>- A derrota da França tem sido, é claro, profundamente danosa para nossa posição no que é chamado de Oriente Médio</li> <li>- ... a França poderia ter permanecido como um dos grandes combatentes no conflito</li> <li>- Muitos outros países que foram invadidos ..., perseveraram valente e fielmente</li> </ul>
TODOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tudo das nações em guerra está envolvido, não apenas soldados, mas a população inteira, homens, mulheres e crianças. ... A linha de frente passa pelas fábricas</li> <li>- A estrada para a vitória pode não ser tão longa como se espera. ... Seja longa ou curta, áspera ou suave, pretendemos chegar até o fim</li> <li>- Nunca, no campo do conflito humano, tanto foi devido por tantos a tão poucos. Todo nosso afeto vai para nossos pilotos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A tarefa que há imediatamente à frente é mais prática, mais simples e mais severa. Espero – de fato, rezo – para que não sejamos indignos da vitória se, depois de todo este trabalho e atribulação, esta nos for concedida. O que resta é que temos que vencer. Esta é nossa tarefa</li> </ul>

A frase *nunca tanto foi devido por tantos a tão poucos*, ápice deste discurso, tem sido utilizada como elemento motivador, nas

mais variadas circunstâncias, de clubes de futebol a corporações empresariais. O que era um sincero agradecimento aos pilotos da RAF ganhou contextos motivacionais desde então. *Nunca, ..., tanto foi devido por tantos a tão poucos*, passou a ser, em outros ambientes, o auge de reconhecimento a performances de excelência.

Este foi o momento da guerra em que a Inglaterra começava a ver que poderia vencer a Alemanha. Os aviões da RAF, especialmente os Spitfires e Hurricanes, eram tecnologicamente superiores aos Stukas, Heikels 111 e Messerschmitts B109. Os pilotos britânicos, treinados e motivados, lutando sobre sua pátria, obtiveram uma vitória esmagadora. Mesmo quando abatidos, podiam voltar à luta em poucas horas ou dias. A produção industrial britânica e americana mostrava sua utilidade e, com a proximidade do inverno, as possibilidades de uma travessia segura do canal, pelas tropas alemãs, ficava cada vez mais distante.

A ilha poderia ser salva, embora os bombardeios persistissem até o final da guerra. Churchill relata as dificuldades: *que cascata de desastres desabou sobre nós desde então!* Fala sobre a queda da França, a forma como ocorreu e na resistência em continuar lutando, com tristeza e desilusão: *... a França poderia ter permanecido como um dos grandes combatentes no conflito.*

De forma visionária, diz que *o direito de orientar o curso da história do mundo é o preço mais nobre da vitória*. Sem dúvida, o vencedor faz prevalecer sua versão na história. O resumo deste discurso é o apoio àqueles que estão invertendo o fluxo da guerra, um profundo agradecimento aos pilotos da RAF e a mensagem à população de que união e persistência compensam e são essenciais para a vitória.

Em 6 de janeiro de 1941, Winston Churchill é escolhido *homem do ano* pela revista Time, nos Estados Unidos ([www.facebook.com/RealTimeWorldWarII](http://www.facebook.com/RealTimeWorldWarII)). Sua credibilidade cresce constantemente, pois suas decisões estão mudando o curso da guerra e tornando a vitória possível. Este novo momento começou com o agradecimentos aos *poucos*.

#### 4.1.5.3. Considerações específicas, causas e efeitos

Neste discurso, Churchill, através dos gêneros deliberativo e epidictíco (figura 2.1), transmite uma mensagem de agradecimento e de fortaleza moral. Agindo com desprendimento pessoal, ele ornamenta os fatos para valorizar os responsáveis pelas conquistas do momento. Seu discurso está organizado através de um balanço da situação, considerações sobre a realidade da guerra, as chances de vitória, agradecimento e reconhecimento, motivação da população e dos aliados e, ao final, a apresentação de um problema doméstico que necessita de solução rápida: o que fazer após a vitória.

Esta ordem dos fatores segue em ritmo crescente até o meio do discurso, quando faz o agradecimento aos *poucos*, atingindo o clímax da fala. Segue discorrendo sobre o panorama da guerra e finaliza com um pedido ao Parlamento para que proceda à análise de um ponto polêmico. A cessão de terras de uma nação para outra nunca é um tema de discussão simples, ainda mais numa democracia que lutava para manter seu Império.

Pode-se ainda destacar que, conforme a figura 2.4, os argumentos que Churchill utiliza ligam acontecimentos, quer às suas causas, quer às suas consequências. Isto está claro quando critica os franceses pela sua atuação na guerra, quando mostra a evolução da produção de armamentos ou na descrição das oportunidades de vitória, através da nova organização das Forças Armadas.

O contexto do discurso é dramático mas, ao mesmo tempo, representa o momento que todos os ingleses esperavam, como uma tormenta que se aproxima no horizonte quando finalmente chega a hora de enfrentá-la. A tensão que antecedia a batalha já não existe mais e este era o momento da verdade, do enfrentamento pela defesa da pátria positivamente vislumbrado, pois os ingleses estavam vencendo a batalha aérea contra a Alemanha. A força, até então invencível, poderia ser, afinal, derrotada. A esperança existia e o constante apelo de Churchill à união mostrou-se correto e adequado. O caminho havia sido

mostrado e funcionava. O líder gozava de credibilidade e havia feito por merecê-la por sua virtude, seriedade e competência.

Na figura 4.2, pode-se observar que todos os itens listados nas subdivisões podiam ser creditados a Churchill, e ele teve a chance de mostrá-los a todos, neste discurso. Especialmente, ele comprovava que sabia o que fazer, possuía a honestidade pessoal e o espírito de grandeza ao dar crédito aos pilotos ingleses que estavam ganhando a batalha. Por isso, ele aponta os méritos de sua pessoa e os transfere para os soldados e a população.

Em termos do *ethos* de identificação, deve-se destacar a humanidade do orador, especialmente a demonstração de emoções, compaixão e intimidade. Neste momento, Churchill coloca-se como guia, profeta e pastor, aquele que será seguido e cujas palavras, até aquele momento, haviam se mostrado corretas.

A maré da guerra mudava. O inimigo, até então indestrutível, dava evidências de fragilidade. Para derrotá-lo, era necessária união e esperança. Com o apoio logístico americano garantido, seria uma questão de tempo a vitória. Não era possível determinar em quanto tempo ela poderia ser alcançada, mas já se podia ter a clara esperança. Para quem, antes, tinha pequenas chances de sobrevivência, a demonstração de persistência e organização era um alento de libertação. Quando ele afirmou que, *destas centelhas, surgirá a chama que limpa e consome*, preconiza que a liberdade, um dia, finalmente, chegaria, e os ingleses liderariam um novo mundo após a guerra.

#### 4.1.6. Discurso “Jamais ceder!”

Retornando, em 29 de outubro de 1941, à escola onde estudara, a Harrow School, em Londres, Churchill pronuncia um de seus mais importantes discursos, com intensa carga emocional e motivadora. Ele é depois reproduzido nos jornais e na rádio.

#### 4.1.6.1. Desmembramento do discurso

**Quase um ano já se passou desde que vim aqui** a convite do diretor, a fim de alegrar-me e alegrar os corações de alguns de meus amigos, cantando algumas de nossas canções. **Os dez meses que se passaram foram de eventos catastróficos, terríveis ao mundo – tempos de altos e baixos, de desgraças.**

Porque, quando eu estive aqui **na última vez, estávamos muito sozinhos**, desesperadamente sozinhos, e ficamos assim por cinco ou seis meses. **Estávamos muito mal armados.**

Hoje, não estamos mais tão mal armados mas, na época, estávamos realmente muito mal armados. **Tínhamos a ameaça desmedida do inimigo e de seu ataque aéreo ainda batendo sobre nós** – e vocês viveram a experiência deste ataque.

*[O retorno à sua escola é um momento em que Churchill aproveita a amizade, a alegria e a consideração de seus admiradores. Sua clara noção da realidade e a atenção aos fatos do momento geram a atmosfera para um estado de espírito elevado, com a melhora das condições, contrastando uma relação entre dois momentos distintos da guerra. O panorama da guerra vinha mudando. A Alemanha estava contida no front ocidental e, ao invadir a Rússia, abre uma vasta frente no oriente, que vinha consumindo enorme esforço em tropas e armamentos].*

Temos, no entanto, que aprender a ser bons de modo igual. ... **Os britânicos não são de se mover de crise em crise**, não estão sempre na espera de um dia que lhes dê a chance de lutar. **Mas, quando resolvem, de forma bem lenta, que uma coisa tem que ser feita** e que um trabalho tem de ser conduzido e terminado, então, mesmo que isso demore meses – ou anos – **assim o farão.**

*[É feita uma análise do projeto histórico e consciente da Inglaterra, onde o orgulho, o humor, a obstinação e uma certa arrogância, enfim, representam um resumo dos sentimentos britânicos. Churchill expressa o pensamento inglês de que podem demorar em suas decisões mas, quando finalmente as tomam, agem de forma obstinada e objetiva].*

Mas para todos, certamente, pelo que atravessamos neste período – e eu estou me referindo à escola – certamente neste período de dez meses **a lição é: jamais ceder, jamais ceder, jamais, jamais, jamais, jamais – em nada, seja grande seja pequeno, amplo ou trivial – jamais ceder exceto à convicções de**

**honra e bom senso. Jamais ceder a força, ao aparentemente devastador poder do inimigo.**

*[Se fosse possível reduzir Churchill a uma frase, esta seria: Jamais ceder! Era sua filosofia de vida, sua crença antes e ao longo de toda a guerra. Durante seu período de ostracismo político, entre 1931 e 1939, Churchill nunca desistiu. Nos anos em que Hitler foi lentamente tomando conta da Europa, foi Churchill quem se colocou abertamente contra a política de apaziguamento. Previu que nada daquilo seria capaz de deter o sonho expansionista e revanchista da Alemanha. Quando, em 1940, a situação de Chamberlain se tornou insustentável, foi a vez de Churchill assumir o comando, pois jamais havia se afastado de suas convicções. Sua firmeza em construir uma união entre todos os partidos e o povo foi a pedra fundamental para a vitória. Churchill jamais cederia ao inimigo e acreditava que, caso perdesse, seria lutando por uma causa nobre e eles, os ingleses, estariam vivendo seu melhor momento. Através da repetição das palavras e de uma ideia, Churchill deixa absolutamente clara sua determinação, através da força retórica, mantendo a atenção da plateia – interna e externa. Existe apenas um caminho para os ingleses – jamais desistir].*

**Ficamos completamente sozinhos há um ano, e para muitos países parecia que a nossa conta estava fechada, que estávamos acabados.** Todas as nossas tradições, as nossas canções, a história da escola, esta parte da história do país – tudo se fora, estava acabado e liquidado.

**Hoje, o ambiente é muito diferente.** A Grã-Bretanha, pensaram outras nações, tinha de entregar os pontos. **Mas, em vez disso, nosso país se manteve firme. Não houve hesitação e nenhum pensamento de se entregar.** E, pelo que parecia quase um milagre, para aqueles fora destas ilhas – embora nós mesmos nunca duvidássemos -, encontramos-nos agora numa posição onde **podemos ter certeza de que só é preciso perseverar para conquistar.**

*[Churchill destila seu veneno para aqueles que previam a derrota da Inglaterra e a queda da Europa em mãos nazistas, certo de que sua obstinação e suas decisões - que se mostraram corretas, - sua determinação e visão estratégica assegurariam a vitória. Este é o centro do pensamento britânico, da forma de ser inglês, segundo ele. Após a*

batalha da Inglaterra e as vitórias no norte da África, a confiança na vitória foi um argumento constante de sua retórica].

**Não vamos falar de dias sombrios. Vamos falar, sim, de dias severos. Estes não são dias sombrios – são grandes dias – os mais gloriosos que a nossa nação já viveu!** E devemos todos agradecer a Deus porque nos foi permitido, a cada um de nós, cada um em seu papel, **contribuir para tornar estes dias memoráveis, na história de nossa raça.**

*[De forma épica e com grande presença de espírito, Churchill atinge o clímax do discurso, na constante lembrança do espírito de luta, conquista e bravura inglesas. Um espírito coletivo que define o ser inglês. A insistência, a firmeza e a retórica envolvente de Churchill calaram fundo na alma do povo inglês e naqueles que podiam escutá-lo no resto do mundo, pelo rádio. Cada vez mais, sua imagem como libertador do mundo ocidental, como aquele que se importava com a desgraça dos outros, foi sendo formada e foi crescendo. A figura daquele homem, no front de batalha, visitando as áreas destruídas, sempre próximo ao seu povo, foi motivadora de um senso constante de união. Mas ele não deixa jamais de se colocar como um instrumento de Deus. Assim, reúne política e religião, tradição inglesa que permeia a atuação política pelo menos desde Henrique VIII].*

#### 4.1.6.2. Enquadramento esquemático

No quadro esquemático 4.6., abaixo, demonstra-se a construção do discurso que, pelo sentido das frases selecionadas, permite a análise da mensagem.

Quadro 4.6

	POSITIVO	NEGATIVO
POVO	- Os britânicos não são de se mover de crise em crise ... Mas, quando resolvem, de forma bem lenta, que alguma coisa tem de ser feita ...assim o farão	- ... quando eu estive aqui da última vez, estávamos muito sozinhos, desesperadamente sozinhos... Estávamos muito mal armados - Tínhamos a ameaça desmedida do inimigo e de seu ataque aéreo batendo

		sobre nós
INIMIGOS	- Mas, em vez disso, nosso país se manteve firme. Não houve hesitação e nenhum pensamento de se entregar	- Ficamos completamente sozinhos há um ano, e para muitos países parecia que a nossa conta estava fechada, que estávamos acabados
TODOS	- ... a lição é: jamais ceder, jamais ceder, jamais, jamais, jamais, jamais, - em nada, seja grande, seja pequeno, amplo ou trivial – jamais ceder às convicções de honra e bom senso. Jamais ceder à força, jamais ceder ao aparentemente devastador poder do inimigo - podemos ter certeza de que só é preciso perseverar para conquistar - Não vamos falar de dias sombrios. Vamos sim falar de dias severos. Estes não são dias sombrios – são grandes dias – os mais gloriosos que a nossa nação já viveu	- Os dez meses que se passaram foram de eventos catastróficos, terríveis ao mundo – tempos de altos e baixos, de desgraças

*Jamais ceder!* Churchill resume, aqui, de forma taxativa, o sentimento da nação. Somando-se ao objetivo que era *a vitória, a vitória a todo custo* e que, *sem a vitória não há sobrevivência*, não se poderia, de outra forma, jamais parar de lutar. É natural, ou pode-se afirmar, é óbvio, que não podem haver dúvidas no coração e na mente dos ingleses e dos aliados que a desistência não é aceitável.

A morte e a destruição fazem parte do atual horizonte. Não existem soluções fáceis para a guerra, mas os dias não são mais sombrios. São duros, são severos, mas existe a convicção de que o inimigo pode ser derrotado. Quase um ano depois deste discurso, em 10 de novembro de 1942, Churchill, ao se referir a vitória inglesa sobre os alemães, na batalha de El Alamein, no Egito, diz que *agora não é o final, não é nem o início do fim, mas, talvez, o fim do início* (PENBERTHY, 2011, p. 105)<sup>24</sup>. Os ares de vitória já começavam a soprar no final de 1941. Os americanos acabariam entrando na guerra, menos de dois meses depois deste discurso, mas a atmosfera já começara a mudar para melhor.

---

<sup>24</sup> Tradução do autor

*Jamais ceder* foi um desabafo, um grito de libertação e a afirmação de uma convicção. Churchill estava no caminho certo e sua insistência na união de todos mostrava-se cada vez mais pertinente. Agora, era questão de seguir resistindo, dar tempo ao tempo e adotar uma atitude agressiva e pró ativa.

#### 4.1.6.3. Considerações específicas, causas e efeitos

Ao fazer-se a análise retórica deste discurso, conforme a figura 2.1, pode-se observar o caráter persuasivo através do gênero deliberativo. Num ambiente receptivo e propício ao narrador, este aconselha o que deve ser feito. O objetivo de motivar a audiência presente e, depois, via rádio, de influir sobre todo o mundo, é claro ao trabalhar o *ethos*, sua credibilidade e o *pathos*, o apelo à emoção.

A estrutura do discurso passa pelas categorias de disposição, estilo e memória, quando o desenrolar crescente dos argumentos, organizados de forma a repetir reiteradamente o objetivo *jamais ceder*, confirma a disposição e os objetivos do orador, bem como sua transmissão para as diversas audiências.

Retornando à análise do *ethos* do orador (figura 4.2), tem-se um discurso onde, provada a credibilidade do narrador por suas ações anteriores, há uma demonstração inequívoca de seu caráter, por sua força e pela presença de espírito, gerando uma certa atitude provocadora, mais no sentido de motivação do que de polêmica. É uma fala agregadora em que se identificam emoção e empolgação com o que está transmitindo e solidariedade, ao colocar-se ao lado dos colegas de escola, cantar com eles e ouvi-los. O líder está próximo de sua audiência, mais do que isso, ele é próximo a eles. Está ao seu lado e com eles trabalhando para a vitória.

*Jamais ceder* é um daqueles momentos em que a retórica atinge seu clímax ao fazer sentimentos transcenderem as palavras.

#### 4.1.7. Discurso em uma sessão conjunta do Congresso americano

Em 7 de dezembro de 1941, os japoneses atacam a base naval norte-americana em Pearl Harbour, no Havaí, levando os Estados Unidos a declararem guerra ao Japão, Alemanha e Itália. Em 26 de dezembro de 1941, em Washington D.C., Churchill faz um pronunciamento em sessão conjunta do congresso americano.

##### 4.1.7.1. Desmembramento do discurso

**Sinto-me honrado que vocês tenham me convidado a entrar na sala do Senado dos Estados Unidos** e discursar para os **membros de ambas as câmaras** do Congresso. O fato de que meus antepassados americanos participaram, durante tantas gerações, da vida dos Estados Unidos e que aqui estou, eu, um inglês, sendo bem vindo em seu meio, faz desta **experiência uma das mais emocionantes e sensacionais em minha vida** – que já é longa e não tem sido monótona. Gostaria realmente que minha mãe, cuja memória guardo no coração pelo passar dos anos, pudesse estar aqui para ver.

A propósito, não posso deixar de registrar que, se meu pai fosse americano e minha mãe britânica, em vez do contrário, eu poderia estar aqui por minha conta. Neste caso, esta não seria a primeira vez que vocês ouviriam a minha voz. ... **Sou um filho da Câmara dos Comuns. Fui criado na casa de meu pai para acreditar na democracia. Confie no povo** – esta era a sua mensagem.

*[Churchill está confiante no futuro. Não pode, ainda, neste momento, enfatizar sua alegria pela entrada dos EUA na guerra, mas pode dizer que está aliviado. Finalmente, a grande nação estará lado a lado com a Inglaterra na luta contra o fascismo. De forma humilde, de bom humor e com grande eloquência, ele dá a devida importância a este momento histórico, e aproveita a oportunidade para mostrar suas qualidades de liderança em ambos lados do Atlântico, com jocosidade e presença de espírito, diante de uma plateia que tinha grande expectativa em conhecê-lo. Faz referências às origens comuns entre americanos e ingleses e especialmente as dele, por sua mãe americana. É a oportunidade de construir um caminho e reforçar a identidade comum, através de palavras que caíam fundo nos desejos das lideranças americanas].*

... estive em harmonia por toda a minha vida com as marés que tem circulado em ambos os lados do Atlântico, contra o privilégio e o monopólio – e venho atuando com confiança na direção do ideal de Gettysburg<sup>25</sup> do governo do povo, pelo povo e para o povo.

**Devo minha história inteiramente à Câmara dos Comuns, da qual sou servo.** No meu país, como no de vocês, os homens públicos são orgulhosos de servir ao Estado e ficariam envergonhados em ser senhores do Estado.

*[Churchill segue no caminho da construção de pontes para a luta comum, respeito aos ideais de liberdade e democracia da ex-colônia pela ex-metrópole. Declara sua admiração pelo que foi desenvolvido na América em termos de respeito à democracia e à liberdade, desde que Oliver Cromwell implementou, na Inglaterra do século XVII, os princípios da democracia representativa e da Commonwealth. Declara-se fiel à concepção de um Estado democrático e, sobretudo, reitera a crença na função ética da política].*

Um dia, se achassem que assim o povo desejasse, a Câmara dos Comuns poderia, com um simples voto, me retirar da posição que ocupo. ... **vim a fim de me encontrar com o presidente dos Estados Unidos e organizar com ele todo o mapeamento dos nossos planos militares** – e também para todos aqueles encontros privados de altos oficiais das forças armadas de ambos os países, que são indispensáveis para o prosseguimento bem sucedido da guerra.

Gostaria de dizer, inicialmente como **fiquei impressionado e encorajado pela amplitude das opiniões e pelo senso de realidade** que encontrei aqui, em todos os lugares a que tive acesso.

*[De forma humilde, mas determinada e objetiva, respeitando o jogo político, Churchill parte para as tarefas práticas da guerra, em busca de proximidade com a audiência. Afinal, este era seu dever e ali era o ambiente onde importantes decisões iriam ocorrer].*

... **os Estados Unidos foram atacados e agredidos** por três dos mais bem armados Estados ditatoriais. A maior potência militar da Europa e a maior potência militar da Ásia, Alemanha e Japão – e a Itália também – todos declararam e estão em guerra contra vocês. **Um conflito foi iniciado e só pode terminar com a queda deles ou de vocês.**

**Mas aqui em Washington, nestes dias memoráveis, encontrei uma fortaleza olímpica, a qual, longe de ter por base a**

---

<sup>25</sup> Churchill faz referência a um dos mais famosos discursos de Abraham Lincoln, em 19 de novembro de 1863, no cemitério de Gettysburg, onde redefiniu a Guerra Civil, não somente como uma batalha pela união nacional, mas também como o “renascer da liberdade” nos Estados Unidos e para o povo americano.

complacência, é apenas a máscara de um objetivo inabalável e a **prova de uma correta e bem-estabelecida confiança no resultado final**. Nós, na Grã-Bretanha, tivemos o mesmo sentimento nos nossos dias mais sombrios. **Também estávamos certos de que ao fim tudo ficaria bem.**

*[Como é de sua natureza, Churchill trata os temas com clareza, definindo a situação, e construindo a unidade de objetivos contra os inimigos. Este relacionamento em torno dos ideais considerados corretos, com quem, em última instância, tomava as decisões, seria baseado na referência histórica entre ingleses e americanos].*

**Vocês não subestimam, estou certo, a severidade da experiência a que vocês e nós ainda estamos sujeitos. As forças organizadas contra nós são enormes. Eles são amargos, eles são cruéis.** Os homens diabólicos e as suas facções, que jogaram povos no caminho da guerra e da conquista, sabem que serão convocados para uma cobrança terrível se não puderem bater, pela força das armas, àqueles que atacaram. Não vão parar por nada. Eles têm um vasto acúmulo de armas de guerra, de todos os tipos. Têm exércitos, navios e serviços aéreos, altamente treinados e disciplinados. Têm planos e desígnios que foram por muito tempo testados e maturados. **Não vão parar por nada que a violência ou a traição possa sugerir.**

*[Da mesma forma com que construiu o cenário para os ingleses nos meses de início da guerra, Churchill expressa, para a classe política americana, com clareza e franqueza, as dificuldades a serem enfrentadas. Era importante que o Congresso e o Senado americanos apoiassem a guerra e as decisões do presidente Roosevelt].*

É bem verdade que, do nosso lado, **nossos recursos em mão-de-obra e materiais são maiores**. Mas apenas uma porção destes recursos está por enquanto mobilizada e desenvolvida – e ambos os nossos países ainda têm muito o que aprender na cruel arte da guerra. ... **Muitos desapontamentos e surpresas desagradáveis nos esperam e nos afligirão**, antes que a plena organização do nosso poder latente e total seja conseguida.

*[A convicção de que a força industrial americana era essencial para a vitória na guerra impelia Churchill para pressionar os norte-americanos para reposições constantes de equipamentos. Era*

*necessário preparar os americanos para os momentos de dificuldade, prevendo momentos de dúvida e de fraqueza, reforçando que, no final, tudo chegaria a bom termo. A ideia de que os povos anglófonos, unidos, superaríamos todos os obstáculos, precisava ficar clara].*

Durante a maior parte dos últimos 20 anos, **foi ensinado à juventude da Grã-Bretanha e da América que a guerra é má**, o que é verdade, e que nunca mais aconteceria, o que provou ser falso. Durante a maior parte dos últimos 20 anos, **foi ensinada à juventude da Alemanha, do Japão e da Itália que a guerra agressiva é o dever mais nobre do cidadão** - e que deveria ser começada logo que houvesse as armas necessárias e que a organização tivesse sido completada. **Nós executamos os deveres e as tarefas da paz. Eles conspiraram e planejaram a guerra.**

*[Antes do ataque a Pearl Harbour, a política americana era a de não entrar de forma direta na guerra. Após o ataque, a convicção foi imediatamente refeita. A disputa entre a guerra e a paz estava definida e, a partir daquele momento, era fundamental o fortalecimento da relação entre americanos e britânicos. A busca da paz e da liberdade seria construída também baseada na demonização do inimigo, como um ente beligerante e incapaz de viver sem promover um regime de violência].*

Mas agora, ao fim de dezembro de 1941, **nossa transformação, de uma paz despreocupada para uma guerra total, com eficiência, teve um amplo progresso.**

Desde que todo o esforço seja feito, desde que nada seja paralisado, desde que toda a mão-de-obra, potencial e intelectual, virilidade, todo **o valor e a virtude cívica do mundo de língua inglesa**, com a sua galáxia de comunidades e Estados associados, leais e amigos, desde que todos se entreguem de forma persistente à tarefa simples e suprema, acho que é razoável esperar que no, final de 1942, **nos veremos definitivamente em uma situação melhor do que estamos agora** – e que o ano de 1943 nos permitirá assumir a iniciativa de uma forma ampla.

*[Churchill sempre desejou que os Estados Unidos entrassem na guerra, pois sabia que a guerra só poderia ser vencida com o poderio militar e industrial americano. Estava aliviado e com suas esperanças renovadas na vitória. De uma posição defensiva e reativa, a guerra agora poderia ser travada de forma ofensiva e pró-ativa. Um novo cenário se desenhava e as perspectivas eram alentadoras. Era*

*necessário deixar isso bastante claro para os tomadores de decisão, mas, ao mesmo tempo, alertar que ainda levaria muito tempo para chegar à vitória].*

Algumas pessoas podem ficar assustadas ou momentaneamente deprimidas quando, assim como o seu presidente, **falo de uma guerra longa e difícil. Mas os nossos povos preferem saber a verdade, mesmo que seja triste.**

E, afinal de contas, quando estamos fazendo **o trabalho mais nobre do mundo, não só defendendo nossas famílias e casas, mas também a causa da liberdade em outras terras**, encontra lugar nas grandes questões da história do homem se a liberdade virá ... . Estou certo que neste dia de hoje – agora – **somos senhores de nosso destino**, a tarefa que nos foi preparada não está acima de nossas forças, e as dores e os esforços não vão além de nossa tolerância. **Desde que tenhamos fé em nossa causa** e uma força de vontade invencível, **a salvação não nos será negada.** Nas palavras do Salmos: *Ele não terá medo das novidades ruins; pois seu coração está firme e confiante no Senhor.*

*[Sempre de forma clara e sincera ao abordar as dificuldades, Churchill reproduz a forma com que antes havia comunicado a mesma realidade ao povo inglês, mantendo a esperança e a fé na vitória. Volta a valorizar o vínculo com a religião].*

**O prepotente Mussolini já desmoronou. Ele não é agora senão um servo e laçao**, mero utensílio da vontade de seu senhor. ... Ajudados pelos americanos, pela primeira vez enfrentamos o inimigo com armas iguais. Pela primeira vez fizemos o bárbaro sentir a ponta aguda daqueles instrumentos que escravizaram a Europa.

Estou **contente** de mostrar a vocês, membros do Senado e da Câmara dos Representantes, neste momento em que vocês estão entrando na guerra, provas de que, **com a organização correta e as armas corretas, somos capazes de acabar com a vida dos selvagens nazistas.** O que Hitler está sofrendo na Líbia é apenas uma amostra e um aperitivo daquilo que devemos dar a ele e a seus cúmplices, onde quer que esta guerra nos leve, **em qualquer lugar do globo.**

*[Há uma clara mudança no tom do discurso. Churchill utiliza adjetivos duros e ofensivos ao inimigo. Isto seria necessário no cenário americano, pois muitos desconheciam o crescimento das hostilidades alemãs nos anos que antecederam a guerra e a política de apaziguamento. Quando fala de Mussolini, qualifica-o como servo e laçao de Hitler. Em algumas passagens, critica novamente os franceses e sua reduzida adesão aos esforços de combater o fascismo*

*expansionista alemão. Quando fala dos nazistas como bárbaros e selvagens, utiliza um vocabulário que normalmente não usava contra os inimigos. É necessário reduzir o inimigo àquilo que realmente é: um grupo que luta para escravizar e eliminar culturas e civilizações].*

**Há boas novidades também vindas do mar. A linha de suprimentos** que junta nossas duas nações pelo oceano, sem a qual tudo pode falhar, **está fluindo contínua e livremente**, a despeito de tudo o que o inimigo possa fazer. É um fato que o Império Britânico – que muitos pensaram estar quebrado e arruinado há 18 meses - **está agora incomparavelmente mais forte e fica ainda mais forte a cada mês.**

Por último, se vocês me permitirem dizer isso, para mim a melhor notícia de todas é de que **os Estados Unidos, unidos como nunca estiveram antes, sacaram a espada pela liberdade e jogaram fora a bainha. ...**

*[Revela-se importante dar a devida importância ao apoio americano que, desde o início da guerra, auxiliou a Inglaterra para que não fosse derrotada. Há um certo tom de convencimento acerca de suas habilidades, justificado pelo fato de que, efetivamente, os ingleses resistiam sozinhos, desde setembro de 1939. Concretizado o agradecimento, é feita a convocação para que se juntem na guerra, imediatamente. A importância deste discurso reside no fato de que é no ambiente do Congresso que uma democracia pode ou não decidir uma guerra. Churchill precisa convencê-los de que tomaram a decisão correta].*

Todos estes fatos extraordinários **levaram os povos subjugados da Europa a erguer a cabeça de novo, com esperança.** Deixaram de lado para sempre a vergonhosa tentação de se resignar à vontade do conquistador. **A esperança voltou aos corações de milhões de homens e mulheres – e lá, com esta esperança, arde uma chama de raiva contra o invasor brutal e corrupto e queima ainda mais ferozmente o fogo de ódio e de desprezo pela esquálidos colaboradores a quem o invasor subornou.**

Numa dúzia de conhecidos Estados antigos, agora prostrados sobre a opressão nazista, **as massas de todas as classes e credos esperam a hora da libertação**, quando serão capazes novamente de desempenhar suas funções e seguir em frente como homens. **A hora irá soar – e o barulho solene irá proclamar que a noite é passada e a aurora chegou.**

*[Há força na mensagem de esperança, de chamamento à resistência, de luta contra o invasor e de que, apesar dos tempos duros pela frente, a união em torno da derrota dos inimigos deve ser mantida].*

**O ataque sobre nós, planejado pelo Japão** há tanto tempo e de forma tão secreta, trouxe aos nossos países problemas graves, para os quais não podíamos estar bem preparados.

Se as pessoas me perguntarem – como têm o direito de me perguntar na Inglaterra – por que é que você não enviou equipamentos, como aeronaves modernas e armas de todos os tipos à Malásia e às Índias Orientais, só posso apontar para as vitórias que o general Auchinleck teve na campanha da Líbia. **Se tivéssemos desviado e dispersado os nossos recursos** – que aumentam de forma gradual – **entre a Líbia e a Malásia, iríamos nos descobrir em falta em ambos os cenários.**

*[Quando relembra o ataque sobre nós, Churchill deixa bem claro a união: um ataque aos EUA é um ataque à Inglaterra. Com franqueza e senso de urgência, ele aproveita a oportunidade para responder às críticas dirigidas à forma como a guerra era conduzida no oriente, onde as derrotas britânicas eram constantes – exemplo da queda de Cingapura e da rota da Birmânia. Ele decidira por uma concentração e não pela dispersão e isso precisava ficar claramente explicado e justificado].*

... Sabemos que há muitos anos **a política do Japão tem sido dominada por sociedades secretas** de oficiais e juniores do Exército e da Marinha, **os quais têm imposto a sua vontade sobre sucessivos Gabinetes e Parlamentos japoneses**, pelo assassinato de qualquer estadista japonês que se oponha – ou que não siga de modo suficiente – esta política agressiva. Pode ser que estas sociedades, deslumbradas e atordoadas com seus próprios planos de agressão e com a perspectiva de vitórias precoces, tenham forçado o país a esta guerra, em vez de fazerem um melhor julgamento sobre isso. **Eles certamente embarcaram numa tarefa considerável.** Afinal, depois dos ultrajes que cometeram contra nós em Pearl Harbour, nas ilhas do Pacífico, nas Filipinas, na Malásia e nas Índias Orientais Holandesas, **eles agora devem saber que os riscos pelo quais decidiram jogar são mortais.**

**Quando consideramos os recursos dos Estados Unidos e do Império Britânico, comparados aos do Japão**, quando nos lembramos da China – que tem suportado a invasão por tanto tempo e de forma valente – e quando também a ameaça russa pendente sobre o Japão, torna-se ainda mais **difícil conciliar a ação japonesa com a prudência ou mesmo a sanidade.** **Que tipo de povo eles pensam que são? Será possível que não perceberam que nunca mais cessaremos de perseverar contra eles, até que recebam uma lição que eles e o mundo nunca mais esquecerão?**

*[O Japão havia sido aliado do ocidente na Primeira Guerra e Churchill conhecia bem a política interna japonesa. A dificuldade de compreensão residia na decisão do Japão de tornar-se beligerante nos anos entre guerras. De certa forma, antecipam-se aqui as decisões que levariam aos bombardeios atômicos de Hiroshima em Nagasaki, em junho de 1945. Os japoneses eram conhecidos por serem combatentes aguerridos e obstinados e a luta contra eles não vinha sendo fácil].*

Membros do Senado e da Câmara dos Representantes: deixo por um momento as desordens e as convulsões do presente e **me volto à base mais ampla do futuro. Aqui estamos juntos enfrentando um grupo de poderosos inimigos que buscam a nossa ruína; aqui estamos juntos defendendo tudo aquilo que é caro aos homens livres.** Por duas vezes numa única geração, **a catástrofe da guerra mundial caiu sobre nós;** por duas vezes, no nosso tempo de vida, o braço longo do destino atingiu o outro lado do oceano, para trazer os Estados Unidos à vanguarda da batalha.

*[Em tom solene, Churchill prepara o cenário da audiência para a importância de toda a fala. Faz um pedido de desculpas, antes de criticar as políticas de neutralidade e afastamento da política interna da Europa, por parte dos presidentes americanos, após o final da Primeira Guerra. Os EUA são chamados a se envolverem com o que ocorre em todo o mundo e a assumirem suas responsabilidades. Afinal, junto com os ingleses, estes desempenham papel preponderante na manutenção da paz e da ordem mundial. A responsabilidade de ambos transcende à política interna de seus países e de seus povos. De certa forma, germinam aqui as bases da política externa moderna de ambos os países – união e defesa da liberdade e democracia em todo mundo].*

**Há cinco ou seis anos, teria sido fácil para os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, sem derramar uma gota de sangue, insistir no cumprimento das cláusulas de desarmamento dos tratados que a Alemanha assinou depois da Primeira Guerra. Esta também teria sido a oportunidade para assegurar à Alemanha aqueles subsídios que declaramos na Carta do Atlântico e que não devem ser negadas a nenhuma nação, vitoriosa ou derrotada. Esta oportunidade passou. Foi-se.**

*[Churchill reconhece a perda de poder pela não tomada de decisões no momento oportuno. Critica a política externa americana, que isolou o país do cenário internacional, e lembra isto como um grave erro estratégico. Mas critica, principalmente, os erros da política da própria Inglaterra].*

**Golpes prodigiosos de martelo foram necessários para nos unir novamente** ou, se vocês me permitem usar outra linguagem, direi que deve ter a alma cega quem não vê que grandes propósitos e desígnios estão sendo definidos, dos quais temos a honra de sermos fiéis servidores. **Não nos é dado o poder de adivinhar os mistérios do futuro.**

Ainda assim, **sustento a minha esperança e fé, certa e inviolável, de que, nos dias que estão por vir**, os povos britânicos e americanos irão, para a sua própria segurança e para o bem de todos, **andar juntos lado a lado com majestade, na justiça e na paz.**

*[Erros passados devem ser colocados de lado. O momento é de união em busca de objetivos comuns, organização para a guerra e pensamento na construção de um novo mundo após o final desta etapa histórica. Com vistas no futuro, Churchill faz o fechamento do discurso de forma simples e direta, objetivando a união. Esta perspectiva será a mesma até a posterior criação da ONU, e depois para as futuras políticas internacionais de ambas as nações].*

#### 4.1.7.2. Enquadramento esquemático

A partir de frases selecionadas pode-se, de acordo com o quadro 4.7, analisar o discurso de forma pontual:

Quadro 4.7

	POSITIVO	NEGATIVO
POLÍTICOS	- ...e aqui estou eu, um inglês, sendo bem-vindo em seu meio - Devo a minha história inteiramente à Câmara dos Comuns, da qual sou seu servo. No meu país, como no de vocês, os homens públicos são orgulhosos de	- Por último, se vocês me permitem dizer isso, para mim a melhor notícia de todas é a de que os Estados Unidos, unidos como nunca estiveram antes, sacaram a espada da liberdade e jogaram fora a bainha

	servir ao Estado e ficaria envergonhados sem ser senhores do Estado	
POVO	<p>- É um fato que o Império Britânico – que muitos pensaram estar quebrado e arruinado a 18 meses – está agora incomparavelmente mais forte e fica ainda mais forte a cada mês</p> <p>- A esperança voltou aos corações de dezenas de milhões de homens e mulheres</p>	<p>- ... foi ensinado à juventude da Grã-Bretanha e da América que a guerra é má, o que é verdade, e que nunca mais aconteceria, o que provou ser falso, ... foi ensinado à juventude da Alemanha, do Japão e da Itália que a guerra agressiva é o dever mais nobre do cidadão</p>
INIMIGOS		<p>- As forças organizadas contra nós são enormes. Eles são amargos, eles são cruéis</p> <p>- ... arde uma chama (nos aliados) de raiva contra o invasor brutal e corrupto</p> <p>- torna-se ainda mais difícil conciliar a ação japonesa com a prudência ou mesmo a sanidade. Que tipo de povo eles pensam que são?</p>
ALIADOS	<p>- Desde que todo o esforço seja feito, ... desde que todos se entreguem de forma persistente, ... , acho que é razoável esperar que ... veremos uma situação melhor que estamos agora</p> <p>- A escolha a respeito de como dispor de nossos recursos limitados teve de ser feita pela Inglaterra em tempos de guerra e pelos EUA em tempos de paz. Acredito que a história vai dizer que como um todo ... a escolha certa foi feita</p> <p>- ... sustento minha esperança e fé ... de que ... os povos britânico e americano irão, ... andar juntos, lado a lado com majestade, na justiça e na paz</p>	<p>- Se tivéssemos desviado e dispersado nossos recursos (sobre a estratégia de guerra no oriente) – entre a Líbia e a Malásia, iríamos nos descobrir em faltas de recursos em ambos os cenários</p> <p>- Será que não devemos à nós, a nossas crianças, à humanidade atormentada assegurar que estas catástrofes (a 1ª. e 2ª. Guerras) não irão nos engolir pela terceira vez?</p> <p>- Esta oportunidade passou. Foi-se. (sobre a política de apaziguamento até 1939)</p>
TODOS	- Estou contente a mostrar a vocês... que somos capazes de acabar com a vida dos selvagens nazistas	

Neste discurso, Churchill tem a oportunidade histórica de trazer os Estados Unidos para a guerra. O resultado de sua fala seria demonstrado pelo peso que os americanos dariam, ou não, à guerra. Até o ataque japonês a Pearl Harbour, os políticos e a opinião pública

americana estavam divididos no apoio à guerra. Os Estados Unidos apoiavam a Inglaterra com armas e suprimentos, mas declaravam-se neutros, não enviando tropas para os *fronts* europeus. O ataque japonês fez com que os EUA declarassem guerra e entrassem, definitivamente, no conflito. Churchill tinha a oportunidade, agora, de diretamente, pedir o apoio americano.

Para tanto, usa uma linguagem mais radical, que se vale de expressões fortes e ofensivas ao inimigo, como *servos*, *amargos*, *cruéis* e *corruptos*. Esta adjetivação tinha o objetivo de impressionar os congressistas, concretizando sua real opinião sobre os alemães, japoneses e italianos.

A partir de um início jocoso e bem humorado, a fala vai adquirindo tons dramáticos e extremamente realistas. Descreve os inimigos e o que deve ser feito. Ao final, demonstra seu alívio e alegria de poder junto com os americanos, ter a certeza de que poderão vencer. Será uma questão de tempo, imprevisível saber quanto, mas haveria a possibilidade real de vitória. Baseia-se nas origens filosóficas que unem as duas nações e nas diferenças que as separam dos inimigos. Não podem pairar dúvidas sobre contra quem ambos estão lutando. Ao final, a mensagem é idêntica a que tem sido emitida na Inglaterra: união para poderem vencer a guerra de forma incondicional.

Churchill já estivera muitas vezes na América e era conhecido por lá. Mas a oportunidade de discursar para a Câmara e o Senado americanos era o momento de construir seu *ethos* como orador de forma única. Para muitos congressistas ali presentes, era também uma chance de conhecer pessoalmente aquele grande inglês que lutava a guerra sozinho.

#### 4.1.7.3. Considerações específicas, causas e efeitos

Em termos de análise retórica, o discurso das sessões conjuntas do Congresso, segundo a figura 2.1, é do gênero deliberativo, pois é realizado na, e para a arena política, visando ao aconselhamento e a obtenção de apoio político. Sua estrutura parte de uma disposição

bem definida. Inicia de forma bem humorada, para captar a atenção e a simpatia da plateia. No momento posterior, passa à descrição dos fatos da guerra e a argumentação qualitativa destes. Churchill relata os fatos, qualifica-os e organiza os passos para o trabalho conjunto entre as duas nações. No transcorrer da sua fala, trata de adjetivar o inimigo, com a intenção de fazer com que todos saibam contra quem estavam lutando e mantenham o foco nos objetivos da guerra.

Baseado nas figuras 4.2. e 4.3, é o momento de construir e gerar credibilidade. A seriedade com que seria visto estava baseada na escolha certa das palavras e de sua elocução. Por isso, o uso de adjetivos fortes contra o inimigo. Suas virtudes seriam demonstradas pela sinceridade e fidelidade no relato dos fatos, transparência e honestidade pessoal. Sua competência advinha de que mostrava saber o que deveria ser feito e estava ali para poder aliar sua experiência ao poder americano. Sua inteligência fica à mostra, a partir da admiração que tem pelo sistema democrático americano e pelo mesmo sentimento que gera na audiência. Com grande habilidade, coloca-se de forma humilde como mais um membro daquelas agremiações.

Churchill faz com que identifiquem nele um homem de sentimentos reais e compaixão, preocupado e honesto em suas emoções. É o chefe pastor, profeta e comandante, e se solidariza com o momento de extremo pesar que vivem os EUA, colocando-se ao lado da nação, ao mencionar *o ataque sobre nós*. Não foi um ataque aos Estados Unidos, foi um ataque contra *nós*.

#### 4.1.8. O discurso “O dia D”

Em 6 de junho de 1944, na Câmara dos Comuns, em Londres, Churchill faz um discurso para relatar, brevemente, a conquista de Roma e o desembarque nas praias da Normandia, estabelecendo um segundo *front* de batalha. Cercada de sigilo, a informação é passada ao Parlamento, sem detalhes, no sentido de dar satisfação aos parlamentares, esquivando-se das questões militares.

#### 4.1.8.1. Desmembramento do discurso

Acho que a Casa **deveria tomar conhecimento formal da libertação de Roma** pelos exércitos aliados ... . **Este é um evento glorioso e memorável**, e que recompensa a luta intensa dos últimos cinco meses na Itália.

*[Comemoração e alegria contidas, pois os fatos que iria relatar gerariam apreensão. São breves momentos de júbilo].*

**Tenho que anunciar à Casa** que, durante a noite e nas primeiras horas, ocorreu o primeiro **de uma série de desembarques em execução no continente europeu**.

Neste caso, **o ataque libertador ocorreu na costa da França**. Uma **imensa armada de mais de quatro mil navios**, juntamente com milhares de embarcações menores, atravessou o Canal. **Intensas aterrisagens de aeronaves foram efetuadas com sucesso** por trás das linhas inimigas **e os desembarque nas praias estão prosseguindo em vários pontos**, neste momento.

O fogo das baterias nas praias tem sido amplamente contido. Os obstáculos construídos no mar não se mostram tão difíceis como se temia. **Os aliados anglo-americanos estão apoiados por cerca de 11 mil aviões** de primeira linha, que podem ser chamados de acordo com a necessidade para os propósitos da batalha.

*[Churchill está fazendo um anúncio de grande impacto, longamente aguardado. Stalin vinha pedindo a abertura de um segundo front na Europa, para contrapor à frente oriental, desde a invasão nazista, em junho de 1941. Finalmente, a planejada operação entre americanos, ingleses e canadenses iniciara, após meses de intensa preparação e sigilo. Churchill descreve brevemente os fatos, dando ciência dos avanços no desenrolar dos primeiros momentos do desembarque surpresa na Normandia].*

**Não posso, é claro, comprometer-me com quaisquer detalhes**. Os relatórios estão chegando rapidamente. Até agora, os comandantes envolvidos relatam que tudo está **prosseguindo de acordo com o plano. E que plano! Esta vasta operação é, sem dúvida alguma, a mais complicada e difícil já realizada**. Envolve mares, ventos, ondas e questões de visibilidade, tanto aérea quanto marítima, além do emprego combinado de forças terrestres, aéreas e marítimas, no mais alto grau de intimidade, em condições que não podiam e não podem ser plenamente previstas.

**Há esperanças que uma surpresa tática tenha sido realmente conseguida – e esperamos fornecer ao inimigo uma sucessão de surpresas durante o curso da batalha**.

*[A estratégia de Churchill, para com o Parlamento e a opinião pública, neste primeiro momento, exigia sigilo e administração das informações, de forma a não difundir mais do que o necessário ou do que fosse possível. Havia a necessidade de absoluto controle da situação, mas sua fala é afirmativa, pois o alto comando tem confiança nas decisões tomadas e no andamento da batalha].*

**A batalha que começou agora vai aumentar em escala e intensidade** de forma constante em muitas das próximas semanas – e **não vou tentar especular sobre seu rumo.**

Isto, no entanto, eu posso dizer: a **mais perfeita união prevalece entre os exércitos aliados. Há uma irmandade de armas entre nós e nossos amigos dos Estados Unidos.** Há uma completa confiança no comando supremo, o general Eisenhower, em seus auxiliares, e também no comandante da Força Expedicionária, general Montgomery. **O ardor e o espírito das tropas que embarcavam nestes últimos dias, como eu mesmo vi, eram esplêndidos de se testemunhar.**

*[Apresentando a realidade e evitando especulações, Churchill divide a responsabilidade e a liderança com os chefes militares, sobretudo os americanos, dando-lhes o devido crédito. A guerra, desde a entrada dos EUA, havia mudado de um patamar defensivo para a ação ofensiva. É imperioso que todos sejam partícipes da vitória e novamente a magnanimidade de Churchill aparece. Esta seria a forma de manter unidos os protagonistas, até a vitória final].*

#### 4.1.8.2. Enquadramento esquemático

No quadro esquemático 4.8., abaixo, demonstrar-se-á a construção do discurso pelo sentido das frases selecionadas para a montagem de sua mensagem:

Quadro 4.8

	POSITIVO	NEGATIVO
POLÍTICOS	- Acho que a Casa deveria tomar conhecimento formal da libertação de Roma - ... durante a noite e nas primeiras horas desta manhã ocorreu o primeiro de uma séria de desembarque em	- Não posso, é claro, me comprometer com quaisquer detalhes - A batalha que começou agora vai aumentar em escala e intensidade de forma constante em muitas das

	execução no continente europeu. ... o ataque libertador ocorreu na costa da França	próximas semanas – e não vou tentar especular sobre seu rumo
POVO	- ... tudo está seguindo de acordo com o plano. E que plano!	
INIMIGOS	- Há esperanças de que uma surpresa tática tenha sido realmente conseguida	
ALIADOS	- mais perfeita união prevalece entre os exércitos aliados. Há uma irmandade de armas entre nós e nossos amigos dos Estados Unidos - O ardor e o espírito das tropas que embarcavam nestes últimos dias, como eu mesmo vi, eram esplêndidos de se testemunhar	

A guerra está entrando em sua fase definitiva. A Alemanha vem perdendo a guerra no *front* oriental. O exército soviético, auxiliado por suprimentos americanos, ingleses e por suas fábricas, transferidas para o interior profundo da Sibéria, além do rigoroso inverno russo, impôs uma série de derrotas à Alemanha. A segunda frente, aberta na Normandia, iria empurrar os exércitos nazistas de volta à Alemanha, propiciando a lenta libertação da Europa. Roma fora liberada e o plano, iniciado com o *dia D*, estava em andamento.

A união de tropas, majoritariamente americanas, inglesas e canadenses, sob o comando do General Dwight Eisenhower, iniciava seu caminho libertador. Churchill se mostra apreensivo pois muitas variáveis podem fazer com que o plano dê errado: *mares, ventos, ondas e questões de visibilidade, tanto aérea quanto marítima, ..., em condições que não podiam e não podem ser plenamente previstas*, mas agora tudo está nas mãos destes *soldados desconhecidos*. A tensão é visível e o sigilo precisa ser mantido. Porém, como é próprio da democracia, o Parlamento não pode ser mantido à margem de um evento desta magnitude e Churchill cumpre seu papel de líder, coerente com o que está defendendo.

Não menos importante é dar o devido espaço e crédito aos militares, e, especialmente às forças armadas americanas, cujo esforço na guerra é fundamental para a vitória final.

#### 4.1.8.3. Considerações específicas, causas e efeitos

Neste discurso de gênero deliberativo, Churchill dá ciência ao Parlamento dos andamentos da guerra. Fala com firmeza e segurança e, aqui, o silêncio diz mais do que as palavras. Não pode demonstrar seus sentimentos de forma aberta, pois o momento é crítico, mas sua confiança, conhecimento e controle da situação permitem a transmissão de um sentimento de segurança e credibilidade.

A credibilidade (figura 4.2) vem da seriedade com que se comunica. De forma austera e contida, mostra sua competência ao aliar o conhecimento profundo, o saber do que está fazendo e só poder comunicar o estritamente necessário. Esta habilidade de dizer muito porém com poucas palavras é característica do guia soberano. A força e a atitude demonstram seu caráter e identificam como líder.

O “Dia D” é um discurso do não-dizer, da sonegação de informação que transmite segurança, liderança e capacidade administrativa. Ao fim e ao cabo, o que Churchill organizara, ao longo destes longos anos, começava a acontecer.

#### 4.1.9. Discurso “Palavras não podem expressar o horror”

Com o início da liberação das nações ocupadas e partes da Alemanha, o horror perpetrado pelos nazistas nos campos de concentração começam a ser desvendados e mostrados ao mundo. Um grande esforço é feito pelas tropas aliadas para manter a memória do que vinha ocorrendo nos campos de extermínio. Em 19 de abril de 1945, na Câmara do Comuns, em Londres, Churchill faz o chamamento para que o Parlamento inglês contribua neste esforço, testemunhando a barbárie nazista.

#### 4.1.9.1. Desmembramento do discurso

**Palavras não podem expressar o horror** sentido pelo governo de Sua Majestade e dos principais aliados **com as provas destes terríveis crimes que estão agora diariamente vindo à tona.**

... **Recebi esta manhã** uma mensagem informal do general Eisenhower, **dizendo que as novas descobertas**, particularmente em Weimar, **superam qualquer coisa apresentada até o momento.** Ele me convida a mandar um corpo de **representantes do Parlamento imediatamente** ao seu quartel-general, para que possam eles mesmos **fazer uma prova visual e em primeira mão destas atrocidades.**

**O assunto é urgente**, já que naturalmente não é possível, em muitos casos, suspender o processo de destruição. **Tendo em vista a urgência, cheguei à conclusão que oito membros** desta Casa e dois da Câmara dos Lordes **devem formar uma delegação** parlamentar e viajar imediatamente ao supremo quartel general, onde o general Eisenhower fará todos os arranjos necessários à inspeção das cenas, seja em setores americanos ou britânicos.

*[Em meio à revolta e perplexidade, um senso de justiça implacável surge e os encaminhamentos necessitam urgência. A decisão, a divisão de tarefas e a motivação de mostrar ao mundo as atrocidades nazistas será um trabalho conjunto dos aliados. É fundamental que se inicie o processo para que nunca mais se esqueçam os crimes que os nazistas cometeram. A ação dos aliados, ao manter intactos os campos de concentração, foi fundamental para a rendição incondicional dos nazistas e o posterior julgamento destes em Nuremberg].*

#### 4.1.9.2. Enquadramento esquemático

No quadro esquemático 4.9., abaixo, demonstrar-se-á a construção do discurso, pelo sentido das frases selecionadas, para a construção de uma mensagem:

Quadro 4.9

	POSITIVO	NEGATIVO
POLÍTICOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tendo em vista a urgência, cheguei a conclusão ... quem formar uma delegação e viajar imediatamente</li> <li>- Espero que a Casa aprove esta decisão um tanto rápida que tomei</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recebi esta manhã uma mensagem do General Eisenhower dizendo que as novas descobertas ... superam amplamente qualquer coisa apresentada até o momento</li> <li>- O assunto é urgente</li> </ul>
POVO		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Palavras não podem expressar o horror sentido pelo governo de Sua Majestade ... com as provas destes terríveis crimes que estão agora vindo á tona</li> </ul>
ALIADOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ele me convida a mandar um corpo de representantes do Parlamento imediatamente ao seu QG, para que possam eles mesmo fazer uma prova visual e em primeira mão destas atrocidades</li> </ul>	

A libertação da Europa foi revelando a extensão da barbárie nazista. Os campos de concentração e de extermínio foram sendo liberados e a verdade sendo descoberta.

O General Eisenhower desempenhou preponderante papel na manutenção dos registros sobre os campos. Seu esforço em manter a história do holocausto permitiu que se julgassem os nazistas por suas atrocidades e, mais do que isso, que nunca se esquecesse do que a falta de humanidade foi capaz. Há de se dar crédito também aos russos, que mantiveram estas estruturas para conhecimento do mundo.

Churchill, alertado por Eisenhower, imediatamente envolveu o Parlamento inglês neste processo, enviando uma comissão para testemunhar o *schoá*<sup>26</sup>. Em “Palavras não podem expressar o horror”, ele diz tudo e reafirma a necessidade de se manter viva a memória destes acontecimentos.

---

<sup>26</sup> Do hebraico: holocausto (nota do autor).

#### 4.1.9.3. Considerações específicas, causas e efeitos

A Europa está sendo liberada e a verdade vem à tona. Do alto de sua credibilidade, Churchill tem a força moral e a seriedade necessárias para dar ao assunto a devida importância. Baseado na figura 4.2, pode-se evidenciar sua virtude através da transparência, sinceridade e honestidade pessoal. Identifica-se sua humanidade e sua compaixão para com os sobreviventes e pela memória dos que pereceram. A solidariedade que Churchill presta, ao colocar seu governo e o Parlamento ao lado destas vítimas, foi fundamental para a ratificação de seu papel de liderança e, mais do que isso, de um ser humano excepcional. A partir da liberação dos campos de extermínio e da análise de documentos, prisão e julgamento dos envolvidos, pode-se avaliar a extensão da política nazista de extermínio de judeus, ciganos, homossexuais, doentes mentais, eslavos, negros e uma infinidade de outras minorias, consideradas inferiores racialmente pelos nazistas.

#### 4.1.10. O discurso sobre a “Vitória na Europa”

Em 8 de maio de 1945, na Câmara do Comuns, com transmissão de rádio, Churchill pôde dar por encerrada a guerra na Europa. O conflito prosseguia no oriente contra o Japão, e isto foi comentado, porém o momento era de júbilo e de comemoração, com reforça este discurso.

##### 4.1.10.1. Desmembramento do discurso

Ontem de manhã, às 2h41, no quartel general, o general Jodl, representante do alto comando germânico, o almirante Dönitz, chefe designado do Estado alemão, **assinaram o ato de rendição incondicional de toda as forças da Alemanha na Europa, de terra, mar e ar**, à Força Expedicionária Aliada e simultaneamente ao alto comando soviético.

**As hostilidades cessarão oficialmente no primeiro minuto da meia-noite de hoje (8 de maio, terça-feira) ...** Isso não constitui, em nossa opinião – com base na melhor informação militar disponível – razão para deter da nação os fatos comunicados a nós pelo general Eisenhower, da rendição incondicional já assinada em Rheims – nem deveria impedir que **celebrems os dias de hoje e**

**amanhã (quarta-feira) como os dias da vitória na Europa – V Day.**

**Hoje, talvez, devemos pensar sobretudo em nós mesmos.** Amanhã iremos prestar uma homenagem especial aos nossos camaradas russos. ... **A guerra contra a Alemanha, portanto, está no fim.**

*[Inicialmente, cumprindo a formalidade de um anúncio solene, Churchill dá destaque e reconhecimento a todos os militares ingleses, americanos e russos envolvidos no processo da vitória, descrevendo os acontecimentos. Há de se fazer uma administração formal do processo final da guerra, orientando a população de todos os países sobre os procedimentos do cessar fogo. Ao longo da fala, suaviza-se a severidade das palavras, constituindo-se o momento de alívio que todos esperavam, reafirmando laços de amizade, camaradagem e confiança, fundamentais para a vitória. Durante toda a guerra, Churchill tinha clara a necessidade de união para que se pudesse derrotar um inimigo tão poderoso. A gratidão e alegria, por isso, são evidentes].*

**Depois que a nobre França foi derrubada, nós, a partir desta ilha e do nosso império unido, mantivemos esta luta sozinhos, sem ajuda, por um ano inteiro, até que se juntou a nós o poderio militar da Rússia soviética e, mais tarde, os recursos e poder decisivos dos Estados Unidos da América.**

**Finalmente, quase o mundo todo estava unido contra os malfeitores, que estão agora prostrados diante de nós. Nossa gratidão a nossos esplêndidos aliados, de todos os nossos corações nesta ilha e no Império Britânico.**

*[A forma com que a França foi derrotada e se comportou no desenrolar da guerra sempre foi um ponto de consternação para Churchill, e nunca foi aceita com serenidade. Seus sentimentos para com o povo francês sempre revelaram lealdade, mas não eram os mesmos para com os governantes e militares franceses. Churchill faz, no discurso, a lembrança destes fatos, da dura realidade enfrentada e agradece o esforço de todos, expressando seu alívio e felicidade. O dever foi cumprido e é hora de comemorar].*

**Podemos nos permitir um breve período de regozijo.** Mas não nos esqueçamos por um momento do trabalho e dos esforços que estão diante de nós. **O Japão, com toda a sua ambição e**

**traição, continua insubordinado.** Os danos que o Japão impôs à Grã-Bretanha, aos Estados Unidos e a outros países – e **suas detestáveis crueldades – exigem justiça e revide.** Temos agora de dedicar toda a nossa força e os nossos recursos ao complemento de nossa tarefa, tanto em casa como no exterior.

**Avante Britannia! Viva sempre a causa da liberdade! Deus salve o Rei! ...**

*[A alegria de Churchill é contida, em parte, pela preocupação com o cenário de guerra ainda descortinado no oriente. Ele sabe que precisa manter o espírito de união, para trabalhos que ainda devem ser feitos. Afinal, a guerra ainda não terminou em todos os fronts. Esta insistência em manter o estado de alerta pode ser considerado como um dos motivos de sua derrota eleitoral, alguns meses depois deste discurso. De qualquer forma, o Império está de pé, e deve ser lembrado, festejado e louvado. Por isso a menção formal do Império – Britannia<sup>27</sup>, e louvar o Rei].*

**Todos cometemos os nossos erros, mas a força da instituição parlamentar mostrou ser possível ao mesmo tempo preservar os títulos da democracia e travar uma guerra da forma mais dura e prolongada.**

**Quero fazer os meus sinceros agradecimentos aos homens de todos os partidos, a cada um, em qualquer lugar da Casa, onde estejam sentados, pelo modo como a vitalidade das instituições parlamentares foi mantida sob o fogo do inimigo e pelo modo como fomos capazes de perseverar – e poderíamos ter perseverado por muito mais, se houvesse necessidade – até que fossem alcançados todos os objetivos que fixamos diante de nós, para conseguir a rendição incondicional e ilimitada do inimigo.**

*[De forma humilde, grata e respeitosa, Churchill é sincero em se colocar à disposição das instituições pelas quais lutou e que, em última instância, representam tudo aquilo pelo que o mundo livre guerreou. A democracia, com todo seus erros e acertos, foi a razão da luta, pois traduz o conceito moderno de liberdade].*

Lembro-me bem que, no fim da última Guerra, há mais de um quarto de século, a Casa, quando ouviu a longa lista dos termos de rendição, dos termos de armistício que tinham sido impostos aos alemães, não se sentiu inclinada ao debate ou à rotina, mas antes desejou dar graças ao Deus Todo-Poderoso, ao grande poder que

---

<sup>27</sup> Britannia – denominação antiga da Grã-Bretanha proveniente do latim

parece moldar e desenhar os destinos das nações e o destino dos homens. Eu peço, portanto, senhor, permissão para sugerir a moção:

Que esta Casa compareça à Igreja de Saint Margareth, em Westminster, para dar **graças humildes e reverentes ao Deus Todo-Poderoso pela nossa libertação da ameaça da dominação germânica**. A mesma moção que foi aprovada no passado.

*[Churchill traz a lembrança da Primeira Guerra, quando decisões equivocadas, previstas pelo Tratado de Versailles constituíram, de certa forma o motor da revolta que acabou desencadeando a Segunda Guerra. Churchill encerra seu discurso apelando para a religiosidade da plateia, em busca de palavras que os integre novamente. De certo modo, ele une as duas guerras atualizando o passado e valorizando o futuro].*

#### 4.1.10.2. Enquadramento esquemático

No quadro esquemático 4.10., abaixo, demonstrar-se-á a construção do discurso que pelo sentido das frases seleccionadas permite a análise da mensagem:

Quadro 4.10

	POSITIVO	NEGATIVO
POLÍTICOS	- Ontem de manhã, às 2h41, no quartel-general, (os generais alemães) assinaram o ato de rendição incondicional de todas as forças da Alemanha - Quero fazer meus sinceros agradecimentos aos homens de todos os partidos ... pelo modo como a vitalidade das instituições parlamentares foi mantido sob fogo inimigo e pelo modo como fomos capazes de perseverar	
POVO	- As hostilidades cessarão oficialmente no primeiro minuto depois da meia noite de hoje [08/05/1945]	- Podemos nos permitir um breve momento de regozijo. Mas não nos esqueçamos ... o Japão, com toda sua ambição e traição, continua insubordinado
TODOS	- A guerra contra a Alemanha, portanto, está no fim	- Temos agora de dedicar toda a nossa e os nossos recursos ao complemento de nossa

	- Avante, Britannia! Viva sempre a causa da liberdade! Deus salve o rei!	tarifa tanto em casa como no exterior
--	--	---------------------------------------

Este foi um discurso formal, importante e carregado pela solenidade do momento. A guerra na Europa chegara ao fim. A Alemanha e Hitler haviam sido derrotados incondicionalmente, todo o esforço havia sido compensado. Quando a guerra começou, a Europa ocidental viu sua política de apaziguamento ruir, evidenciando que as ações para evitar a guerra tinham sido inúteis. Churchill esteve sozinho, ao longo de muitos meses, alertando para o que veio, ao final, acontecer. Por sua firmeza, convicções e competência, é convidado para assumir o cargo de lorde do almirantado no governo.

Ao assumir como Primeiro Ministro, nove meses depois do início da guerra, trata imediatamente de unir toda a nação contra o inimigo comum. Com a queda da França, fica sozinho, lutando contra uma, até então, invencível Alemanha.

Seis anos depois, este inimigo estava derrotado e Churchill podia agora, formalmente, declarar a vitória. Não era mais um desejo ou uma possibilidade. Ela era real e estava ali, à frente de todos. Este era o momento, no Parlamento, de fazer o anúncio tão aguardado da vitória. Ele não deixa, porém, de alertar que a guerra ainda não terminara em todos os *fronts* e que deveriam, ainda, os aliados manter o mesmo estado de prontidão e de guerra.

#### 4.1.10.3. Considerações específicas, causas e efeitos

Neste discurso deliberativo (figura 2.1), na arena política, de onde emanava o poder investido por Churchill, “Vitória na Europa” é um exemplo de estilo e elocução. Formal, curto e denso, o texto adequa a linguagem à argumentação, considerando os critérios de correção, clareza, metáforas e analogias, conforme a figura 2.2.

Churchill alcançou seu objetivo que era a vitória, ao menos da Europa. Sua credibilidade, construída ao longo de cinco anos de liderança, como Primeiro Ministro, está no auge. A virtude, a

seriedade e a competência não eram questionadas pela audiência. A identificação do orador, seu *ethos*, era claro. O que destoava do momento era sua insistência em lembrar que a guerra não tinha acabado, logo neste momento de tanta alegria. Esta lembrança forte e repetida pode ter desencadeado dúvidas sobre sua inteligência, pois careceu de habilidade e astúcia. Seria necessário que, naquele momento de tanta alegria, se trouxesse a lembrança de que o conflito não tinha acabado totalmente? Por suas virtudes, honestidade pessoal e transparência, a coerência de lembrar a guerra em andamento era fundamental. Eventualmente, o que se pode dizer é que talvez o momento não devesse ser aquele.

Porém, este era o procedimento enunciativo da elocução que obrigava Churchill a antecipar os próximos passos, baseado em suas convicções e no compromisso assumido de derrotar os inimigos. Sua coerência exigia a continuidade da guerra, pelos acordos com as nações aliadas. O povo inglês deveria, portanto, seguir os passos de seu líder que até aquele momento haviam se mostrado corretos.

#### 4.1.11. O discurso “Esta vitória é de vocês”

Falando desde a sacada do Ministério da Saúde, em 8 de maio de 1945, em Londres, Churchill se vê frente à frente com a multidão. É o momento em que o líder pode encontrar-se intimamente com seu povo e relaxar. É um discurso rápido, emotivo e de profundo agradecimento por tamanho sacrifício.

##### 4.1.11.1. Desmembramento do discurso

**Deus abençoe a todos vocês. Esta vitória é de vocês. É a vitória da liberdade em todo lugar.** Em toda a nossa longa história, nunca tínhamos visto um dia mais magnífico do que este. **Todo mundo, homem ou mulher, fez o melhor de si.** Todo mundo buscou fazer algo. Nem os longos anos, nem os perigos, nem os ferozes ataques do inimigo, **nada enfraqueceu a determinação independente da nação britânica.** ... **Meus caros amigos, esta é a hora.** Esta não é a vitória de um partido ou de qualquer classe. **É uma vitória da grande nação britânica.**

*[Churchill sente-se orgulhoso de seu povo, de ser inglês, de tudo o que representam. Sua gratidão é enorme e sincera. A alegria e o alívio pela vitória na Europa representam o fim de um severo capítulo da história. Os ingleses mostraram, mais uma vez que, unidos e obstinados, são capazes de grandes feitos. Este é o momento e o local, cara a cara com o povo, para expressar suas emoções. Ele sabe que o Império Britânico jamais será o mesmo depois da guerra, mas é importante manter esta imagem na mente do povo. O período do pós-guerra trouxe uma nova ordem mundial. Os Estados Unidos assumem a liderança efetiva do mundo ocidental e a União Soviética expande as fronteiras do regime comunista ao leste europeu. A Inglaterra ficaria, nos próximos anos, ocupada em reconstruir suas cidades destruídas e preservar o que fosse possível de seu Império].*

Nesta antiga ilha, **fomos os primeiros a sacar a espada contra a tirania**. Algum tempo depois, **fomos deixados sozinhos contra o maior poder militar que já foi visto**. Ficamos sozinhos por um ano inteiro.

**Assim ficamos, sozinhos. Alguém queria ceder? A multidão gritou: “Não”. Ficamos abatidos? “Não”. As luzes se apagaram e as bombas caíram. Mas nenhum homem, mulher ou criança no país tinha a intenção de desistir da luta.** Londres pode aguentar. **Voltamos das garras da morte**, após longos meses, saídos da boca do inferno, enquanto o mundo inteiro se maravilhava. Quando a reputação e a fé desta geração de homens e mulheres ingleses poderá falhar?

Eu digo que, nos muitos anos que estão por vir, não só as pessoas desta ilha, mas de todo o mundo irão – sempre que o pássaro da liberdade trinar nos corações humanos – **olhar para trás, para o que nós fizemos, e dirão não se desesperem, não cedam à violência e à tirania, sigam em frente e morram se necessário – livres**. Saímos agora de um combate mortal – **um inimigo terrível foi lançado ao chão e espera o nosso julgamento e nossa misericórdia**.

*[De forma épica e majestosa, num inesperado diálogo com a multidão, Churchill rememora os fatos da guerra. Os feitos ingleses servem de exemplo até hoje e as lições da guerra se perpetuaram. Churchill tem a perfeita noção de sua importância e que isso foi alcançado por sua liderança, pela união que apregoou e conseguiu firmar, aliada à determinação de seu povo. Estava formada uma aliança inabalável. O sofrimento, o orgulho e a gratidão são sentimentos que transcendem neste momento e geram esta conexão.*

*Ainda há de se fazer justiça, mesmo para aqueles que trataram todo o mundo de forma injusta. O sentimento de vingança é substituído pela necessidade de julgamentos amplos, condenações e sentenças, coisa que os inimigos não permitiram às suas vítimas. Esta seria a forma correta de proceder na vitória final, e haveria que produzir muitos exemplos e lições para o futuro, a começar pela avaliação da traição perpetrada pela França].*

**Há, no entanto, outro adversário** que ocupa boa parcela do Império Britânico, um inimigo manchado de crueldade e cobiça – **os japoneses**. Fico alegre que podemos tirar uma noite de folga e ou outro dia amanhã, para comemorar. Amanhã, nossos grandes aliados russos estarão também celebrando a vitória.

**Depois disso, temos de começar a tarefa de reconstruir nosso bem-estar e nossas casas**, fazendo o máximo para tornar este país um lugar em que todos tenham uma oportunidade, em que todos tenham uma ocupação e **temos que nos voltar ao cumprimento do dever** para com nossos compatriotas e nossos nobres aliados dos Estados Unidos, que foram tão sem propósito e traiçoeiramente atacados pelo Japão. **Vamos seguir em frente de mãos dadas com eles. Mesmo sendo uma batalha difícil, não seremos nós que iremos falhar.**

*[A vitória na Europa não terminara com a guerra, pois os compromissos com os americanos ainda os prendiam à luta no oriente. Os japoneses são ferozes guerreiros e existe uma multiplicidade de razões para seguir lutando. A alegria, o alívio e o sentimento de dever cumprido serão substituídos por um novo futuro, a reconstrução e a reorganização da nação para um novo mundo pós guerra. Assim, o líder militar cede lugar ao político que se prepara para uma eleição e o período pós-guerra].*

#### 4.1.11.2. Enquadramento esquemático

A construção do discurso pode ser entendida através do quadro 4.11, quando uma seleção de frases auxilia o entendimento da construção do discurso:

Quadro 4.11

	POSITIVO	NEGATIVO
POVO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Deus abençoe a todos vocês. Esta vitória é de vocês. É a vitória da liberdade em todo lugar</li> <li>- Todo mundo, homem ou mulher, fez o melhor de si.</li> <li>- Meus caros amigos, esta é sua hora</li> <li>- ... temos de começar a tarefa de reconstruir nosso bem-estar e nossas casas</li> </ul>	
INIMIGOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saímos de um combate mortal – um inimigo terrível foi lançado ao chão e espera nosso julgamento e nossa misericórdia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Há no entanto, outro adversário que ocupa uma boa parcela do Império Britânico, um inimigo manchado de crueldade e cobiça – os japoneses</li> </ul>
ALIADOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vamos seguir em frente de mãos dadas com eles (os americanos). Mesmo sendo uma batalha difícil (contra os japoneses), não seremos nós que iremos falhar</li> </ul>	
TODOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esta não é a vitória de um partido ou de qualquer classe. É uma vitória da grande nação britânica</li> <li>- Assim ficamos, sozinhos. Alguém queria ceder? (a multidão responde: “Não!”)</li> <li>- Ficamos abatidos? (“Não!”)</li> <li>- Eu digo que, nos muitos anos que estão por vir, ... as pessoas dirão: “não se desesperem, não cedam à violência e à tirania, sigam em frente e morram se necessário – livres”</li> </ul>	

Este é, afinal, o momento do encontro de Churchill com o povo, de forma direta e sem intermediários. O herói é reconhecido por seu público e o momento é de extrema emoção. Churchill e o povo na rua conversam, como bons amigos que terminaram um penoso trabalho, felizes e extenuados. A hora é de alegria e de reconhecimento.

Sempre coerente com suas crenças e atitudes, Churchill não deixa de lembrar que a guerra ainda não terminou totalmente e que muito ainda deve ser feito.

#### 4.1.11.3. Considerações específicas, causas e efeitos

Em “Esta vitória é de vocês”, pode-se, acima de tudo, identificar a humanidade do narrador, o homem por trás da fala. Suas emoções estão livres e a intimidade com a audiência é completa. Ele pode mostrar-se como efetivamente é, um homem igual a todos aqueles que lá estão, porém de uma estatura moral muito superior à média. Isto porque, através de sua credibilidade, conquistada ao longo destes anos da guerra, alimentou a esperança de cada um dos ingleses, americanos e de tantas outras nacionalidades mantendo-a acesa.

Esta união em torno da esperança de vitória possibilitou que os ingleses, durante muito tempo sozinhos na guerra, pudessem enfrentar as dificuldades e perseverar. Sem alguém que mostrasse ao povo que era possível vencer, os ingleses não teriam a firmeza para, primeiro sobreviver, depois lutar e por último, vencer.

Este líder inspirador não existiu na França, na Holanda, na Bélgica ou em outras tantas nações conquistadas. Alguns homens, com características de liderança e inspiração acima da média fizeram com que exércitos lutassem e houvesse resistência em seus países. Pode-se citar por exemplo, o General De Gaulle, para a França, e o *partisan* Tito, nos Balcãs.

Churchill falava bem, forte e com tranquilidade. Neste discurso, o tom inicialmente formal transforma-se numa conversa aberta, franca e honesta, num tom pessoal e íntimo.

#### 4.1.12. O discurso “A renúncia”

Em 26 de julho de 1945, em seu gabinete em Downing Street, 10, em Londres, Churchill faz o último discurso de seu primeiro mandato como Primeiro Ministro. Ainda perplexo com o resultado da eleição, em que foi derrotado, ele agradece e se retira da cena.

#### 4.1.12.1. Desmembramento do discurso

**A decisão do povo britânico foi registrada nos votos** contados hoje. Consequentemente, **renuncio ao fardo que me foi entregue em tempos mais sombrios**. Lamento que não me tenha sido permitido o trabalho contra o Japão.

Por isso, porém, todos os planos e preparativos já foram feitos, e os resultados podem vir muito mais rápido do que até agora fora possível esperar. **Muitas responsabilidades pesam sobre o novo governo, em casa e no exterior, e todos temos de esperar que eles se saiam bem-sucedidos ao enfrentá-las**.

**Só me resta expressar ao povo britânico**, para quem trabalhei em todos estes perigosos anos, **minha profunda gratidão pelo firme e inabalável apoio que me deram durante a minha tarefa – e pelas muitas expressões de gentileza que foram mostradas ao seu servo**.

*[Churchill sente o golpe e está perplexo. Demonstra certa tristeza mas deixa claro que já havia planejado os próximos passos. Porém, apesar da tristeza, tem enorme gratidão e sabe que a vitória na guerra deve-se a sua liderança. É humilde, grato e sai de cena com a grandiosidade com que soube portar-se ao longo de todo este período].*

#### 4.1.12.2. Enquadramento esquemático

A elaboração do discurso pode ser entendida através do quadro 4.12, quando uma seleção de frases auxilia o entendimento da construção do discurso:

Quadro 4.12

	POSITIVO	NEGATIVO
POLÍTICOS		- A decisão do povo britânico foi registrado nos votos contados hoje
POVO	- Só me resta expressar ao povo britânico, para quem trabalhei todos estes perigosos anos, minha profunda gratidão pelo firme e inabalável apoio que me deram durante a minha tarefa – e pelas muitas expressões de gentileza que foram mostradas ao seu servo	- Consequentemente, renuncio

A derrota eleitoral de Churchill é inesperada. Vários fatores contribuíram para isso, e um deles é a insistência da manutenção de um estado de guerra permanente. A população inglesa está cansada de guerra e mostra, nas urnas, sua inclinação para um período de paz e de reconstrução. O mundo não seria mais o mesmo depois da Segunda Guerra. Em outro célebre discurso, feito em Fulton, Missouri, em 5 de março de 1947, Churchill declarou que *de Stettin, no Báltico, até Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro for arriada sobre o continente (europeu)*.

Apesar da derrota, Churchill não se sente magoado com o povo. Pelo contrário, entende o direito democrático. Afinal, foi por esta causa que ele lutou. Ele se despede da mesma forma magnânima como se comportou na guerra, em respeito a tudo aquilo em que acreditava e pelo que havia lutado. Como disse certa vez: *dificuldades superadas são oportunidades ganhas* (ENRIGHT, 2009, p. 162).

#### 4.1.12.3. Considerações específicas, causas e efeitos

Neste discurso curto e específico, Churchill, de acordo com a figura 4.3, resume sua identidade de *ethos* com humanidade, caráter e inteligência. Respectivamente, categorizam-se suas emoções, sua força de espírito e sua habilidade. Seu governo terminara, mas sua vida renascera e Churchill deixa, provisoriamente a política, para entrar no panteão dos heróis. Sua credibilidade está no auge e permanecerá assim ao longo dos tempos. Como dissera em “Os poucos”, *o direito de orientar o curso da história do mundo é o preço mais nobre da vitória*. Coube a Churchill comandar uma parte importante da história da Segunda Guerra, da forma vitoriosa como ocorreu.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, buscou-se salientar, em termos gerais, a importância do discurso e da retórica de Winston Churchill, e, em termos específicos, a relação da teoria e do método escolhido para a análise dos discursos, relacionando-as com a realidade histórica, as causas e os efeitos de sentido, ao longo do período da Segunda Guerra Mundial. Pode-se observar que a experiência repartida entre Churchill, os ingleses e outros povos envolvidos na guerra foi a da construção de um ambiente de grande motivação para o enfrentamento das dificuldades inerentes à guerra. Churchill, desta forma, conduziu a civilização ocidental para que mantivesse o esforço de guerra até a vitória final e a rendição incondicional dos beligerantes.

Os discursos de Churchill vieram a se colocar como equivalentes a armas de guerra, poderosos como bombas, no sentido de aglutinar forças para a continuidade da luta. Apesar das fortes resistências que enfrentou no início de seu governo, Churchill foi construindo, em torno de si, através de suas decisões, palavras e ações, a imagem do grande estadista, condutor da desafiante tarefa bélica.

Quando assumiu o posto de Primeiro Ministro, em maio de 1940, a situação da Inglaterra era desanimadora e terrivelmente preocupante. A Alemanha ocupava praticamente toda a Europa Ocidental e a ameaça de invasão das ilhas inglesas era iminente. Com forças em menor número, relativamente mal armado e com tropas mal treinadas, Churchill apela para a dignidade e para a grandeza dos ingleses ao declarar que aquele momento específico seria *seu melhor momento* (CHURCHILL, 2005, p. 271).

## 5.1. A TEORIA E O MÉTODO DE ANÁLISE APLICADOS

Esta dissertação procurou evidenciar, através do modelo teórico da Hermenêutica de Profundidade, de John Thompson, e da teoria da análise dos discursos, de Patrick Charaudeau, os efeitos de discurso buscados por Winston Churchill.

Através da análise dos discursos de Churchill durante a Segunda Guerra Mundial, verificou-se a importância e a força dos argumentos, sob a ótica de um poderoso emissor, que se dirige a receptores ávidos por encontrar um líder que os conduzisse à vitória e à liberdade. Os efeitos desses discursos foram interpretados através da pesquisa histórica, na bibliografia existente e nos arquivos disponíveis, em instituições e organizações ligadas à manutenção das informações sobre Winston Churchill, mas, sobretudo, tendo como base seus diferentes elementos retóricos.

O método da Hermenêutica de Profundidade permitiu uma análise desses discursos na perspectiva histórica adequada. Tivesse Churchill morrido em 1939, ele teria sido lembrado apenas como um político de direita, com uma carreira encurtada e eloquente com relação às ameaças da política de apaziguamento, levada a cargo pelo governo de Chamberlain, anterior a ele (MUKUNDA, 2012, p. 155). Sua trajetória determinada e, às vezes, errante, conduziu-o à liderança no momento mais importante da moderna história ocidental, estando ele preparado para esta situação. Diversas vezes, como se viu nesta dissertação, Churchill expressou sua satisfação por estar conduzindo o país em tempo de guerra.

A retórica, devido à sua flexibilidade enquanto disciplina, pode ter como objetivo a criação e a divulgação de discursos com o objetivo de persuadir. Ela é uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação com fins persuasivos. O falar persuasivo está intimamente ligado à expressão que se dirige a uma multidão. Esta se consolida como a arte de pensar e de comunicar este pensamento.

Churchill utiliza-se da ênfase de uma nova retórica que está no receptor, no recebedor da mensagem, ou no *público*. Conhecê-lo bem, de modo a empregar as linguagens corretas ou adequadas para a apresentação dos argumentos e o seu convencimento são de suma importância e, sob este aspecto, poucos políticos daquela época tinham aptidão semelhante a de Churchill.

A retórica foi utilizada com a intenção de persuadir, pois pressupõe um receptor que compreenda e saiba avaliar os argumentos apresentados. Para que se estabeleça um ambiente retórico, é fundamental que se viva em um ambiente democrático, quando os interlocutores possam ser reconhecidos como capazes de receber argumentos e possam ser convencidos.

O método utilizado para a análise, a Hermenêutica de Profundidade, provou-se correto, pois evidenciou ser o objeto de análise uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação ou análise. Por isso, ela assume papel central no processo de distinção entre o campo e o objeto. A Hermenêutica de Profundidade pode ser facilmente adaptada à análise da ideologia e da comunicação de massa.

A primeira fase da Hermenêutica de Profundidade é a *análise sócio-histórica* quando, contextualizado pelas condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas, pode-se identificar o contexto pertinente aos discursos de uma determinada época. Ela é básica, pois as formas simbólicas não sobrevivem no vácuo: são ocorrências sociais que se situam em um determinado contexto, circulam e são absorvidas dentro de condições sócio-históricas específicas, que podem ser reconstruídas com o apoio de subsídios empíricos, da observação e de documentos.

A análise formal ou discursiva, num passo subsequente, pode tornar-se um exercício abstrato, em separado das condições sócio-históricas, cuja estrutura, justamente, procura revelar. Essa fase é essencial, porque as formas simbólicas são fenômenos sociais contextualizados e a análise das condições de produção, reconhecimento e constituição do discurso, das palavras e das

expressões, associadas às condições de transmissão, às estratégias discursivas, à linguagem verbal e visual, irão permitir compreender o efeito desejado ou, até, imprevisto. Da adequada construção do discurso e do entendimento da plateia resultará o sucesso ou não do discurso, seja político ou não.

Para que o discurso político exista, este deverá ocorrer em um campo político, onde as questões da *ação política*, de sua finalidade e de sua organização, as *instâncias* que são partes interessadas e os *valores*, em nome das quais as ações são realizadas, interajam simultaneamente. Sob este enfoque, Churchill compreende a importância histórica do momento e, constantemente, alerta, de forma clara e objetiva, o que está em jogo. Seus pronunciamentos, especialmente no período que compreende sua escolha como Primeiro Ministro, até a entrada dos Estados Unidos na guerra, são marcados pela eloquência, grandiosidade e apelo à luta pela sobrevivência do *status quo* de todo o povo e da nação inglesa. A ação política é o discurso e sua mobilização; as instâncias são todos os povos livres ou aqueles que querem se livrar da tirania; e os valores são a luta pelos conceitos fundamentais da civilização ocidental, que devem ser sempre lembrados.

Todo ato de linguagem emana de uma pessoa em relação a outra, segundo um princípio de *alteridade* quando, sem a existência do outro, não existe consciência de si. Dessa relação nasce o princípio de *influência*, para que esse *outro* pense e atue segundo a intenção do primeiro. Churchill assume e, mais do que isso, personaliza a luta pela liberdade. Sua forma de agir, falar e vestir-se, as constantes visitas às frentes de batalha e às zonas bombardeadas nas cidades inglesas, o charuto sempre presente, a mão estendida com o “V” indicado por seus dedos, são marcas ou signos de sua presença. Tais manifestações vão construindo, em torno de Churchill, um imaginário popular do líder que está próximo, em que pese sua origem nobre e sua aprovação nem sempre unânime.

A instância do discurso, na política, que é de caráter de decisão, deve, portanto, agir em função do *possível*, sendo que a

instância cidadã os elege para realizar o *desejável*. O estudo do discurso político *trata de definir uma forma de organização da linguagem em seu uso e em seus efeitos psicológicos e sociais, no interior de determinado campo de práticas* (CHARAUDEAU, 2006, p. 32).

Na análise do discurso, questiona-se sobre os discursos que tornam possíveis o surgimento de uma racionalidade política e a regulação dos fatos políticos. As estratégias do discurso político trabalham para gerar adeptos. O comportamento das massas depende de discursos simples, carregados de mitos e símbolos, que encontrem eco em suas crenças, suscetíveis de provocar uma adesão instantânea. O sujeito político procura se mostrar crível e persuadir o maior número de pessoas que compartilhem valores semelhantes. Ele deve, *portanto, fazer prova da persuasão para desempenhar este duplo papel de representante e fiador do bem-estar social* (CHARAUDEAU, 2006, p. 79).

## 5.2. A CONSTRUÇÃO DA MENSAGEM DA VITÓRIA

Portanto, toda a formação discursiva é construída de modo a obter a adesão da plateia. Os elementos retóricos e persuasivos habitam a fala e se tornam reais através dos signos, na materialização de ações e gestos. Imagens são elaboradas e percebidas pelos ouvintes através de frases conscientemente construídas para gerar efeitos de sentido, buscando uma mensagem sólida e objetiva. O mesmo sentido de persuasão é exercido através de efeitos de silêncio, quando a pausa constrói o conteúdo da mensagem.

As constatações de Churchill sobre a Alemanha nazista, bem como os erros da política de apaziguamento se mostraram acertadas e seu retorno ao governo acabou se tornando irrefreável, em setembro de 1939. Com a incapacidade do governo de Chamberlain de dar combate efetivo na guerra, Churchill acaba sendo o único político com capacidade e conhecimento para liderar.

Ele está disponível e preparado para o momento. Não se tratava da unanimidade que hoje se pode observar, e portanto, sua ação é rápida. Primeiro, precisa conquistar a confiança dos membros do Parlamento para poder governar. Inicia seu mandato com o discurso *Sangue, trabalho, lágrimas e suor* que, segundo John Lukacs, foi o *discurso que mudou a história* (LUKACS, 2008). Sua dedicação e doação à tarefa assumida de forma profunda, sincera e abnegada comove a classe política, que começa a perceber uma mudança naquela personagem que, nos dez anos anteriores, havia sido colocado de lado por sua intolerância e radicalidade.

Pouco mais de um mês após assumir o governo, Churchill enfrenta um horizonte sombrio e aterrador. A guerra estava sendo perdida e poderia representar o final do Império Britânico. A ameaça de Hitler era real e os sucessos alemães na guerra tiravam o ânimo de lutar das nações vencidas. A França estava derrotada e a Inglaterra se via sozinha. O pior poderia acontecer e de forma rápida. Churchill não permitiria esta derrota mas, mais do que querer, precisava fazer com que os ingleses entendessem que não haveria outra forma de enfrentar esta realidade do que lutar feroz e bravamente. Este seria o *seu melhor momento*, o ápice da civilização ocidental, que viria da reunião de suas mais intensas forças e através da união em torno da luta pela sobrevivência dos ideais de liberdade e democracia. Em um discurso longo, onde explica inicialmente a situação de forma aberta e transparente, Churchill lembra pelo que estão lutando e alerta que esta é a única opção que a Inglaterra tem. O *melhor momento* representa que existe uma nova liderança, engajada na vitória, por mais paradoxal que isto fosse naquele momento crítico.

A vitória, única saída para os ingleses, virá somente se todos acreditarem que, juntos, poderão alcançá-la. A luta será travada por todos: pelos soldados, nos *fronts* da guerra; pelos operários, nas fábricas; pela população voluntária, na guarda civil, na vigilância de todos os cidadãos contra atividades suspeitas dentro do país por ações de espiões. É uma guerra total, que envolve a todos de forma incondicional, e não encontra paralelos anteriores. O discurso da

“Guerra dos soldados desconhecidos” é a demonstração de que a vitória, ou a derrota, recairá sobre todos, de forma indistinta e de que, por isso, o empenho coletivo será necessário. Esta imagem, construída por Churchill, dá uma nova perspectiva à guerra e à opinião pública inglesa. Até a Primeira Guerra, os conflitos envolviam os exércitos e as honras, as glórias e os espólios das conquistas coloniais. A Primeira Guerra é uma luta entre exércitos por disputas territoriais, mas que se manteve à distância da população.

Esta nova guerra representava um outro marco, uma luta por ideais, a liberdade contra a tirania, e ao vencedor caberia, além do domínio de extensões territoriais e riquezas, o aniquilamento da forma de vida de diversos povos. Os efeitos da guerra eram distribuídos entre os exércitos e a população em geral, sendo que esta experimentava uma violência até então, desconhecida. A união de todos significava, então, a única forma de se poder vencer. Era necessário que todos se sentissem responsáveis pelos resultados e que dessem o melhor de si e a máxima contribuição possível.

Após a queda da França têm início a *batalha da Grã-Bretanha*. A Alemanha começa os ataques aéreos para destruir as defesas aéreas britânicas, preparando a invasão por mar. A Inglaterra está relativamente armada, com o retorno de cerca de 350 mil soldados que escaparam com sucesso de Dunquerque. O entendimento geral é que chegou o momento de lutar contra o inimigo e mostrar aos alemães que os ingleses não podem ser vencidos. A defesa é realizada, especialmente, pela Força Aérea inglesa, composta de aviões modernos e competitivos, e pilotos que, se menos treinados do que os alemães, estavam muito mais motivados. Este número pequeno de homens, realizando milhares de missões, atacou os bombardeiros e caças alemães com extrema vantagem, à razão de uma perda para cada três ou quatro perdas do inimigo.

O sucesso é notável e Churchill, de forma eloquente e ao mesmo tempo humilde, confere a estes poucos homens todo o crédito pela defesa da nação. Ao dizer que *nunca, no campo do conflito humano, tanto foi devido por tantos a tão poucos*, Churchill agradece a

bravura e eficiência dos pilotos, em nome de toda a nação. Sem o sucesso da RAF, a batalha teria sido perdida e a invasão alemã poderia ter ocorrido. A mensagem de humildade, ao transferir o crédito a seus pilotos, demonstra a grandeza e a magnanimidade de um líder que conhece o caminho da vitória. A mensagem de que a guerra será vencida por todos, auxiliando da forma com que são capazes, é clara e sincera.

A guerra começa a tomar novos caminhos com avanços no norte da África e a desistência dos alemães em invadir a Inglaterra. A tensão que havia em maio e junho de 1940 vai se dissipando e o apoio americano, em termos logísticos, vem se transformando numa vantagem irreversível. Churchill, convidado para um evento em sua antiga escola, aproveita o momento para unir a nação, mais uma vez, e ratificar os objetivos ingleses. Ao reafirmar a determinação na vitória e que *a lição é jamais ceder, jamais ceder, jamais, jamais, jamais, jamais...*, repete incansavelmente a mesma palavra. A ênfase do termo *jamais* [*never*, em inglês], em termos retóricos, proporciona um elemento de força, a partir de sua convicção pessoal, que está sendo transferida para todo o povo. Churchill reafirma, mais do que nunca que, passados os severos momentos do início da guerra, a vitória seria possível. Dias gloriosos estão por vir, e nisto é que devem acreditar os ingleses e o mundo livre.

Reafirmada a confiança, o mundo é surpreendido pelo ataque japonês aos Estados Unidos. O grande aliado, finalmente, entra na guerra e Churchill sabia que, quando isso ocorresse, a vitória estaria mais próxima. O que foi um ato de guerra impensável acabaria se transformando na grande oportunidade para Churchill virar a situação e vencer. Menos de vinte dias depois do ataque, ele vai aos Estados Unidos para uma série de encontros com o presidente Roosevelt, a fim de planejar os próximos passos da guerra. Ao ser convidado para uma sessão conjunta do Congresso e do Senado americanos, Churchill sabe que tem à sua frente as condições mais favoráveis para obter o apoio político para a guerra. Assim como em “Sangue, trabalho, lágrimas e

suor”, este é o momento de vencer no campo político e obter o máximo apoio para as ações aliadas.

De forma bem humorada, Churchill inicia seu discurso lembrando sua ascendência materna americana, construindo uma ligação pessoal e íntima, antes da instituição de pontes políticas e militares. Toda a mensagem é constituída por ideais que são os pilares de ambas as sociedades – a liberdade e a democracia. Churchill lembra que é por elas que estão todos lutando e que o objetivo é a vitória final e a rendição incondicional dos inimigos. Nenhuma tirania poderia ser suportada, e esta relação que tem sua institucionalização reiterada neste discurso permanece até os dias de hoje. Churchill tem clara visão de que o mundo viria a ser liderado por ingleses e americanos. O que ele não podia prever é que esta liderança estava sendo passada do Império Britânico para os Estados Unidos.

A entrada dos norte americanos no conflito alterou de forma definitiva seu andamento. A vitória seria alcançada, sendo uma questão de tempo. O exército russo, armado e suprido pelos aliados, e contando com grandes efetivos humanos, já mostrava avanços na frente oriental. Confiantes, melhor armados e mais organizados, o Dia D e a invasão da França se esboça pelos Aliados e Churchill, de forma breve e objetiva, informa o plano e demonstra o entendimento entre diferentes exércitos e governos.

À medida que a Alemanha vai sendo derrotada, o horror dos campos de concentração vem à tona. Churchill e o General americano Dwight Eisenhower rapidamente, empreendem todos os esforços para que a memória destes fatos não seja destruída. As provas devem ser mantidas, para que os eventos nunca sejam esquecidos e permaneçam gravados na história. Lembrá-los, para nunca mais repeti-los é a mensagem final de Churchill. O holocausto será denunciado graças à ação firme e rápida de diversos líderes, e Churchill tem papel preponderante neste momento.

A vitória, ao final, é alcançada e o momento é de júbilo. O líder conduziu seu povo até o objetivo final mas de forma humilde ele lembra que *esta vitória é de vocês*. Ele sabe que ainda há muito a ser

feito, a guerra contra o Japão continua e a ameaça comunista paira agora sobre as nações da Europa Oriental, ocupadas pelos soviéticos. A mensagem sugere felicidade, porém ele é claro sobre o futuro imediato, eivado de desafios e carente de definições.

Esta insistência, somada a uma campanha eleitoral mal conduzida por seu partido e por ele, pessoalmente, faz com que Churchill perca a eleição subsequente. Parece paradoxal que o homem que venceu uma guerra tão terrível como esta venha a perder uma eleição, logo ao seu final. Churchill era um líder para tempos de guerra, mais do que um homem para tempos de paz. Sua grandiosidade, em momentos de extrema complexidade, transformava-se em teimosia e incapacidade de desenhar panoramas mais brandos em tempos de paz. Cansados da guerra, os ingleses mandaram seu líder para casa. Mais tarde, Churchill seria eleito para mais um mandato, sob novas condições políticas, para que pudesse dar encerramento a sua longa carreira.

A liderança de Churchill foi exercida e construída sob uma retórica de grande poder persuasivo, através de discursos coerentes e frases que marcaram a audiência naquele momento histórico. Pode-se, hoje, analisar o poder específico que elas produziram e o objeto desta dissertação reside exatamente nestes pontos.

As estruturas retóricas estão evidenciadas nas análises e os efeitos de sentidos, descritos. Seus discursos, organizados pessoalmente pelo orador, lançaram mão de frases e referências que calaram fundo na alma de cada cidadão. A lembrança da história gloriosa de um grande império auxiliou na formação de um ideal único de defesa e uniu os ingleses e todos os povos livres em torno desta bandeira. Sempre de forma direta, clara e realista, Churchill relatou fatos e ampliou a discussão, ao mesmo tempo em que foi firme e até intransigente num objetivo simples e comum – a defesa da civilização ocidental e a derrota incondicional dos inimigos, para que o nazismo e o fascismo jamais renascessem. Em que pese outras ditaduras e formas

de totalitarismo surgirem e ainda persistirem hoje em dia, a maior ameaça, daquele momento, foi conjurada.

Churchill consegue, através de seus discursos, agrupar e motivar suas plateias. Ao longo de todo o período da guerra, exemplificado nos discursos aqui analisados, existe uma constante busca pela união de forças, pela manutenção da esperança e pela vitória incondicional. A prática nos discursos se mostra constante em torno destes três motivos – união, esperança e vitória. E o objetivo da vitória é a manutenção da liberdade e da democracia que, em última instância, representam os valores da sociedade ocidental.

Por vezes, Churchill repete palavras para reforçar de maneira incondicional seus objetivos. Esta forma de retórica é constante e permeia todas as suas falas e manifestações. Ao reforçar a palavra *jamaís*, oito vezes no mesmo parágrafo, não permite nenhum pensamento que não seja um sentimento de vitória, desestimulando qualquer consideração pessimista.

Suas mensagens são diretas, não há preocupação por ornamentos de retórica, sentidos duplos ou metáforas. Churchill diz o que pensa, o que precisa ser feito e o que quer alcançar com suas ações. Outra constante prática é a explanação dos fatos cotidianos da guerra através de relatos acurados em uma linguagem franca e jornalística. Esta forma de expressar-se garante sua credibilidade, pois ao narrar os fatos como acontecem trata de dar à população a real situação que estão enfrentando.

Analisados os discursos à luz das tabelas apresentadas nesta dissertação, pode-se observar o gênero persuasivo destes, de acordo com a figura 2.1, como sendo deliberativo, pronunciados no ambiente das assembleias e epidíctico, pois procuram realçar os fatos, apelando para um ordenamento a fim de conquistar a audiência.

Em relação aos cânones retóricos, conforme figura 2.2, percebe-se que as categorias mais utilizadas são a invenção e a disposição. Na primeira categoria, a invenção, reside a origem dos argumentos, onde o *ethos* dá credibilidade ao autor e o *pathos* apela à emoção para prender a atenção da audiência e dar a ela uma

mensagem objetiva. A disposição permite uma organização dos argumentos, de forma a fazer com que os discursos se apresentem num crescente, entre a informação e o convencimento. Por vezes, o clímax está no meio do discurso, como em *Sangue, trabalho, lágrimas e suor*, e às vezes no final, como *no melhor momento*. Em todos os casos aqui estudados, a argumentação é deliberadamente construída de forma a envolver e persuadir.

De acordo com a figura 2.3, as estruturas lógicas utilizadas por Churchill podem ser caracterizadas pela subdivisões de identidade e definição, quando o orador identifica diversos elementos objetos do discurso. Em *os poucos*, o objeto são os pilotos ingleses e a luta pela defesa da Inglaterra. Quando Churchill fala na sessão conjunta do Congresso e do Senado americano, ele discorre abertamente sobre diversos objetos, descrevendo o panorama da guerra, os objetivos a serem alcançados, a urgência na tomada das decisões e o que deve ser levado em conta.

Os argumentos baseados na estrutura do real, conforme figura 2.4, são desenvolvidos de forma a comparar a realidade com as ações a serem tomadas. Ligam acontecimentos quer às suas causas, quer às suas consequências, como por exemplo, quando fala nos campos de concentração e o esforço em manter as evidências do holocausto para as gerações futuras. Churchill faz uso de relações entre pessoas e seus atos, quando chama Mussolini de *servo e lacaio*, diante dos congressistas americanos.

E quanto aos argumentos que fundamentam o real, conforme a figura 2.5, Churchill faz uso de analogias, exemplos e ilustrações. Para dar credibilidade às suas expressões, o orador generaliza o comportamento nazista, insiste em deixar os fatos presentes na consciência da plateia e estabelece relações entre os diversos atores da guerra, por exemplo, ao ressaltar a importância da presença americana na guerra para que se alcance a vitória.

Pode-se observar que os discursos de Churchill procuram atingir plateias diferentes com mensagens distintas. A partir da figura 4.1, percebe-se que grande parte da atenção é dada ao povo

e aos políticos. Ao povo, Churchill narra os fatos da guerra e insiste em uma mensagem de esperança, realidade e união para, inicialmente, resistirem aos ataques e, depois, na luta até a vitória contra o inimigo. Na arena política, Churchill procura a união de todos os partidos pois sabe que, no caso de uma crise política, quem se beneficiaria seriam seus inimigos. Para que esta união política se mantenha, é necessário que ele manifeste ao Parlamento a verdade no *front* de batalha, os riscos envolvidos e as possibilidades efetivas de vitória. Em suma, seu trabalho com os políticos envolve a construção da sua credibilidade e a reservação da mesma.

Churchill trabalha a emoção do ponto de vista do *ethos* do orador, conforme a figura 4.2. Sua credibilidade é desenvolvida através de suas virtudes, demonstradas a partir de sua sinceridade, transparência e honestidade pessoal, além de sua competência, por meio de seu saber, sua habilidade, conhecimento profundo da guerra, das provas de que sabe o que está fazendo, de seu poder e de sua experiência. Ele se identifica com sua plateia, o povo e os políticos, principalmente, com sua inteligência, a admiração que irradia e sua humanidade, através da demonstração de seus sentimentos, confissões, grandeza espiritual e, às vezes, por suas fraquezas e compaixão. Além disto, Churchill sabe exercer a chefia neste momento de crise, ao assumir o papel de guia e comandante, apresentando-se como o chefe capaz, na hora em que o papel de liderança se faz mais imprescindível. Por fim, ele é um homem que se coloca ao lado de seu povo, ouvindo suas palavras e fazendo-se presente no meio deste em inúmeras situações, como quando visita as tropas no *front*, ou as cidades bombardeadas com sua esposa, Lady Clementine.

De acordo com a figura 4.3, Churchill, ao longo de seus discursos, fala bem, forte e tranquilo, demonstrando inteligência, caráter e liderança. Os procedimentos enunciativos, observados nesta análise, são, em sua maioria elocutivos e de elocução, quando utiliza qualitativos de forma constante e um tom confessional para demonstrar sua convicção e compromisso. Em *jamais ceder*, fica clara sua

convicção nos valores do povo inglês e sua convicção na vitória como única opção.

O legado dos discursos de Churchill é o reconhecimento sobre o poder que as palavras podem produzir no imaginário dos povos, neste caso, em torno da luta pela liberdade e pela democracia. Nunca mais assistir-se-á a tiranias e ditaduras de forma impassível. Vive-se hoje, assim, não num mundo perfeito, mas em um constante estado de alerta contra aqueles que atentem contra as liberdades individuais e coletivas, em detrimento da democracia e do respeito às leis e à soberania. Os discursos de Churchill, neste sentido, ficaram como o registro fiel de uma percepção correta de um momento de crise; a avaliação coerente dos desafios a serem enfrentados e as táticas e estratégias a serem escolhidas para o resultado final almejado e necessário: nada mais que a vitória.

## BIBLIOGRAFIA

### Livros

- AMBROSE, Stephen E. **O dia D, 6 de julho de 1944**: A batalha culminante da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- ARAÚJO, Carlos Alberto, "A pesquisa norte-americana" in HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.) **Teorias da comunicação**: Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Casa da Moeda, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Poética**. São Paulo: Edipro, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Política**. Brasília, Universidade de Brasília, 1997.
- BALL, Stuart. **Winston Churchill**: Vidas históricas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- BUCHANAN, Patrick J. **Churchill, Hitler e "A guerra desnecessária"**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Atlas, 2001.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHURCHILL, Randolph. **Sangue, suor e lágrimas**. Rio da Janeiro: José Olympio, 1941.
- CHURCHILL, Winston S. **Jamais Ceder!**: Os melhores discursos de Winston Churchill. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- CHURCHILL, Sir Winston Spencer. **Memórias de Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- \_\_\_\_\_. **The Second World War**. Vol. II – Their finest hour: London, Reprint Society, 1952.
- \_\_\_\_\_. **My early life**. Londres: Elans, 2000.
- CORTEN, André, “Discurso e representação política” in INDURSKY, F.; FERREIA, M.C.L. **Os múltiplos territórios da análise de discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.
- DE FLEUR, Melvin e BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação das massas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ENRIGHT, Dominique. **A verve e o veneno de Winston Churchill**. Rio de Janeiro: Odisséia, 2009.
- FEST, Joachim C. **Hitler**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- FRANÇA, Vera Veiga, “O objeto da comunicação / A comunicação como objeto” in HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.) **Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GILBERT, Martin. **Atlas de la história judia**. Jerusalém: La Semana, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Churchill**. A photographic portrait. Londres: Pimlico, 1999.
- HALLIDAY, Teresa Lucia. **O que é retórica**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- HOHLFELDT, Antonio, “As origens antigas: A comunicação e as civilizações” in HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_., “Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação” in HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.)

- Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.**  
Petrópolis: Vozes, 2001.
- JAEGER, Werner. **Paidéia.** A formação do homem grego. São Paulo: Herder, 1960.
- JENKINS, Roy Lord. **Churchill.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Roosevelt.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- JUNGE, Gertraud. **Até o Fim:** Os últimos dias de Hitler contados por sua secretária. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- KEEGAN, John. **A inteligência na guerra:** Conhecimento do inimigo, de Napoleão Bonaparte à Al-Qaeda. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KEEGAN John. **Uma história da guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KLÖCKNER, Luciano. **Nova retórica e rádio informativo.** Estudo das programações das emissoras TSF-Portugal e CBN-Brasil. Porto Alegre: Evangraf, 2011.
- LOWERY, Shearon A. & DEFLEUR, Melvin. **Milestones in mass communication research.** White Plains: Longmann, 1988
- LUKACS, John. **Cinco dias em Londres:** Negociações que mudaram o rumo da II Guerra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Churchill e o discurso que mudou a história.** Sangue, trabalho, lágrimas e suor. Rio de Janeiro: Joge Zahar, 2008
- McCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda – A mídia e a opinião pública.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- McLUHAN, Marshall. **O meio é a mensagem.** São Paulo: Record, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1969.

- McMILLAN, Margareth. 1919. **Paz em Paris**. A Conferência de Paris e seu mister de encerrar a Grande Guerra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004
- MEDAWAR, Jean & PYKE, David, **O presente de Hitler**. Cientistas que escaparam da Alemanha nazista. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MUKUNDA, Gautam. **Indispensable**. When leaders really matter. Boston: Harvard, 2012.
- NOVAES, Adauto. **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. São Paulo: Pontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 1992.
- PENBERTHY, Ian. **Churchill in quotes**. Wit and wisdom from the great statesman. Lewes: Ammonite, 2011.
- PERELMAN, Chaim e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**. A Nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O império retórico**. Retórica e argumentação. Lisboa: ASA, 1999.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. Política e filosofia. São Paulo: 34, 1996.
- RICOUER, Paul. **O conflito das interpretações**. Porto: Rés, 1988.
- ROBERTS, Andrew. **Hitler & Churchill: Segredos da liderança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- ROHDEN, Luiz. **O poder da linguagem**. A Arte Retórica de Aristóteles. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

- RÜDIGER, Francisco, "A Escola de Frankfurt" in HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SAPERAS, Endric. **Os efeitos cognitivos da comunicação de massas**. Porto: Asa, 1987.
- \_\_\_\_\_. **La sociologia de la comunicación de masas en los Estados Unidos**. Barcelona: PPU, 1992.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VAN DIJK, Teun A. **La notícia como discurso**. Comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1996.
- VOLKOGONOV, Dmitri Antonovich. **Stalin: Triunfo e tragédia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

## Sites

CARDOSO E CUNHA, Tito. “Retórica. A técnica da persuasão”.

Disponível em: <<http://ocanto.esenviseu.net/retorica.htm>>.

Acesso em: 20 de julho de 2012.

FIDALGO, Antonio. “Definição de retórica e cultura grega”. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-retorica-cultura-grega.pdf>>. Acesso em: 21 de julho de 2012.

FACEBOOK.com/RealTimeWorldWarII – ver em: <<http://t.co/ewjCbwgt>>

Acesso em: 6 de janeiro de 2013

HARROW SCHOOL.

<<http://www.harrowschool.org.uk/1505/overview/harrow-tradition/history-of-the-school/>>.

Acesso em: 21 de julho de 2012.

JEWISH LIBRARY

<<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/Gestapo.html>>.

Acesso em: 06 de setembro de 2012.

<<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/goebbels.html>>

Acesso em: 23 de setembro de 2012

DOWING STREET

<<http://www.number10.gov.uk/history-and-tour/>>.

Acesso em: 06 de setembro de 2012.

PORTAL DOS ADMINISTRADORES. Disponível em

<<http://www.administradores.com.br/informe-se/informativo/eles-ensinam-o-que-e-ser-um-lider/3943/>>

Acesso em: 05 de agosto de 2010.

PATRICK CHARAUDEAU <<http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>> Acesso em: 16 de dezembro de 2012.

SOUZA, César. “Os segredos dos líderes inspiradores . Artigo de 20 de março de 2010. Disponível em<

<http://br.hsmglobal.com/notas/43609-os-segredos-dos-lideres-inspiradores>> Acesso em: 08 de agosto de 2010.

## ANEXOS

1. GUERRA – 3 de setembro de 1939 - Câmara dos Comuns;
2. SANGUE, TRABALHO, LÁGRIMAS E SUOR – 13 de maio de 1940 - Câmara dos Comuns, Londres;
3. O MELHOR MOMENTO - 18 de junho de 1940, Câmara dos Comuns, Londres;
4. A GUERRA DOS SOLDADOS DESCONHECIDOS – 14 de julho de 1940 Transmissão de rádio;
5. OS POUCOS - 20 de agosto de 1940, Câmara dos Comuns;
6. JAMAIS CEDER! - 29 de outubro de 1941, Harrow School, Londres
7. DISCURSO EM UMA SESSÃO CONJUNTA DO CONGRESSO - 26 de dezembro de 1941, Washington D.C., EUA;
8. O DIA D - 6 de junho de 1944, Câmara dos Comuns;
9. PALAVRAS NÃO PODEM EXPRESSAR O HORROR - 19 de abril de 1945, Câmara do Comuns;
10. VITÓRIA NA EUROPA - 8 de maio de 1945, Câmara do Comuns e transmissão de radio, Londres;
11. ESTA VITÓRIA É DE VOCÊS - 8 de maio de 1945, Sacada do Ministério da Saúde, Londres;
12. A RENÚNCIA - 26 de julho de 1945, Downing Street, 10, Londres.

## 1. GUERRA

3 de setembro de 1939, Londres

Neste hora solene, é um consolo lembrar e pensar sobre nossos repetidos esforços pela paz. Todos foram mal-afortunados, mas foram também sinceros e dedicados. Isso é de grande valor moral no momento; e não só valor moral como valor prático, porque a sincera cooperação de milhões de homens e mulheres – cuja camaradagem e irmandade são indispensáveis – é o único alicerce sobre o qual as experiências e atribulações da guerra moderna podem ser enfrentadas e superadas.

Apenas esta convicção moral permite o ânimo sempre novo que re-estabelece a força e a energia do povo em dias negros, longos e difíceis. Lá fora, as tempestades de guerra podem soprar e as terras podem ser fustigadas com a fúria das ventanias, mas há paz em nossos corações nesta manhã de domingo. Nossas mãos podem estar em ação, mas a nossa consciência está em paz.

Não devemos subestimar a gravidade da tarefa ou a temeridade da experiência que temos pela frente, para a qual não devemos nos ver em desvantagem. Devemos sim esperar desapontamentos e muitas surpresas desagradáveis, mas podemos estar certos que a tarefa que aceitamos livremente não está acima do compasso e da força do Império Britânico e da República Francesa. O Primeiro Ministro disse que era um dia triste – e isso certamente é verdade – mas no momento há outra observação a ser feita, a que há um sentimento de gratidão de que, se estas dificuldades tamanhas estiverem para ser enfrentadas por nossa ilha, há aqui uma geração de bretões pronta para se mostrar digna dos dias de outrora e digna daqueles grandes homens, pais de nossa terra, que prepararam os fundamentos de nossas leis e moldaram a grandeza de nosso país.

Não é uma questão de lutar por Danzig ou lutar pela Polônia. Estamos lutando para salvar o mundo da epidemia da tirania nazista e em defesa de tudo aquilo que é mais sagrado para o homem. Esta não é nenhuma guerra de dominação, engrandecimento imperial ou ganho material. Não é uma guerra para tirar de qualquer país a luz do Sol ou os seus meios de progresso. É uma guerra, percebida em suas características, com o objetivo de estabelecer em rochas inexpugnáveis os direitos do indivíduo – é uma guerra para consolidar e reviver a grandeza do homem.

Talvez, possa parecer um paradoxo que uma guerra, conduzida em nome da liberdade e do direito, tenha de exigir, como parte necessária do processo, a desistência por algum tempo de muitos de nossos direitos e liberdades de tanto valor. Nestes últimos dias, a Câmara dos Comuns votou dezenas de leis que passam para o Executivo o poder sobre as mais valiosas liberdades tradicionais. Estamos seguros que estas liberdades estarão em mãos que não irão delas abusar, que não irão usá-las para interesses de classe ou partido, que irão cultivá-las e protegê-las e esperamos o dia, aguardando seguros e confiantes, em que as liberdades e os direitos nos serão restaurados e o dia em que seremos capazes de partilhá-los com os povos para os quais estas bênçãos são desconhecidas.

## 2. SANGUE, TRABALHO, LÁGRIMAS E SUOR

13 de maio de 1940, Câmara dos Comuns, Londres

Na noite da última sexta feira, recebi a delegação de Sua Majestade para formar um novo governo. Foram evidentes os desejos e a vontade do Parlamento e da nação para que isso fosse concebido na base mais ampla possível e que incluísse todos os partidos, tanto aqueles que apoiaram o último governo quanto os da oposição. Completei a parte mais importante desta tarefa. Um Gabinete de guerra foi formado com cinco membros, representando, com os liberais da oposição, a unidade da nação. Os três líderes dos partidos concordaram em servir ou no Gabinete ou nos altos cargos do Executivo. Os três postos das forças armadas foram preenchidos.

Foi necessário que isso tudo fosse feito em um único dia, por conta da urgência extrema e do rigor dos acontecimentos. Um bom número de outras posições, posições-chave, foi preenchido ontem – e estou submetendo uma lista adicional à sua Majestade hoje à noite. Espero completar a indicação dos principais ministros durante o dia de amanhã. A indicação dos outros ministros normalmente leva um pouco mais de tempo, mas confio que, quando o Parlamento se reunir de novo, esta parte de minha tarefa estará completa – e o governo estará formado em todos os sentidos.

Considerei de interesse público que a Casa deveria ser convocada para se reunir hoje. O presidente do Parlamento concordou e tomou as providências necessárias, de acordo com os poderes conferidos por resolução da Casa. Ao fim dos procedimentos de hoje será proposta a suspensão dos trabalhos do Parlamento até terça-feira, dia 21 de maio, incluindo naturalmente a provisão para uma reunião mais cedo, se houver necessidade. O assunto a ser considerado na próxima semana será notificado aos membros na primeira oportunidade. Agora, solicito ao Parlamento, pela moção que está em meu nome, que confirme a sua aprovação às medidas que tomei e que declare sua confiança no novo governo.

Formar um governo desta escala e complexidade é em si mesmo uma tarefa séria, mas devemos lembrar que estamos no estágio preliminar de uma das mais duras batalhas da história, que estamos em ação em muitos outros na Noruega e na Holanda, que devemos nos preparar no Mediterrâneo, que a batalha aérea é contínua e que muitas providências – tais como as que foram indicadas pelo meu honrado representante e amigo das fileiras de baixo – têm de ser tomadas aqui. Em meio a esta crise, espero ser perdoado se não me dirijo à Casa com detalhes do dia de hoje. Espero que qualquer um de meus amigos e colegas, ou antigos colegas, influenciados pela reestruturação política, levem em conta e desconsiderem qualquer falta de cerimônia que tenha sido necessária para agirmos. Eu diria à Casa, como disse àqueles que se juntaram a este governo: *Nada tenho a oferecer exceto sangue, trabalho, lágrimas e suor.*

Temos diante de nós um desafio dos mais graves. Temos diante de nós muitos, muitos e longos meses de luta e sofrimento. Vocês perguntam: qual é nosso plano de ação? Posso dizer: é travar a guerra pelo mar, pela terra e pelo ar, com todo nosso poder e com toda a força que Deus nos possa dar; travar a guerra contra uma monstruosa tirania jamais suplantada nos registros sombrios e lamentáveis do crime humano. Esse é o nosso plano de ação.

Vocês perguntam: qual é o nosso objetivo? Posso responder em uma palavra: é a vitória, a vitória a todo custo, a vitória a despeito de todo o terror, a vitória mesmo que a estrada seja longa e penosa – pois sem vitória não há sobrevivência. Que isto seja entendido: sem vitória não há sobrevivência para o Império Britânico, não há sobrevivência para tudo aquilo que o Império Britânico tem representado, não há sobrevivência para os ímpetos e para os estímulos daquelas épocas em que a humanidade se move para a frente, em direção aos seus objetivos. Assumo minha tarefa com ânimo e esperança. Estou seguro que nossa causa não irá fracassar entre os homens. Neste momento, sinto-me autorizado a pedir a ajuda de todos, e digo: *Venham, vamos em frente juntos, com a força de nossa união.*

### 3. O MELHOR MOMENTO

18 de junho de 1940, Câmara dos Comuns

Quando consideramos a heróica resistência feita pelo exército francês nesta batalha, contra todas as expectativas, as enormes perdas impostas sobre o adversário e a evidente exaustão do inimigo, pode-se achar que as 25 divisões com treinamento e equipamentos melhores poderiam ter mudado a situação. Todavia, o general Weygand teve que lutar sem isso. Apenas três divisões britânicas ou o equivalente foram capazes de manter a linha com os camaradas franceses. Sofreram severamente, mas lutaram bem. Mandamos todos os homens que podíamos à França, tão rapidamente quanto foi possível reequiparmos e transportarmos à novas formações.

Não estou narrando estes fatos com o propósito de recriminação. Julgo isso completamente fútil e mesmo prejudicial. Não podemos nos permitir isso. Eu os relato a fim de explicar por que não tivemos, como poderíamos ter tido, entre 12 e 14 divisões britânicas lutando nesta grande batalha, em vez de três. Agora deixo isso tudo de lado. Deixo na prateleira onde os historiados, quando tiverem tempo, irão selecionar os documentos para contar suas histórias. Temos de pensar no futuro e não no passado e isso também se aplica, de alguma forma, aos nosso próprios assuntos domésticos.

Há muitos que fariam um inquérito na Câmara dos Comuns sobre a conduta dos governos – e dos Parlamentos, pois eles também estão nisso – ao longo que levaram a esta catástrofe. Buscam indicar aqueles que forma responsáveis pelo comando de nossos assuntos. Isso também seria um processo tolo e pernicioso. Há muita gente nisso. Vamos deixar que cada homem examine sua consciência e os seus discursos. Eu examino os meus com frequência.

Tenho certeza de que, se abirmos uma disputa entre o passado e o presente, descobriremos que perderemos o futuro. Portanto, não posso aceitar qualquer distinção entre os membros do governo atual. Este foi formado num momento de crise, a fim de unir todos os partidos e todos os segmentos de opinião. Recebeu o apoio

quase unânime de ambas as Casas do Parlamento. Os membros do governo vão permanecer unidos e, com base na autoridade da Câmara dos Comuns, vamos governar o país e lutar na guerra. É absolutamente necessário, num momento como este, que seja respeitado todo ministro que procure fazer o seu dever - e seus subordinados devem saber que seus chefes não são homens sob ameaça, que podem estar aqui hoje e não amanhã, mas são homens cujas orientações devem ser obedecidas no momento certo e de forma fiel.

Sem este poder concentrado não podemos enfrentar o que está diante de nós. Não seria vantajoso para a Casa prolongar o debate nesta tarde, sob as atuais condições de tensão pública. Muitos fatos não estão claros, mas estarão claros no curto prazo. Vamos ter uma sessão secreta na quinta e penso que esta seria uma oportunidade melhor para as muitas e respeitadas considerações que os representantes desejam fazer e para a Casa discutir assuntos vitais sem que os nossos perigosos inimigos leiam tudo nos jornais da manhã seguinte.

Os desastrosos fatos militares que ocorreram nos últimos 15 dias não chegaram a mim como surpresa. Na verdade, aponte à Casa, há duas semanas, tão claramente como podia, que as piores possibilidades estavam abertas – e falei perfeitamente claro naquele momento que qualquer fato que ocorresse na França não faria nenhuma diferença na determinação da Grã-Bretanha e do Império Britânico em lutar, *se necessário por anos, se necessário sozinhos*. Durante os últimos dias, fomos bem sucedidos em trazer a maior parte de nossas tropas que tínhamos na França; e 7/8 das tropas que mandamos à França desde o início da guerra – ou seja, em torno de 350 mil de um total de 400 mil homens – estão seguros de volta a este país. Outros ainda estão lutando ao lado dos franceses e lutando com considerável sucesso nos embates contra o inimigo. Trouxemos de volta uma grande quantidade de equipamentos, rifles e munições de toda espécie, que tinham sido reunidos na França durante os últimos nove meses.

Temos, portanto, nesta ilha, hoje em dia, uma força militar grande e poderosa. Esta força compreende todas as nossas mais bem treinadas tropas, incluindo dezenas de milhares aqueles que já mediram forças com os alemães e não ficaram em nenhuma desvantagem. Temos, hoje, nesta ilha, um milhão, duzentos e cinquenta mil homens nas forças armadas, aproximadamente. Por trás deles, temos os voluntários da defesa local, em número de 500 mil, dos quais, no entanto, apenas uma porção já está armada com rifles ou outras armas de fogo. Incorporamos às nossas forças de defesa todos os homens para os quais temos uma arma. Esperamos amplos acréscimos às nossas forças em um futuro próximo e, em preparação a isso pretendemos imediatamente convocar, organizar e treinar um número ainda maior de homens.

Aqueles que não foram convocados estão trabalhando na vasta produção de munições, em todos os segmentos desta – e as ramificações são inumeráveis - e irão servir melhor ao país permanecendo no trabalho até serem chamados. Temos também por aqui os exércitos dos domínios britânicos. Os canadenses, de fato, desembarcaram na França, mas já foram retirados com segurança, muito desapontados, mas em perfeita ordem, com artilharia e equipamento. E estas forças de alta qualidade, provenientes dos domínios irão agora tomar parte da defesa da pátria-mãe.

Temo que o relato que dei destas forças possa levantar a questão: por que não tomaram parte na grande batalha da França? Devo deixar claro que, ao lado das divisões que estão treinando e se organizando por aqui, apenas 12 estavam equipadas para lutar de forma que justificasse mandá-las ao exterior, e este era precisamente o número que os franceses foram levados a esperar como disponíveis à França no nono mês da guerra. O restante de nossas tropas são importantes para a defesa interna, que irá se fortalecer a cada semana. Portanto, a invasão da Grã-Bretanha exigiria, neste momento, o transporte pelo mar de exércitos hostis em grande escala que, depois de assim transportados, teriam de ser constantemente mantidos com a

quantidade de munições e suprimentos exigidos por uma batalha contínua – por que esta certamente seria uma batalha contínua.

É aqui que chegamos à Marinha e, afinal de contas, temos uma Marinha. Algumas pessoas parecem esquecer que temos uma Marinha. Devemos lembrá-los disso. Nos últimos 30 anos, estive envolvido em discussões sobre as possibilidades de uma invasão marítima e tomei a responsabilidade, em nome do Almirantado, no começo da última guerra, de permitir que todas as tropas regulares fossem mandadas para fora do País. Aquela foi uma decisão muito séria, porque nossas defesas tinham acabado de ser convocadas e estavam quase sem treinamento. Portanto, esta ilha esteve por vários meses particularmente despida de tropas.

O Almirantado tinha confiança, naquele momento, na sua habilidade de evitar uma grande invasão, mesmo que os alemães tivessem uma força magnífica de batalha, na proporção de 10 para 16, e mesmo que eles fossem capazes de lutar diariamente um conflito. Agora, eles tem apenas um par de navio pesados dignos de ação – o *Scharnhorst* e o *Gneisenau*. A nós foi dito também que a Marinha Italiana irá surgir e obter superioridade nos mares. Se a Itália pretende seriamente fazê-lo, diremos que ficaremos encantados em oferecer os *Signor* Mussolini uma passagem livre e protegida pelo estreito de Gibraltar, de modo que ele possa exercer o papel que tanto aspira. Há uma curiosidade geral na frota britânica em descobrir se os italianos se mantiveram no mesmo nível em que estavam na última guerra ou se decaíram ainda mais.

Portanto, no que diz respeito a uma invasão marítima em grande escala, estamos mais capacitados para enfrentá-la hoje do que estávamos em muitos momentos da última guerra e mesmo nos primeiros momentos desta guerra, antes que nossas tropas estivessem treinadas e enquanto a Força Expedicionária Britânica prosseguia no exterior. Agora, a Marinha nunca pretendeu ser capaz de evitar ataques de surpresa feitos por núcleos de cinco ou dez mil homens lançados repentinamente de vários pontos da costa em uma noite escura ou numa manhã enevoadada. A eficácia do poder marítimo, especialmente

sob condições modernas, depende de uma força invasora de grande porte, e esta tem de ser de grande porte, em vista da nossa força militar, para ter alguma utilidade, e sendo de grande porte, então a Marinha terá algo para achar, encontrar e, se assim for, atacar.

Devemos lembrar que cinco divisões, mesmo ligeiramente equipadas, irão exigir 200 a 250 navios – e, em função do reconhecimento aéreo moderno, com fotografia, não seria fácil juntar uma frota assim, organizá-la e conduzi-la pelo mar sem poderosas forças navais para acompanhá-la. Haveria amplas possibilidades, para não dizer algo pior, de que esta frota armada fosse interceptada bem antes de atingir a costa e de que todos os seus homens fossem afogados no mar ou, pior, feitos em pedaços como seus equipamentos enquanto estivessem tentando desembarcar.

Temos também um amplo sistema de campos minados, reforçados recentemente, por meio do qual só nós conhecemos as rotas. Se o inimigo tentar descobrir as passagens por meio dos campos minados, será tarefa da Marinha destruir os detectores de minas e quaisquer outras forças empregadas para protegê-los. Não deve haver nenhuma dificuldade nisso, tendo em vista nossa superioridade no mar.

Estes são argumentos comuns, bem testados, bem demonstrados, com os quais temos contado durante muitos anos de paz e guerra. A pergunta é se há novos métodos pelos quais estas sólidas garantias possam ser burladas. Estranho como possa parecer, o Almirantado vem dando alguma atenção a isso, pois o seu principal dever é destruir qualquer ampla expedição marítima antes que esta atinja – ou no momento que esta atinja – as praias. Não seria bom entrar em detalhes sobre isso. Pode sugerir a outras pessoas ideias nas quais ainda não haviam pensado, pessoas que provavelmente não nos dariam nenhuma ideia em troca.

Tudo o que direi é que um incansável estado de vigilância e de exercício da mente deve ser dedicado sempre a este assunto, porque o inimigo é astuto, perspicaz e cheio de artimanhas e estratégias. A Casa pode ficar segura que estamos trabalhando com o máximo de engenhosidade. A imaginação está sendo estimulada em

um grande número de oficiais competentes, bem treinados em táticas e perfeitamente atualizados, para medir e contraproduzir novas possibilidades. Um incansável estado de vigilância e de exercício da mente está sendo, e deve ser, dedicado ao assunto porque, é bom lembrar, o inimigo é esperto e não há jogo sujo que não seja capaz de fazer.

Algumas pessoas perguntarão por que então é que a Marinha britânica não foi capaz de evitar o movimento de um amplo exército na Alemanha, na Noruega, pelo *Skagerrak*? As condições do Canal da Mancha e no Mar do Norte não são de modo algum como as que prevaleciam no *Skagerrak*. Por causa da distância, não podíamos dar suporte aéreo a nossos navios de superfície e, conseqüentemente, ficando como ficamos próximos do principal poder aéreo inimigo, fomos compelidos a usar somente nossos submarinos. Não pudemos impor um bloqueio decisivo, possível com navios de superfície. Nossos submarinos sofreram perdas pesadas, mas não puderam evitar a invasão da Noruega. No Canal e no Mar do Norte, por outro lado, nossas superiores forças navais de superfície, ajudadas por nossos submarinos, irão operar com ajuda aérea próxima e efetiva.

Isto me traz naturalmente à importante questão da invasão pelo ar e da iminente luta entre as forças aéreas da Grã-Bretanha e da Alemanha. Parece claro que nenhuma invasão, em escala acima da capacidade de nossas forças terrestres e capaz de esmagarem-nas com rapidez, possa acontecer pelo ar até que a nossa força aérea tenha sido definitivamente dominada. Por enquanto, pode haver ataques com tropas de para quedistas e tentativas de desembarcar soldados transportados pelo ar. Nós devemos ser capazes de dar a esta turma uma recepção calorosa, tanto no ar como no solo, se chegarem em terra com alguma condição de continuar a disputa.

Mas a grande pergunta é: podemos destruir o poder aéreo de Hitler? É uma pena, é claro, que não tenhamos uma força aérea pelo menos igual à do nosso mais poderoso inimigo, ao alcance de atacar nossas costas. Mas temos uma força aérea muito poderosa, que se mostrou muito superior em qualidade – seja em homens ou em

máquinas - à que encontramos até agora nas numerosas e ferozes batalhas aéreas que foram lutadas contra os alemães. Na França, onde estávamos em considerável desvantagem – perdemos muitas máquinas em terra estacionadas nos aeroportos – nos familiarizamos com a imposição ao inimigo de perdas aéreas de até dois, ou dois e meio, para cada uma nossa.

Na luta em Dunquerque, que era uma espécie de terra de ninguém, batemos indubitavelmente a força aérea alemã e ganhamos o domínio local dos céus, impondo dia após dia uma perda de três ou quatro para cada uma. Qualquer um que olhe as fotografias publicadas há uma semana, mais ou menos, do embarque de retorno, mostrando as tropas reunidas na praia, formando um alvo ideal por muitas horas, percebe-se que este embarque não teria sido possível a não ser que o inimigo tivesse renunciado a qualquer esperança de recuperar a superioridade aérea naquela hora e naquele lugar.

Na defesa desta ilha, as vantagens para os defensores serão muito maiores do que na luta em torno de Dunquerque. Esperamos melhorar a taxa de três ou quatro perdas para cada uma nossa que foi conseguida em Dunquerque. Além disso, todas as nossas máquinas danificadas e suas tripulações, que puderem pousar com segurança – e, surpreendentemente, uma boa parte das máquinas danificadas e das tripulações atacadas pousam com segurança nos combates aéreos modernos - todas irão cair, num ataque contra estas ilhas, em solo amigo e viverão para combater no outro dia, ao passo que as máquinas danificadas do inimigo serão perdas totais na guerra.

Durante a grande batalha da França demos uma ajuda intensa e contínua ao Exército Francês, tanto com aviões quanto com bombardeiros. Mas, a despeito de todo o tipo de pressão, jamais permitiríamos que toda a força metropolitana de combate da Força Aérea fosse consumida. Foi uma decisão dolorosa, mas correta, porque o destino da batalha da França não poderá ter sido influenciado, mesmo se tivéssemos colocado lá nossa força completa de aviões de guerra. Aquela batalha foi perdida pela desgraça da estratégia (alemã) inicial, que tinha por base o extraordinário e imprevisto poder das colunas

blindadas e a grande preponderância do Exército germânico em números. Nossos aviões de guerra poderiam ter sido desperdiçados com um mero acidente naquela grande disputa – e então nós nos descobriríamos no momento em apuros muito sérios.

Assim como está, estou contente de informar à Casa que o nosso poder de combate aéreo é mais forte, no presente, em comparação ao dos alemães, que sofreram perdas terríveis, mais do que jamais tiveram. Consequentemente, acreditamos sermos detentores da capacidade de continuar a Guerra nos céus sob melhores condições das que experimentamos antes. Aguardo com confiança pelas proezas de nossos pilotos – estes homens esplêndidos, essa juventude brilhante - que terão a glória de salvar a terra natal, a ilha onde moram e tudo o que amam, do mais mortal de todos os combates.

Resta, é claro, o perigo dos ataques com bombas, os quais certamente serão feitos em breve pelos bombardeiros inimigos. É verdade que a força germânica de bombardeiros é superior em número à nossa, mas temos também uma grande força de bombardeiros que usaremos para atacar, sem trégua, alvos militares na Alemanha. Não subestimo de modo algum a severidade do desafio que a nós se apresenta, mas acredito que nossos compatriotas vão se mostrar capazes de enfrentá-lo, como fizeram os bravos homens de Barcelona. (Churchill faz menção ao bombardeio realizado pelas forças do Gal.Franco na Guerra Civil Espanhola). Serão capazes de enfrentá-lo e seguir em frente, a despeito disso, tão bem quanto qualquer outra pessoa no mundo. Muita coisa está em jogo. Todos os homens e mulheres terão a chance de exibir as melhores qualidades de suas raças e prestar os mais altos serviços às suas causas. Para todos nós nesta hora, qualquer que seja nossa situação social, nossa posição, nossa ocupação, nossos deveres, será uma ajuda lembrar os famosos versos: *Ele não fez nem quis dizer nada comum, diante daquela cena memorável*<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Do original: “*He nothing common did or mean, Upon that memorable scene*”. Citação do texto **An Horation Ode upon Cromwell’s Return from Ireland** do poeta metafísico britânico Andrew Marvell (1621-1678)

Achei que está certo, nesta ocasião, dar à casa e ao país alguma indicação a respeito dos fundamentos sólidos e práticos sobre os quais baseamos nossa inflexível determinação para continuar a guerra. Há gente muito boa que diz: *Não interessa. Vencer ou perder, afundar ou nadar, é melhor morrer do que se submeter à tirania – e que tirania.* Não me dissocio deles. Mas, posso assegurá-los que profissionais das três forças armadas recomendaram em conjunto que devemos continuar a guerra e que há, no fim, esperanças boas e razoáveis de vitória.

Temos informado e consultado todos os governos autônomos dos domínios britânicos, estas grandes comunidades, bem além dos oceanos, que foram construídas a partir de nossas leis e de nossa civilização. Eles estão completamente livres para escolher o seu caminho, mas estão completamente devotados também à antiga terra-mãe e se sentem inspirados pelas mesmas emoções que me fazem apostar tudo no dever e na honra. Nós os consultamos plenamente e seus primeiros-ministros, McKenzie King do Canadá, Menzies da Austrália, Frase da Nova Zelândia e do general Smuts da África do Sul – aquele homem maravilhoso com sua imensa e profunda inteligência e olhos capazes de analisar à distância todo o panorama dos assuntos europeus - recebi de todos estes homens iminentes – todos representantes de governos eleitos, com votações amplas e que estão lá porque representam a vontade de seus povos, mensagens formuladas em termos comoventes, nas quais endossam a nossa decisão de lutar e se declaram prontos a partilhar o nosso destino e perseverar até o fim, e é isso o que vamos fazer.

Podemos perguntar a nós mesmos: de que maneira nossa posição piorou desde o início da guerra? Piorou pelo fato de que os alemães conquistaram grande parte da costa da Europa Ocidental e muitos países pequenos foram invadidos por eles. Isso agrava as possibilidades de um ataque aéreo e soma-se às nossas preocupações navais. Isso não diminui de modo algum – pelo contrário, definitivamente aumenta – o poder de nosso cerco de longa distância. De modo semelhante, a entrada da Itália na guerra também aumenta o

poder de nosso cerco de longa distância. Nós temos impedido, com isso, os piores furos. Não sabemos se a resistência militar vai durar na França, mas, se isso acontecer, então naturalmente os alemães serão capazes de concentrar as suas forças, tanto militares quanto industriais, sobre nós. Porém, pelas razões que mostrei à Casa, essas forças não serão fáceis de ser empregadas. Se a invasão, por um lado, se tornou mais iminente, por outro, nós, ao ficarmos isentos da tarefa de manter um grande exército na França, passamos a ter forças mais numerosas e eficientes para enfrentar os alemães.

Se Hitler puder trazer para seu despótico controle as indústrias dos países que conquistou, isso vai se somar à sua já vasta produção de armamentos. Por outro lado, não ocorrerá imediatamente e nós estamos, neste momento, seguros do apoio intenso, contínuo e crescente do Estados Unidos – com suprimentos e todo o tipo de munição – e, especialmente, com aviões e pilotos dos domínios britânicos, que cruzam os oceanos provenientes de regiões fora do alcance dos bombardeiros inimigos.

Não vejo como qualquer um destes fatores possa agir em nosso prejuízo antes da vinda do inverno. E o inverno vai impor pressões sobre o regime nazista, com toda a Europa padecendo e passando fome sob sua cruel dominação, o que vai afetá-lo duramente, mesmo com toda a sua brutalidade. Não podemos esquecer que, desde o momento em que declaramos a guerra, em 3 de Setembro, sempre tem sido possível à Alemanha atirar toda a sua Força Aérea contra este país justamente com outros mecanismos de invasão que pudesse conceber – e a França poderia ter feito pouco ou nada para evitar que isso acontecesse.

Nós temos, portanto, convivido com o perigo desde o princípio e em formas sutilmente diferentes durante todos estes meses. Neste período, porém, melhoramos enormemente nossos métodos de defesa e aprendemos algo que não tínhamos como imaginar no começo, ou seja, que o avião e o piloto britânicos têm uma superioridade certa e definida. Portanto, ao analisar este alarmante balanço e ao contemplar nossos perigos com um olhar verdadeiro, vejo

muitas razões para intensa vigilância e esforço, mas nenhuma razão para pânico ou desespero.

Durante os primeiros quatro anos da última guerra, os aliados experimentaram somente o desastre e o desapontamento. Este era o nosso medo constante: um golpe depois do outro, perdas terríveis, perigos horrendos. Tudo desandou. E, mesmo assim, ao fim daqueles quatro anos, a moral dos aliados estava mais alta do que a dos alemães, que iam de um rompante agressivo para outro, que em todos os lugares posavam de invasores triunfantes das terras que haviam violado. Durante aquela guerra, nós nos perguntávamos repetidas vezes: como vamos vencer? Ninguém era capaz de responder com muita precisão, até que, no fim, quase repentinamente, quase inesperadamente, nosso terrível inimigo desmoronou à nossa frente, e ficamos tão saturados com a vitória que, em nossa estupidez, a jogamos fora.

Ainda não sabemos o que vai acontecer na França, ou se a resistência será prolongada, tanto na França quanto no Império Francês além-mar. O governo francês está desperdiçando grandes oportunidades e expondo o seu futuro ao acaso se não continuar a guerra, de acordo com as suas obrigações no tratado<sup>29</sup>, pelo qual não nos sentimos capazes de liberá-los. A Casa virá a ler a histórica declaração na qual, com o desejo de muitos franceses – e de nossos próprios corações - proclamamos nossa vontade, no momento mais negro da história francesa, de concluir uma união comum de cidadãos nesse combate.

Como quer que os assuntos caminhem na França ou com o governo francês, ou com outros governos franceses, nesta ilha e no Império Britânico nunca perderemos nosso senso de camaradagem para com o povo francês. Se formos agora convocados para suportar o que eles têm sofrido, vamos imitar a sua coragem, e se a vitória final recompensar os nossos sacrifícios, eles irão partilhar os ganhos, sim, e a liberdade será restaurada para todos. Nós não diminuimos nada de

---

<sup>29</sup> Churchill faz referência ao “Anexo A” dos Tratados de Locarno (1925), pelo qual França e Grã-Bretanha assumiram compromissos de defesa em caso de agressão.

nossas justas demandas, não vamos recuar nem sequer um rabisco ou um traço. Tchecos, poloneses, noruegueses, holandeses e belgas juntaram as suas causas à nossa. Todos serão recompensados.

Aquilo que o general Weygand chamou de “a batalha da França” acabou. A “batalha da Grã-Bretanha” está para começar. Desta batalha depende a sobrevivência da civilização cristã. Dela depende a própria vida britânica e a continuidade de nossas instituições e de nosso império. Toda a fúria e o poder do inimigo devem muito em breve se virar contra nós. Hitler sabe que terá de nos fazer sucumbir nesta ilha ou perder a guerra. Se nós pudermos enfrentá-lo, toda a Europa poderá ser livre e a vida do mundo poderá continuar na direção de campos amplos e ensolarados.

Mas, se nós falharmos, o mundo inteiro – inclusive os Estados Unidos, inclusive todos os que conhecemos e com quem nos importamos – irá afundar no abismo de uma nova era de trevas, tornada mais sinistra e talvez mais prolongada, pelas luzes da ciência pervertida. Vamos, portanto, nos unir em torno de nossos deveres. E saber que, se o Império Britânico e a Comunidade dos Estados Britânicos (*Commonwealth*) durarem mil anos, os homens ainda dirão: *Este foi o seu melhor momento.*

#### 4. A GUERRA DOS GUERREIROS DESCONHECIDOS

14 de julho de 1940, Transmissão de rádio

Hoje é 14 de julho, Dia Nacional da França. Há um ano, em Paris, eu assistia à parada suntuosa, pelos Champs Elysées, do Exército e do Império Francês. Quem pode prever o que os outros anos podem trazer? A fé nos foi dada para ajudar e confortar quando ficamos espantados diante do livro onde se desenrola o destino humano. Proclamo minha fé de que alguns de nós viverão para ver um 14 de julho quando uma França libertada irá de novo se alegrar na grandeza e na glória, e uma vez mais se afirmar como defensora da liberdade e dos direitos do homem. Quando o dia de amanhecer, e amanhecer irá, a alma da França se voltará com compreensão e bondade para os franceses e francesas, onde quer que estejam e que, no momento mais difícil, não perderam as esperanças na República.

Agora, cabe a nós ficar sozinhos diante do que se rompeu e enfrentar o pior que o poderio e a inimizade do tirano podem fazer. Posicionando-nos diante de Deus, conscientes de que serviremos a um propósito revelador, estamos prontos para defender a nossa terra natal contra a invasão da qual está ameaçada. Estamos lutando sozinhos *por* nós mesmos, mas não estamos lutando sozinhos *para* nós mesmos.

Aqui, nesta forte cidade do refúgio, que santifica os títulos do progresso humano e que é de profunda importância à civilização cristã; aqui, cercados por mares e oceanos por onde reina a Marinha e protegidos lá em cima pela valentia e devoção de nossos aviadores – esperamos sem medo o ataque iminente. Talvez seja hoje à noite, talvez seja semana que vem. Talvez não aconteça nunca. Devemos nos mostrar igualmente capazes de enfrentar um repentino choque violento ou – o que talvez seja um teste mais difícil – uma vigília prolongada. Mas seja o desafio rápido ou longo, ou ambos, não vamos buscar acordos, não vamos tolerar negociação. Podemos mostrar misericórdia – não pediremos nenhuma.

Posso facilmente entender como alguns observadores simpatizantes do outro lado do Atlântico, ou como amigos ansiosos nos países ainda não violados da Europa – que não podem medir nossos recursos e nossa determinação – possam temer pela nossa sobrevivência, já que viram tantos Estados e Reinos serem despedaçados em poucas semanas ou mesmo em dias pela monstruosa força da máquina de guerra nazista. Hitler, no entanto, ainda não se impôs a uma grande nação que possua uma determinação semelhante à sua. Muitos destes países foram envenenados pela intriga, antes de serem destruídos pela violência. Foram apodrecidos por dentro antes de serem golpeados de fora. De que outra forma se pode explicar o que aconteceu na França – com o Exército francês, com o povo francês, com os líderes do povo francês? ...

Temos um milhão e meio de homens armados no Exército Britânico hoje à noite – e a cada semana de junho e julho a organização, as defesas e o próprio poder de ataque foram avançando a passos largos. Nenhum elogio é demais para os oficiais e homens – sim, e civis – que proporcionaram esta imensa transformação num período tão curto.

Por trás dos soldados do exército regular, como forma de destruir para quedistas, invasores transportados pelo ar e quaisquer traidores que possam ser encontrados entre nós (mas não acredito que sejam muitos – malditos sejam, vão ser castigados); por trás do exército regular há mais de um milhão de voluntários da Defesa Local ou, como são melhor chamados, a Guarda Interna. Estes oficiais e homens – dos quais uma grande proporção lutou na última guerra – têm o intenso desejo de atacar e estar perto do inimigo, onde quer que ele possa aparecer.

Se o invasor chegar à Grã-Bretanha, não haverá a acomodação plácida do povo em submissão, como vimos, sim, em outros países. Vamos defender cada aldeia, cada vila, cada cidade. A grande população de Londres, lutando rua a rua, poderia facilmente destruir um inteiro exército hostil – e nós preferiríamos ver Londres em ruínas e cinzas a ser mansa e abjetamente escravizada. Sou obrigado a

declarar estes fatos porque é necessário informar o povo sobre as nossas intenções e, assim, renovar a confiança deles. ...

Estou na liderança de um governo que possui representantes de todos os partidos no Estado – todos os credos, todas as causas, cada segmento reconhecido de opinião. Estamos situados logo abaixo da Coroa, na nossa antiga monarquia, apoiamo-nos em um Parlamento e em uma imprensa livre. Há, no entanto, um vínculo que nos une e nos sustenta aos olhos do público, como está ficando mais e mais notório, o de que estamos preparados para agir como um todo, para apoiá-lo e reforçá-lo. Hoje à noite, este é o elo de união em torno do Governo de Sua Majestade. Somente assim, em tempos como estes, nações podem preservar a liberdade e, somente assim, podem sustentar a causa confiada aos seus cuidados.

Mas tudo depende agora da força de viver da raça britânica em todas as partes do mundo e de nossos povos amigos e simpatizantes em todo lugar, fazendo o máximo, noite e dia, dando tudo, ousando tudo, suportando tudo – ao máximo – até o fim. Esta não é uma guerra de líderes ou de príncipes, de dinastias ou de ambição nacional, é uma guerra de povos e de causas. Há um grande número de pessoas, não só nesta ilha, como em outras terras, que irão prestar um serviço dedicado nesta guerra, mas cujos nomes jamais serão conhecidos, cujas ações jamais serão registradas.

Esta é uma guerra de guerreiros desconhecidos: vamos todos nos esforçar, sem falhar na fé ou no dever, e a maldição das trevas de Hitler desaparecerá de nossa época.

## 5. OS POUCOS

20 de agosto de 1940, Câmara dos Comuns

Quase um ano já se passou desde que a guerra começou. É natural dar uma pausa em nossa jornada neste marco histórico e avaliar o contexto, amplo e sombrio. É também útil comparar o primeiro ano desta segunda guerra contra a agressão alemã com o seu equivalente de um quarto de século atrás. Embora esta guerra seja uma continuação da última, há amplas diferenças aparentes na sua natureza. Na última guerra milhões de homens lutaram arremessando enormes quantidades de aço uns contra os outros. “Homens e balas” era o lema – e a consequência foi um prodigioso massacre. Nesta guerra, nada semelhante ocorreu até agora. É um conflito de estratégia, organização, aparato técnico, ciência, mecânica e moral.

As baixas britânicas nos primeiros doze meses da Primeira Guerra chegaram a 365 mil. Nesta guerra, sou grato em dizer, os britânicos mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos, inclusive civis, não excederam 92 mil - e destes uma boa proporção está viva, mantida como prisioneiros de guerra. Olhando com extensão ao redor, pode-se dizer que, por toda a Europa, para cada homem ou ferido no primeiro ano, cinco foram mortos ou feridos em 1914-15.

O massacre é apenas uma pequena fração, mas as consequências para os beligerantes têm sido mais mortais. Vimos grande países, com poderosos exércitos, deixando de ter uma existência coerente em poucas semanas. Vimos a República Francesa e o renomado exército francês abatidos, em completa e total submissão, com um volume muito menor de baixas do que as sofridas em qualquer uma de meia dúzia de batalhas entre 1914 e 1918. O corpo inteiro – quase a alma – da França sucumbiu a efeitos físicos incomparavelmente menos terríveis do que aqueles que foram suportados com heroísmo e destemida força de vontade há 25 anos atrás.

Embora até o momento a perda de vidas tenha sido misericordialmente menor, as decisões tomadas no curso do conflito são mais profundas sobre o destino das nações do que qualquer coisa que algum dia tenha acontecido, desde os tempos da barbárie. Movimentos são feitos em planos estratégicos e científicos, vantagens são obtidas por meios mecânicos. Como resultado, dezenas de milhões de homens se tornam incapazes de resistir, ou se julgam incapazes de resistir, e um terrível jogo de xadrez, no qual pessoas infelizes parecem inevitavelmente envolvidas, segue do xeque ao xeque-mate.

Há uma outra diferença óbvia em relação a 1914. Tudo das nações em guerra está envolvido, não apenas soldados, mas a população inteira, homens, mulheres e crianças. As frentes estão em toda parte. As trincheiras são cavadas nas cidades e nas ruas. Cada aldeia é fortificada. Cada estrada está fechada. A linha de frente passa pelas fábricas. Os trabalhadores são soldados com armas diferentes, mas a mesma coragem. Estas são diferenças amplas e bem distintas daquilo que muitos de nós vimos no combate há um quarto de século.

Ao que parece, tudo leva a crer que este novo tipo de guerra é bastante apropriada para a genialidade e os recursos da nação britânica e do Império Britânico. Uma vez que estamos adequadamente equipados e prontos, uma guerra deste tipo será mais favorável para nós do que os tristes massacres do Somme e de Passendale.<sup>30</sup> Se é o caso de termos toda uma nação lutando e sofrendo em conjunto, isso deve ser apropriado para nós – porque somos a mais unida de todas as nações, por que entramos na guerra pela vontade nacional e com nossos olhos abertos e porque fomos criados na liberdade e na responsabilidade individual e somos os produtos, não da uniformidade totalitária, mas da tolerância e da diferença. Se as qualidades se voltam, como está ocorrendo, para as artes da guerra, podemos mostrar coisas ao inimigo sobre as quais eles ainda não pensaram.

---

<sup>30</sup> A batalha do Somme (1916) foi uma das mais longas da Primeira Guerra Mundial e fez mais de um milhão de mortos. Somente num dia, 1º de Julho de 1916, 57 mil soldados britânicos foram mortos. Na batalha de Passendale (1917), pelo menos 250 mil britânicos morreram no confronto.

Como os alemães expulsaram os judeus e assim baixaram seus padrões técnicos, nossa ciência está definitivamente à frente. Nossa posição geográfica, o comando do mar e a amizade dos Estados Unidos permitem-nos retirar recursos do mundo inteiro e manufaturar armas de todo tipo, particularmente as de qualidade superior, numa escala até aqui praticada apenas pela Alemanha nazista.

Hitler está espalhado por toda a Europa. Nossas investidas ofensivas estão sendo lentamente reduzidas. Devemos nos preparar com resolução e de forma metódica para as campanhas de 1941 e 1942. Dois ou três anos não são um tempo longo, mesmo nas nossas curtas e precárias vidas. Não são nada na história da nação. E quando estamos fazendo o que há de mais extraordinário no mundo, e temos a honra de ser o único defensor das liberdades em toda a Europa, não devemos nos ressentir destes anos ou nos cansar enquanto trabalhamos e lutamos.

Isso não significa que, nos próximos anos, nossas energias sejam exclusivamente confinadas à nossa defesa e às nossas posses. Muitas oportunidades podem ser abertas no campo na força anfíbia – e devemos estar preparados para tirar vantagens delas. Uma das maneiras de levar esta guerra a um fim rápido é convencer o inimigo não com palavras, mas com ações, de que temos a vontade e os meios – não só para continuar indefinidamente, mas também para realizar ataques pesados e inesperados. A estrada para a vitória pode não ser tão longa como se espera. Não temos, no entanto, nenhum direito de contar com isso. Seja longa ou curta, áspera ou suave, pretendemos chegar até o fim.

É nossa intenção manter e impor um cerco rígido não só à Alemanha mas à Itália, França e a todos os outros países que caíram sob o poder germânico. Leio nos jornais que *Herr* Hitler também proclamou um cerco rígido às ilhas britânicas. Ninguém pode queixar-se disso. Lembro-me do kaiser fazendo isso na última guerra. O que certamente poderia ser alvo de uma reclamação generalizada seria prolongar a agonia de toda a Europa, permitindo que alimentos fossem

nutrir os nazistas e ajudar o seu esforço de guerra, ou permitir que os alimentos chegassem aos povos subjugados porque certamente seriam pilhados pelos seus conquistadores nazistas.

Há muitas propostas, com base nos motivos mais nobres, de que deveria ser permitido aos alimentos passar pelo bloqueio, para o alívio destas populações. Lamento termos de recusar esta solicitação. Os nazistas dizem que criaram uma nova economia unificada na Europa. Eles dizem repetidamente que possuem amplas reservas de alimentos e que podem alimentar os povos cativos. Numa transmissão de rádio na Alemanha, em 27 de junho, foi dito que, apesar do plano do senhor Hoover – para aliviar a situação na França, na Bélgica e na Holanda – ser merecedor de aplausos, as forças germânicas já tinham tomado as medidas necessárias. Sabemos que, na Noruega, quando chegaram as tropas germânicas, havia um suprimento e alimentos para um ano. Sabemos que a Polônia, embora não seja um país rico, normalmente produz comida suficiente para seu povo. Além disso, nos outros países invadidos por *Herr* Hitler, todos mantinham consideráveis estoques quando os alemães entraram – e são eles mesmos, os alemães, em muitos casos, produtores substanciais de alimentos. Se toda esta comida não está disponível agora, só pode ser porque foi retirada para alimentar o povo da Alemanha e lhes dar provisões maiores – para variar – durante os últimos poucos meses. Nesta estação do ano e pelos próximos meses, não há a mínima chance de escassez, já que a safra acabou de ser colhida. As únicas interferências que podem causar fome em qualquer parte da Europa, agora e durante o próximo inverno, são as extorsões ou falhas da Alemanha em distribuir os suprimentos que controla.

Há outro aspecto. Muitos dos mais valiosos alimentos são essenciais para a manufatura de material de guerra. Gorduras são utilizadas para explosivos. Batatas fazem o álcool para a energia dos motores. Os materiais plásticos, agora tão amplamente utilizados na construção de aviões, são feitos de leite. Se os alemães usam estas mercadorias para ajudá-los a bombardear nossas mulheres e crianças, em lugar de alimentar as populações que as produzem, podemos estar

certos que os alimentos importados iriam pelo mesmo caminho, direta ou indiretamente, ou então seriam empregados para aliviar o inimigo das responsabilidades que assumiu de forma tão imoral.

Vamos deixar que Hitler assuma suas responsabilidades por completo. Vamos deixar que os povos da Europa, que geme debaixo de sua opressão, colaborem da forma que for para a chegada do dia em que esta opressão será rompida. Enquanto isso, nós podemos e vamos nos organizar para uma entrada rápida de alimentos em qualquer área escravizada, no momento em que esta área estiver livre das forças germânicas e tiver recuperado novamente sua liberdade. Vamos fazer o melhor para encorajar a formação de reservas de alimentos em todo o mundo, a fim de que esteja sempre claro para os povos da Europa, incluindo – e digo deliberadamente – os povos da Alemanha e da Áustria, a certeza de que a ruína do poder nazista irá trazer comida, liberdade e paz.

Pouco mais de um trimestre se passou desde que o novo governo chegou ao poder neste país. Que cascata de desastres desabou sobre nós deste então! Os confiantes holandeses subjugados, com seu amado e respeitado soberano levado ao exílio, com a pacífica cidade de Roterdã sendo palco de um massacre tão repugnante e brutal como qualquer outro na Guerra dos Trinta Anos.<sup>31</sup> A Bélgica invadida e batida. A nossa Força Expedicionária, chamada pelo rei Leopoldo para o seu Socorro, foi bloqueada e quase capturada, escapando somente por um milagre, e com a perda de todo seu equipamento. Nosso aliado, a França, de fora. A Itália dentro, contra nós. Toda a França em poder do inimigo, com todo o seu arsenal e vastas quantidades de material militar, convertidas ou conversíveis, para o uso do inimigo. Um governo fantoche organizado em Vichy, que pode a qualquer momento ser forçado a ser nosso inimigo. A costa ocidental da Europa, do Cabo Norte até a fronteira espanhola, nas mãos dos alemães. Todos os portos e todos os aeroportos nesta imensa frente podendo ser

---

<sup>31</sup> Guerra dos Trinta Anos: guerras religiosas na Europa Central entre 1618 e 1648. Termina com o tratado de Westfália (1648), considerado o marco fundador das Relações Internacionais por trazer em si o princípio da ideia de soberania.

empregado, contra nós, como trampolins potenciais para uma invasão. Além disso, o poderio aéreo germânico, até agora numericamente superior ao nosso, foi trazido para tão perto de nossa ilha que aquilo que costumávamos temer tanto já foi ultrapassado, e os bombardeiros hostis não só atingem a nossa costa em poucos minutos, e vindos de muitas direções, mas ainda são escoltados por caças.

Bem, senhores, se tivéssemos sido confrontados no começo de maio com tal perspectiva, teria parecido incrível que – ao fim do período de horror e desastre, ou neste momento, em um período de horror e desastre – pudéssemos permanecer erguidos, seguros de nós mesmos, senhores de nosso destino e com a convicção da vitória final queimando de forma insaciável em nossos corações. Poucos teriam acreditado que poderíamos sobreviver. Ninguém teria acreditado que nos sentiríamos não só mais fortes hoje como mais fortes do que éramos anteriormente.

Vejamos o que aconteceu do outro lado da moeda. A nação britânica e o Império Britânico, ao se descobrirem sozinhos, se mantiveram sem medo do desastre. Ninguém se acovardou ou tremeu. Ao contrário, alguns que anteriormente pensavam na paz agora só pensam na guerra. Nosso povo está unido e determinado como nunca esteve antes. A morte e a ruína se tornaram coisas pequenas, comparadas com a vergonha da derrota e do fracasso no dever. Não podemos dizer o que vem pela frente. Pode ser que até mesmo experiências ainda piores estejam à nossa frente. Vamos enfrentar o que quer que venha até nós. Estamos seguros de nós mesmos de nossa causa, e este é o fato supremo que surgiu nestes meses de provação.

Nesse interim, fortalecemos os nossos corações e a nossa ilha. Rearmamos e reconstruímos nossos exércitos em um grau que seria considerado impossível há alguns meses. Transportamos pelo Atlântico, pelo mês de julho, graças aos nossos amigos de lá, uma enorme quantidade de munições de todos os tipos: canhões, rifles, metralhadoras, cartuchos e balas, todos trazidos à terra com segurança, sem a perda de um revólver ou uma bala. O produto de nossas fábricas,

trabalhando como nunca trabalharam antes, está sendo alocado às nossas tropas.

A totalidade do exército britânico está em casa. Hoje à noite, mais de dois milhões de homens determinados têm rifles e baionetas em suas mãos – e três quartos estão em formações militares normais. Nunca antes, em nossa ilha, tivemos exércitos como estes em tempos de guerra. A ilha inteira se enfurece contra invasores do mar ou do ar. Como expliquei à Casa em meados de junho, quanto mais forte for o exército em casa, tanto maior pode ser a expedição invasora – e quanto maior a expedição invasora, mais fácil será a tarefa da Marinha de detectar o agrupamento e de interceptá-lo e destruí-lo em movimento, e mais difícil ainda seria alimentar e suprir os invasores de algum dia estes cheguem à terra, diante de um contínuo ataque naval e aéreo sobre as suas comunicações.

Tudo isso é doutrina clássica e venerável. Como no tempo de Nelson<sup>32</sup>, prevalece a máxima: *Nossa primeira linha de defesa é o porto inimigo*. Agora, o reconhecimento aéreo e a fotografia trouxeram para um velho princípio uma nova e poderosa ajuda.

Nossa Marinha está muito mais forte do que estava no começo da guerra. O grande fluxo de novas construções iniciadas na deflagração da guerra começa a dar resultado. Esperamos que nossos amigos do outro lado do oceano nos mandem um reforço tempestivo, para preencher o hiato entre as flotilhas da paz de 1939 e as flotilhas da guerra de 1941. Não há dificuldade em mandar esta ajuda. Os mares e os oceanos estão abertos. Os submarinos alemães estão contidos. A mina magnética está sendo, até agora, utilizada com eficiência. A tonelagem mercantil e sob bandeira britânica, depois de um ano de guerra contra os *U-boats* (submarinos), depois de oito meses de intenso ataque com minas, é maior do que quando começamos.

---

<sup>32</sup> Horatio Nelson. Herói militar britânico, ficou famoso por suas participações nas Guerras Napoleônicas, especialmente na batalha de Trafalgar.

Além disso, temos sob nosso controle quatro milhões de toneladas da marinha mercante dos países subjugados, que se refugiaram aqui ou nos portos do império. Nossos estoques de alimentos de todos os tipos são mais abundantes do que nos dias de paz, e um programa grande e crescente de produção de alimentos está de pé.

Por que digo tudo isso? Não é, seguramente, para ostentar. Não é, seguramente, para dar o mínimo de apoio à complacência. Os perigos que enfrentamos ainda são enormes, mas assim também são as nossas vantagens e os nossos recursos. Eu os relato porque o povo tem o direito de saber que há fundamentos sólidos para a confiança que sentimos e que temos boas razões para acreditarmos que somos capazes, como eu disse, há dois meses, em um momento sombrio, de continuar a guerra *se necessário sozinhos, se necessário durante anos*. Digo também porque o fato do Império Britânico permanecer invencível – e de que ainda há resistência contra o reino nazista – irá reacender a centelha de esperança no peito de centenas de milhões de homens e mulheres, humilhados ou desesperados por toda a Europa e além de seus limites. Destas centelhas surgirá a chama que limpa e consome.

A grande batalha aérea que vem sendo travada sobre esta ilha nas últimas semanas se tornou recentemente mais intensa. É muito cedo para tentar prever seja sua escala, ou sua duração. Devemos esperar que o inimigo faça novos esforços acima de qualquer um que tenha feito até agora. Aeroportos hostis estão sendo construídos na França e nos Países Baixos, e a movimentação de esquadrões e de aparato para nos atacar prossegue.

É óbvio que *Herr* Hitler não admitiria uma derrota no seu ataque aéreo à Grã-Bretanha, sem incorrer num prejuízo muito sério. Se depois de toda a sua ostentação, suas horripilantes ameaças, e seus pavorosos relatos, anunciados pelo mundo afora sobre os danos que ele tem nos imposto, sobre os vastos números de nossos aviões derrubados, assim ele diz, e com tão poucas perdas para ele; se, depois de história sobre a Grã-Bretanha em pânico, esmagada, amaldiçoando

o Parlamento plutocrático que a levou ao apuro; se, depois de tudo isso, o ataque aéreo fosse facilmente forçado a se retirar, a reputação do *Führer* e a veracidade de suas declarações poderia ficar seriamente impugnada. Podemos estar certos, portanto, de que ele continuará a tentar, enquanto ainda tiver poder para fazê-lo, e enquanto as preocupações que possa ter a respeito da Força Aérea Russa ainda o permitam.

Por outro lado, as condições e a evolução da ilha têm sido até agora favoráveis a nós. Há dois meses, eu disse à Casa que, se na França nossos aviões de guerra eram capazes de impor perdas numa base de duas ou três para cada um sobre os alemães, e no conflito de Dunquerque – que era uma espécie de terra de ninguém – perdas de três ou quatro para uma, esperávamos que, num ataque contra a ilha, pudéssemos conseguir um resultado ainda melhor. Isso certamente se tornou verdade. Deve-se lembrar que todas as máquinas e pilotos do inimigo, derrubados na ilha ou nos mares que a circundam, ou são destruídos ou são capturados – enquanto uma proporção considerável de nossas máquinas, a também de nossos pilotos, é poupada e em muitos casos volta a agir.

Um vasto e admirável sistema de recuperação, dirigido pelo ministério da Produção Aérea, garante o mais rápido retorno das máquinas danificadas à linha de combate – e o mais cauteloso e rápido uso de todas as peças e materiais sobressalentes. Ao mesmo tempo, o espantoso – mais, o esplêndido – aumento na produção e no reparo de aviões e motores britânicos, conseguido por lorde Beavenbrook com talento de organização e iniciativa - parecendo mágica - nos tem dado superabundantes reservas de todos os tipos de avião e um fluxo sempre crescente de produção, tanto em quantidade como em qualidade.

O inimigo é, naturalmente, bem mais numeroso. Mas, nossa nova produção, como me informam, já é maior do que a deles – e a produção americana está apenas começando a chegar. É um fato, como vejo pelos meus relatórios diários, que nossa frota de bombardeiros e aviões de guerra é agora, após todo este combate,

maior do que jamais fora. Seremos capazes de prosseguir na luta aérea indefinidamente, enquanto o inimigo quiser; e quanto mais continuar, mais rápido estaremos perto, primeiro da paridade e depois daquela superioridade nos céus que, em grande medida, define o destino da guerra.

A gratidão de cada casa em nossa ilha, em nosso império, e certamente de todo o mundo, exceto nas moradias dos culpados, vai para os pilotos britânicos que, sem temer as chances e incansáveis no desafio constante e no perigo mortal, estão mudando o curso dos acontecimentos da guerra, com valentia e devoção.

Nunca, no campo do conflito humano, tanto foi devido por tantos a tão poucos. Todo o nosso afeto vai para os pilotos, cujas ações brilhantes vemos com os nossos próprios olhos, dia após dia. Mas não devemos nunca esquecer de que o tempo todo, noite após noite, mês após mês, os nossos esquadrões de bombardeiros viajam para dentro da Alemanha, acham os seus alvos na escuridão, com a mais elevada habilidade de navegação, miram os seus ataques com deliberado cuidado discriminatório – frequentemente sob fogo pesado, frequentemente com sérias perdas – e impõem golpes destrutivos sobre toda a estrutura técnica de guerra do poder nazista. Em nenhuma outra parte da Real Força Aérea, o peso da guerra cai de forma mais expressiva do que nos bombardeios à luz do dia – que irão representar um papel inestimável no caso de invasão e cujo zelo tem sido necessário por enquanto, em várias ocasiões, conter.

Somos capazes de verificar o resultado do bombardeio de alvos militares na Alemanha não só por relatórios que nos chegam por meio de muitas fontes mas também, é claro, por fotografia. Não tenho nenhuma hesitação em dizer que este processo de bombardear as indústrias militares, as comunicações da Alemanha e as bases aéreas e armazéns de depósitos de onde somos atacados – processo que vai continuar em escala crescente até o fim a guerra e que pode em mais de uma não atingir dimensões até então inimagináveis – fornece uma das mais certas e curtas de todas as estradas em direção à vitória.

Mesmo que as legiões nazistas se posicionem triunfantes no Mar Negro, ou mesmo no Mar Cáspio, mesmo que Hitler estivesse nos portões da Índia, isto não lhe serviria de nada se, ao mesmo tempo, o aparato econômico e científico do poder da guerra germânico estivesse aos pedaços e pulverizado em casa.

O fato de que a ampla invasão desta ilha se tornou uma operação bem mais difícil a cada semana que se passou desde que poupamos nosso Exército em Dunquerque – e por causa de nossa grande preponderância no poder marítimo – nos permite voltar os nossos olhos e a nossa força para o Mediterrâneo, contra aquele inimigo (a Itália) que, sem a mínima provocação, fria e deliberadamente, por ambição e lucro, golpeou a França pelas costas, no momento da sua agonia, e que agora marcha contra nós na África.

A derrota da França tem sido, é claro, profundamente danosa para a nossa posição no que é chamado, de um modo estranho, de Oriente Médio. Na defesa da Somália, por exemplo, estávamos contando com um ataque das poderosas forças francesas contra os italianos, a partir de Djibuti. Contávamos com o uso das bases aéreas e navais dos franceses no Mediterrâneo, particularmente na costa do norte da África. Contávamos com a frota francesa. Muito embora a França metropolitana tenha sido temporariamente invadida, não havia razão para que a Marinha Francesa, parte substancial do Exército Francês, a Força Aérea Francesa e o Império Francês no além-mar não continuassem a lutar do nosso lado.

Protegida por um esmagador poderio marítimo, possuidora de inestimáveis bases estratégicas e de amplos recursos, a França poderia ter permanecido como um dos grandes combatentes do conflito. Ao fazer isso, a França teria continuado viva e o Império Francês teria avançado com o Império Britânico para o resgate da independência e da integridade da terra-mãe francesa. Em nosso próprio caso, se tivéssemos sido colocados na posição terrível da França – uma contingência agora felizmente impossível - embora fosse dever de todos os líderes da guerra lutar até o fim em casa, teria sido também o seu dever, como indiquei em meu discurso de 4 de junho,

preparar-se tanto quanto possível para a segurança naval do Canadá e dos outros domínios, e garantir que estes tivessem os meios para continuar a luta de lá, além dos oceanos.

Muitos dos outros países que foram invadidos pela Alemanha perseveraram valente e fielmente. Os tchecos, os poloneses, os noruegueses, os holandeses, os belgas ainda estão no campo, espada na mão, reconhecidos pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos com as únicas autoridades representativas e os governos legítimos de seus respectivos Estados.

Que a França esteja prostrada, neste momento, é um crime, não de uma grande e nobre nação, mas dos que são chamados os *homens de Vichy*. Temos profunda simpatia pelo povo francês. Nossa velha camaradagem com a França não está morta. Com o General De Gaulle e sua corajosa equipe, esta camaradagem toma uma forma efetiva. Estes franceses livres foram condenados à morte por Vichy, mas o dia virá, tão certo como o sol nascerá amanhã, em que seus nomes serão honrados e gravados em pedra nas ruas e aldeias da França restaurada, numa Europa liberada, em plena liberdade e em paz com a sua imagem histórica.

Mas esta convicção que tenho do futuro não pode influenciar os problemas imediatos com que nos confrontamos no Mediterrâneo e na África. Tinha sido decidido, antes do começo da guerra, que não defenderíamos o protetorado da Somália. Esta política foi modificada nos primeiros meses do conflito. Quando os franceses se entregaram e nossas pequenas forças ali instaladas – alguns batalhões, algumas armas – foram atacadas pelas tropas italianas, com duas divisões que haviam antes enfrentado os franceses em Djibuti, foi correto retirar os nossos destacamentos, virtualmente intactos, para que pudessem agir em outros lugares.

Operações bem maiores, sem dúvida, são iminentes no teatro do Oriente Médio – e certamente não tentarei discutir ou profetizar sobre os seus prováveis rumos. Temos grandes exércitos e muitos meios de reforçá-los. Temos o completo comando do leste do Mediterrâneo. Pretendemos fazer nossos melhores esforços para dar

conta do recado e desobrigarmo-nos fielmente, com determinação, de todos os nossos deveres naquela parte do mundo. Acho que é isso o que a Casa gostaria de me ouvir dizer no momento.

Um bom número de pessoas tem escrito a mim pedindo para que eu faça, nesta ocasião, uma declaração mais completa dos nossos propósitos na guerra – e do tipo de paz que queremos ter depois da guerra – do que aquela que está contida na considerável declaração feita no início do outono. Desde então, fizemos acordos com a Noruega, a Holanda e a Bélgica. Reconhecemos o governo no trecho do doutor Benes<sup>33</sup> e dissemos ao general De Gaulle que nosso sucesso irá acarretar na restauração da França.

Não acho que seja prudente no momento, enquanto a batalha é intensa e a guerra ainda está lá, talvez, somente no estágio inicial, embarcar em especulações sobre a forma futura que deve ser dada à Europa ou sobre as novas garantias que devem ser concebidas para que a humanidade seja poupada das misérias de uma Terceira Guerra Mundial. O terreno não é novo, tem sido frequentemente analisado e explorado – e muitas ideias são tidas em comum por todos os homens bons e livres. Contudo, antes que possamos levar adiante a tarefa da reconstrução, temos não só de estar nós mesmos convencidos, mas também de convencer todos os outros países de que a tirania nazista será no fim derrotada. O direito de orientar o curso da história do mundo é o preço mais nobre da vitória. Ainda estamos na subida da montanha. Ainda não atingimos o topo. Ainda não podemos estudar a paisagem ou mesmo imaginar qual será a sua situação quando aquela tão esperada manhã chegar.

A tarefa que há imediatamente à frente é mais prática, mais simples e mais severa. Espero – de fato, rezo – para que não sejamos indignos da vitória se, depois de todo este trabalho e atribulação, esta nos for concedida. O que resta é que temos que vencer. Esta é nossa tarefa.

---

<sup>33</sup> Eduard Benes (1884-1948): líder do movimento de independência e segundo presidente da Tchecoslováquia. Em 1940 organizou o Governo Provisório no Exílio da Tchecoslováquia em Londres e se tornou presidente em exílio no país.

Há, porém, um caminho no qual é possível ver à frente de forma um pouco mais clara. Temos de pensar, não só por nós mesmos, mas pela duradoura segurança da causa e do princípio pelo qual estamos lutando e pelo futuro no longo prazo da Comunidade dos Estados Britânicos.

Há alguns meses, chegamos à conclusão que os interesses dos Estados Unidos e do Império Britânico em conjunto exigiam que os Estados Unidos tivessem instalações para a defesa naval e aérea do hemisfério ocidental, contra o ataque de um poder nazista de pudesse ter obtido o controle temporário, porém longo, de grande parte da Europa ocidental e dos seus formidáveis recursos.

Tínhamos decidido espontaneamente – sem termos sido solicitados ou sem receber qualquer incentivo – informar ao governo dos Estados Unidos que ficaríamos contentes em colocar tais instalações de defesa à disposição deles, por intermédio de um arrendamento de lugares adequados, em nossas possessões transatlânticas, para uma segurança mais garantida contra os perigos sem limites do futuro. O princípio de união de interesses para objetivos comuns entre Grã-Bretanha e Estados Unidos desenvolveu-se antes mesmo da guerra. Vários acordos foram feitos com relação a algumas pequenas ilhas no Oceano Pacífico, que se tornaram importantes pontos de abastecimento aéreo. Em toda esta linha de pensamento, nos encontramos em perfeita harmonia com o governo do Canadá.

No momento, uma certa ansiedade é sentida nos Estados Unidos com relação à defesa aérea e naval de sua costa Atlântica – e o presidente Roosevelt recentemente deixou bem claro que gostaria de discutir conosco, com o domínio do Canadá e de Newfoundland, o desenvolvimento de instalações navais e aéreas americanas em Newfoundland e nas Antilhas.

Não há, logicamente, nenhuma questão relativa à transferência de soberania – isso nunca foi sugerido – ou a qualquer ação que possa ser tomada sem o consentimento ou contra a vontade das várias colônias envolvidas. Mas, de nossa parte, o governo de Sua Majestade está inteiramente de acordo em ceder instalações de defesa

aos Estados Unidos, numa base de arrendamento por 99 anos – e termos certeza de que nossos interesses, não mais do que os deles, e os interesses das colônias do Canadá e de Newfoundland, serão bem servidos com isso.

Estas são medidas importantes. Sem dúvida alguma, este processo significa que estas duas grandes organizações democráticas de língua inglesa, o Império Britânico e os Estados Unidos, terão de estar interligadas em muitos de seus assuntos para benefício geral e mútuo. De minha parte, olhando para o futuro, não vejo este processo com nenhum temor. E não poderia impedi-lo se assim quisesse – ninguém pode impedi-lo. Como o Mississipi, apenas flui. Que continue fluindo. Que continue fluindo à plena correnteza, de forma inexorável, irresistível, benigna, em direção a terras mais amplas e dias melhores.

## 6. JAMAIS CEDER!

29 de outubro de 1941, Harrow School, Londres

Em um discurso em sua antiga escola, é recebido com a canção tradicional da instituição (*Stet Fortuna Domun*), à qual foi adicionada o verso em sua homenagem:

*Louvamos nos dias mais sombrios  
o líder de nossa nação  
e o nome de Churchill vai ser aclamado  
por cada nova geração.  
Por que você tem força, na hora do perigo.  
para defender nossa liberdade, senhor!  
Mesmo sendo longa a luta, sabemos que o certo  
No fim triunfará, senhor!*

Quase um ano já se passou desde que vim aqui a convite do diretor, a fim de alegrar-me e alegrar os corações de alguns de meus amigos, cantando algumas de nossas canções. Os dez meses que se passaram foram de eventos catastróficos, terríveis ao mundo – tempos de altos e baixos, de desgraças. Mas, pode alguém aqui nesta tarde, nesta tarde de outono, não se sentir plenamente grato pelo que passou neste tempo que passou e pela ampla melhoria de nosso país e de nossa pátria? Por que, quando eu estive aqui na última vez, estávamos muito sozinhos, desesperadamente sozinhos, e ficamos assim por cinco ou seis meses. Estávamos muito mal armados. Hoje, não estamos mais tão mal armados mas, na época, estávamos realmente muito mal armados. Tínhamos a ameaça desmedida do inimigo e de seu ataque aéreo ainda batendo sobre nós – e vocês viveram a experiência deste ataque. Imagino que vocês estejam começando a se impacientar com esta longa calmaria, sem que nada em particular aconteça!

Temos, no entanto, a aprender a ser bons de modo igual no que é curto e abrupto e no que é longo e resistente, onde geralmente se diz que os britânicos são melhores. Os britânicos não são de se mover de crise em crise, não estão sempre na espera de um dia que lhes dê a chance de lutar. Mas, quando resolvem, de forma nem lenta, que uma coisa tem que ser feita e um trabalho tem de ser conduzido e terminado, então mesmo que isso demore meses – ou anos – assim o farão.

Outra lição que podemos considerar, apenas conduzindo nossas memórias para aquele encontro de dez meses atrás, e fazendo uma comparação com a situação de agora, é que as aparências são frequentemente muito enganadoras. Como Kipling afirma muito bem, devemos *encontrar o triunfo e o desastre e tratar os dois impostores do mesmo modo*.

Não se pode dizer pelas aparências como as coisas vão andar. Algumas vezes, a imaginação faz as coisas parecerem muito piores do que são – ainda que, sem imaginação não se pode fazer muita coisa. As pessoas que são imaginativas veem mais perigos do que talvez existam, certamente sempre veem muito mais do que acontece e, assim, devem também rezar para que lhes seja dada coragem extra para lidar com toda essa imaginação.

Mas para todos, certamente, pelo que atravessamos neste período – e eu estou me referindo à escola – certamente neste período de dez meses a lição é: jamais ceder, jamais ceder, jamais, jamais, jamais, jamais – em nada, seja grande, seja pequeno, amplo ou trivial – jamais ceder exceto a convicções de honra e de bom senso. Jamais ceder à força, ao aparentemente devastador poder do inimigo. Ficamos completamente sozinhos há um ano e para muitos países parecia que a nossa conta estava fechada, que estávamos acabados, toda as nossas tradições, as nossas canções, a história da escola, esta parte da história do país – tudo se fora, estava acabado e liquidado.

Hoje, o ambiente é muito diferente. A Grã-Bretanha, pensaram outras nações, tinha de entregar os pontos. Mas, em vez disso, nosso país se manteve firme. Não houve hesitação e nenhum

pensamento de se entregar. E, para que parecesse quase um milagre, para aqueles fora destas ilhas – embora nós mesmos nunca duvidássemos - encontramos-nos agora numa posição onde podemos ter certeza de que só é preciso perseverar para conquistar.

Vocês cantaram aqui versos de uma canção da escola. Você cantaram aquele verso a mais, escrito em minha homenagem, pelo qual fiquei extremamente agradecido e o qual vocês repetiram hoje. Há, no entanto, uma palavra que quero alterar – queria fazer isso no ano passado, mas não me arrisquei a fazê-lo. É o verso: *Louvamos, nos dias mais sombrios*.

Obtive permissão do diretor para alterarmos esta expressão de *mais sombrios* para *mais severos*: *Louvamos, nos dias mais severos*.

Não vamos falar de dias sombrios. Vamos falar sim de dias severos. Estes não são dias sombrios – são grandes dias – os mais gloriosos que a nossa nação já viveu! E devemos todos agradecer a Deus porque nos foi permitido, a cada um de nós, cada um em seu papel, contribuir para tornar estes dias memoráveis, na história de nossa raça.

## 7. DISCURSO EM UMA SESSÃO CONJUNTA DO CONGRESSO

26 de dezembro de 1941, Washington D.C., EUA

Sinto-me honrado que vocês tenham me convidado a entrar na sala do Senado dos Estados Unidos e discursar para os membros de ambas as câmaras do Congresso. O fato de que meus antepassados americanos participaram, durante tantas gerações, da vida dos Estados Unidos e de aqui estou, eu, um inglês, sendo bem-vindo em seu meio, faz desta experiência uma das mais emocionantes e sensacionais em minha vida – que já é longa e não tem sido monótona. Gostaria realmente que minha mãe, cuja memória guardo no coração pelo passar dos anos, pudesse estar aqui par ver.

A propósito, não posso deixar de registrar que se meu pai fosse americano e minha mãe britânica, em vez do contrário, eu poderia estar aqui por minha conta. Neste caso, esta não seria a primeira vez que vocês ouviriam a minha voz. Neste caso, eu não precisaria de um convite – mas, se tivesse, é pouco provável que fosse unânime. Assim, talvez, as coisas estejam melhores como estão. Tenho de confessar, porém, que não me sinto um peixe fora d'água numa assembleia legislativa onde se fala inglês.

Sou um filho da Câmara dos Comuns. Fui criado na casa de meu pai para acreditar na democracia. *Confie no povo* – esta era a sua mensagem. Eu costumava vê-lo encorajado em reuniões e nas ruas por multidões de trabalhadores lá atrás naqueles dias aristocráticos vitorianos quando, como dizia Disraeli<sup>34</sup>, o mundo era para os poucos e para os muito poucos. Por isso, estive em harmonia por toda a minha vida com as mares que tem circulado em ambos os lados do Atlântico, contra o privilégio e o monopólio – e venho atuando com confiança na direção do ideal de Gettysburg<sup>35</sup> do *governo do povo, pelo povo e para o povo*.

---

<sup>34</sup> Benjamim Disraeli (1808-1881): escritor, político, criador do Partido Conservador e duas vezes Primeiro Ministro britânico.

<sup>35</sup> Churchill faz referência a uma dos mais famosos discursos de Abraham Lincoln em 19 de novembro de 1863, no cemitério de Gettysburg, onde redefiniu a Guerra Civil

Devo minha história inteiramente à Câmara dos Comuns, da qual sou servo. No meu país, como no de vocês, os homens públicos são orgulhosos de servir ao Estado e ficariam envergonhados em ser senhores do Estado. Um dia, se achassem que assim o povo desejasse, a Câmara dos Comuns poderia com um simples voto me retirar da posição que ocupo. Mas não em preocupação com isso de modo algum. De fato, estou certo que aprovarão minha jornada até aqui, para a qual obtive a permissão do rei, a fim de me encontrar com o presidente dos Estados Unidos e organizar com ele todo o mapeamento dos nossos planos militares – e também para todos aqueles encontros privados de altos oficiais das forças armadas de ambos os países, que são indispensáveis para o prosseguimento bem sucedido da guerra.

Gostaria de dizer inicialmente como fiquei impressionado e encorajado pela amplitude das opiniões e pelo senso de realidade que encontrei aqui em todos os lugares onde tive acesso. Alguém que não compreendesse a força e a solidariedade das fundações dos Estados Unidos poderia facilmente encontrar aqui um clima egocêntrico de excitação e perturbação, com as mentes das pessoas fixas nestes episódios novos, assustadores e dolorosos da guerra repentina que atingiu a América. Afinal de contas, os Estados Unidos foram atacados e agredidos por três dos mais bem armados Estados ditatoriais. A maior potência militar da Europa e a maior potência militar da Ásia, Alemanha e Japão – e a Itália também – todos declararam e estão em guerra contra vocês. Um conflito foi iniciado e só pode terminar com a queda deles ou de vocês.

Mas aqui em Washington, nestes dias memoráveis, encontrei uma fortaleza olímpica, a qual, longe de ter por base a complacência, é apenas a máscara de um objetivo inabalável e a prova de uma correta e bem-estabelecida confiança no resultado final. Nós na Grã-Bretanha tivemos o mesmo sentimento nos nossos dias mais sombrios. Também estávamos certos de que ao fim tudo ficaria bem. Vocês não subestimam, estou certo, a severidade da experiência a que

---

não somente como uma batalha pela união nacional, mas também como o *renascer da liberdade* nos Estados Unidos e para o povo americano.

vocês e nós ainda estamos sujeitos. As forças organizadas contra nós são enormes. Eles são amargos, eles são cruéis. Os homens diabólicos e as suas facções que jogaram povos no caminho da guerra e da conquista sabem que serão convocados para uma cobrança terrível se não puderem bater pela força das armas aqueles que atacaram. Não vão parar por nada. Eles têm um vasto acúmulo de armas de guerra, de todos os tipos. Têm exércitos, navios e serviços aéreos altamente treinados e disciplinados. Têm planos e desígnios que foram por muito tempo testados e maturados. Não vão parar por nada que a violência ou a traição possa sugerir.

É bem verdade que, do nosso lado, nossos recursos em mão-de-obra e materiais são maiores. Mas apenas uma porção destes recursos está por enquanto mobilizada e desenvolvida – e ambos os nossos países ainda têm muito o que aprender na cruel arte da guerra. Temos, portanto, sem dúvida, um tempo de atribulações diante de nós. Neste tempo, algum terreno será perdido e será difícil e custoso ganhá-lo novamente. Muitos desapontamentos e surpresas desagradáveis nos esperam e nos afligirão, antes que a plena organização do nosso poder latente e total seja conseguida.

Durante a maior parte dos últimos 20 anos, foi ensinado à juventude da Grã-Bretanha e da América que a guerra é má, o que é verdade, e que nunca mais aconteceria, o que provou ser falso. Durante a maior parte dos últimos 20 anos, foi ensinado à juventude da Alemanha, do Japão e da Itália que a guerra agressiva é o dever mais nobre do cidadão - e que deveria ser começada logo que houvesse as armas necessárias e que a organização tivesse sido completada. Nós executamos os deveres e as tarefas da paz. Eles conspiraram e planejaram a guerra. Isso naturalmente nos colocou, na Grã-Bretanha, e agora coloca vocês, nos Estados Unidos, em desvantagem, o que só poderá ser corrigido com o tempo, com a coragem e com esforços diligentes e incansáveis.

Nós temos de ser gratos pelo fato de que tanto tempo nos foi concedido. Se a Alemanha tivesse tentado invadir as ilhas britânicas após o colapso da França, em junho de 1940, e se o Japão

tivesse declarado guerra ao Império Britânico e aos Estados Unidos mais ou menos na mesma data, ninguém poderia dizer que não iríamos enfrentar vários desastres e agonias.

Mas agora, ao fim de dezembro de 1941, nossa transformação de uma paz despreocupada para uma guerra total com eficiência teve um amplo progresso. Um enorme fluxo de munições já teve início na Grã-Bretanha. Avanços imensos foram feitos na conversão da indústria americana a propósitos militares. Agora, como os Estados Unidos estão em guerra, é possível que as encomendas sejam feitas todos os dias, o que em um ano ou 18 meses irá produzir resultados em termos de poder de guerra muito além de qualquer coisa que já tenha sido vista ou prevista pelos estados ditadores.

Desde que todo o esforço seja feito, desde que nada seja paralisado, desde que toda a mão-de-obra, potencial intelectual, virilidade, todo o valor e a virtude cívica do mundo de língua inglesa, com a sua galáxia de comunidades e Estados associados, leais e amigos, desde que todos se entreguem de forma persistente à tarefa simples e suprema, acho que é razoável esperar que no fim de 1942 nos veremos definitivamente em uma situação melhor do que estamos agora – e que o ano de 1943 nos permitirá assumir a iniciativa de uma forma ampla.

Algumas pessoas podem ficar assustadas ou momentaneamente deprimidas quando, assim como o seu presidente, falo de uma guerra longa e difícil. Mas os nossos povos preferem saber a verdade, mesmo que seja triste. E, afinal de contas, quando estamos fazendo o trabalho mais nobre do mundo, não só defendendo nossas famílias e casas, mas também a causa da liberdade em outras terras, encontra lugar nas grandes questões da história do homem se a liberdade virá em 1942, 1943 ou 1944. Estou certo que neste dia de hoje – agora – somos senhores de nosso destino, a tarefa que nos foi preparada não está acima de nossas forças, e as dores e os esforços não vão além de nossa tolerância. Desde que tenhamos fé em nossa causa e uma força de vontade invencível, a salvação não nos será

negada. Nas palavras dos Salmos: *Ele não terá medo das novidades ruins; pois seu coração está firme e confiante no Senhor.*

Nem todas as novas serão ruins. Pelo contrário, ataques poderosos de guerra já foram feitos contra o inimigo. A gloriosa defesa da terra natal pelas tropas russas e pelo povo russo impôs feridas sobre a tirania e o sistema nazista, que corroeram profundamente e que irão apodrecer e inflamar não só o corpo como a mente nazista. O prepotente Mussolini já desmoronou. Ele não é agora senão um servo e laçao, mero utensílio da vontade de seu senhor. Impôs grande erros e sofrimento ao seu povo laborioso. Foi esvaziado de seu Império africano: a Abissínia foi libertada. Nossos exércitos no Oriente, que eram tão fracos e mal equipados no momento da deserção francesa, agora controlam todas as regiões de Teerã a Bengasi, e de Aleppo e Chipre às fontes do Nilo.

Por muitos meses, dedicamo-nos aos preparativos da ofensiva na Líbia. Uma batalha considerável – que vem prosseguindo pelas últimas seis semanas no deserto – tem sido lutada ferozmente de ambos os lados. Devido às dificuldades de distribuição de suprimentos nos flancos do deserto, nunca conseguimos ter forças numericamente iguais para enfrentar o inimigo. Consequentemente, tivemos de depender da superioridade em número e qualidade dos tanques e aviões britânicos e americanos.

Ajudados pelos americanos, pela primeira vez enfrentamos o inimigo com armas iguais. Pela primeira vez fizemos o bárbaro sentir a ponta aguda daqueles instrumentos que escravizaram a Europa. As forças armadas do inimigo em Cirenaica<sup>36</sup> chegavam a cerca de 150 mil, dos quais um terço, aproximadamente, eram de alemães. O general Auchinleck planejou destruir totalmente aquelas forças armadas. Tenho razões para acreditar que seu objetivo será plenamente atingido.

---

<sup>36</sup> Antiga província do Império Romano no norte da África, entre o Egito e a Numídia, é hoje parte da costa da Líbia.

Estou contente de mostrar a vocês, membros do Senado e da Câmara dos Representantes, neste momento em que vocês estão entrando na guerra, provas de que, com a organização correta e as armas corretas, somos capazes de acabar com a vida dos selvagens nazistas. O que Hitler está sofrendo na Líbia é apenas uma amostra e um aperitivo daquilo que devemos dar a ele e a seus cúmplices, onde quer que esta guerra nos leve, em qualquer lugar do globo.

Há boas novidades também vindo do mar. A linha de suprimentos que junta nossas duas nações pelo oceano, sem a qual tudo pode falhar, está fluindo contínua e livremente, a despeito de tudo que o inimigo possa fazer. É um fato que o Império Britânico – que muitos pensaram estar quebrado e arruinado há 18 meses - está agora incomparavelmente mais forte e fica ainda mais forte a cada mês. Por último, se vocês me permitirem dizer isso, para mim a melhor notícia de todas é de que os Estados Unidos, unidos como nunca estiveram antes, sacaram a espada pela liberdade e jogaram fora a bainha. ...

Todos estes fatos extraordinários levaram os povos subjugados da Europa a erguer a cabeça de novo com esperança. Deixaram de lado para sempre a vergonhosa tentação de se resignar à vontade do conquistador. A esperança voltou aos corações de milhões de homens e mulheres – e lá, com esta esperança, arde uma chama de raiva contra o invasor brutal e corrupto e queima ainda mais ferozmente o fogo de ódio e de desprezo pela esquálidos colaboradores a quem o invasor subornou. Numa dúzia de conhecidos Estados antigos, agora prostrados sob a opressão nazista, as massas de todas as classes e credos esperam a hora da libertação, quando serão capazes novamente de desempenhar suas funções e seguir em frente como homens. A hora irá soar – e o barulho solene irá proclamar que a noite é passado e a aurora chegou.

O ataque sobre nós, planejado pelo Japão há tanto tempo e de forma tão secreta, trouxe aos nossos países problemas graves para os quais não podíamos estar bem preparados. Se as pessoas me perguntarem – como têm o direito de me perguntar na Inglaterra – por que é que você não enviou equipamentos com

aeronaves modernas e armas de todos os tipos à Malásia e às Índias Orientais, só posso apontar para as vitórias que o general Auchinleck teve na campanha da Líbia. Se tivéssemos desviado e dispersado os nossos recursos – que aumentam de forma gradual – entre a Líbia e a Malásia, iríamos nos descobrir em falta em ambos os cenários.

Se os Estados Unidos ficaram em desvantagem em vários pontos do oceano Pacífico, sabemos bem que foi por causa da ajuda que vocês vem nos dando em munições para a defesa das ilhas britânicas e para a campanha da Líbia e, acima de tudo, por causa da sua ajuda na Batalha do Atlântico<sup>37</sup>, da qual tudo depende e tem sido mantida com sucesso e prosperidade. É claro que teria sido muito melhor, tenho de admitir, se tivéssemos recursos suficientes de todos os tipos para estarmos funcionando a plena carga em todos os pontos ameaçados. Porém, considerando como fomos levados de forma lenta e relutante aos preparativos em grande escala e quanto tempo levam estes preparativos, não tínhamos o direito de ambicionar uma posição tão afortunada.

A escolha a respeito de como dispor de nossos recursos limitados teve de ser feita pela Inglaterra em tempos de guerra e pelos Estados Unidos em tempos de paz. Acredito que a história vai dizer que como um todo – e é como um todo que estes assuntos devem ser julgados – a escolha certa foi feita. Agora que estamos juntos, que estamos ligados num correto companheirismo bélico, agora que nossas duas importantes nações, cada uma em sua unidade perfeita, juntaram todas as suas energias e vida numa determinação comum, um novo cenário se abre acima do qual uma luz contínua irá brilhar.

Muitas pessoas ficaram espantadas que o Japão tenha, num único dia, mergulhado em uma guerra contra os Estados Unidos e o Império Britânico. Nós todos ficamos querendo saber porque, se este desígnio sombrio – com todos os preparativos laboriosos e intrincados – estava há tanto tempo ocupando as suas mentes secretas, eles não

---

<sup>37</sup> A mais longa das batalhas, que durou entre 1939 e foi até a rendição alemã em 1945, englobou os combates entres os submarinos alemães e as embarcações militares e de carga que levavam os suprimentos básicos e militares entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

escolheram nosso momento de fraqueza, há 18 meses. Olhando sem emoção a despeito das perdas que sofreremos e dos problemas adicionais que teremos de enfrentar, isso parece ser um ato irracional, mas é claro que é no mínimo prudente imaginar que eles fizeram cálculos cuidadosos e pensar que eles sabem onde estão indo.

Mesmo assim, pode haver outra explicação. Sabemos que há muitos anos a política do Japão tem sido dominada por sociedades secretas de oficiais e juniores do Exército e da Marinha, os quais têm imposto a sua vontade sobre sucessivos Gabinetes e Parlamentos japoneses, pelo assassinato de qualquer estadista japonês que se oponha – ou que não siga de modo suficiente – esta política agressiva. Por ser que estas sociedades, deslumbradas e atordoadas com seus próprios planos de agressão e com a perspectiva de vitórias precoces, tenham forçado o país a esta guerra, em vez de fazerem um melhor julgamento sobre isso. Eles certamente embarcaram numa tarefa considerável. Afinal, depois dos ultrajes que cometeram contra nós em Pearl Harbour, nas ilhas do Pacífico, nas Filipinas, na Malásia e nas Índias Orientais Holandesas, elas agora devem saber que os riscos pelo quais decidiram jogar são mortais.

Quando consideramos os recursos dos Estados Unidos e do Império Britânico comparados aos do Japão, quando nos lembramos da China – que tem suportado a invasão por tanto tempo e de forma valente – e quando também a ameaça russa pendente sobre o Japão, torna-se ainda mais difícil conciliar a ação japonesa com a prudência ou mesmo a sanidade. Que tipo de povo eles pensam que são? Será possível que não tenham percebido que nunca mais cessaremos de perseverar contra eles, até que recebam uma lição que eles e o mundo nunca mais esquecerão?

Membros do Senado e da Câmara dos Representantes: deixo por um momento as desordens e as convulsões do presente e me volto à base mais ampla do futuro. Aqui estamos juntos enfrentando um grupo de poderosos inimigos que buscam a nossa ruína; aqui estamos juntos defendendo tudo aquilo que é caro aos homens livres. Por duas vezes numa única geração, a catástrofe da guerra mundial caiu sobre

nós; por duas vezes, no nosso tempo de vida, o braço longo do destino atingiu o outro lado do oceano, para trazer os Estados Unidos à vanguarda da batalha. Se tivéssemos ficados juntos após a última guerra, se tivéssemos tomado medidas comuns a nossa segurança, a renovação da maldição não precisaria nunca mais ter caído sobre nós.

Será que não devemos a nós mesmos, a nossas crianças, à humanidade atormentada, que estas catástrofes não irão nos engolir pela terceira vez? Já tinha sido provado que moléstias podem surgir no Velho Mundo e carregar estragos destrutivos ao Novo Mundo que, uma vez que as moléstias estão em marcha, não se pode escapar de modo algum. O dever e a prudência do mesmo modo determinam, em primeiro lugar, que os centros germinadores do ódio e da vingança devem ser constantemente vistoriados e tratados na hora certa e, em segundo lugar, que uma organização adequada deve ser montada para se ter certeza de que a moléstia possa vir a ser controlada nos momentos iniciais, antes que se espalhe e comece a devastar a Terra.

Há cinco ou seis anos teria sido fácil para os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, sem derramar uma gota de sangue, insistir no cumprimento das cláusulas de desarmamento dos tratados que a Alemanha assinou depois da Primeira Guerra. Esta também teria sido a oportunidade para assegurar à Alemanha aqueles subsídios que declaramos na Carta do Atlântico e que não devem ser negados a nenhuma nação, vitoriosa ou derrotada.

Esta oportunidade passou. Foi-se. Golpes prodigiosos de martelo foram necessários para nos unir novamente ou, se vocês me permitem usar outra linguagem, direi que deve ter a alma cega quem não vê que grandes propósitos e desígnios estão sendo definidos, dos quais temos a honra de sermos fiéis servidores. Não é dado a nós o poder de adivinhar os mistérios do futuro.

Ainda assim, sustento a minha esperança e fé, certa e inviolável de que, nos dias que estão por vir, os povos britânicos e americanos irão, para a sua própria segurança e para o bem de todos, andar juntos lado a lado, com majestade, na justiça e na paz.

## 8. O DIA D

6 de junho de 1944, Câmara dos Comuns

Acho que a Casa deveria tomar conhecimento formal da libertação de Roma pelos exércitos aliados, sob o comando do general Alexander, com o general Clark, das Forças Armadas dos Estados Unidos, e o general Oliver Lesse, no comando do Quinto e do Oitavo exércitos respectivamente. Este é um evento glorioso e memorável, e que recompensa a luta intensa dos últimos cinco meses na Itália.

Tenho que anunciar à Casa que durante a noite e nas primeiras horas ocorreu o primeiro de uma série de desembarques em execução no continente europeu. Neste caso, o ataque libertador ocorreu na costa da França. Uma imensa armada de mais de quatro mil navios, juntamente com milhares de embarcações menores, atravessou o Canal. Intensas aterrissagens de aeronaves foram efetuadas com sucesso por trás das linhas inimigas e os desembarque nas praias está prosseguindo em vários pontos, neste momento. O fogo das baterias nas praias tem sido amplamente contido. Os obstáculos construídos no mar não se mostram tão difíceis como se temia. Os aliados anglo-americanos estão apoiados por cerca de 11 mil aviões de primeira linha, que podem ser chamados de acordo com a necessidade para os propósitos da batalha.

Não posso, é claro, comprometer-me com quaisquer detalhes. Os relatórios estão chegando rapidamente. Até agora, os comandantes envolvidos relatam que tudo está prosseguindo de acordo com o plano. E que plano! Esta vasta operação é sem dúvida alguma a mais complicada e difícil já realizada. Envolve mares, ventos, ondas e questões de visibilidade, tanto aérea quanto marítima, além do emprego combinado de forças terrestres, aéreas e marítimas, no mais alto grau de intimidade, em condições que não se podia e não podem ser plenamente previstas.

Há esperanças de que uma surpresa tática tenha sido realmente conseguida – e esperamos fornecer ao inimigo uma sucessão de surpresas durante o curso da batalha. A batalha que

começou agora vai aumentar em escala e intensidade de forma constante em muitas das próximas semanas – e não vou tentar especular sobre seu rumo. Isto, no entanto, eu posso dizer: a mais perfeita união prevalece entre os exércitos aliados. Há uma irmandade de armas entre nós e nossos amigos dos Estados Unidos. Há uma completa confiança no comando supremo, o general Eisenhower em seus auxiliares, e também no comandante da Força Expedicionária, general Montgomery. O ardor e o espírito das tropas que embarcavam nestes últimos dias, como eu mesmo vi, eram esplêndidos de se testemunhar.

## 9. PALAVRAS NÃO PODEM EXPRESSAR O HORROR

19 de abril de 1945, Câmara do Comuns

Palavras não podem expressar o horror sentido pelo governo de Sua Majestade e de principais aliados com as provas destes terríveis crimes que estão agora diariamente vindo à tona. No momento, não quero, porém, me comprometer com nenhuma política especial tal qual a sugestão feita pelo meu honrado amigo – (de conservar o campo de concentração de Buchenwald, que foi capturado intacto, como um memorial dos métodos germânicos).

Recebi esta manhã uma mensagem informal do general Eisenhower dizendo que as novas descobertas, particularmente em Weimar, superam qualquer coisa apresentada até o momento. Ele me convida a mandar um corpo de representantes do Parlamento imediatamente ao seu quartel-general, para que possam eles mesmos fazer uma prova visual e em primeira mão destas atrocidades.

O assunto é urgente, já que naturalmente não é possível, em muitos casos, suspender o processo de destruição. Tendo em vista a urgência, cheguei à conclusão que oito membros desta Casa e dois da Câmara dos Lordes devem formar uma delegação parlamentar e viajar imediatamente ao supremo quartel general, onde o general Eisenhower fará todos os arranjos necessários à inspeção das cenas, seja em setores americanos ou britânicos. Os membros que se apresentarem como voluntários para este dever necessário, embora extremamente desagradável, devem dar os seus nomes aos representantes de seus partidos, a fim de que um corpo representativo de todos os partidos possa ser selecionado pelos métodos usuais durante esta tarde. Eu devo propor que a comissão comece a trabalhar amanhã.

Espero que a Casa aprove esta decisão um tanto rápida que tomei.

## 10. VITÓRIA NA EUROPA

8 de maio de 1945, Câmara do Comuns e transmissão de rádio, Londres

Ontem de manhã, às 2h41min, no quartel general, o general Jodl, representante do alto comando germânico, o almirante Dönitz, chefe designado do Estado alemão, assinaram o ato de rendição incondicional de toda as forças da Alemanha na Europa, de terra, mar e ar, à Força Expedicionária Aliada, e simultaneamente ao alto comando soviético.

O general Bedell Smith, chefe do Estado-Maior da Força Expedicionária Aliada, e o general François Sevez assinaram o documento em nome da Força Expedicionária Aliada, e o general Ivan Susloparov assinou em nome do alto comando russo.

Hoje, este acordo será ratificado e confirmado em Berlim, onde o marechal-do-ar Tedder, vice-comandante supremo da Força Expedicionária Aliada, e o general De Lettre de Tassigny assinarão em nome do general Eisenhower. O marechal Zhukov irá assinar em nome do alto comando soviético. Os representantes alemães serão o marechal-do-campo Keitel, chefe do alto comando, e os comandantes-chefes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica da Alemanha.

As hostilidades cessarão oficialmente no primeiro minuto da meia-noite de hoje (8 de maio, terça-feira) mas, com o objetivo de poupar vidas, o cessar-fogo começou ontem a ser anunciado em todas as frentes, e as nossas queridas ilhas Channel serão libertadas hoje.

Em alguns lugares, os alemães ainda resistem às tropas russas mas, se, continuarem a fazer isso após a meia-noite, serão, claro, privados da proteção das leis da guerra – e atacados por todos os lados pelas tropas aliadas. Não é surpreendente que, em frentes tão amplas e na atual desordem do inimigo, as ordens do alto comando germânico não sejam obedecidas imediatamente em todos os casos. Isso não constitui em nossa opinião – com base na melhor informação militar disponível – razão para reter da nação os fatos comunicados a nós pelo general Eisenhower, da rendição incondicional já assinada em

Rheims – nem deveria impedir que celebremos os dias de hoje e de amanhã (quarta-feira) como os dias da vitória na Europa – *V Day*.

Hoje, talvez, devemos pensar sobretudo em nós mesmos. Amanhã iremos prestar uma homenagem especial aos nossos camaradas russos, cuja valentia no campo foi uma das contribuições mais significativas à vitória geral.

A guerra contra a Alemanha, portanto, está no fim. Depois de anos de intensa preparação, a Alemanha se atirou na Polônia no início de setembro de 1939 e, conforme nossa garantia à Polônia e em acordo com a República Francesa, a Grã-Bretanha, O Império Britânico e a Comunidade das Nações Britânicas declararam guerra a esta agressão abominável. Depois que a nobre França foi derrubada, nós, a partir desta ilha e do nosso império unido, mantivemos esta luta sozinhos, sem ajuda, por um ano inteiro, até que se juntou a nós o poderio militar da Rússia soviética e, mais tarde, os recursos e poder decisivos dos Estados Unidos da América. Finalmente, quase o mundo todo estava unido contra os malfeitores, que estão agora prostrados diante de nós. Nossa gratidão a nossos esplêndidos aliados, de todos os nossos corações nesta ilha e no Império Britânico.

Podemos nos permitir um breve período de regozijo. Mas não nos esqueçamos por um momento do trabalho e dos esforços que estão diante de nós. O Japão, com toda a sua ambição e traição, continua insubordinado. Os danos que o Japão impôs à Grã-Bretanha, aos Estados Unidos e a outros países – e suas detestáveis crueldades – exigem justiça e revide. Temos agora que dedicar toda a nossa força e nossos recursos ao complemento de nossa tarefa, tanto em casa como no exterior. Avante *Britannia!* Viva sempre a causa da liberdade! Deus salve o Rei! ...

Esta é a mensagem que me instruíram a comunicar à nação britânica e à comunidade. Só tenho duas ou três frases a acrescentar. Elas mostrarão minha profunda gratidão a esta Câmara dos Comuns, que provou ser a sustentação mais forte na hora de se travar uma guerra jamais vista antes, em toda a nossa longa história. Todos cometemos os nossos erros, mas a força da instituição

parlamentar mostrou ser possível, ao mesmo tempo, preservar os títulos da democracia e travar uma guerra da forma mais dura e prolongada.

Quero fazer os meus sinceros agradecimentos aos homens de todos os partidos, a cada um, em qualquer lugar da Casa, onde estejam sentados, pelo modo como a vitalidade das instituições parlamentares foi mantida sob o fogo do inimigo e pelo modo como fomos capazes de perseverar – e poderíamos ter perseverado por muito mais, se houvesse necessidade – até que fossem alcançados todos os objetivos que fixamos diante de nós, para conseguir a rendição incondicional e ilimitada do inimigo.

Lembro-me bem que no fim da última guerra, há mais de um quarto de século, a Casa, quando ouviu a longa lista dos termos de rendição, dos termos do armistício que tinham sido impostos aos alemães, não se sentiu inclinada ao debate ou à rotina, mas antes desejou dar graças ao Deus Todo-Poderoso, ao grande poder que parece moldar e desenhar os destinos das nações e o destino dos homens. Eu peço, portanto, senhor, permissão para sugerir a moção:

Que esta Casa compareça à Igreja de Saint Margareth, em Westminster, para dar graças humildes e reverentes ao Deus Todo-Poderoso pela nossa libertação da ameaça da dominação germânica.

A mesma moção que foi aprovada no passado.

## 11. ESTA VITÓRIA É DE VOCÊS

8 de maio de 1945, Sacada do Ministério da Saúde, Londres

Deus abençoe a todos vocês. Esta vitória é de vocês. É a vitória da liberdade em todo lugar. Em toda a nossa longa história, nunca tínhamos visto um dia mais magnífico do que este. Todo mundo, homem ou mulher, fez o melhor de si. Todo mundo buscou fazer algo. Nem os longos anos, nem os perigos, nem os ferozes ataques do inimigo, nada enfraqueceu a determinação independente da nação britânica. ...

Meus caros amigos, esta é a hora. Esta não é a vitória de um partido ou de qualquer classe. É uma vitória da grande nação britânica. Nesta antiga ilha, fomos os primeiros a sacar a espada contra a tirania. Algum tempo depois, fomos deixados sozinhos contra o maior poder militar que já foi visto. Ficamos sozinhos por um ano inteiro.

Assim ficamos, sozinhos. Alguém queria ceder? (A multidão gritou: “Não”). Ficamos abatidos? (“Não”). As luzes se apagaram e as bombas caíram. Mas nenhum homem, mulher ou criança no país tinha a intenção de desistir da luta. Londres pode aguentar. Voltamos das garras da morte, após longos meses, saídos da boca do inferno, enquanto o mundo inteiro se maravilhava. Quando a reputação e a fé desta geração de homens e mulheres ingleses poderá falhar?

Eu digo que, nos muitos anos que estão por vir, não só as pessoas desta ilha, mas de todo o mundo irão – sempre que o pássaro da liberdade trinar nos corações humanos – olhar para trás para o que nós fizemos e dirão *não se desesperem, não cedam à violência e à tirania, sigam em frente e morram se necessário – livres*. Saímos agora de um combate mortal – um inimigo terrível foi lançado ao chão e espera o nosso julgamento e nossa misericórdia.

Há, no entanto, outro adversário que ocupa boa parcela do Império Britânico, um inimigo manchado de crueldade e cobiça – os japoneses. Fico alegre que possamos tirar uma noite de folga e ou outro dia amanhã, para comemorar. Amanhã, nossos grandes aliados russos

estarão também celebrando a vitória. Depois disso, temos de começar a tarefa de reconstruir nosso bem-estar e nossas casas, fazendo o máximo para tornar este país um lugar em que todos tenham uma oportunidade, em que todos tenham uma ocupação – e temos que nos voltar ao cumprimento do dever para com nossos compatriotas e nossos nobres aliados dos Estados Unidos, que foram tão sem propósito e traiçoeiramente atacados pelo Japão. Vamos seguir em frente de mãos dadas com eles. Mesmo sendo uma batalha difícil, não seremos nós que iremos falhar.

## 12. A RENÚNCIA

26 de julho de 1945, Downing Street, 10, Londres

A decisão do povo britânico foi registrada nos votos contados hoje. Consequentemente, renuncio ao fardo que me foi entregue em tempos mais sombrios. Lamento que não me tenha sido permitir o trabalho contra o Japão. Para isso, porém, todos os planos e preparativos já foram feitos, e os resultados podem vir muito mais rápido do que até agora fora possível esperar. Muitas responsabilidades pesam sobre o novo governo, em casa e no exterior, e todos temos de esperar que eles sejam bem-sucedidos ao enfrentá-las.

Só me resta expressar ao povo britânico, para quem trabalhei em todos estes perigosos anos, minha profunda gratidão pelo firme e inabalável apoio que me deram durante a minha tarefa – e pelas muitas expressões de gentileza que foram mostradas ao seu servo.